



**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

**Programa de Doutoramento em Ciências da Educação**

Tese de Doutoramento

**Mobilidade Académica Ibero-Americana: Práticas  
Institucionais e seus Contributos para a Formação de  
Cidadãos Cosmopolitas**

Fabício Lopes Paula

Orientador(es) | Luís Sebastião

Évora 2021

---

---

---

---

---



---

**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

Programa de Doutoramento em Ciências da Educação

Tese de Doutoramento

**Mobilidade Académica Ibero-Americana: Práticas  
Institucionais e seus Contributos para a Formação de  
Cidadãos Cosmopolitas**

Fabício Lopes Paula

Orientador(es) | Luís Sebastião

Évora 2021

---

---

---

---



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Bravo Nico (Universidade de Évora)

Vogais | Cristina Maria Coimbra Vieira (Universidade de Coimbra)  
Luís Sebastião (Universidade de Évora) (Orientador)  
Maria de Luísa Frazão Rodrigues Branco (Universidade da Beira Interior)  
Olga Magalhães (Universidade de Évora)  
Susana Maria de Almeida Gonçalves (Instituto Politécnico de Coimbra)

Aos corajosos e de espírito aventureiro e inquieto que reconhecem a humanidade como um só corpo. Aos que rompem fronteiras terrenas em busca de seu próprio eu. Dedico ao *outro*. Indispensável.

Os homens são ao mesmo tempo sedentários e nômades: eles ficam felizes em ter um cantinho seu, mas não hesitam em deixá-lo. Alguns só se decidem a fazê-lo raramente; outros só se sentem bem na estrada. (Claval, 2010, p. 45).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 Fundamentos da Cidadania Cosmopolita .....	15
1.2 Mobilidade Estudantil e seus Contextos Educativos.....	21
1.3 Delimitação Geográfica: o território Ibero-americano .....	32
<b>OBJETIVOS E PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	36
2.1 Objetivos Gerais e Específicos .....	36
2.2 A Teoria Fundamentada em Dados (Grounded Theory).....	37
2.3 Técnicas para a Coleta de Dados .....	40
2.4 Identificação e Categorização dos Dados .....	46
<b>RUMO AO CAMPO: PAÍSES IBERO-AMERICANOS VISITADOS</b> .....	52
3.1 Portugal.....	53
3.2 Espanha.....	67
3.3 Colômbia.....	75
3.4 Chile .....	93
3.5 Argentina .....	108
3.6 Uruguai .....	124
3.7 Brasil .....	130
3.8 Paraguai .....	143
<b>O PANORAMA DA MOBILIDADE ACADÊMICA IBERO-AMERICANA</b> .....	147
4.1 Os Procedimentos Burocráticos adotados por IES .....	147
4.2 Experiências Acadêmicas e a Integração do Estudante .....	158

4.3 Vivências multiculturais e a formação de Cidadãos Cosmopolitas .....	171
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	182
Referências.....	190

## LISTA DE ABREVIATURAS

AUGM	Associação de Universidades Grupo Montevideu
ECTS	Sistema Europeu de Transferência de Créditos
ESCALA	Espacio Académico Común Ampliado Latino-Americano
ESN	Erasmus Student Network
EST	Estudante
ID	Informante Diverso
IES	Instituição de Ensino Superior
IIE	Informante de Instituição de Ensino Superior
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NC	Nota de Campo
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OEI	Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Modelo das Tabelas Categorizadas	49
Tabela 2	Lista de cidades visitadas (ano, cidade, país)	52
Tabela 3	Tabela Categorizada – Portugal	62
Tabela 4	Tabela Categorizada – Espanha	73
Tabela 5	Tabela Categorizada – Colômbia	89
Tabela 6	Tabela Categorizada – Chile	105
Tabela 7	Tabela Categorizada – Argentina	120
Tabela 8	Tabela Categorizada – Uruguai	128
Tabela 9	Tabela Categorizada – Brasil	139
Tabela 10	Tabela Categorizada – Paraguai	145
Tabela 11	Pontos favoráveis e desfavoráveis – Procedimentos Burocráticos	157
Tabela 12	Experiências favoráveis e desfavoráveis – Experiências Pessoais	169
Tabela 13	Experiências favoráveis e desfavoráveis – Desenvolvimento Pessoal	180

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tipos de mobilidade estudantil	24
Figura 2	Esquema da apresentação, análise de dados e fundamentação teórica	51
Figura 3	Países visitados durante a Pesquisa de Campo	53

## LISTA DE ANEXOS

Nota de Campo 01	207
Nota de Campo 02	209
Nota de Campo 03	211
Nota de Campo 04	214
Nota de Campo 05	215
Nota de Campo 06	217
Nota de Campo 07	218
Nota de Campo 08	220
Nota de Campo 09	221
Nota de Campo 10	223
Nota de Campo 11	224
Nota de Campo 12	225
Nota de Campo 13	227
Nota de Campo 14	229
Nota de Campo 15	231
Nota de Campo 16	233
Nota de Campo 17	236
Nota de Campo 18	239
Nota de Campo 19	240
Nota de Campo 20	243
Nota de Campo 21	245
Nota de Campo 22	247
Nota de Campo 23	248
Nota de Campo 24	251
Nota de Campo 25	253
Nota de Campo 26	256
Nota de Campo 27	257
Nota de Campo 28	260
Nota de Campo 29	263
Nota de Campo 30	264
Nota de Campo 31	266

Nota de Campo 32	267
Nota de Campo 33	268
Nota de Campo 34	271
Nota de Campo 35	274
Nota de Campo 36	275
Nota de Campo 37	277
Nota de Campo 38	278
Nota de Campo 39	279
Nota de Campo 40	280
Nota de Campo 41	281
Nota de Campo 42	282
Nota de Campo 43	283
Nota de Campo 44	287
Nota de Campo 45	288
Nota de Campo 46	289
Nota de Campo 47	290
Nota de Campo 48	292
Nota de Campo 49	294

## RESUMO

Esta tese de doutorado apresenta um estudo empírico acerca dos contributos da mobilidade académica, realizada no território ibero-americano, para a formação de cidadãos cosmopolitas. A Teoria Fundamentada em Dados foi a modalidade de pesquisa utilizada. Com o objetivo de analisar de que modo os programas de mobilidade académica ibero-americanos contribuem para que estudantes percebam e vivenciem a cidadania numa perspetiva cosmopolita, instituições de ensino superior e demais locais estratégicos foram visitados. Os dados coletados demonstram quais são os principais e melhores procedimentos realizados pelas instituições de ensino superior em relação ao envio de estudantes para outros países e ao recebimento de discentes estrangeiros. Práticas institucionais de acolhimento e acompanhamento durante a mobilidade foram igualmente analisadas. Constatou-se que a relevância das instituições de ensino superior para a formação de cidadãos cosmopolitas vai além de seus contributos científico-acadêmicos. As universidades tornam-se um importante local de formação de cidadãos conscientes da realidade e dos problemas regionais e globais da atualidade quando adotam práticas socializantes que integram toda sua comunidade, sobretudo estudantes estrangeiros. A compreensão do que é a cidadania numa perspetiva cosmopolita exige a experimentação de uma realidade multicultural e plural em que há integração, diálogo e respeito às diferenças. Se a proposta da mobilidade académica internacional é a experiência em outra cultura, as instituições de ensino superior devem dispensar mais atenção às práticas de acolhimento e acompanhamento de estudantes estrangeiros, indispensáveis para a troca de experiências e ampliação da visão de mundo. Ao final, foram apresentadas sugestões às universidades que buscam melhorar suas práticas e a forma como relacionam-se com os discentes em mobilidade.

## **Ibero-American Academic Mobility: Institutional Practices and their Contributions to the Formation of Cosmopolitan Citizens**

This doctoral thesis presents an empirical study about the contributions of academic mobility, carried out in Ibero-American territory, for the formation of cosmopolitan citizens. The Grounded Theory was the research modality used. In order to analyze how Ibero-American academic mobility programs contribute to students perceiving and experiencing citizenship in a cosmopolitan perspective, higher education institutions and other strategic locations were visited. The data that have been collected demonstrate what are the main and best procedures used by higher education institutions when sending students abroad and receiving foreign students. Institutional welcoming and monitoring practices during mobility were also analyzed. It was found that the relevance of higher education institutions for the formation of cosmopolitan citizens goes beyond their scientific-academic contributions. Universities become an important place for the formation of citizens aware of the reality and the current regional and global problems when they adopt socializing practices that integrate their entire community, especially foreign students. Comprehension of what citizenship is from a cosmopolitan perspective requires experimenting with a multicultural and plural reality in which there is integration, dialogue and respect for differences. If the proposal of the international academic mobility is experiencing foreign cultures, higher education institutions should pay more attention to the practices of welcoming and accompanying foreign students, which are indispensable for the exchange of experiences and the expansion of the worldview. At the end, suggestions were made to universities that seek to improve their practices and the way they relate to students on the move.

## INTRODUÇÃO

Os programas de mobilidade acadêmica, para além de satisfazerem anseios e expectativas de estudantes que planejam experimentar outra vivência universitária e cultural, têm sido considerados, por dirigentes educacionais e gestores da administração pública, indispensáveis ao processo de inovação e internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES). Contudo, em sua execução, ações institucionais devem preocupar-se não apenas com a promoção de conhecimento científico e significativo, mas, igualmente, com a adequada integração entre estudante e comunidade acadêmica.

Neste trabalho, analiso práticas adotadas por IES e relatos de experiências adquiridas por estudantes que puderam deslocar-se a outro país com finalidade de estudo. São dados relativos a contextos universitários que demonstram o panorama da mobilidade acadêmica, circunscrita ao território ibero-americano, e seus contributos para o desenvolvimento pessoal e intelectual de seus participantes, sobretudo sua contribuição para a formação de estudantes numa perspectiva de cidadania cosmopolita.

Revelo ter apreço pelo tema. Seja pela minha vivência internacional ou pelo fascínio em relação à multiculturalidade motivei-me a realizar esta investigação. Presenciei, em minha jornada acadêmica, enquanto docente e discente, conquistas, descobertas, contentamentos e também angústias, isolamentos e constrangimentos vividos por estudantes em mobilidade. A pesquisa permitiu-me, contudo, analisar o fenômeno da mobilidade acadêmica internacional por uma nova ótica, pautada na imparcialidade e na impessoalidade.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro, introdutório, contém elementos que permitem ao leitor familiarizar-se com o assunto. Está dividido em três partes. A primeira trata da cidadania cosmopolita e seus fundamentos históricos e teóricos. A Segunda dispõe acerca da mobilidade estudantil, enquanto gênero, para a identificação do contexto educativo em que se insere a espécie “mobilidade acadêmica”. A última parte apresenta a justificativa e pertinência da delimitação territorial ibero-americana.

No segundo capítulo, exponho os objetivos gerais e específicos da investigação, bem como os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, que está pautada na modalidade Teoria Fundamentada em Dados – Grounded Theory.

O terceiro capítulo destina-se à apresentação e análise parcial dos dados obtidos. Está dividido em seções que indicam a pertinência geográfica das informações coletados, a saber, a origem nacional das fontes.

No quarto capítulo passo à análise dos dados considerando todo o território ibero-americano, integrando as informações anteriormente apresentadas e discutindo a realidade da mobilidade acadêmica nesse espaço geográfico, bem como identificando quais as práticas institucionais observadas mais se destacam para a formação cosmopolita dos estudantes.

Por fim, o último capítulo é dedicado às considerações finais. Contém reflexões relativas ao trabalho e a indicação dos melhores procedimentos institucionais observados. Pretendo que minhas considerações finais contribuam para o estudo deste tema e sirvam às IES como auxílio na organização e execução de seus programas de mobilidade acadêmica numa perspectiva de cidadania cosmopolita.

## 1.1 Fundamentos da Cidadania Cosmopolita

Ser um cidadão do mundo, global, ou, como se propõe, cosmopolita, implica transcender os limites territoriais do Estado. A ideia de cidadania cosmopolita tem sentido quando o seu exercício é garantido além das fronteiras geográficas de sua nacionalidade. A vivência cosmopolita torna-se possível sempre que a permanência de uma pessoa em outro país seja protegida por leis que garantam o gozo da liberdade e o reconhecimento da igualdade entre indivíduos (Guerra, 2012). Não se restringe a uma cidadania cívico-política; para além disso, trata-se da possibilidade de uma vivência multicultural que permita à pessoa compreender o mundo e se relacionar com o outro.

Para desenvolver este tema, convém, de início, destacar que o significado de cidadania é multidisciplinar. Como destaca Priscila Serraglio (2017), existem variados usos linguísticos e sentidos dados ao termo cidadania, seja por meio da práxis individual ou coletiva. De acordo com Carlos Zeron (2010), o verbete cidadania não é encontrado em alguns dicionários de conteúdo histórico, tampouco é possível obter uma definição completa nos dicionários vocabulares, que se limitam a apresentar uma definição contemporânea relativa aos direitos e deveres do sujeito em relação ao Estado e à sociedade. Assim, uma análise adequada desse termo deve considerar os seus diversos sentidos e significados, “concebendo-o nas suas diferentes dimensões sociais, políticas e culturais” (p. 97), sendo inviável atribuir a ele um sentido léxico prevalente.

O estudo histórico da cidadania ilustra tal variedade de sentidos, pois evidencia múltiplas conceituações e configurações sociais ao longo do tempo. Ao analisar, por exemplo, a pirâmide social mesopotâmica do monarca Hammurabi, o nacionalismo



hebraico, o patriotismo assírio, o milenar sistema de castas indianas, o conceito de cidadão na Grécia antiga ou a afirmação dos direitos dos estrangeiros no Império Romano, depreende-se que as sociedades antigas adotavam em sua estruturação a prática de categorizar pessoas, especialmente distinguindo homens, mulheres, estrangeiros e escravos.

O período medievo, caracterizado no ocidente pelo predomínio do sistema feudal e de normas canônicas, pouco contribuiu para o desenvolvimento da ideia de cidadania. Nem mesmo os levantes teológicos de algumas comunidades cristãs foram capazes de desenvolver tal conceituação (Castro, 2011; Lopes, 2014; Palma, 2015; Pinsky & Pinsky, 2010). O período carolíngio, como exemplo, responsável pelo fortalecimento do catolicismo europeu a partir do século VII, acabou por dar respaldo às relações de vassalagem, restringindo direitos e desqualificando pessoas. Alguns episódios, todavia, incitaram reflexões teórico-políticas acerca da necessidade de se estabelecer garantias aos súditos de realezas europeias, em especial após movimentos jusfilosóficos, como o surgimento da filosofia escolástica, que conciliou a filosofia aristotélica com a doutrina cristã (David, 1998), e o manifesto inglês conhecido como Magna Carta Libertatum, de 1215, que reconheceu a igualdade entre os súditos (Palma, 2015).

É, contudo, a partir da Idade Moderna que o surgimento da filosofia dos Direitos Humanos, fundada nos Direitos Naturais, consubstancia e formaliza os ideais de igualdade e liberdade. Esse movimento reconfigurou a noção de cidadania a partir de manifestos pró-republicanos, como o movimento de independência do estado da Virgínia, em 1776, e a Revolução Francesa, em 1789 (David, 1998; Morange, 2004).

Na atualidade, a compreensão da cidadania pode ser alcançada por meio de uma abordagem tripartida - civil, política e social, como propôs o sociólogo Thomas

Marshall (1950), ou utilizando-se referenciais nas áreas da educação, economia e existencialismo, de acordo com Guerra (2012). Segundo Marshall (1950), a construção contemporânea da ideia da cidadania, percebida a partir de meados do século XX, após a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, é resultado da evolução histórica desde as conquistas iluministas. A primeira definição de cidadania tem origem nos novos direitos conquistados no final do século XVIII, sendo, nesse sentido, um conceito fundamentado na ideia da personalidade civil da pessoa, ou seja, na garantia dos direitos necessários para o exercício de liberdades individuais, como os direitos à liberdade de expressão, religião, propriedade, justiça e igualdade.

Numa segunda perspectiva, de cariz político, a cidadania é entendida como um meio para se garantir o exercício de direitos políticos, em que o indivíduo participa da vida pública através do sufrágio e lhe é permitido concorrer a cargos políticos. A presença do indivíduo comum no governo, a igualdade política entre as pessoas, a possibilidade de votar e ser votado, de exercer liberdades civis e de ter proteção legal contra arbitrariedades da autoridade estabelecida, definiram a noção moderna e positivista de cidadania. O indivíduo, em tese, passa a ser reconhecido como sujeito de direitos e deveres (Karnal, 2010). Ainda, de acordo com Marshall (1950), a ideia de cidadania apresenta uma definição baseada no direito ao bem-estar, segurança econômica e de a pessoa poder ser e viver de modo civilizado. Portanto, trata-se do reconhecimento do indivíduo como integrante do Estado e também de sua legitimidade enquanto sujeito de direitos e deveres.

Reforçada pelos princípios da autodeterminação dos povos, igualdade das nações e descolonização do “terceiro mundo”, que enalteceram o nacionalismo jurídico (Goggiola, 2010), a contemporânea ideia de cidadania também foi

influenciada pela adoção de novas políticas internacionais, a partir dos anos 50 do século XX. A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a nova ordem mundial inaugurada pelas Nações Unidas - que têm como finalidades a paz mundial e a cooperação entre os povos -, deram suporte ao atual conceito de cidadania. As novas diretrizes globalizantes, impulsionadas pela criação de organizações internacionais no âmbito das Nações Unidas, foram responsáveis pela transformação da geopolítica mundial e pela inovação no modo de se fazer relações internacionais. A inédita era da globalização estabeleceu-se por meio de renovações econômicas, políticas e sociais capazes de redimensionar a posição do indivíduo no plano internacional.

O mundo globalizado, por conseguinte, expandiu a noção de cidadania no plano internacional. Antonio-Enrique Pérez Luño (2002) aponta três aspetos da cidadania, sendo a terceira a que merece atenção. O primeiro entende que o conceito de cidadania está fundamentado num conceito jurídico-político. A abordagem jurídica considera que “la ciudadanía se traduce en un conjunto de normas que regulan el status jurídico-político de los ciudadanos” (p. 178). Por sua vez, a abordagem política considera que a cidadania é exercida por meio da relação entre o indivíduo e o Estado – ou seja, pela garantia de que o indivíduo é membro de uma sociedade politicamente organizada. O segundo aspeto da cidadania, segundo o autor, tem definição multidisciplinar, pois considera a atuação do indivíduo nos processos reivindicatórios organizados por movimentos sociais, que buscam direitos e garantias perante o Estado. Trata-se de um aspeto pragmático.

Importa-nos, entretanto, o terceiro aspeto da cidadania apresentado por Luño. Trata-se de três formas de identificar e classificar a cidadania considerando a dimensão local onde ela será exercida: 1) global ou local; 2) universal ou particular; 3) unilateral ou multilateral. A primeira forma trata da cidadania global ou local: por

global entende-se a cidadania outrora propagada por Marshall (1950), cuja garantia dos direitos fundamentais reconhece o indivíduo como parte de uma coletividade maior, ou seja, compreende a existência de uma cidadania global; por outro lado, a cidadania pode ser garantida e exercida localmente quando limitada ao território em que o indivíduo está inserido. A segunda forma, universal ou particular, considera que a cidadania pode ser classificada como universal, que aponta para o cosmopolitismo, pois “se proyecta un modelo de ciudadanía que haga posible una *universalis civitatis* en la que se consagre plenamente el auspiciado status *mundialis hominis*” (p. 180); ou particular, quando se limita à relação entre indivíduo e as regras de direito público do Estado em que é membro. A terceira forma de conceituação, unilateral ou multilateral, indica que a cidadania pode ser garantida de modo unilateral, quando há apenas um vínculo político exclusivo entre o indivíduo e Estado; ou multilateral, que permite a existência de vínculos políticos diversos - quando a pessoa é formalmente cidadã de mais de um Estado.

A cidadania cosmopolita, entretanto, não é exclusiva da era contemporânea. Conexões comerciais e políticas na região mediterrânea, desde o comércio fenício, foram consolidadas por meio de uma progressiva integração multicausal entre os povos localizados às suas margens, a menor ou maior distância do mar. Esses fatos contribuíram para a sofisticação da sociedade antiga através da articulação cultural e social entre as comunidades (Guarinello, 2013). Antes do triunfo militar ateniense, na Idade Antiga, a navegação e o comércio promoveram um “processo de simbiose, muitas vezes mediado por interesses mútuos e pela difusão de hábitos culturais, como o consumo de vinho e azeite e a valorização de bens de luxo”, indicando que “as fronteiras internas de cada comunidade não estavam plenamente fechadas” (idem, p. 63).

Mas foi, sobretudo na visão estoica, que a noção de cosmopolitismo se desenvolveu a partir de reflexões morais, no senso de justiça e na razão, respeitando toda a espécie humana, independente de fronteiras territoriais ou agremiações políticas. Assim, a ideia de cosmopolitismo estoico considerou que “el sustento metafísico que congrega a la justicia y a la ‘ley universal’, opera como un mandato moral. Esto es, exige que los ciudadanos actúen en su vida comunitaria guiados por las valoraciones que la naturaleza misma dispuso en ellos” (Bustus, 2012, p. 55). Ademais, a premissa de igualdade entre seres humanos deveria considerar que a lei natural “trasciende las limitaciones geográficas y los sistemas jurídicos que rigen cada una de las ciudades” (idem, p. 47). Desse modo, a teoria acerca da cidadania cosmopolita tem origem nos áureos tempos da filosofia estoica.

Para além de uma cidadania ancorada no aspeto tecnicista estatal ou em valores político-jurídicos, a cidadania cosmopolita contemporânea é aquela em que o indivíduo se torna, por meio de um mandamento moral, um cidadão do mundo. Essa ideia, portanto, deve ser alargada e relacionada às “questões globais nas áreas social, política, cultural, econômica e ambiental” que caminham para a conscientização da necessidade de “um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável” (UNESCO, 2015a, p. 15). Ao apreciar tal conjuntura, complexa e holística, é fundamental “equipar indivíduos desde cedo e por toda a vida, com conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos de que necessitam para serem cidadãos informados, engajados e com empatia” (idem, p. 15).

Neste trabalho, a experiência internacional provocada pela mobilidade acadêmica no território ibero-americano é o mote do exercício da cidadania numa perspectiva cosmopolita. Logo, a presente investigação analisou vários fatores envolvidos na realização da mobilidade, como os procedimentos adotados pelas IES,

as experiências acadêmicas vividas por estudantes e os contributos, a estes, resultantes da vivência no estrangeiro.

Mas o que é mobilidade acadêmica? Por vezes, a literatura trata da mobilidade acadêmica como uma das modalidades do segmento do mercado turístico estudantil (Giaretta, 2003; Tomazzoni & Oliveira, 2013), desqualificando sua especificidade e relevância científica. Por outro lado, há aqueles que acertadamente a consideram no âmbito universitário, como define Costa et al. (2014), ao ponderarem que ela “contempla qualquer período, de duração limitada, dedicado ao estudo, docência e/ou investigação em outro país que não o de residência habitual” (p. 305).

## 1.2 Mobilidade Estudantil e seus Contextos Educativos

O substantivo “mobilidade” corresponde à capacidade de mover-se ou ser movido, de deslocar-se, de passar de um estado a outro (UNESP, 2004). Em sentido etimológico, mobilidade tem origem na expressão latina *mōbilitas*, derivação do verbo *mobilis*. Lewis (1890) esclarece que a expressão latina *mōbilitas* denota atividade, velocidade, rapidez, mobilidade, mutabilidade, enquanto *mobilis* significa o que é fácil de mover, móvel, solto, não firme. Logo, há relação semântica entre sua origem em latim e a língua portuguesa.

Por sua vez, o adjetivo “acadêmico” significa: “relativo a uma academia ou a seus membros . . . estudantes do curso superior . . . pertencente aos cursos superiores . . . aluno de curso superior” (UNESP, 2004, p. 11). O adjetivo corresponde ao latim *ācādēmīcus*, com o mesmo sentido supra, mas sua etimologia revela origem na expressão grega *Ἀκαδημία*. Na explicação de Liddell & Scott (1940), essa palavra

grega refere-se a um ginásio nomeado por Academus, localizado nos arredores de Atenas, onde o filósofo Platão ensinava.

Para melhor compreensão do que é a mobilidade acadêmica, faz-se necessário considerar esta capacidade numa abordagem social. Assim, o cariz social da mobilidade está relacionado com “circulação de ideias, de valores sociais ou de indivíduos, duma camada para outra ou de um grupo para outro” (idem, p. 928). Esse sentido complementa a noção de mobilidade acadêmica ao considerar que o deslocamento de um estudante para outro país o introduz em outra cultura, sociedade e ambiente escolar.

Apesar desses termos estarem corretamente aplicados, existem IES que empregam outras expressões para designar a mobilidade acadêmica. Há aquelas que substituem o termo “acadêmico” por “estudantil”; outras, utilizam o substantivo “intercâmbio” - comumente utilizado no mercado de turismo escolar. O substantivo intercâmbio está adequadamente utilizado, dado o seu significado de “troca; permuta . . . conjunto de relações bancárias, comerciais, intelectuais de país para país, ou de região para região . . . relação de troca entre pessoas ou grupos que têm interesse ou atividades comuns” (UNESP, 2004, p. 783).

Esclareço que, por ter ampla difusão no meio universitário, utilizei o substantivo “mobilidade” no presente trabalho. Em vista dos argumentos apresentados, resta evidente que a expressão “mobilidade acadêmica” encontra-se totalmente acertada, denominando de mobilidade acadêmica aquela que ocorre no âmbito do ensino superior.

Todavia, subsistem diversos tipos de programas de mobilidade estudantil, que podem iniciar-se ainda na educação básica. Em decorrência da perceptível pluralidade de definições e conceitos, e com o fim de evitar interpretações dúbias, estabeleço,

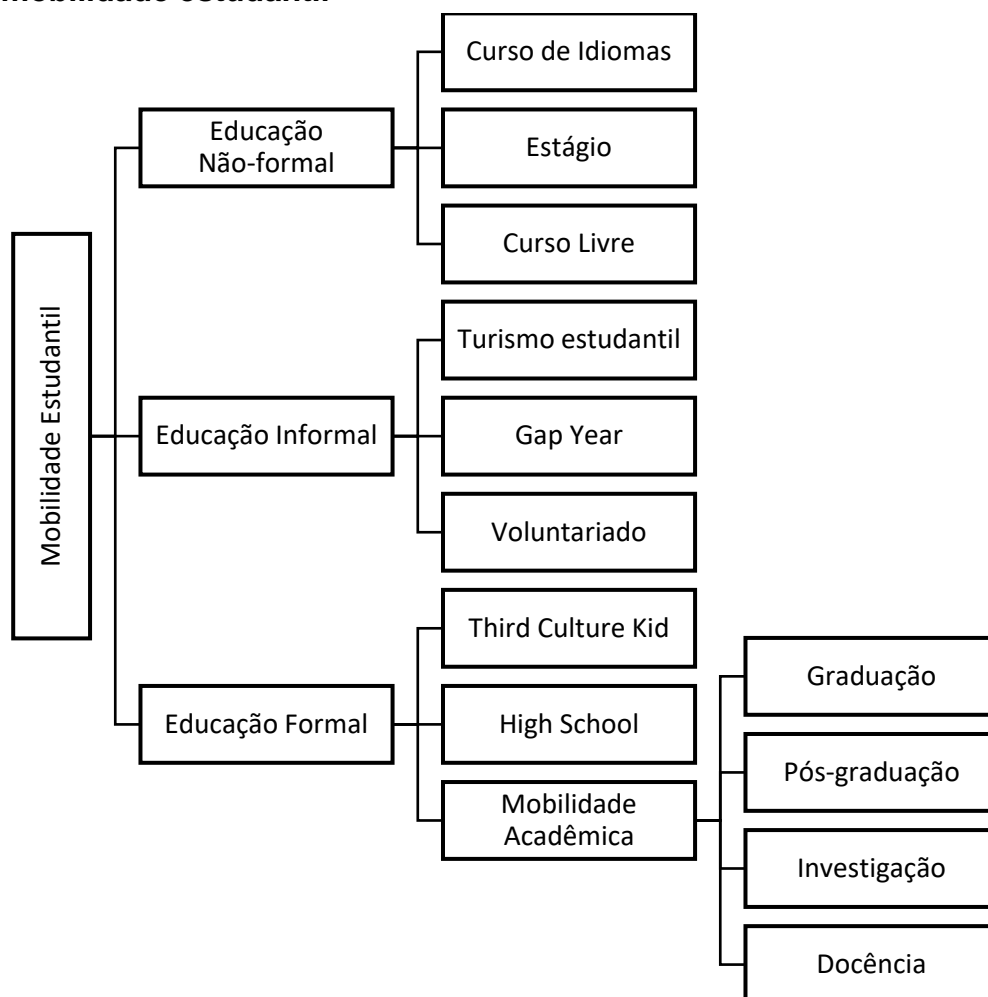
neste primeiro momento, as múltiplas possibilidades de mobilidade estudantil, dentre elas a mobilidade acadêmica - que tem características e procedimentos próprios e sistematicamente definidos. Assim, proponho a sua classificação considerando o processo educativo não-formal, informal e formal.

De acordo com Smith (2001), a definição mais difundida da ideia tripartida da educação veio de Combs, Prosser e Ahmed, quando, em 1973, concluíram que: a) a educação não-formal é a atividade educacional organizada autonomamente, fora do sistema tradicional de ensino, geralmente destinada ao aprendizado específico de algum conteúdo; b) a educação informal assenta no processo de aquisição natural e vitalícia de valores, atitudes, conhecimentos e habilidades em decorrência da experiência de vida e influência do ambiente em que se insere; c) a educação formal apresenta uma hierarquia estruturada, cronologicamente estabelecida e graduada, com estudos, programas e instituições especializadas.

Pensadas na década de 60 do século passado, após necessário reconhecimento da importância da educação informal e não-formal, em face ao alto custo da expansão da educação formal (Smith, 2001), tais ambientações e contextos educativos ainda se mostram pertinentes. Por certo, não é possível distanciar os tipos de processos educativos; ao contrário, devem ser mesclados para a promoção de uma educação integral com dimensões políticas, sociais, econômicas e profissionalizantes (Marandino, 2017). Contudo, não é possível considerar que toda mobilidade estudantil esteja inserida no ambiente acadêmico, como apresentado na página a seguir.



Figura 1  
**Tipos de mobilidade estudantil**



#### a) Mobilidade na Educação Não-formal

A educação não-formal permite que programas de mobilidade estudantil sejam organizados fora do ambiente universitário. Nela, a socialização e a interação do participante ocorrem por meio da participação do estudante em atividades educativas livres. Este modelo é frequente na realização de cursos de idiomas, Work and Study, qualificação profissional, de extensão, estágios livres, cursos preparatórios para provas específicas, cursos de verão/inverno em alguma área do conhecimento, visitas técnicas, entre outros, desassociados do sistema tradicional de ensino - ainda que possam conferir validade enquanto atividades extracurriculares.

Diante da crescente oferta do turismo estudantil, impulsionado pelo marketing estratégico de agências especializadas, muitos estudantes pré-universitários e de graduação têm participado deste tipo de mobilidade internacional conhecido como “ intercâmbio”. De acordo com Maria Giaretta (2003), o intercambio é organizado por meio de “viagens e excursões praticadas por estudantes com a finalidade de complementar e ampliar conhecimentos para sua vida profissional” (p. 33). Nesse sentido, para Tomazzoni & Oliveira (2013), esse tipo de viagem, procurado principalmente por jovens que buscam cursos de idiomas no exterior, caracteriza-se pela realização de atividades em outros países, a fim de aliar experiências multiculturais, conhecimento e desenvolvimento profissional com satisfação turística.

O incremento do currículo profissional e a experiência cultural internacional do denominado “ intercambista”, contribuem para a customização do mercado turístico através da comercialização de produtos que se enquadram neste segmento. Algumas organizações destacaram-se, desde o início do século XX, como pioneiras na oferta desses cursos, como a AFS Intercultural Programs<sup>1</sup>, o Rotary<sup>2</sup> e o Experiment in International Living - Experimento de Convivência Internacional<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo dados oficiais, “a missão e o espírito AFS nasceram em 1914 em meio à Primeira Guerra Mundial quando jovens idealistas se recusaram a participar de combates e entraram no campo de batalha como motoristas de ambulância para socorrer feridos, independente de sua nacionalidade ou cultura. Este mesmo trabalho foi retomado na Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, um grupo de veteranos do AFS percebeu a necessidade de promover o entendimento e a irmandade internacional como forma de diminuir a intolerância entre os povos e escolheram que a melhor forma de fazer isso é por meio de experiências de imersão cultural. Assim, em 1947, surgiu o AFS Intercultural Programs, hoje a maior organização de intercâmbio cultural do mundo” (AFS, s.d.).

<sup>2</sup> De acordo com o sítio oficial do Rotary Club, a “organização, composta por 1.200.000 associados, começou com a visão de um homem: Paul Harris. O advogado formou o Rotary Club de Chicago no dia 23 de fevereiro de 1905 para que profissionais de diferentes setores pudessem interagir, fortalecer seus vínculos de amizade e ajudar diferentes comunidades. O nome “Rotary” surgiu da prática inicial de fazer o rodízio das reuniões entre os escritórios de cada associado . . . Depois de apenas 16 anos da sua fundação, o Rotary já tinha clubes em seis continentes. Hoje, trabalhamos em diversas partes do globo a fim de superar grandes desafios do mundo” (ROTARY, s.d.).

<sup>3</sup> Informações oficiais do Experimento indicam que “the Experiment in International Living (EIL), founded in the U.S. in 1932 by Donald B. Watt, was one of the first programs of its kind to promote experiential education and international learning. The Experiment has been a pioneer in the implementation of the “homestay,” giving “Experimenters” the opportunity to live with host families for first-hand exposure to the culture and language of the host country. Out of this original program,

É evidente, portanto, que a participação de estudantes, ainda que universitários, nessas atividades educacionais, não pode ser considerada como parte do ensino tradicional; tanto por não se inserir numa conjuntura formal de ensino superior quanto pela ausência de prévia relação interinstitucional que viabilize a equivalência de estudos. Distancia-se da mobilidade acadêmica, ainda mais, por ser oferecida por agências de turismo ou especializadas neste negócio.

#### b) Mobilidade na Educação Informal

Com perceptível viés comercial, programas de mobilidade de natureza informal do ensino, também conhecido como ensino incidental, atendem a diversas demandas mercantis. Tais programas proporcionam viagens que unem turismo a interesses educativos, todavia, também distantes da cultura universitária. Três destacam-se como referência para compreender essa categoria de mobilidade, são eles: Gap Year, Voluntariado e o generalista Turismo Estudantil.

Por Gap Year, entende-se a viagem realizada com duração determinada, geralmente entre seis e 12 meses, antes, durante ou após o estudo em nível terciário. Tem por finalidade proporcionar ao participante um período sabático, de encontro pessoal, de descoberta e ampliação da visão de mundo. Os envolvidos podem optar por atividades voluntárias, aprender ou aperfeiçoar novas línguas ou participar de grupos específicos de convívio. Diferenciam-se dos programas não-formais por conferirem mais autonomia e poder de decisão ao participante durante a jornada, além de nem sempre haver vinculação com algum estabelecimento de ensino. Em relação ao trabalho voluntário, é frequentemente ofertado em países que necessitam

---

multiple Experiment in International Living office have spawned around the world, and in the 1950, they joined into a worldwide network” (EIL, 2018).

de atenção e cuidado com pessoas em estado de vulnerabilidade ou em regiões rurais em período de maior atividade no campo. Por outra via, há também a mobilidade com fins turísticos, aliada ao aprendizado empírico e comunitário em várias áreas do conhecimento, a depender do propósito do participante. Todos esses tipos informais privilegiam a aprendizagem por meio da participação, integração social e da vivência prática.

### c) Mobilidade na Educação Formal

A mobilidade estudantil realizada nos parâmetros da educação formal, em que o estudante é parte de uma instituição de ensino tradicional organizada de acordo com as normativas legais e os propósitos nacionais para a formação cidadã e profissionalizante, pode ocorrer nas diversas fases do percurso escolar. Seja na infância, no ensino secundário, durante o estudo universitário, ou após, como ocorre em programas de mestrado ou doutoramento, ela permite o deslocamento de estudantes a outros países com finalidade educativa.

A primeira possibilidade de contato com o ensino formal no estrangeiro ocorre quando crianças e adolescentes mudam-se para outro país, fenômeno conhecido por Third Culture Kids, e vivenciam um novo contexto escolar. Esse tipo de mobilidade, identificada em meados do século XX por Ruth Hill Useem (Useem, Useem, & Donoghue, 1963), trata dos padrões de comportamento criados, compartilhados e aprendidos por pessoas que estão relacionando culturas e sociedades distintas. No contexto escolar, a mudança do estudante - que acompanha seus pais ou responsáveis rumo a outro país - deve se enquadrar numa definição *lato sensu* de mobilidade estudantil, pois não há aparente relação entre os estabelecimentos de ensino do país de origem e de destino. Nesse caso, o estudante realiza sua matrícula

diretamente na escola de sua nova residência, não se constituindo em mobilidade estabelecida por acordos interinstitucionais.

Já a mobilidade ofertada durante o ensino secundário, sobretudo em estabelecimentos de ensino de natureza privada, tem como praxe possibilitar a realização de parte do período escolar em estabelecimento de ensino de outro país. Geralmente, o período de mobilidade é definido por meio de acordo entre a escola de origem e a de destino, havendo, nesse caso, relação interinstitucional. Contudo, apesar de ser mobilidade estudantil, não pode denominar-se acadêmica por não se inserir no ciclo universitário.

Diferente do que ocorre na situação primária e secundária do ensino básico, a mobilidade internacional no contexto do ensino superior, seja na graduação ou pós-graduação, avulta-se a cada ano como uma tendência global, por vezes indispensável às IES. Isso, porque a oferta de vagas em programas de mobilidade e a constante relação interinstitucional havida entre universidades de países distintos resultam em maior visibilidade global.

Trata-se, como afirmado, de um novo paradigma da educação superior, no qual busca-se mais e melhor interação pedagógica por meio de parcerias pré-estabelecidas, também denominadas de acordos de cooperação, convênios, contratos, protocolos de intenção, entre outras nomenclaturas, garantindo-se que as atividades realizadas na IES de destino sejam validadas pela IES de origem do estudante. Além da mobilidade de discentes de graduação ou pós-graduação, também são consideradas como acadêmicas aquelas realizadas para fins de investigação científica. Em vista disso, é importante ressaltar que a mobilidade acadêmica não ocorre quando estudantes se mudam para outro país e se matriculam

diretamente em determinada IES, o que equivale à prática realizada no fenômeno Third Culture Kids.

Sobre a mobilidade ocorrida no âmbito do ensino superior, destaco que não se trata de um fenômeno recente. A partir do século XI, houve um crescente movimento europeu, sobretudo no âmbito eclesiástico, com vistas à propagação do saber teológico e filosófico. Clérigos viajantes e intelectuais de espírito livre e rebelde deslocavam-se a outros reinos com o objetivo de aprender com mestres de prestígio e, quando possível, ensinar o que sabiam, em especial as artes liberais, divididas em trívio (gramática, retórica e dialética) e quadrívio (aritmética, astronomia, geometria e música) (Jélvez, 2012; Terra, 2014). Essa prática contribuiu para a criação das primeiras sociedades escolares que deram origem ao ensino formal da medicina, teologia, filosofia e direito. Concebidas como associações acadêmicas, cujo objetivo era conservar e transmitir conhecimento, assim como facilitar o deslocamento de estudantes para outras associações, foram organizadas as *universitates* - como ocorreu em Bolonha, Oxford, Paris, Salamanca e Coimbra (Costa, 2014). Destaca René David (1998) que no período renascentista o direito ensinado nas universidades propunha essa vivência multicultural, pois “situa-se acima das contingências e tradições . . . o direito das universidades é o direito de uma sociedade universal, aberta para o futuro” (p. 42).

Na era moderna, abastados estudantes ingleses inauguraram uma nova forma de mobilidade com fins estudantis, denominada *Grand Tour*, em que buscavam explorar França e Itália em busca de cultura, arte e raízes da civilização ocidental (Gross, 2008). Impregnadas de valor moral e valorização do potencial humano, essas viagens tinham um significado libertador, que evocava a penitência para purificação da alma do homem corajoso e do cavaleiro aventureiro que se encorajava a desbravar

outros lugares para adquirir conhecimento político-cultural (Claval, 2010). Durante a era iluminista, fenômenos migratórios de estudantes ocidentais em direção às grandes universidades alemãs, francesas, italianas e inglesas, consolidaram a mobilidade como um importante recurso para o desenvolvimento intelectual. A mobilidade estudantil intensificou-se no século XIX com a participação de jovens oriundos da China e Japão, após a Revolução Industrial (Costa, 2014).

Em meados do século XX, os deslocamentos de estudantes, principalmente após a Segunda-Guerra, não ocorreram apenas com objetivo acadêmico (Solanas, 2014). Influenciados pela nova ordem mundial estabelecida pelas Nações Unidas, os programas de mobilidade também objetivavam difundir a paz por meio de acordos de cooperação entre países para a realização de viagens de docentes e discentes estadunidenses e europeus. Também foram constituídos programas para promover o desenvolvimento por meio da mobilidade de estudantes de nações não desenvolvidas para desenvolvidas. Esses programas levavam conhecimento e capacitação didático-pedagógica por meio de “bolsas, prêmios, fundos para a investigação, visas, regulamentações, entre outros” (idem, p. 7). Igualmente, foram criados acordos de cooperação em sentido contrário, ofertando ensino de qualidade a países pobres através do deslocamento de profissionais qualificados de países desenvolvidos a locais com defasagem profissional.

A relevante contribuição dos países europeus para a organização e difusão dos programas de mobilidade acadêmica em todo o mundo teve inspiração nas viagens de Erasmo de Roterdão, no século XV. Inclusive, o atual sistema de mobilidade estudantil europeu, desenhado no final dos anos 80, foi denominado *Erasmus*, cujo objetivo é promover a mobilidade não apenas de estudantes, mas docentes e investigadores. Em Europa, segundo Solanas, tanto a adoção do Sistema

Europeu de Transferência de Créditos (ECTS), a partir da década de 80, quanto a remodelação do sistema educativo ocorrido com o Processo de Bolonha, no final dos anos 90, foram fundamentais para o desenvolvimento de programas de mobilidade competitivos e atraentes, sem fronteiras nacionais ou regionais. A participação de estudantes de outros continentes, sobretudo latino-americanos, foi possibilitada e dirigida por diversos programas interinstitucionais.

É certo que o fenômeno da globalização e da mercantilização da educação contribuiu, em certa medida, para a implementação de programas sólidos de mobilidade, como ocorreu em território europeu. Contudo, o surgimento de políticas públicas educacionais permitiu intensificar o diálogo internacional a respeito de sistemas e processos educativos entre governos e também IES. Por fim, Solanas destaca que foram fundamentais para isso as alterações normativas que adequaram realidades nacionais às internacionais, bem como a criação de organizações de acreditação e ranqueamento de universidades, os novos mecanismos de captação de estudantes estrangeiros e a adoção de unidades comuns de medida de carga horária e conteúdo.

Desde o início do século XXI, há um nítido e expressivo aumento desse fenômeno, observado desde meados dos anos 90, quando o continente europeu foi a região que mais recebeu estudantes internacionais. Contudo, nos Estados Unidos da América percebeu-se maior diversidade de nacionalidades de estudantes, com destaque para participantes asiáticos. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2017), cerca de 5,6% dos estudantes terciários são estrangeiros.

Ainda, para a OCDE, os programas de mobilidade acadêmica permitem aos estudantes uma experiência de vida considerada fundamental para jovens e adultos



da contemporaneidade. Isso ocorre em razão da oportunidade de pertencimento a uma instituição estrangeira de qualidade, da aquisição de novas e diferentes habilidades e da possibilidade de contato com outros mercados de trabalho, mais globalizados, sobretudo os que valorizam a formação acadêmica. A OCDE ressalta que a experiência multicultural e o aperfeiçoamento em determinada língua estrangeira também são objetivos perseguidos por estudantes internacionais. A Organização também destaca que o regresso do estudante ao país de origem permite o compartilhamento de conhecimento, atualização tecnológica e capacitação, além de facilitar a integração global e o fortalecimento de redes de contato.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO] (2015) o número de estudantes estrangeiros tem crescido de forma acelerada. Dados da organização apontam que em 2013 registraram-se em todo o mundo quatro milhões e cem mil estudantes estrangeiros; em 2005, o número foi de dois milhões e oitocentos mil; e um milhão e setecentos mil, em 1995. Trata-se de um novo padrão de ensino universitário globalizado e globalizante. Porém, esse crescimento é perceptível em condições de normalidade. Pandemias, conflitos bélicos, crises econômicas e outros fatores sociais alteram o funcionamento de instituições e a dinâmica social, não podendo, nessas circunstâncias, tais atividades estar em regular ocorrência.

### 1.3 Delimitação Geográfica: o território Ibero-americano

A mobilidade acadêmica internacional propõe, em grande parte, uma vivência multicultural, elevando a experiência estudantil a um rico intervalo temporal de imersão e empirismo de uma realidade diversa e desafiadora. Conforme afirmado,

este trabalho trata da mobilidade acadêmica e de seus contributos para a compreensão da cidadania numa perspectiva cosmopolita, porém limitada ao território Ibero-americano. Excluí do campo de investigação a mobilidade acadêmica realizada numa dimensão intranacional, por não contribuir de modo relevante para a compreensão da realidade pretendida.

Há uma abundante relação cultural, linguística, econômica e sanguínea entre América Latina e países ibéricos (Sobrinho, 2010). É, portanto, pertinente e relevante estudar as interações havidas nesta delimitação geográfica que possui, inclusivamente, uma organização internacional que reúne seus países: a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). A demarcação territorial da presente investigação baseou-se na relação de países membros da OEI<sup>4</sup>.

A cultura e identidade latino-americanas estão intrinsecamente relacionadas com a influência recebida pelos países ibéricos desde o alcance territorial das américas, ocorrido no final do século XV. Os poderes econômico, normativo, religioso e cultural de Portugal e Espanha delinearão os programas educativos em América Latina ao longo dos séculos; o que é, até os dias atuais, perceptível, em virtude da influência dos modelos português e espanhol, mesmo após os processos independentistas.

A mobilidade estudantil no território ibero-americano teve início antes mesmo de serem estabelecidas universidades em solo latino-americano. Enquanto europeus

---

<sup>4</sup> Segundo informações oficiais, “A Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) é um organismo internacional de caráter governamental para a cooperação entre os países ibero-americanos no campo da educação, da ciência, da tecnologia e da cultura no contexto do desenvolvimento integral, da democracia e da integração regional. Os Estados-Membros de pleno direito e observadores são todos os países ibero-americanos que conformam a comunidade de nações integrada por Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, República Dominicana, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela” (OEI, 2020).

emigravam para o novo continente, uma rota inversa foi estabelecida com fins educacionais. Durante o período colonial e nas primeiras décadas de autonomia nacional, jovens latino-americanos dirigiam-se a Portugal ou Espanha a fim de obter formação universitária e retorno promissor, dada a ausência de IES em América. No Brasil, por exemplo, as primeiras IES surgiram somente após sua independência política de Portugal; noutros países do continente, entretanto, IES foram criadas ainda quando eram vice-reinos de Espanha (Costa, 2014). A mobilidade estudantil ibero-americana, portanto, é anterior à existência de uma cultura universitária formal no continente, em razão da existência de relevantes instituições de ensino, ainda que não universitárias.

Atualmente, a mobilidade acadêmica no território ibero-americano apresenta uma variação de fluxo migratório, seja pelo deslocamento interno em América Latina, ou pelas rotas América Latina-países ibéricos e países ibéricos-América Latina. Segundo dados da OCDE (UNESCO, 2014), entre 2000 e 2010, a quantidade de estudantes estrangeiros que buscavam programas de mobilidade internacional cresceu 99%. Apesar de serem os países europeus e os Estados Unidos da América os principais destinos escolhidos, houve um evidente crescimento da América Latina como destino de estudantes de outros continentes. Curiosamente, em relação às escolhas por estudantes latino-americanos, a pesquisa acima citada revelou que, de acordo com dados de 11 países dessa região, apenas estudantes de três deles consideraram um único país latino-americano – Argentina – entre seus cinco destinos favoritos.

Conhecer e expor as peculiaridades da mobilidade acadêmica no contexto ibero-americano permite destacá-la e afirmá-la como parte da rede global de

internacionalização. Nos próximos capítulos, apresentarei, portanto, dados, análises e reflexões acerca do objeto desta investigação.

## OBJETIVOS E PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A práxis da educação no terceiro milênio busca romper com os axiomas do ensino tradicional, que considera, com raras exceções, o aprendente como “uma entidade abstrata, não-personalizada, o aluno médio, estatístico, sem rosto, sem tempo nem lugar, descontextualizado” (Tavares, 2007, p. 98). Considerando o desenvolvimento de novas perspectivas pedagógicas e metodológicas para o ensino superior neste novo século, este trabalho visa conhecer o fenômeno da mobilidade experimentado pela nova geração de estudantes universitários ibero-americanos.

### 2.1 Objetivos Gerais e Específicos

Este trabalho tem como objetivo geral analisar de que modo os programas de mobilidade acadêmica ibero-americanos contribuem para que estudantes percebam e vivenciem a cidadania numa perspectiva cosmopolita.

Os objetivos específicos estabelecidos para alcançar a finalidade proposta são:

a) conhecer IES ibero-americanas que ofertam programas de mobilidade acadêmica para saber quais são os procedimentos administrativos adotados em relação à preparação, acolhimento e acompanhamento de estudantes estrangeiros;

b) identificar as ações das IES que contribuem para a formação de cidadãos cosmopolitas de estudantes em mobilidade acadêmica;

c) relatar práticas e experiências relevantes no processo de socialização e integração de estudantes estrangeiros que contribuem para ampliar a visão de mundo e a vivência multicultural;

d) propor uma teoria acerca da mobilidade acadêmica ibero-americana fundamentada em dados coletados, apontando as práticas que melhor colaboram para a formação de cidadãos cosmopolitas, em especial as adotadas por IES.

## 2.2 A Teoria Fundamentada em Dados (Grounded Theory)

A presente investigação inscreve-se no Paradigma Hermenêutico, logo, com abordagem Qualitativa (Coutinho, 2014; Cresswell, 2015). Segundo Fernandes e Maia (2001), a interpretação crítica da realidade, desde meados do século passado, tem sido bem recebida pela comunidade científica, apesar de alguns refutes quanto à suposta falta de rigor metodológico e ao distanciamento da ortodoxa noção de verdade absoluta. Entretanto, não poderia ser outra, senão a abordagem Qualitativa, a nortear a presente tese, que teve elevado caráter interpretativo, empírico e fenomenológico.

Uwe Flick (2013) considera que a abordagem Qualitativa tem lugar quando “os significados latentes de uma situação estão em foco . . . por isso, a situação da pesquisa não é padronizada; ao contrário, ela é projetada para ser o mais aberta possível” (p. 24). Logo, a estratégia metodológica mais propensa a contribuir para o sucesso da investigação e o alcance dos objetivos propostos, foi a modalidade Teoria Fundamentada em Dados - Grounded Theory. Esse design pondera a atividade humana e, através de análises comparativas, permite ao investigador fundar uma teoria embasada em padrões de ação e procedimentos observados. Ryan e Bernard (2000), consideram que as teorias fundamentadas buscam compreender as experiências de pessoas de forma rigorosa e detalhada, identificar categorias e conceitos e formar ideias.

De acordo com The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods (2008), o verbete “Grounded Theory” tem como definição o método que consiste num conjunto de diretrizes sistemáticas, porém flexíveis, para o desenvolvimento de uma investigação que visa construir uma teoria. Nesse sentido, a Teoria Fundamentada em Dados é uma modalidade de investigação com abordagem Qualitativa consistente num conjunto de diretrizes sistemáticas, porém flexíveis, que observa o raciocínio indutivo para a construção de uma teoria. Portanto, concentra-se nas fases analíticas da pesquisa, inerentemente comparativas e interativas, envolvendo ativamente os dados e a teoria emergente durante todo o processo de pesquisa. Inicia-se, portanto, com a observação.

Desenvolvido por Glaser e Strauss, em 1967, esse design procura, cada vez mais, uma aproximação construtivista entre a realidade e a teoria de forma contextualizada, localizada e não fundamentalista da verdade. Strauss e Corbin (1994) consideram que se trata de uma modalidade aberta a diversas aplicações e contextos, pois ideias e conceitos aludidos por movimentos sociais e intelectuais contemporâneos estão cada vez mais próximos dessa teoria - que tem força para questionar e manipular analiticamente ideias, ideologias, tecnologias ou novos usos do espaço. Ademais, a Teoria Fundamentada em Dados também pode ser relevante e, possivelmente, influente, conforme apontam, quando conhecida durante a formulação de políticas públicas ou em sua aplicação geral.

Fernandes e Maia (2001) acrescentam que a Teoria Fundamentada em Dados partilha similaridades com outras metodologias qualitativas “quanto aos materiais que podem ser analisados, como entrevistas, observações de campo assim como documentos de todo tipo” (p. 53), apesar de também haver disparidades, como, por exemplo, o foco do investigador estar centrado na construção de uma teoria. Quanto

à fundamentação teórica, esses autores ressaltam que ela “especifica as consequências e condições particulares do fenômeno; e ela torna-se preditiva no sentido em que se ocorrerem condições similares, poderão ocorrer consequências similares” (ibid., p. 54).

Pretendi, com este delineamento, compreender o fenômeno da mobilidade acadêmica a partir de dados capazes de demonstrar o significado e a interpretação de experiências vividas por uma ou várias pessoas (Merriam & Tisdell, 2016). Por meio de técnicas de investigação consideradas primordiais para o alcance dos objetivos propostos, coletei dados envolvendo estudantes, IES, atividades acadêmicas, culturais e sociais em diversos países ibero-americanos.

Em cumprimento ao rigor e honestidade científicos, ressalto que a investigação teve, em seu início, inspiração na modalidade de Estudos de Casos Múltiplos (Stake, 2009; Yin, 2010). Entretanto, não foi possível mantê-la, tampouco considerá-la adequada ao desenvolvimento da pesquisa, pois limitaria o trabalho ao estudo de casos de estudantes que passaram pela experiência da mobilidade acadêmica no território ibero-americano. Evidenciou-se, portanto, que o fenômeno a ser estudado seria drasticamente reduzido, em dissonância com o interesse e o ânimo presentes na elaboração do projeto de investigação. Pretendi, desde o início, coletar dados junto aos estudantes, mas, para compreensão holística do objeto de estudo, também em variadas fontes. Para alcançar os objetivos da investigação, tornar-se-ia indispensável conhecer onde os estudantes estavam inseridos, as práticas de acolhimento (mobilidade *in*) e preparação (mobilidade *out*) adotadas por determinada IES, bem como sua estrutura física e o acompanhamento a eles dispensado.

Em verdade, ficou nítida a necessidade de adequação - e não inflexão - da modalidade de investigação. Com esta nova perspectiva, valorizaram-se a extensão



da investigação e a complexidade do fenômeno. Como bem define Edgar Morin (2006), “a complexidade é efetivamente um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (p. 13).

Assim, o trabalho pautou-se, primeiro, na observação imparcial do fenômeno, revelando seu cariz empírico por meio da coleta de dados. Em seguida, prossegui à apresentação e análise dos dados coletados, discutindo o tema de forma transversal e categorizada em duas etapas. A primeira foi destinada à apresentação e prévia discussão em razão da origem da fonte coletada; na segunda, foi desenvolvida a fundamentação teórica pertinente, constituída de conceitos, padrões de ação e processos correspondentes ao fenômeno estudado, conforme será explicado adiante.

Por fim, devo salientar que esta tese não se trata de um empreendimento intervencionista, tampouco houve pretensão pessoal de envolvimento no fenômeno e na realidade estudada, ou, ainda, qualquer feitura experimental. Contudo, atentei-me à criticidade e à inevitável interpretação da realidade.

### 2.3 Técnicas para a Coleta de Dados

Para a realização da investigação, optei pela adoção de múltiplas técnicas de pesquisa e coleta de dados, prática comum no desenvolvimento da Teoria Fundamentada em Dados. Recorri à Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa de Campo, interrelacionadas e concomitantes. Os dados coletados consistem no conjunto de informações obtidas por diferentes fontes. Organizei-os de forma sistemática em diferentes categorias, gerais e específicas, conforme disposto mais à frente.

Como elucida Flick (2013), o investigador deve ser prudente na distinção entre os diferentes tipos de fontes, pois “a diferença está no quão imediato é o acesso ao fato relatado: as fontes primárias são mais imediatas, enquanto nas fontes secundárias em geral várias fontes primárias foram resumidas, condensadas, elaboradas ou reformuladas por outros” (p. 43). Em vista disso, para melhor organização e apresentação dos dados, considere a seguinte classificação das fontes: 1) Fonte Primária Direta (mais utilizada): aquela que contém um dado produzido pela ação direta e presencial do investigador, ou provocado por este, como entrevistas, notas de campo, imagens, áudios; 2) Fonte Primária Indireta: dados coletados durante a investigação, mas produzidos por terceiros, como panfletos, documentos e informação online de alguma instituição de ensino visitada; e 3) Fonte Secundária: demais informações produzidas por terceiros, como notícias jornalísticas, dados estatísticos oficiais ou literatura sobre o objeto da investigação. Ressalto que tal classificação não tem relação com a validade ou fiabilidade da fonte.

Em relação à Pesquisa Bibliográfica, realizada durante toda a feitura deste trabalho, aponto sua imprescindível importância para o embasamento da fundamentação teórica, apresentada ao final. Apresentaram-se relevantes no percurso da Pesquisa Bibliográfica as leituras sobre metodologia científica, mobilidade acadêmica, práticas pedagógicas, cidadania e cosmopolitismo. Para tanto, recorri às ferramentas de investigação adequadas à pesquisa científica, como repositórios virtuais de acesso restrito ou livre, páginas de internet de organizações e bibliotecas físicas.

Contudo, a estratégia da Pesquisa de Campo como método exploratório para melhor e maior alcance dos objetivos propostos (Costa, 2011) foi determinante para a realização da investigação. Trata-se de uma técnica que visa à observação do

fenômeno em seu ambiente natural. A Pesquisa de Campo serviu para uma adequada verificação e compreensão, *in loco*, dos contextos acadêmicos e burocráticos de IES, assim como do processo de interação ambiental e comportamental de estudantes em mobilidade. A Pesquisa de Campo permite interpretações, reflexões e explanações “sobre uma questão social, um objeto, um problema”, pois “não se baseia em estatísticas, mas sim, preocupa-se com qualidade e profundidade de dados e descobertas a partir de fenômenos” (Tuzzo & Braga, 2016, p. 149).

Mesmo sendo possível obter acesso amplo a informações por meio de dados disponibilizados na rede mundial de computadores, que permite a interação com um número incontável de informantes (estudantes e gestores de IES, por exemplo), optei por vivenciar presencialmente o fenômeno da mobilidade acadêmica no território ibero-americano. Dessa forma, obtive uma compreensão mais próxima, contextualizada e diversificada por meio de intensa interação comunicativa, como apontam Biskupovic e Pinsent (2018).

Ressalto que a pesquisa *in loco* observou o modelo da Etnografia Focalizada, pois, ao invés de longos períodos de observação e participação, próprios de uma observação empírica clássica, as visitas foram específicas e tiveram propósitos bem definidos, além do que permitiram a coleta de dados por variados instrumentos (Rosenthal, 2014). Trata-se, portanto, de uma pesquisa que evitou o desenvolvimento de relações afetivas com os sujeitos envolvidos, mantendo-se o distanciamento crítico necessário para a observação e interpretação dos fatos.

A maioria das cidades em que estive presente para a coleta de dados, muitas conhecidas em viagens anteriores, são capitais de países do território ibero-americano. Por serem capitais, destacam-se no cenário internacional, constituindo-

se como destinos turísticos e acadêmicos do país; logo, relevantes para a investigação.

Recorri a conversas informais, visitas às instalações universitárias, órgãos da administração pública, alojamentos comumente utilizados por estudantes estrangeiros, locais frequentados pela comunidade estudantil, eventos de toda natureza, entre outros, para coletar dados registrados em 49 Notas de Campo (NC), em anexo. Os instrumentos de coleta de dados foram variados, como anotações de observação e conversas, fotografias, documentos (Iturra, 2011) e panfletos que publicizavam os programas de mobilidade. Todos os dados coletados seguiram um guião (Apêndice 1).

O conteúdo das entrevistas está registrado em NC, pois integra os apontamentos realizados sobre locais e contextos diversos. Um guião serviu como referência, seguindo o modelo semiestruturado (Bell, 1993). Destaco que muitas conversas ocorreram de forma espontânea, sem programação ou agendamento prévio, mas sempre considerando o propósito científico e o rigor que a investigação exige. Assim, o momento e a oportunidade foram preponderantes para a coleta de dados.

Como aponta Uwe Flick (2013), um dos desafios da pesquisa *in loco*, é a incerteza de ocorrerem encontros; por isso, não hesitei em anotar todas as informações obtidas, ainda que coletadas de forma inesperada. Algumas conversas, entretanto, seguiram um rigor de coleta de dados mais sistemático, com definição prévia de dia, local e horário. Em todas, procurei obter dos informantes relatos de práticas burocráticas, experiências pessoais, reflexões sobre experiências de terceiros e demais dados pertinentes ao tema por meio de um roteiro flexível (Rosa & Arnoldi, 2014).

A elaboração do guião baseou-se no modelo semiestruturado, possibilitando a manifestação de narrativas mais livres, profundas e significativas (Grey, 1998). Assim, ao mesmo tempo em que conserva um roteiro pré-estabelecido, permite formular novas questões, segundo a interação comunicativa entre os envolvidos.

Abaixo, apresento como ocorreram as entrevistas:

a) Entrevistas com Informantes de Instituições de Ensino Superior (IIE) e Informantes Diversos (ID) não estudantes

As entrevistas realizadas com informantes privilegiados, principalmente aqueles inseridos na administração de IES seguiu, quando possível, um guião semiestruturado (Apêndice 2). Nele, atentei-me às especificidades burocráticas, pedagógicas e técnicas dos setores de internacionalização da IES. As questões propostas buscaram revelar quais são e como funcionam os principais programas de mobilidade oferecidos pela IES, qual é o perfil dos estudantes participantes, quais são os procedimentos adotados pela IES em relação ao acolhimento e preparação dos estudantes e, por fim, extrair do depoente sua impressão acerca dos contributos da mobilidade para a compreensão e vivência de uma cidadania cosmopolita.

Ressalto que durante as entrevistas houve flexibilização quanto à utilização do guião, visto que, em geral, as respostas conduziam o diálogo para outros temas pertinentes às singularidades institucionais. Dessa forma, aproveitei o momento para aprofundar mais ainda a pesquisa tomando nota do teor do diálogo. Essa prática foi muito frequente durante toda a pesquisa de campo.

## b) Entrevistas com Estudantes (EST)

Ao articular as indagações, com linguagem simples e de fácil interpretação, procurei dar liberdade ao estudante para que ele, sentindo-se à vontade, pudesse revelar como foi sua experiência na IES de destino e quais foram suas impressões do período no estrangeiro. Em algumas situações casuais e inesperadas, a entrevista seguiu o caminho natural da interação estabelecida, não sendo observada a formalidade do guião (Apêndice 3), mas sim a conveniência da oportunidade e do momento. De antemão, revelo que este guião foi pouco utilizado, pois a investigação se direcionou, naturalmente, em razão das circunstâncias vividas na Pesquisa de Campo, para a coleta de dados juntos às IES.

As perguntas buscaram, primeiro, compreender qual é o contexto de vida do estudante e como foi sua preparação para a viagem internacional, seja em relação aos trâmites na IES ou nos contextos familiar e pessoal. Dessa forma, dei ao respondente a liberdade para discorrer sobre o que lhe parecesse mais pertinente. Em seguida, indaguei a respeito do impacto pessoal causado pela mudança de país e sobre como ocorreu a integração e acolhimento, tanto em relação à IES quanto ao meio social. Pareceu-me relevante saber quais eram suas recordações acerca de seus primeiros dias naquele novo ambiente, sobretudo se houve percepção do contexto multicultural e de como ele se sentiu diante dos outros. Ou seja, de que forma e em que medida o entrevistado relacionou as duas realidades (de origem e de destino). Pretendi, ao final da conversa, saber se as experiências no estrangeiro foram suficientes para conduzi-lo a uma reflexão sobre a ampliação de sua visão de mundo e a sua posição e pertinência a essa nova realidade vivida, bem como ao desenvolvimento de habilidade sociais com vistas ao cosmopolitismo.

O planejamento das entrevistas considerou selecionar os estudantes por critérios objetivos pré-estabelecidos, capazes de preservar o caráter juvenil e contemporâneo do fenômeno estudado, a saber:

- ser nacional de algum país ibero-americano;
- ter idade mínima de 18 anos, mas não superior a 30, durante a mobilidade, a fim de garantir a conservação da contemporaneidade do fenômeno na geração de estudantes do século XXI;
- ter participado ou estar participando de algum programa de mobilidade acadêmica inserida no contexto formal do ensino superior dentro do território ibero-americano;
- ter o programa de mobilidade tempo de duração mínima de um semestre letivo realizado a partir de 2013, a fim de manter a máxima proximidade temporal com o fenômeno observado;
- e, preferencialmente, não ter participado de outro programa de mobilidade internacional anterior, ainda que estudantil, a fim de conservar o impacto inédito da mobilidade em sua percepção de mundo.

#### 2.4 Identificação e Categorização dos Dados

A investigação exigiu a adoção dos melhores procedimentos metodológicos adequados à modalidade da Grounded Theory, a fim de obter melhor compreensão da realidade observada. Inicialmente, a pesquisa foi realizada num formato exploratório, permitindo que informações e ideias relevantes surgissem no decorrer do processo de coleta de dados. Gasque (2007) considera que na fase de definição gradual da

amostra, o pesquisador deve permitir que a teoria surja das experiências e informações obtidas a partir da coleta, codificação e análise dos dados de forma simultânea, pragmática e indutiva. Assim, para alcançar os objetivos propostos e a consequente teorização, presente ao final deste trabalho, apresentei um conteúdo descritivo que revela particularidades de grupos, pessoas e casos, interpretando-as (Costa & Costa, 2019). Ainda, para melhor significação, aponte ao longo da exposição dos dados qual o contexto, modelo estético e ethos dos entrevistados e dos locais visitados.

#### a) Identificação Territorial

Como já demonstrado, há uma pluralidade significativa de fontes. Portanto, a combinação entre tipo, tema e origem dos dados possibilitou-me validar os resultados por meios de uma ampla triangulação. Desse modo, num primeiro momento, o critério “localidade da fonte” foi indispensável para melhor compreensão do fenômeno, viabilizando, num segundo momento, uma análise comparativa entre os dados coletados de acordo com o país de origem. Justifico tal decisão pela necessidade de compreender o fenômeno em suas singularidades locais e saber se existem práticas e experiências comuns entre os países que integram o território ibero-americano.

A razão geográfica conduziu-me a construir uma teoria embasada na diversidade de casos, processos e paradigmas educativos, comparando os dados entre os países. Destaco que a estrutura do próximo capítulo segue uma divisão seccionada que respeita o critério geográfico da fonte. Após a exposição dos dados seccionados geograficamente, comparei-os todos, a fim de alcançar um conhecimento amplo de todo o contexto ibero-americano, apresentando, ainda, os pontos e experiências favoráveis e desfavoráveis, conforme explicado a seguir.



## b) Categorização

Para uma análise mais profunda do conteúdo, os dados foram divididos em categorias gerais e específicas, fiéis ao eixo central da investigação, que é a contribuição da mobilidade acadêmica para a formação de cidadãos cosmopolitas. Na exposição dos dados, as categorias estão facilmente reconhecidas ao longo do texto; foram, ainda, dispostas em tabela, ao final de cada seção geográfica. A tabela categorizada, modelo abaixo, contém excertos e análises mais relevantes do conteúdo para uma primeira triangulação dos dados em razão de sua localidade.

A primeira categoria corresponde aos processos burocráticos que envolvem a mobilidade acadêmica, vez que sua realização exige respeito às formalidades administrativas a serem seguidas tanto por IES (convênios interinstitucionais, elaboração de editais, seleção de candidatos e infraestrutura) quanto por estudantes, quando se candidatam. Foram observados, enquanto subcategorias, procedimentos preparatórios, de acolhimento e posteriores à mobilidade realizada pelo estudante. Nelas, aponteí páticas favoráveis e desfavoráveis, para melhor visualização e compreensão das informações obtidas.

A segunda categoria dispõe acerca das experiências pessoais dos participantes e está dividida nas subcategorias Ambiente Acadêmico e Fora do Ambiente Acadêmico, que também apresentam, ao final, apontamentos positivos e negativos. Essa abordagem é relevante para compreender como os participantes são integrados e acompanhados por colegas, IES e sociedade.

Por fim, a terceira categoria, Desenvolvimento Pessoal, trata das vivências do participante, de como desenvolveu-se enquanto pessoa. As experiências pessoais são indispensáveis para avaliar o impacto da mobilidade acadêmica na vida do participante. São duas subcategorias: Amadurecimento e Visão de Mundo,

igualmente com indicativos favoráveis e desfavoráveis. É de inestimável importância saber se essas experiências contribuem para o desenvolvimento de relações interpessoais, amadurecimento, ampliação da visão de mundo e quais as habilidades sociais foram aprimoradas ou adquiridas durante o percurso no país estrangeiro.

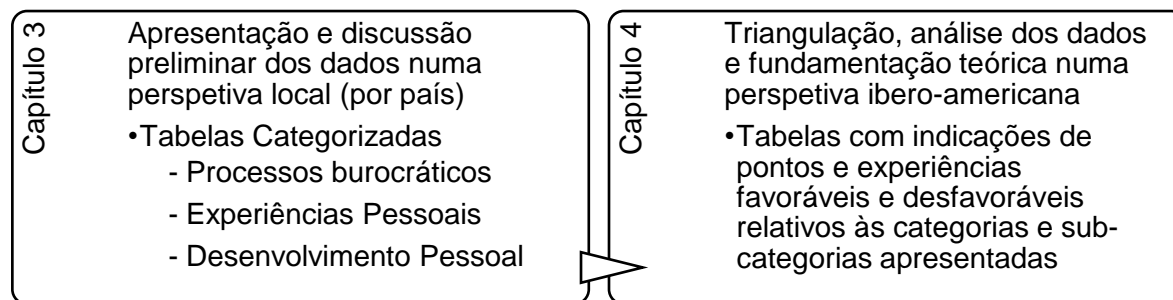
Tabela 1  
**Modelo das Tabelas Categorizadas**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
Planejamento, organização e procedimentos institucionais relativos aos programas de mobilidade; contexto nacional; trâmites exigidos.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Procedimentos que contribuem para a estruturação de bons programas de mobilidade.	Procedimentos que não contribuem para a estruturação de bons programas de mobilidade.
1.2 Acolhida	
Ações institucionais de acolhimento; infraestrutura disponibilizada ao estudante.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Atividades que contribuem para o bem-estar de estudantes quando chegam ao destino.	Atividades que não contribuem para o bem-estar de estudantes quando chegam ao destino.
1.3 Pós-mobilidade	
Contato entre IES de origem e o estudando após a experiência internacional.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Práticas que valorizam a experiência do estudante.	Práticas que não valorizam a experiência do estudante.
2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS	
2.1 Ambiente Acadêmico	
Acompanhamento institucional; integração ao contexto acadêmico; experiências em sala de aula.	

Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Atividades positivas para a integração acadêmica do estudante.	Atividades negativas para a integração acadêmica do estudante.
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
Atividades de integração fora do contexto acadêmico; experiências e ambientações sociais.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Experiências favoráveis à socialização do estudante.	Experiências desfavoráveis à socialização do estudante.
<b>3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL</b>	
<b>3.1 Amadurecimento</b>	
Circunstâncias que desencadeiam processos de transformação pessoal e potencializam o amadurecimento dos estudantes em mobilidade.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Reflexões acerca de situações que potencializam o amadurecimento do estudante.	Reflexões acerca de situações que não potencializam o amadurecimento do estudante.
<b>3.2 Visão de Mundo</b>	
Percepção da realidade e ampliação da mundivisão do estudante; desenvolvimento de habilidade sociais numa perspectiva multicultural.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Relatos positivos sobre os contributos da mobilidade para a percepção da cidadania cosmopolita.	Relatos negativos sobre os contributos da mobilidade para a percepção da cidadania cosmopolita.

Apresento, a seguir, a estruturação dos próximos dois capítulos, destinados à apresentação e análise dos dados e teorização:

Figura 2  
**Esquema da apresentação, análise dos dados e fundamentação teórica**



## RUMO AO CAMPO: PAÍSES IBERO-AMERICANOS VISITADOS

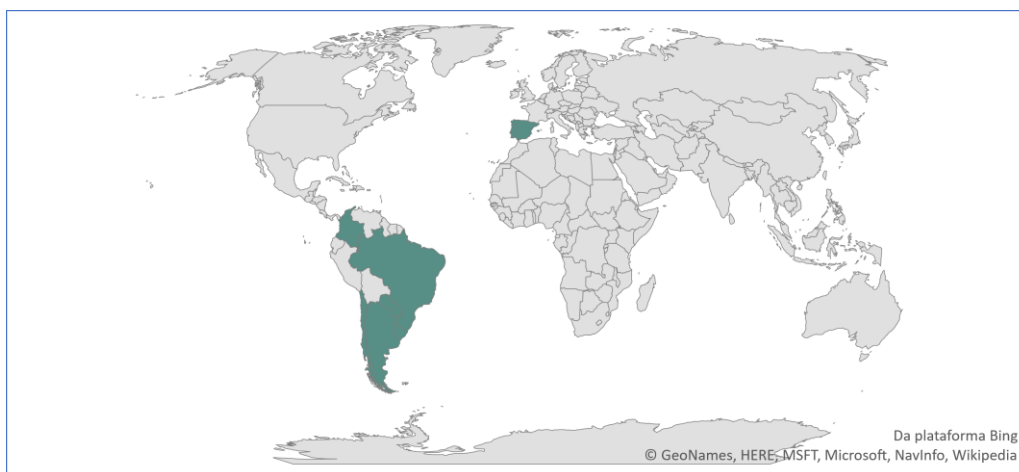
De antemão, esclareço que a Pesquisa de Campo foi realizada durante viagens ocorridas em 2018 e 2019, sendo a maior parte dos dados coletados numa viagem dedicada exclusivamente a esse fim, com duração de 45 dias. O deslocamento total executado para a Pesquisa de Campo foi de aproximadamente 30 mil quilômetros por meio de transporte aéreo, terrestre e fluvial. A investigação *in loco* ocorreu nas seguintes cidades:

Tabela 2

### Lista de cidades visitadas (ano, cidade, país)

<i>ANO</i>	<i>CIDADE, PAÍS</i>
<b>2018</b>	Évora, Portugal
<b>2018</b>	Lisboa, Portugal
<b>2018</b>	Madrid, Espanha
<b>2018</b>	Bogotá, Colômbia
<b>2018</b>	Santiago de Chile, Chile
<b>2018</b>	Córdoba, Argentina
<b>2018</b>	Buenos Aires, Argentina
<b>2018</b>	Montevideo, Uruguai
<b>2018</b>	Brasília (DF), Brasil
<b>2018</b>	Belo Horizonte (MG), Brasil
<b>2019</b>	Campo Grande (MS), Brasil
<b>2019</b>	Assunção, Paraguai
<b>2019</b>	Foz do Iguaçu (PR), Brasil
<b>2019</b>	Londrina (PR), Brasil
<b>2019</b>	Curitiba (PR), Brasil

**Figura 3**  
**Países visitados durante a Pesquisa de Campo**



Portugal, Espanha, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, Paraguai, por ordem de deslocamento.

Esclareço, ainda, que ao início de cada seção territorial, apresento breves dados acerca do país e de seu sistema educativo, além das atuais definições de cidadania em seu texto constitucional, a fim de que seja possível verificar como a cidadania é compreendida e qual a sua relação com o exercício de direitos por nacionais ou estrangeiros.

### 3.1 Portugal

A República Portuguesa tem como capital a cidade Lisboa. Estima-se uma população de 10,5 milhões de habitantes, segundo dados oficiais (Portugal, 2020). De acordo com a Direção-Geral do Ensino Superior (DGES, 2020), a educação terciária portuguesa organiza-se por meio de um sistema binário, composto de ensino universitário e politécnico em instituições públicas e privadas. O ensino superior em Portugal, com cerca de 385 mil estudantes (PORDATA, 2020), está dividido em três ciclos de estudos: licenciatura, mestrado e doutoramento.

A Constituição da República Portuguesa, de 1976, em seu artigo 25, aponta que a todos os indivíduos são garantidos os seguintes direitos: “a identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação” (Portugal, 1976), sendo a privação da cidadania possível apenas por meio de previsão legal, jamais política. Esclarece o texto constitucional, em seu artigo 15, que “os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português”, indicando tratamento igualitário aos estudantes estrangeiros.

Impressões e ideias iniciais a respeito do objeto de investigação surgiram a partir do encontro com estudantes estrangeiros na Universidade de Évora, em sua maioria brasileiros. Bate-papo entre amigos e colegas, eventos acadêmicos e culturais, conhecimento acerca dos programas de mobilidade acadêmica na universidade, além de notícias sobre o tema foram relevantes e fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Desse modo, a experiência em solo português foi fundamental para o amadurecimento da estratégia de investigação e melhoramento dos guiões das entrevistas. Esclareço que as primeiras visitas e observações a IES portuguesas serviram também como um experimento capaz de me preparar para novos cenários e, principalmente, dar bases para equalizar os objetivos, a metodologia e as técnicas de coleta de dados. Por ser o primeiro local de observação, pude adaptar o esboço teórico à realidade prática. Apontarei, ao final da seção, os dados mais relevantes coletados em Portugal, o que será igualmente feito em relação aos demais países.

A primeira coleta de dados (NC 01, em anexo) logo evidenciou a importância da mobilidade acadêmica para a formação de cidadãos cosmopolitas. Tratou-se de um evento promovido por uma associação de estudantes, cuja pauta buscou analisar a violência urbana no Brasil. Após duas horas de diálogo intenso entre os participantes, cerca de 40, organizado fora dos regulamentos e espaços universitários, realizou-se um ato público em homenagem às vítimas da violência no Brasil. Alguns participantes afirmaram que a presença de estudantes brasileiros naquele evento revelou que, mesmo durante um período de residência em outro continente, há interesse e preocupação com questões internas do país de origem.

A estratégia utilizada pelos organizadores foi, logo no início, disponibilizar um questionário fechado com perguntas acerca da experiência do respondente com atos de violência urbana<sup>5</sup>. A análise dos dados foi realizada pelos próprios estudantes após a divulgação dos resultados quantitativos. Durante o debate, alguns brasileiros destacaram o quão significativo era estarem em outro país discutindo um problema do Brasil. Concluíram que, ainda que fora do ambiente de aconchego e segurança do lar, a compreensão da realidade, da própria história de vida e, até mesmo, a relação com seu local de origem, podem ser diferentes quando observados de fora. Pois, distantes, o olhar torna-se holístico e, ao mesmo tempo, nacionalista.

Em conversa com um Informante Diverso (ID 01, NC 02)) a respeito das atividades promovidas por essa organização de estudantes, fui esclarecido de que a Erasmus Student Network (ESN) é a maior associação estudantil europeia, criada em 1989, cuja missão é integrar estudantes estrangeiros que estão em mobilidade

---

<sup>5</sup> As respostas apontaram que: 82% dos respondentes deixaram de fazer algo por causa da violência; 65% deixaram de aceitar emprego ou curso por ser perigoso voltar de noite para casa; 35% mudaram de endereço por causa da violência; 66% ouviram barulho de tiro em algum momento; 37% foram assaltados por um sujeito armado; e 55% tiveram algum familiar (ou amigo próximo) assassinado por arma de fogo.



acadêmica. Seu gabinete em Évora trabalha na realização de atividades de acolhimento, oficinas, viagens e eventos de diversas naturezas, como culturais, gastronômicas e musicais. Para os estudantes, a associação oferece um cartão que garante descontos em produtos e serviços prestados por estabelecimentos conveniados. Essas atividades são executadas por voluntários integrantes da comunidade acadêmica. Portanto, são ações relevantes para a integração e socialização dos estudantes em mobilidade.

A primeira visita de campo a uma IES (IES 01, NC 03) ocorreu após contatos telefônicos e envio de e-mails. Solicitei a disponibilização de um horário para ser recebido, mas não obtive resposta. Então, dirigi-me ao gabinete de relações internacionais de IES 01. A omissão no atendimento virtual e telefônico acabou por mostrar-se proveitosa pois me permitiu experienciar como os serviços são prestados aos estudantes que lá comparecem espontaneamente, como suas demandas são recebidas e qual a qualidade do atendimento. Ademais, o caráter empírico da investigação não obsta que a entrevista fosse realizada sem marcação e aceitação prévias. Afinal, para alcançar os objetivos deste trabalho, era imprescindível coletar dados *in loco*.

Após 20 minutos que esperei para ser atendido, receberam-me no gabinete de relações internacionais. O atendimento foi realizado primeiro por quem chefiava o gabinete de internacionalização, denominado, para fins de catalogação das fontes, Informante de Instituição de Ensino Superior (IIE 01). Durante 20 minutos de conversa, cordial e atenciosa, tomei nota das informações relevantes a respeito dos programas de mobilidade, sobretudo daqueles direcionados a estudantes ibero-americanos. Segundo dados coletados, no ano acadêmico 2017/2018, cerca de 55 estudantes latino-americanos foram recebidos pela IES 01, enquanto 30 portugueses

foram enviados para outros países desse território – a maioria através do programa Erasmus+. O total de estudantes participantes em todos os programas, indiscriminadamente, foi de 826, apenas no ano 2017/2018, em sua maioria participantes do programa Erasmus, pois Portugal é membro da União Europeia e participa ativamente enviando e recebendo estudantes por meio desse programa.

Com orçamento global de aproximadamente 15 bilhões de euros, este programa atua na educação, formação, desporto e apoio à juventude, garantindo a milhões de jovens a “oportunidade de estudar, seguir uma formação e adquirir experiência no estrangeiro” (Comissão Europeia, 2020). Conforme dados obtidos do Erasmus, cerca de 2 milhões de estudante de ensino superior já participaram de algum de seus programas.

As primeiras informações coletadas apontam que existem várias formas de uma IES envolver-se num programa de mobilidade acadêmica internacional. Pode ocorrer por meio de acordos entre países e organizações internacionais, entre IES e programas consolidados no mercado privado, principalmente para financiamento dos estudos em outro país ou por meio de transações bilaterais autônomas entre IES. Essas informações foram relevantes para compreender a dimensão e variedade de programas de mobilidade existentes, fato este que me despertou atenção no planejamento das visitas que se seguiram.

Outro ponto de destaque é em relação aos problemas mais comuns relatados por estudantes, de acordo com os gestores de IES 01. Os pontos críticos ressaltados por IIE 01 foram: 1) falta de alojamento para receber estudantes estrangeiros, pois a IES 01 não possui edifício destinado à residência de estudantes de fora – o que é parcialmente suprido por meio de um banco de dados disponibilizado aos estudantes interessados em alugar ou compartilhar um imóvel; 2) problemas de natureza

financeira, visto que muitos estudantes estrangeiros não recebem subsídios para sua permanência - e muitos dos que recebem sofrem os efeitos negativos da desvalorização cambial; 3) problemas com o idioma, pois, além de algumas disciplinas serem ofertadas em inglês, em especial nos 2º e 3º ciclos, também existem estudantes de outras nacionalidade que não são hábeis no idioma português.

IIE 01 ressaltou que muitos participantes que já tiveram alguma experiência acadêmica internacional mobilizam-se de forma organizada e associada para ajudar os colegas estrangeiros em Portugal. Isso ocorre, por exemplo, através da ESN, que apoia e acolhe de modo frequente a comunidade estudantil internacional realizando eventos, viagens, visitas à cidade, encontros culturais, gastronômicos e educacionais. No âmbito institucional, o acolhimento ocorre no início do 1º semestre letivo, quando IES 01 promove, durante uma semana, ações que visam acolher e informar os novos estudantes estrangeiros acerca dos trâmites burocráticos e da estrutura física da instituição.

Diante da disponibilidade e empatia demonstrada pela informante, indaguei, por fim, qual sua reflexão a respeito da importância desse momento para os participantes. IIE 01 apontou que os universitários, após retornarem da experiência internacional, apontam contentamento e reconhecimento em relação à qualidade de sua instituição de origem. Ademais, ressaltam: amadurecimento no trato com os colegas e familiares; visão mais plural da sociedade; “voltam mais abertos”, com uma “nova maneira de olhar”; além de reconhecerem a importância da experiência para o currículo profissional.

Num segundo momento, atendeu-me, por cerca de 10 minutos, IIE 02, responsável pelos programas e estudantes latino-americanos. Destaco que IES 01 tem um funcionário que trata somente com estudantes latino-americanos e

portugueses que querem ir para algum destino desse território. De forma breve, IIE 02 ressaltou a satisfação que tem com seu trabalho, pois aprecia a cultura latina. Contudo, lançou, de imediato, alguns problemas enfrentados: 1) “boom de brasileiros” em IES 01; 2) falta de alojamento, o que já havia sido identificado pela IIE 01; 3) problemas pessoais enfrentados por estudantes estrangeiros que buscam, com frequência, “ajuda psicológica” em razão da distância, afastamento familiar e cultural. Nesse quesito, afirmou que em muitas ocasiões os estudantes não demonstram aos colegas e professores os transtornos causados pela nova rotina e vivência até procurarem o gabinete de mobilidade; 4) problemas de natureza financeira, corroborando, mais uma vez, as informações já prestadas por IIE 01.

IIE 02 ponderou ainda que sobre os contributos desta experiência para o aluno há um “real crescimento pessoal” e de sua rede de contatos, melhor adaptação a outra realidade e amadurecimento de como “gerir seu dinheiro”, pois “mamãe não está lá para cuidar”. Ainda, ressaltou a oportunidade de o estudante viver numa nova cultura e sociedade e de poder viver com outras pessoas; isso, em suas palavras, “abre horizontes, pois cada país tem suas particularidades”, eles “voltam mais tolerantes”, crescem profissional e academicamente, e, por fim, afirmou, de forma categórica, que os estudantes “têm de sair para valorizar” a sua realidade.

A segunda visita a uma IES (IES 02, NC 04) ocorreu logo em seguida, após uma breve caminhada exposto ao sol que iluminava Lisboa. Ocorreu, assim como a primeira visita, espontaneamente, sem agendamento prévio. Após ser anunciado, aguardei cerca de 30 minutos até ser recebido por IIE 03. Ressalto que o ambiente formal de IES 02, sobretudo da pessoa informante, contrastou com a minha proposital caracterização informal e jovial, pois eu buscava, no campo, conhecer estudantes e vivenciar sua rotina universitária, caso tivesse a oportunidade de fazê-lo. Embora

sentindo-me grato pela oportunidade de realizar a entrevista, não programada, senti-me constrangido diante da sóbria elegância de IIE 03. Justifiquei-me e fui bem compreendido. sobriedade

IES 02, que possui mais de um campus e várias faculdades, não adota um modelo padrão de acolhimento aos estudantes estrangeiros. As ações e regras são estabelecidas diretamente pelas faculdades. Há, entretanto, diretrizes institucionais que visam integrar os estudantes ao ambiente acadêmico por meio de normativas e pela promoção de eventos que tratam da interculturalidade. Indagada a respeito de como os estudantes relatam suas experiências vividas em outros países, IIE 03 afirmou, com orgulho, que existem muitos testemunhos de êxito profissional após a participação em algum programa de mobilidade acadêmica internacional. Destacou, ao final dos 10 minutos de conversa, que um dos professores de IES 02, estrangeiro, foi estudante de mobilidade na instituição e, após concluir os estudos, tornou-se docente.

Em outra IES visitada em Lisboa (IES 03, NC 05) a pesquisa ocorreu como as anteriores, sem agendamento, conforme estratégia consolidada no início da Pesquisa de Campo. Após os trâmites de identificação na entrada do edifício, encaminharam-me ao gabinete de relações internacionais, local em que pude compreender como funciona a internacionalização em IES 03. O gabinete tem apenas competência burocrática e mantém contato com estudantes em mobilidade *out*, ou seja, aqueles da própria instituição que participarão, em outro país, desta experiência. Em breves palavras, IIE 04 esclareceu que naquele escritório estão arquivados os documentos relativos aos programas e convênios interinstitucionais e são realizados os contatos formais de natureza administrativa. Desse modo, o acolhimento a estudantes e as

demais informações sobre os programas de mobilidade são fornecidas por suas faculdades e escolas, que adotam práticas autônomas e condizentes à sua realidade.

Gentilmente, direcionaram-me a uma das escolas de IES 03, da área de Economia. Atendeu-me IIE 05, pessoa estrangeira, que se dispôs a esclarecer como ocorre o acolhimento de estudantes em mobilidade *in*. Durante aproximadamente 15 minutos de entrevista, IIE 05 esclareceu que a escola organiza semestralmente uma semana de recepção, que conta com a participação da associação de estudantes. Em sua maioria, num universo de 49, os estudantes estrangeiros são de nacionalidade espanhola. Alguns pontos foram destacados em relação às características dos alunos estrangeiros: 1) alguns sentem dificuldade com o idioma inglês, pois existem disciplinas ofertadas nesse idioma; 2) a demanda por auxílio psicológico levou a escola a observar com mais atenção o percurso dos estudantes para, caso necessário, encaminhá-los ao serviço de apoio especializado. Isso, porque já ocorreu uma situação de internação psiquiátrica de estudante estrangeiro e uma situação de encarceramento prisional, sempre com acompanhamento da instituição.

Sobre os contributos da experiência internacional, IIE 05 ressaltou que “ter uma outra representação do mundo” é sempre apontado pelos estudantes participantes como algo extremamente positivo. Ainda, ouviu de estudantes que eles “se encantaram consigo mesmos” em razão da experiência “fora da origem” e pela necessidade de adaptação a uma nova cultura. Também o turismo em grupo, o apoio obtido pelos novos colegas e a interação social destacam-se nas narrativas estudantis. Ressaltou, por fim, a necessidade de se “trabalhar com os estudantes daqui” para receberem bem os colegas estrangeiros, já que essa questão é frequentemente apontada por aqueles que já participaram de uma experiência similar

como indispensável para o êxito do programa; pois “os que fizeram compreendem” como é essa realidade.

Além de conhecer instituições de ensino, decidi alargar as possibilidades de investigação e obtenção de dados, a fim de encontrar novas evidências e experiências correlatas ao fenômeno objeto de estudo. Por isso, hospedei-me em alojamento (hostel) lisboeta em área próxima a algumas IES com a expectativa de poder conhecer estudantes estrangeiros ou um pouco de suas possíveis rotinas fora do ambiente acadêmico (NC 06). Durante a minha acomodação nesse local, indaguei a um dos funcionários se era frequente a presença de estudantes internacionais no estabelecimento e a resposta foi positiva. Inesperadamente, o Informante Diverso (ID 02) afirmou ter trabalhado num hostel em Barcelona, Espanha, nos últimos quatro anos. Sua narrativa será apresentada adiante, em respeito à seção destinada à Espanha.

- Tabela categorizada

Diante dos dados apresentados acima, destaco, a seguir, excertos e análises acerca dos dados coletados na Pesquisa de Campo realizada em Portugal.

Tabela 3  
**Tabela Categorizada – Portugal**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS
1.1 Preparativa
Há, nas instituições visitadas, uma sólida relação entre IES e estudante. Os procedimentos preparatórios apontam para a possibilidade de atendimento presencial ao estudante que pretende participar da mobilidade <i>out</i> . São várias as formas de uma IES envolver-se num programa de mobilidade acadêmica internacional. Pode ocorrer por meio de convênios interinstitucionais, organizações que financiam a mobilidade ou programas governamentais, com ingerência pública.

Não há um padrão de gestão dos gabinetes de internacionalização nas IES pesquisadas. Em geral, existem dois tipos de gabinete: 1) centralizado, para a elaboração de diretrizes, arquivo, competência burocrática e gerenciar procedimentos da mobilidade *out*, bem como para manter relações institucionais com outras IES, organizações ou administração pública; 2) descentralizado, onde são gerenciados os procedimentos da mobilidade *in* para acolhimento, acompanhamento e integração do estudante estrangeiro, de modo a tornar mais próxima a relação da IES com o estudante.

Fora identificada a existência de uma divisão específica para a mobilidade entre Portugal e América-latina, gerida por pessoa que demonstrou satisfação com seu trabalho, pois aprecia a cultura latino-americana.

Por fim, sobre os trâmites institucionais, as IES deveriam demandar de estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade internacional maior participação no acolhimento e acompanhamento dos estrangeiros. Para tanto, as IES deveriam organizar-se melhor para capacitá-los.

Em relação à preparação do candidato, um dos problemas mais críticos relatados foi a insuficiência, ou inexistência, de planejamento financeiro adequado. Nem sempre há disponibilidade desse tipo de auxílio, além do que, podem ocorrer alterações cambiais que comprometam a subsistência dos estudantes.

Outro ponto relativo ao estudante, é a dificuldade de providenciar alojamento de forma antecipada.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação presencial entre estudante e IES;</li> <li>• Variados programas de mobilidade;</li> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Criação de uma divisão específica para programas entre Portugal e América-latina;</li> <li>• Seleção de funcionários engajados com o tema.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Multiplicidade de modelos de gestão nas IES;</li> <li>• Falta de planejamento para melhorar as estratégias de acolhimento por meio de estudantes locais;</li> <li>• Insuficiência de informações acerca de como o estudante deve se planejar financeiramente,</li> <li>• Dificuldade de providenciar alojamento antes de chegar ao país.</li> </ul>

### 1.2 Acolhida

Todas as IES afirmaram realizar, pelo menos, um evento de acolhimento no início do semestre letivo. Tem duração de um ou mais dias e promove ações que visam acolher e informar os novos estudantes estrangeiros. O evento é organizado pelo gabinete central da IES ou diretamente pelas escolas ou faculdades, a depender do modelo de gestão institucional, e visa apresentar informações institucionais relevantes. Pode, ainda, contar com a presença de demais estudantes e de professores.

As IES adotam um procedimento de acolhimento em que estudantes locais tornam-se padrinhos de estudantes estrangeiros durante o período da mobilidade.



Essa estratégia ter o objetivo de dar auxílio e atenção às dúvidas e problemas demandados pelos estrangeiros.

Foi ressaltado, por fim, que a inexistência ou insuficiência de alojamento para receber estudantes estrangeiros é um problema para o adequado acolhimento. Contudo, isso pode ser parcialmente suprido por meio da disponibilização e compartilhamento de anúncios imobiliários que ofertam habitações a este público.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto;</li> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros;</li> <li>• Divulgação de serviços oferecidos por terceiros, como alojamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de alojamento para estudantes estrangeiros.</li> </ul>

### 1.3 Pós-mobilidade

Não se aplica.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.

## 2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

### 2.1 Ambiente Acadêmico

Sobre as experiências de estudantes estrangeiros no contexto acadêmico, os dados coletados informam pouco.

A principal questão é a realização de aulas em outro idioma, que não seja o local – português. Há também, problemas de adaptação em razão de alguns estudantes não dominarem o idioma português, o dificulta o adequado progresso acadêmico. Contudo, como experiência capaz de promover a reflexão sobre cidadania cosmopolita, numa IES foi registrado que ocorrem eventos que tratam da interculturalidade.

Entretanto, alguns estudantes sofrem por não conseguirem lidar com problemas diversos e nem com eles próprios. Com frequência, estudantes têm buscado ajuda psicológica em razão da distância, afastamento familiar e cultural. Em muitas ocasiões os estudantes não demonstram aos colegas e professores os transtornos causados pela nova rotina e vivência até procurarem o gabinete de mobilidade. Essas ocorrências têm feito com que as IES acompanhem melhor os estudantes, oferecendo, quando necessário, atendimento especializado.

Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos com temática sobre interculturalidade;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade nas aulas ministradas em outro idioma, que não seja o português;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilização de auxílio psicológico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de domínio da língua portuguesa.</li> </ul>
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
<p>As associações de estudantes que visam proporcionar boa adaptação e bem-estar aos colegas estrangeiros são responsáveis por grande parte das experiências dos estudantes em mobilidades fora dos muros das universidades. Por elas, são organizados eventos de toda natureza, debates, viagens a outras cidades, visitas a pontos estratégicos locais, festejos culturais e encontros gastronômicos. Ainda, oferecem, por meio de convênios, desconto em produtos e serviços aos estudantes em mobilidade.</p> <p>Contudo, alguns estudantes passam por problemas durante este período, sobretudo financeiros, o que impacta diretamente sua saúde física e emocional pela insuficiência de recursos, o que impede a participação em alguns eventos, como os citados acima. Ademais, a ausência de alojamento adequado também interfere na qualidade da vivência do estudante, que, por vezes, compartilha um quarto com pessoas desconhecidas, limitando sua privacidade.</p>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de associação de estudantes com o fim de auxiliar estudantes estrangeiros;</li> <li>• Organização de viagens, eventos, visitas a pontos estratégicos e eventos de diversas naturezas;</li> <li>• Oferta de serviços ou produtos específicos a estudantes em mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade financeira;</li> <li>• Falta de privacidade em alojamentos inadequados.</li> </ul>
<b>3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL</b>	
<b>3.1 Amadurecimento</b>	
<p>Demonstram amadurecimento no trato com os colegas e familiares, além de adaptarem-se mais facilmente a outras realidades. Alguns estudantes “voltam mais abertos”, com uma “nova maneira de olhar”; além de reconhecerem a importância da experiência para o currículo profissional.</p> <p>A necessidade de adaptação a uma nova cultura pode dar causa a um “real crescimento pessoal”, de sua rede de contatos, de como “gerir seu dinheiro”, pois “mamãe não está lá para cuidar”. Como afirmado, estudantes “encantaram-se consigo mesmos” em razão da experiência “fora da origem”. Ademais, saber que “os estudantes conseguiam desenrascarem-se” em relação à moradia, revela quão valiosa é esta experiência para o seu amadurecimento e independência.</p> <p>Entretanto, alguns estudantes sofrem por não conseguirem lidar com problemas diversos e nem com eles próprios. Com frequência, estudantes têm buscado ajuda psicológica em razão da distância, afastamento familiar e cultural. Em muitas ocasiões, os estudantes não demonstram aos colegas e professores os transtornos causados pela nova rotina e vivência até procurarem o gabinete de</p>	

<p>mobilidade. Essas ocorrências têm feito com que as IES acompanhem melhor os estudantes, oferecendo, quando necessário, atendimento especializado.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de habilidade para lidar com novos problemas;</li> <li>• Isolamento social.</li> </ul>
3.2 Visão de Mundo	
<p>A mobilidade internacional, conforme dados coletados, é capaz de proporcionar uma visão mais plural da sociedade. Deste os primeiros apontamentos, restou claro que a mobilidade pode contribuir para o desenvolvimento pessoal do estudante. Mesmo durante um período de residência em outro país, alguns estudantes demonstram interesse e preocupação com questões internas de seu país de origem. Como registrado, a compreensão da realidade, da própria história de vida e, até mesmo, a relação com seu local de origem, podem ser diferentes quando observados de fora.</p> <p>A oportunidade de o estudante viver em outra cultura, outras pessoas, “abre horizontes, pois cada país tem suas particularidades”. Somente, como foi dito por uma informante, os estudantes “têm que sair para valorizar”. Ainda, estudantes relatam aos gestores que “ter uma outra representação do mundo” é algo extremamente positivo.</p> <p>Foi apontado, ainda, que muitos estudantes em mobilidade, quando retornam, registram seu contentamento e reconhecimento com a qualidade de sua instituição de origem – o que é facilitado pelo conhecimento de outras realidades institucionais.</p> <p>Os resultados desse amadurecimento e ampliação da visão de mundo são verificados no futuro, quando muitos testemunhos apontam para o êxito profissional após a participação em algum programa de mobilidade acadêmica internacional</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em eventos que discutem temas internacionais;</li> <li>• Interesse com questões relativas ao local de origem;</li> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Reconhecimento da qualidade da IES de origem;</li> <li>• Êxito profissional decorrente da mobilidade acadêmica.</li> </ul>	<p>Não se aplica.</p>

## 3.2 Espanha

España, estabelecida como uma monarquia constitucional, tem como capital a cidade Madrid. O país europeu tem pouco mais de 47 milhões de habitantes (INE, 2019), sendo, aproximadamente, 1,3 milhão de estudantes terciários matriculados em 2019 (MCIU, 2020), considerando os três níveis de formação no ensino superior: licenciatura, mestrado e doutoramento.

A Constitución Española, de 1978, em seu artigo 10, afirma que “la dignidad de la persona, los derechos inviolables que le son inherentes, el libre desarrollo de la personalidad, el respeto a la ley y a los derechos de los demás son fundamento del orden político y de la paz social”. Em relação aos estrangeiros, o artigo 13 garante que “los extranjeros gozarán en España de las libertades públicas”. Portanto, os estudantes em mobilidade gozam de proteção constitucional quanto ao tratamento digno, garantindo-se a eles as liberdades civis.

Após Portugal, o primeiro destino internacional foi Espanha, outro país europeu inserido na definição de território ibero-americano, portanto, inquestionável sua relevância e pertinência. Saliento que a viagem foi realizada exclusivamente para a Pesquisa de Campo.

Ao percorrer a região central da capital espanhola, observei o seu contexto cultural e político (NC 07). Após alguns quilômetros de caminhada, num agradável domingo de primavera, presenciei algumas manifestações públicas em Paseo del Prado, como danças tradicionais, protestos pelo fim de touradas e pelo aumento das pensões dos cidadãos reformados. A finalidade da observação foi aproveitar o domingo para conhecer alguns locais possivelmente frequentados por estudantes estrangeiros e verificar como podem ser suas experiências em Madrid.

Na Plaza de Jacinto Benavente, deparei-me com um grupo formado por aproximadamente 30 pessoas de Nicarágua, país centro-americano, que protestavam contrariamente ao regime político estabelecido em seu país. A manifestação ocorria a alguns passos de onde era celebrada a vitória do Real Madrid na Liga dos Campeões da UEFA, campeonato futebolístico de grande audiência. Após os protestos, fui em busca de estudantes estrangeiros presentes ao ato. Conheci dois jovens universitários nicaraguenses (EST 01, EST 02) que aparentavam vergonha pela exposição pública; mas, ainda assim, aceitaram responder algumas perguntas sobre o ato político. A abordagem, nesse contexto, não poderia ser outra, senão a mais amigável e informal possível, visto que eu era estranho àquele grupo. Estava nítida a exposição de sentimentos, comportamentos e emoções de todo o tipo pelos participantes: alegria, tristeza, revolta, liberdade, união, perseguição, preocupação, dúvida, alívio, entre outros.

Apresentei-me de forma clara e expus o objetivo das poucas perguntas: saber se para eles a mobilidade acadêmica em Espanha contribuiu para o desenvolvimento pessoal e a compreensão do que é viver em outra realidade. Mais tranquilos e abertos após o esclarecimento, afirmaram que aquele ato público foi organizado para demonstrar apoio e solidariedade aos seus compatriotas, pois o direito de manifestar sobre temas políticos, segundo relataram, não é permitido em Nicarágua. Em seguida, indagados acerca de como é viver em Madrid e quais são seus planos após os estudos, afirmaram estar adaptados e estabelecidos na cidade e que não pretendem voltar ao país de origem. Contudo, preocupam-se com os familiares e amigos que se encontram em Nicarágua, pois sempre acompanham os noticiários e a vida política do país.

Sobre os benefícios de sair do seu local de origem e estudar em outro, destacaram que o sentimento de liberdade vivenciado em Madrid foi significativo para a compreensão do que é, na prática, o exercício da democracia. EST 01 afirmou que o protesto será divulgado a familiares e amigos que estão em seu país; é uma forma de mostrar aos conterrâneos que é possível viver num regime político que garante liberdade de expressão e de manifestação aos cidadãos. Entretanto, enquanto tais garantias não são realidade por lá, os que se encontram fora têm o dever de se posicionar sobre temas sensíveis ao governo e às constantes violações de Direitos Humanos. Por fim, demonstrando vontade de voltar para a dispersão do ato, os dois estudantes, em sintonia, afirmaram que a experiência em Espanha contribuiu de forma significativa para a compreensão do que é cidadania e liberdade política.

Uma segunda oportunidade de entrevista ocorreu de forma inusitada (NC 08). Conheci um jovem português (EST 03) hospedado no mesmo alojamento em que me encontrava. EST 03, em 2017, foi para a cidade de Belo Horizonte, Brasil, enquanto estudante de engenharia em nível de graduação, através do programa Erasmus. Em atenção ao destino da mobilidade, Brasil, os dados serão apresentados na seção própria a este país.

Dando seguimento à Pesquisa de Campo, dirigi-me a uma universidade pública de Madrid (IES 04, NC 09). Em conversa espontânea e não agendada com IIE 06, integrante do gabinete de mobilidade internacional, obtive informações relevantes sobre o perfil dos estudantes internacionais ali presentes. A entrevista durou aproximadamente 15 minutos e ocorreu nas dependências de IES 04.

IIE 06 afirmou que, dentre os estudantes de origem ibero-americana, os mexicanos encontram-se em vantagem numérica frente aos demais. Além das ações de acolhimento aos estudantes estrangeiros, IES 04 organiza duas jornadas anuais

de boas-vindas. Nessa ocasião, além da apresentação da estrutura física do campus, os alunos conhecem seus mentores (estudantes espanhóis responsáveis pelo acompanhamento de estrangeiros). Segundo seu relato, de modo geral os participantes ibero-americanos não têm dificuldades de adaptação. O idioma espanhol facilita a integração e a adaptação ao novo contexto, mesmo em relação aos falantes da língua portuguesa. Ademais, como a maioria dos estudantes ibero-americanos, em especial os mexicanos, comunicam-se em inglês, há uma nítida integração com estudantes provenientes de outros países da Europa.

Segundo IIE 06, é frequente o ajuntamento de mexicanos e alemães, por exemplo, que se apoiam e convivem de forma harmoniosa, ajudando uns aos outros nas atividades acadêmicas e na integração local. Apesar de a IES 04 não possuir um edifício para alojamento, o que, de fato, traduz-se num entrave à adequada adaptação dos estrangeiros, resta claro que os estudantes ibero-americanos se sentem bem acolhidos e integrados ao contexto madrileno.

Compreendendo o objetivo da investigação, IIE 06 espontaneamente afirmou que a mobilidade acadêmica é uma ótima oportunidade para reunir as famílias dos estudantes. Relembrou casos de estudantes estrangeiros que vieram acompanhados de seus pais ou que, durante a estadia, encontraram-se para visitar outros países europeus. Esclareceu que muitos estudantes latino-americanos que frequentam IES 04 têm boa condição econômica; mas, mesmo assim, demonstram que querem permanecer em Espanha porque vivenciam, de modo positivo, novas experiências em relação à cultura, economia e política. Portanto, sendo o país uma referência geopolítica para muitos latino-americanos, a mobilidade acadêmica torna-se um caminho para a realização de sonhos e a construção de novos planos.

Dispor-se a buscar informações pertinentes à mobilidade sem contato antecipado implica correr riscos - foi o que ocorreu em visita a IES 05 (NC 10), também em Madrid. Após localizar o gabinete responsável pelos programas de mobilidade acadêmica, não fui atendido. Os funcionários solicitaram o envio de uma mensagem eletrônica com as indagações; a mensagem foi encaminhada, entretanto sem resposta. A visita ao campus serviu para conhecer a estrutura de IES 05 e parte de sua organização administrativa, ainda que sem acompanhamento.

Encontrei ali um folheto contendo informações acerca do calendário semestral de atividades para estudantes estrangeiros, elaborado pelo ESN, também presente em Portugal. No panfleto, consta uma série de atividades destinadas aos estudantes em mobilidade. São viagens a cidades espanholas (Segovia, Sevilla, Valencia, Aranjuez, Cuenca, Ibiza, Santiago), a Portugal, a locais da cidade e a eventos culturais (Palacio Cibeles, Tablao Flamenco, Charla sobre el Holocausto, Exposición de Auschwitz, discotecas, Palacio Real, Ruta de los vinos, Círculo de Bellas Artes, Museo Thyssen, Microteatro, Fiestas de San Isidro, Ecoweekend, Museo Reina Sofia, entre outros). Ressalto que todas essas atividades correspondiam à programação entre março e junho daquele ano, 2018. Desse modo, há um planejamento semestral que promove a socialização dos estudantes estrangeiros de modo constante e diversificado.

Junto ao folder estava um outro encarte publicitário, o qual oferecia seguro de saúde exclusivo para estudantes em mobilidade com idade entre 14 e 30 anos. Restou evidente o quão significativo e importante é para a economia local a presença de estudantes estrangeiros.

Após caminhar nas vias públicas do campus de IES 05, dirigi-me a outra instituição de ensino (IES 06, NC 11), de natureza privada. Direcionada a cursos de



mestrado e doutoramento, julguei dispensável a coleta de dados, pois não atenderiam aos objetivos da pesquisa, que prima pela experiência de jovens ibero-americanos em cursos de graduação.

Encerrada a apresentação dos dados coletados em Espanha, retomo às informações obtidas por ID 02 acerca de sua experiência vivida em Barcelona enquanto funcionário de um alojamento. Durante sua experiência nessa cidade, ID 02 afirmou ter convivido com muitos estudantes latino-americanos que ficavam alojados no hostel. O alojamento não recebia apenas estudantes recém-chegados, mas também aqueles que buscavam residência permanente durante o período da mobilidade. Informou que, geralmente, “os estudantes conseguiam desenrascar-se” de forma satisfatória em relação à moradia.

De acordo com sua experiência em Barcelona, ID 02 aponta que conheceu sobretudo argentinos e brasileiros. Os brasileiros estavam em desvantagem por causa da língua - o que não lhe pareceu um problema de primeira ordem, pois a “euforia e a alegria” dos recém-chegados sobrepujavam as dúvidas e os medos no processo de adaptação. O maior obstáculo à integração dos estudantes, segundo ele, era encontrar um alojamento definitivo, pois, como a cidade recebe um número elevado de turistas, os valores para arrendamento sofrem muita variação durante o ano. Assim, muitos estudantes estrangeiros voltavam ao hostel, quando necessário, até conseguirem um novo local de residência. Ainda, afirmou que os estudantes demonstravam um sentimento misto de saudade de casa e, ao mesmo tempo, um antecipado saudosismo em relação à cidade e à vivência cultural catalã. Por fim, ID 02 afirmou ter a impressão de que a experiência dos estudantes ibero-americanos em Barcelona é sempre muito positiva e satisfatória.

- Tabela categorizada

Apresento, a seguir, assim como feito na seção anterior, excertos e reflexões pessoais sobre a mobilidade internacional, de acordo com os dados correspondentes a Espanha.

Tabela 4  
**Tabela Categorizada – Espanha**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
Há um número expressivo de participantes latino-americanos, o que se justifica pela referência político-cultural que o país exerce sobre a maioria dos países americanos. Registro, ainda, a dificuldade de coletar dados pessoalmente em determinada IES.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade de atendimento presencial.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
Os dados coletados apontam para a realização, assim como percebido em IES anteriores, de eventos de boas-vindas aos estudantes estrangeiros, momento em que os recém-chegados conhecem a estrutura física da IES e são apresentados a seus mentores. Não foi identificada a existência de alojamento para acolher estudantes estrangeiros.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de alojamento para estudantes estrangeiros.</li> </ul>
1.3 Pós-mobilidade	
Não se aplica.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.
2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS	
2.1 Ambiente Acadêmico	
Ficou constatado que não ocorrem problemas significativos com estudantes no contexto acadêmico. O idioma espanhol não dificulta o progresso estudantil, visto que a maioria de estudantes ibero-americanos são hispânicos. Ademais, a maioria	

dos estudantes ibero-americanos também se comunicam em inglês, facilitando a integração acadêmica e social com outros estudantes, sobretudo de outros países europeus.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil adaptação linguística.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudantes estrangeiros (falta de integração com os locais).</li> </ul>
2.2 Fora do ambiente acadêmico	
<p>Organização de atividades destinadas a estudantes estrangeiros, elaboradas pela associação de estudantes, que visam a socialização de estudantes estrangeiros. São realizadas viagens nacionais e internacionais e eventos culturais.</p> <p>Os estudantes estão inseridos num local que oferece serviços específicos, como seguro de saúde exclusivo para estudantes em mobilidade.</p> <p>Muitos estudantes utilizam alojamentos compartilhados como residência. Isso ocorre não apenas na chegada à cidade, mas durante o período de mobilidade, se necessário. Contudo, a forte atividade turística da cidade restringe a oferta de alojamento para estudantes, que, por vezes, não têm condições para arcar com os altos valores cobrados.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de associação de estudantes com o fim de auxiliar estudantes estrangeiros;</li> <li>• Organização de viagens, eventos, visitas a pontos estratégicos e eventos de diversas naturezas;</li> <li>• Oferta de serviços ou produtos específicos a estudantes em mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade financeira;</li> <li>• Falta de privacidade em alojamentos inadequados.</li> </ul>
3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL	
3.1 Amadurecimento	
<p>A mobilidade faz com que experiências pessoais resultem em transformações significativas. A preocupação com familiares e amigos no país de origem pode revelar que há um novo olhar em relação às relações interpessoais. Estudantes, mesmo em outro país, demonstraram preocupação e solidariedade aos seus compatriotas, por estes estarem inseridos num regime político que limita liberdades civis. A vivência de novas experiências nesse campo, conscientiza o estudante de que ele tem direitos que devem ser assegurados.</p> <p>Ainda que possa haver desvantagem de alguns estudantes em relação à língua, ficou evidente, para um informante que conhece estudantes estrangeiros em Barcelona, que a “euforia e a alegria” dos recém-chegados sobrepujava as dúvidas e os medos no processo de adaptação. Para ele, os estudantes demonstravam um sentimento misto de saudade de casa, e, ao mesmo tempo, um antecipado saudosismo em relação à cidade e à vivência cultural catalã. A</p>	

impressão de quem conheceu alguns estudantes em mobilidade é de que a experiência é sempre muito positiva e satisfatória.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Preocupação sadia com familiares e amigos;</li> <li>• Superação de adversidades.</li> </ul>	Não se aplica.
3.2 Visão de Mundo	
<p>O sentimento de liberdade vivenciado por alguns estudantes nicaraguenses em Madrid foi significativo para a compreensão do que é, na prática, o exercício da democracia. Compartilhar o exercício da liberdade de expressão em público é uma forma de mostrar aos conterrâneos que é possível viver num regime político que garante liberdade de expressão e de manifestação aos cidadãos. Entendem que, enquanto tais garantias não são realidade por lá, os que se encontram fora têm o dever de se posicionarem sobre temas sensíveis ao governo e às constantes violações de Direitos Humanos. Dessa forma, a experiência em Espanha contribuiu de forma significativa para a compreensão do que é cidadania e política.</p> <p>Ademais, alguns pais aproveitam o período da mobilidade de seus filhos para conhecerem outros países europeus, vivenciando novas experiências em relação à cultura, economia e política.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em eventos que discutem temas internacionais;</li> <li>• Interesse com questões relativas ao local de origem;</li> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Possibilidade de viajar a outras cidades e países.</li> </ul>	Não se aplica.

### 3.3 Colômbia

A República de Colombia, capital Bogotá, está localizada no noroeste da América do Sul. Sua população estimada para 2020 é de 50 milhões de habitantes (DANE, 2020). Segundo dados oficiais (Mineducación, 2020a), cerca de 2,4 milhões são estudantes do ensino superior. O grau terciário no país divide-se em dois níveis

de formação, *pregrado* e *posgrado* (Mineducación, 2020b). No primeiro, organizam-se os programas técnicos profissionalizantes, tecnólogos e profissionais (universitários); no segundo, níveis de especialização, mestrado e doutoramento.

A Constitución Política de Colombia assegura em seu segundo artigo que “Las autoridades de la República están instituidas para proteger a todas las personas residentes en Colombia, en su vida, honra, bienes, creencias, y demás derechos y libertades, y para asegurar el cumplimiento de los deberes sociales del Estado y de los particulares” (Colombia, 1991). O texto constitucional, portanto, afirma o compromisso do Estado com os estrangeiros residentes em seu território. Ainda, garante a todos liberdade e igualdade perante a lei com mesma “protección y trato de las autoridades y gozarán de los mismos derechos, libertades y oportunidades sin ninguna discriminación por razones de sexo, raza, origen nacional o familiar, lengua, religión, opinión política o filosófica”, conforme dispõe seu artigo 13.

Após a Pesquisa de Campo em Madrid, iniciei em Bogotá a busca de dados acerca da mobilidade no continente americano. Hospedei-me próximo a uma universidade pública com a expectativa de facilmente encontrar estudantes estrangeiros, já que o entorno de grandes universidades apresenta um fluxo acentuado do público alvo da investigação.

No alojamento, mesma modalidade daquelas em que estive em Lisboa e Madrid, hostel, ocorreu o primeiro contato com um estudante estrangeiro (NC 12): o funcionário da recepção (EST 04) - um estudante brasileiro radicado na cidade. EST 04 afirmou complementar sua renda com essa atividade. Logo que soube do meu propósito na cidade, prontificou-se a responder algumas perguntas sobre sua experiência em Bogotá.

Indagado acerca do motivo da mudança de país, EST 04 afirmou que o seu objetivo era realizar um curso de pós-graduação (*lato sensu*) em negócios internacionais. Sobre a realidade da sala de aula e como foi recebido na IES, afirmou ter colegas de outros países, como Noruega e China. O contato com pessoas de outras partes do mundo, não apenas na IES, mas também na cidade tornou sua experiência internacional ainda mais enriquecedora.

Em relação aos colegas colombianos, sentiu-se bem acolhido ao perceber, de imediato, que se tratava de um povo alegre e cordial. A cultura, a música e as pessoas tornaram sua vivência mais rica e satisfatória. Nesse sentido, prefere a Colômbia ao Brasil. Contudo, ressaltou que “quando algum estrangeiro busca uma colocação profissional, ainda que tenha um bom currículo e seja proveniente de uma boa universidade, sempre os colombianos terão preferência”. Então, por falta de oportunidades profissionais, dedicava-se ao trabalho de rececionista, o que lhe proporcionava maior contato com estrangeiros que viajam à Colômbia. EST 04 salientou que ali sempre participou de conversas sobre assuntos diversos, da política italiana ao café colombiano, e que a troca de informações e a comunicação com pessoas de diversas partes do mundo tornou-se uma oportunidade para ampliar sua visão de mundo e conhecer discursos legítimos acerca de temas geralmente conhecidos apenas através dos meios de comunicação. De fato, durante os dias hospedado naquele local encontrei pessoas de Espanha, Itália, França, Alemanha, Israel, China, Estados Unidos e Brasil, o que corrobora a multiculturalidade evidenciada por EST 04.

A experiência relatada por EST 04 possibilitou-me compreender quais são as dificuldades que estudantes em mobilidade podem enfrentar em relação ao planejamento financeiro. Procurar uma fonte de renda complementar pode ser uma

alternativa, ainda que não garantida legalmente, pois nem todos os países permitem que estudantes estrangeiros desempenhem atividades remuneradas. Assim, EST 04 aproveitou a oportunidade laboral para manter contato com pessoas de outros países, o que lhe proporcionou experiência em relação à sua área de estudo, negócios internacionais.

Em visita a uma universidade pública colombiana (IES 07, NC 13), o primeiro impacto foi o visual. Deparei-me com um campus bem estruturado e de grandes proporções. Sua estrutura física conta com vários edifícios, praças, restaurantes e barracas que vendem alimentos de modo informal à comunidade que frequenta o local - estudantes, professores e visitantes. Contudo, chamou-me atenção a poluição visual presente nas edificações, cobertas por uma profusão de cartazes e pinturas de cunho político. Aproximei-me de um grupo de estudantes e indaguei se aquelas intervenções visuais eram autorizadas e se tinham apoio dos estudantes. EST 05 respondeu-me que apenas uma minoria de alunos é responsável pelos ideais ali manifestados. Ainda, afirmou que os estudantes responsáveis pelas pinturas e cartazes realizam protestos que paralisam as atividades acadêmicas do campus, suspendendo as aulas geralmente uma vez por semestre. Tal observação é relevante para compreender o ambiente frequentado por estudantes estrangeiros que desconhecem a cultura acadêmica local.

Despertou-me, portanto, interesse em conhecer o perfil acadêmico dos estudantes. Assim, dirigi-me ao edifício que abriga a biblioteca, localizado na praça principal do campus, e constatei que às 8h20min quase a totalidade das mesas estavam ocupadas por jovens concentrados em seus estudos. Destaco que a biblioteca conta com acervo visualmente satisfatório e grande quantidade de mobília para o estudo.

Além das observações ambientais, registrei informações obtidas em conversa com um profissional do gabinete de relações internacionais (IIE 07, NC 14). Com disposição, IIE 07 recebeu-me em seu gabinete para conversar acerca dos programas de mobilidade, conforme propus semanas antes por meio de correspondência eletrônica. Dirigimo-nos a um espaço próprio para reunião. Antes de iniciar a conversa fomos interrompidos por uma pessoa que necessitava resolver um problema relativo à forma como uma IES brasileira classificava o desempenho de estudantes. Diferente do método adotado por IES 07, que indica nota entre 1 e 5, a universidade brasileira apresentava documento com conceito alfabético. Sabendo de minha origem brasileira, solicitaram-me, pois, ajuda a fim de compreenderem a classificação utilizada no referido documento. De imediato, revelou-se um problema que poderia ter sido evitado se houvesse prévio esclarecimento acerca de como as instituições organizam-se burocrática e pedagogicamente.

Após alguns minutos de diálogo, IIE 07 ofereceu-se para me apresentar o campus da universidade, que tem aproximadamente 30 mil estudantes e 11 faculdades. A visita durou cerca de uma hora. Espontaneamente, IIE 07 explicou como funciona o sistema de ensino colombiano, pois, ciente das significativas diferenças entre os países, ponderou ser útil para a minha investigação alguns esclarecimentos. O ensino superior em Colômbia é composto de cursos de *pregrado* e *posgrado*. Os primeiros, com duração de quatro ou cinco anos, correspondem às licenciaturas em Europa, enquanto os segundos referem-se aos cursos de especialização, mestrado e doutoramento. Ressaltou que os estudantes podem terminar o ensino médio com 16 anos, já que o ensino básico obrigatório tem dois anos a menos que o sistema europeu.



Ainda, ao relacionar a conversa com o tema da investigação, frisou que apenas os que cursam mais de dois anos do *pregrado* são elegíveis aos programas de mobilidade acadêmica, em razão da possibilidade de ainda serem incapazes perante a lei e por não possuírem maturidade suficiente para participar de um programa internacional.

Indagado a respeito da poluição visual de cunho político percebida por mim logo quando ali cheguei IIE 07 afirmou que todos os semestres os edifícios são pintados, mas são imediatamente pichados, ou seja, o ato político faz parte da cultura universitária local.

Após a gentileza e presteza das informações dadas por IIE 07, busquei informações de outras fontes (NC 15). Fui até a Faculdade de Letras que tem um programa de ensino de espanhol para estudantes estrangeiros e para a comunidade externa. Contudo, os professores encontravam-se em sala de aula. Então, apresentaram-me um estudante (EST 06) que organizava um grupo de acolhimento a estrangeiros. EST 06 afirmou manter um clube de universitários cujo objetivo era acolher estrangeiros por meio de reuniões, visitas a pontos turísticos da cidade, aulas de apoio para a aprendizagem da língua espanhola (principalmente em relação à norma culta e expressões típicas do país), encontros culturais, entre outras atividades que pudessem facilitar a integração dos participantes na sociedade.

Destaco que EST 06 relatou que em 2017 esteve em França na condição de estudante em mobilidade. Após sentir-se integrado à IES francesa por meio da participação em eventos de acolhimento, motivou-se a fazer o mesmo em IES 07. Como sua experiência em França foi exitosa, afirmou, com grande entusiasmo, não medir esforços para proporcionar o mesmo a estudantes estrangeiros em Colômbia por reconhecer que faltam atividades específicas a este público. Ainda, afirmou que

naquele semestre cerca de nove estudantes estrangeiros participaram dos encontros, mas sabe que existem centenas de outros que poderiam aproveitar melhor a sua disposição e voluntariado.

Muitos dados coletados em IES 07 foram novos para a investigação, sobretudo por ter sido a primeira IES fora do continente europeu. Em dado momento de reflexão, indaguei-me quais poderiam ser as percepções e sentimentos de estudantes estrangeiros quando chegam pela primeira vez à IES de destino. Ao observar a arquitetura, os hábitos, a alimentação, o transporte, a comunicação entre pessoas, entre outras situações rotineiras em IES 07, foi possível, em suposição, experimentar como se fosse um estudante em mobilidade em Bogotá.

A busca por mais informação levou-me à uma universidade privada (IES 08, NC 16). Trata-se de uma instituição com boa infraestrutura e número elevado de estudantes. Em visita à IES 08, o serviço de segurança orientou-me a procurar o gabinete que trata dos assuntos internacionais. Contudo, não forneceram qualquer tipo de informação, pois a pessoa que chefiava o gabinete não se encontrava no país, visto que estava em viagem ao exterior para participar de reuniões relativas a convênios interinstitucionais. Obtive, então, o endereço eletrônico para contactá-la.

Ao saber que IES 08 oferecia cursos de espanhol para estudantes estrangeiros, dirigi-me até o gabinete responsável. Recebeu-me IIE 08, que se propôs a responder algumas perguntas. Em relação à estrutura e proposta do curso de espanhol, que também é dirigido ao público externo (executivos, estagiários, estudantes e demais interessados), IIE 08 afirmou, em poucas palavras, que a proposta é integrar culturalmente os participantes por meio de visitas a pontos estratégicos e culturais da cidade.

Após deixar a universidade, enviei correspondência eletrônica ao endereço indicado e obtive resposta de IIE 09. De acordo com a rápida resposta, os estudantes do curso de Comunicação e Linguagem são os mais participativos nos programas de mobilidade internacional, sendo maioria mulheres e de nacionalidade mexicana. Sobre os trâmites burocráticos, IIE 09 esclareceu que a comunicação entre o gabinete e os estudantes estrangeiros ocorre, em grande parte, por correspondência eletrônica e trata de questões como: dados do processo de candidatura, opções de alojamento e demais informações úteis para a preparação dos estudantes. Quando chegam, são orientados, também por correspondência eletrônica, a formalizarem a inscrição pessoalmente, assim que recebidos no gabinete. Ademais, ocorrem duas reuniões semestrais de orientação antes do início das aulas.

Para IIE 09, os estudantes relatam o bom nível de IES 08 e a atenção recebida pelos profissionais da instituição. Contudo, ressaltam a necessidade de mais engajamento de *buddies* (estudantes colombianos que apadrinham estrangeiros), a fim de tornar a experiência mais atrativa e proveitosa. Como a instituição tem profissionais exclusivos para tratar dos programas de mobilidade, IIE 09 afirmou que IES 08 trabalha para ampliar a oferta de vagas, consolidando suas práticas de internacionalização.

Em relação aos contributos que a mobilidade acadêmica pode proporcionar aos participantes, apontou que a experiência permite que o estudante desenvolva “mayor respeto, mayor tolerancia y un conocimiento de primera mano de distintas culturas, cosmovisiones y formas de ver la vida”. Compartilhar a vida com pessoas de várias partes do mundo, segundo afirmou, é enriquecedor. Por fim, destacou que o trabalho dos profissionais que atuam no gabinete impacta positivamente as

experiências dos estudantes, principalmente quando desconstruem imaginários negativos em relação ao país e sua cultura.

Em busca de mais dados que pudessem melhor esclarecer como as IES colombianas promovem a mobilidade acadêmica, dirigi-me a outra IES privada em Bogotá (IES 09, NC 17). No gabinete de internacionalização, recebi-me, sem prévio agendamento, IIE 10. O diálogo durou cerca de 20 minutos. De acordo com IIE 10, os programas de mobilidade acadêmica em IES 09 são organizados, em sua maioria, por meio de convênios interinstitucionais. Cerca de 220 alunos estrangeiros são recebidos semestralmente e outros 210 são enviados. Existe, portanto, um equilíbrio quantitativo entre os participantes de mobilidade *in* e *out*. Em relação ao destino escolhido pelos estudantes colombianos, França e Espanha destacam-se como os países mais buscados. Por outra via, Alemanha e França são os que mais enviam alunos. Logo, constatei que apenas Espanha tem representatividade significativa dentre os países ibero-americanos.

Segundo IIE 10, os cursos de engenharia e administração estão entre os que mais têm alunos interessados em vivenciar a mobilidade internacional e são também os cursos que mais recebem estudantes estrangeiros. Semestralmente, IES 09 organiza atividades com duração de três dias destinadas exclusivamente aos alunos estrangeiros, cujo propósito é orientar os estudantes sobre procedimentos administrativos, apresentar a estrutura física da universidade e o grupo denominado *Hermanos sin Fronteras*, responsável pelo processo de acolhimento e acompanhamento dos estrangeiros durante a estadia na universidade.

Indaguei acerca desse grupo de acolhimento e de como ele é organizado. O projeto desenvolvido pela universidade é organizado por estudantes colombianos que prestam auxílio àqueles em mobilidade, atuando como mentores acadêmicos.

Entretanto, de acordo com IIE 10, a instituição não conta com uma política de diferenciação entre alunos nacionais e estrangeiros. Destacou, de forma efusiva, que os estudantes em mobilidade são responsáveis por sua trajetória acadêmica, pois não são permitidos procedimentos especiais em relação às disciplinas e às atividades escolares realizadas por esses alunos. Devem, todos, cumprir as normas institucionais e os pré-requisitos exigidos nos cursos.

Destaco que IES 09 conta com uma residência universitária para, quando requisitada, hospedar estudantes estrangeiros, além de manter um curso de espanhol, o que facilita a adaptação daqueles que não dominam o idioma local. Até mesmo a indicação de profissionais que realizam serviço de transporte do aeroporto à universidade ou ao alojamento é disponibilizada aos estudantes, caso necessitem.

Em atenção aos participantes em mobilidade *out*, IES 09 organiza oficinas sobre competências interculturais e outros temas pertinentes. Entretanto, o evento é aberto a todos os interessados no tema. Sobre a experiência multicultural, linguística e acadêmica dos estudantes em mobilidade, IIE 10 afirmou que ouve, com frequência, que o período vivido no exterior foi o melhor já experimentado pelos estudantes. Em sua opinião, o amadurecimento proporcionado pela mobilidade está relacionado com o exercício da autonomia do estudante. Lidar com questões financeiras, alimentação, saudade da família, organização do tempo e responsabilidades da vida adulta transforma e amadurece o estudante, pois a ausência dos pais exige novas posturas e atitudes em relação ao dia-a-dia e aos compromissos assumidos.

Em continuação, IIE 10 afirmou, em tom reflexivo, que a percepção que os estudantes em mobilidade têm em relação aos Direitos Humanos é empírica e subjetiva e não pode ser mensurada, tampouco identificada por eles. Os estudantes, muitas vezes, sequer se apercebem do significado das experiências vivenciadas e do

alargamento da visão de mundo, da noção de política, cidadania, cultura e conhecimento do mundo. Ou seja, eles vivem e compreendem novos contextos, entendem o que é o mundo fora do seu ambiente local, mas não têm consciência de que todas as experiências estão relacionadas a uma nova compreensão de cidadania, pois isso ocorre com o tempo.

Salientou, ainda, que o estudante somente consegue compreender e entender a cultura do outro se ele compreende e entende a sua, quando se reconhece e se identifica no seu próprio contexto. Por fim, apontou que apenas após o retorno ao país de origem é possível perceber uma mudança de comportamento em relação a esses temas. Esclareceu, ainda, que a mudança é real também no contexto acadêmico, pois alguns estudantes, aos regressarem com novas ideias e percepções do mundo, tentam mudar de curso ou área de estudo.

Notei que, tratando-se de uma instituição privada, tais informações foram relevantes para compreender o contexto dos estudantes e o modo em que a mobilidade é organizada. IES 09 possui discentes com melhores condições econômicas que a média da população.

De volta ao hostel, conheci uma brasileira (ID 03), acompanhada de uma amiga, que viajou para Colômbia com o objetivo de visitar sua irmã, uma estudante em mobilidade numa IES pública de Bogotá (NC 18). ID 03 afirmou que se tratava de uma “oportunidade imperdível para realizar a primeira viagem internacional”. Disse que também foi a primeira viagem internacional de sua irmã, que lhe confessara que queria, a partir daquele momento, conhecer o mundo! Emocionada, afirmou que sua irmã é muito inteligente e que após realizar um projeto de investigação em sua universidade, localizada no estado de São Paulo, Brasil, foi selecionada para participar da mobilidade com financiamento garantido para custear suas despesas.

Ter estado diante de um familiar de alguém em mobilidade acadêmica permitiu-me explorar uma nova situação. Procurei, assim, saber como a mobilidade é percebida por alguém próximo ao participante. ID 03 relatou que estava feliz pela conquista de sua irmã e que sua mãe, apesar de demonstrar preocupação com a viagem da filha, encarava a mudança como uma oportunidade para melhorar seu currículo profissional. Segundo ID 03, a família insere-se num contexto socioeconômico que inviabiliza a permanência no exterior sem apoio financeiro; assim, a mobilidade tornou-se, além de uma oportunidade para viver em outro país, conveniente para o progresso acadêmico, econômico e profissional da estudante.

Por indicação de um colombiano hospedado no hostel, visitei outra importante e tradicional universidade privada da Colômbia (NC 19, IES 10), que conta com aproximadamente 13 mil estudantes. Sem horário agendado, atendeu-me por cerca de 15 minutos IIE 11, integrante do escritório de mobilidade. Primeiro, informou-me que IES 10 possui uma equipe de profissionais para estudantes colombianos que vão para outros países e outra equipe para estudantes estrangeiros que chegam à universidade, sendo IIE 11 responsável pela mobilidade *out*.

Indagado como são organizados os programas de mobilidade realizados ali, afirmou que os estudantes, em sua maioria, participam dos programas ofertados por convênios interinstitucionais, ou seja, acordos firmados entre IES. Todos os convênios, segundo relatou, são realizados de modo recíproco em relação às propinas e taxas, não havendo, portanto, qualquer pagamento por parte do estudante à IES de destino. Esses acordos apenas não se aplicam aos convênios com IES espanholas, mas não justificou o motivo.

Segundo IIE 11, semestralmente cerca de 200 estudantes são enviados a outros países, destacando-se Espanha, França, México e Argentina, por ordem de

importância. Aproximadamente, o mesmo número de estudantes é recebido por IES 10, sendo também esses os países que mais enviam participantes. Apesar de várias nacionalidades, os estudantes ibero-americanos interagem mais entre si. Ao ser indagado se há algum apoio financeiro aos participantes, respondeu que os estudantes entrantes geralmente vêm com bolsas oferecidas pelas suas instituições de origem - se europeus, a maioria recebe auxílio por meio do programa Erasmus. Entretanto, os estudantes locais, em sua maioria absoluta, arcam com todos os custos, pois não há apoio financeiro institucional. Ademais, a ausência de bolsas não inviabiliza a mobilidade *out*, já que os estudantes que participam têm condições financeiras para manutenção em outro país.

Ainda de acordo com IIE 11, quando os estudantes são selecionados para a mobilidade *out*, o gabinete organiza duas reuniões de preparação. Uma é realizada com os pais dos estudantes, pois, com grande frequência existem dúvidas inquietantes acerca da mobilidade e se de fato o período será bem aproveitado, visto que o investimento requer a disponibilização de uma quantia relativamente alta em favor do filho ou filha. IIE 11 destacou, com sorriso nos lábios, que a reunião tem duração prevista de uma hora, mas que efetivamente dura cerca de três. Ressaltou também que alguns pais aproveitam o intercâmbio dos filhos para planejar viagens ao exterior. A segunda reunião conta com a presença dos estudantes e tem o objetivo de explicar como é a mobilidade e quais são os compromissos acadêmicos e burocráticos assumidos. Afirmou, ainda, que os estudantes estrangeiros na universidade compartilham, quando possível, informações acerca de seu país de origem, contribuindo para a compreensão da realidade cultural, linguística, política, econômica do destino.



Por iniciativa de IES 10, há um grupo formado por estudantes que já participaram de programas de mobilidade que auxilia tanto aqueles que se preparam para a mobilidade *out* quanto os estrangeiros que chegam. Como exemplo das atividades realizadas por esse grupo, IIE 11 destacou: encontro para compartilhar experiências; recepção no aeroporto; visita de reconhecimento da cidade e da universidade; informações gerais acerca da realidade local e da cultura; apoio linguístico (ainda que exista um curso de espanhol para estrangeiros); e o que mais for necessário.

Por fim, em relação aos contributos da mobilidade para os seus participantes, IIE 11 respondeu que os estudantes sempre compartilham experiências positivas, apesar de também haver situações constrangedoras. As positivas indicam que as experiências multiculturais, o aprendizado de outra língua e a vivência e amizade com estudantes de outras nacionalidades são capazes de tornar a percepção do mundo diferente. Para IIE 11, viver em outro país conduz o estudante a perceber que o mundo não é aquele apresentado pelos meios de comunicação social e que existem realidades diferentes. Todas as situações contribuem para o amadurecimento e crescimento pessoal do estudante.

Diante do contexto observado em Colômbia, destaco que há uma acentuada desigualdade social e econômica, situação também comum a toda América Latina. Restou evidente que a mobilidade organizada e promovida por instituições públicas não é a mesma que a existente nas IES privadas. A experiência dos estudantes, principalmente em relação ao acolhimento e acompanhamento, é diferente. Tal constatação foi determinante para delinear novas perspectivas de investigação em solo latino-americano.

- Tabela categorizada

Tabela 5

**Tabela Categorizada – Colômbia**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
<p>As IES visitadas revelaram estar bem organizadas em relação aos preparativos para a realização da mobilidade acadêmica, com exceção de alguns esclarecimentos necessários para a compreensão da classificação dos estudantes na IES de origem. Isso pode ser evitado com o prévio esclarecimento, nos documentos que vinculam as IES, de como as instituições organizam-se burocrática e pedagogicamente.</p> <p>Os programas de mobilidade acadêmica são organizados, em sua maioria, por meio de convênios interinstitucionais e não há, em geral, bolsas ou auxílio financeiro aos estudantes, que devem arcar com todos os custos relativos à viagem e manutenção no país de destino.</p> <p>Constatei a preocupação de limitar a participação de alguns estudantes em razão da idade e experiência acadêmica, pois, em determinada IES, apenas os estudantes que cursaram mais de dois anos do <i>pregrado</i> são elegíveis aos programas de mobilidade.</p> <p>Todas as IES visitadas mantêm gabinetes específicos com profissionais exclusivos para tratar dos programas de mobilidade. Algumas, inclusive, possuem setores diferentes para a mobilidade <i>in</i> e <i>out</i>.</p> <p>A comunicação entre IES e estudantes estrangeiros é realizada, em grande parte, através de correspondência eletrônica, que aborda questões como: dados do processo de candidatura, opções de alojamento e demais informações úteis para a preparação dos estudantes. Podem ser indicados, previamente, profissionais que realizam serviço de transporte do aeroporto à universidade, ou ao alojamento, caso necessário.</p> <p>Em atenção aos estudantes em mobilidade <i>out</i>, verifiquei a realização de oficinas destinadas a estudantes e pais, a fim de explicar como é a mobilidade e quais são os compromissos acadêmicos e burocráticos dos participantes. Ocorrem, também, eventos que tratam de temas pertinentes à mobilidade, como competências interculturais. Por vezes, podem ocorrer eventos em que um estudante estrangeiro apresenta informações acerca de seu país de origem, sua realidade cultural, linguística, política e econômica.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Critérios para seleção de estudantes em razão da idade e percurso acadêmico;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acordos interinstitucionais sem os necessários esclarecimentos acerca do método de classificação do estudante;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de funcionários engajados com o tema;</li> <li>• Gabinetes separados em mobilidade <i>in</i> e <i>out</i>;</li> <li>• Divulgação de serviços oferecidos por terceiros, como alojamento e transporte;</li> <li>• Comunicação prévia com estudantes em mobilidade <i>in</i>, antes de chegarem ao destino;</li> <li>• Realização de eventos específicos aos interessados em mobilidade <i>out</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de auxílio financeiro para estudantes em mobilidade <i>out</i>.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
<p>Verifiquei que há realidades distintas entre IES pública e privada. Enquanto na primeira evidenciou-se a insuficiência de atividades de acolhimento, nas demais são fartos os exemplos dessa prática.</p> <p>Ocorre, pelo menos, uma reunião semestral de orientação, antes do início das aulas, podendo ser duas, ou até três, a depender da IES. Nela, os estudantes são orientados em relação aos procedimentos administrativos, conhecem a estrutura da IES e são apresentados aos seus padrinhos, colegas locais responsáveis pelo processo de acolhimento e acompanhamento dos estrangeiros. A ação de apadrinhamento pode ocorrer de duas formas, acompanhamento individual ou participação em grupo, como ocorre em dada IES. Há um grupo formado por estudantes que já participaram de programas de mobilidade que auxilia tanto aqueles que se preparam para a mobilidade <i>out</i> quanto os estrangeiros que estão chegando. Contudo, em outra IES, ficou evidente a necessidade de mais engajamento dos <i>buddies</i>, a fim de tornar a experiência do estrangeiro mais atrativa e proveitosa.</p> <p>Apesar de não ser prática comum, há IES que mantém residência universitária para, quando requisitada, hospedar estudantes estrangeiros.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros;</li> <li>• Disponibilização de residência universitária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de engajamento dos padrinhos de estudantes estrangeiros;</li> <li>• Ausência de alojamento para estudantes estrangeiros.</li> </ul>
1.3 Pós-mobilidade	
<p>Um relato apontou que as IES deveriam aproveitar as experiências vividas por estudantes que participaram da mobilidade internacional para organizarem grupos de acolhimento. Trata-se, portanto de uma ação institucional pós-mobilidade que visa dar valor à experiência do estudante, engajando-o.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis

Não se aplica.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de atividades pós-mobilidade que valorizem a experiência do estudante.</li> </ul>
<b>2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS</b>	
<b>2.1 Ambiente Acadêmico</b>	
<p>O ambiente universitário em Bogotá é extremamente vivo e dinâmico. O pensar político faz parte da cultura acadêmica local, o que pode ser evidenciado nas intervenções políticas nos muros de uma IES pública. Tal observação é relevante para compreender o ambiente frequentando pelos estudantes estrangeiros. Em relação à rotina acadêmica, constatei haver IES que não adota política de diferenciação entre alunos nacionais e estrangeiros. Assim, os estudantes em mobilidade são responsáveis pela sua trajetória acadêmica, como os estudantes colombianos.</p> <p>As experiências em sala de aula são marcantes, pois o contato com pessoas de outras partes do mundo, como relatado em duas IES, é algo não esperado, tornando a experiência ainda mais multicultural e enriquecedora. Geralmente, os estudantes em mobilidade <i>in</i> formam um grupo de amizade. Mas, não apenas as experiências em sala de aula, mas em todo o contexto acadêmico, já que o trabalho dos profissionais que atuam em gabinetes de internacionalização pode impactar positivamente as experiências dos estudantes, principalmente quando desconstruem imaginários negativos em relação ao país e sua cultura, como exposto por um gestor.</p> <p>Foi constatado que em todas as IES visitadas são promovidos cursos de espanhol para estrangeiros, facilitando a adaptação daqueles que não dominam o idioma local.</p>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura acadêmica vívida;</li> <li>• Exigência de compromisso com as obrigações acadêmicas;</li> <li>• Ambiente multicultural;</li> <li>• Suporte de profissionais do gabinete de internacionalização;</li> <li>• Curso do idioma local a estrangeiros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconsideração da condição de precariedade do estudante em mobilidade;</li> <li>• Formação de grupos de estudantes estrangeiros (falta de integração com os locais).</li> </ul>
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
<p>As experiências relatadas fora do ambiente acadêmico são propensas a promoverem uma estadia enriquecedora. Contudo, algumas situações podem gerar desconforto, como ressaltou um estudante, ao afirmar que “quando algum estrangeiro busca uma colocação profissional, ainda que tenha um bom currículo e seja proveniente de uma boa universidade, sempre os colombianos terão preferência”. A falta de oportunidade no mercado de trabalho pode levar o estudante a desempenhar atividades informais, mesmo que não permitidas pela legislação local.</p>	

<p>A rotina dos estudantes estrangeiros não é constituída apenas por atividades acadêmicas. Muitos participam de programas organizados por associações que têm o objetivo acolhê-los por meio de reuniões, visita de reconhecimento da cidade e da IES, aulas de apoio para a aprendizagem da língua espanhola (principalmente em relação à norma culta e expressões típicas do país), encontros culturais, entre outras atividades que facilitem a integração à sociedade.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de associação de estudantes com o fim de auxiliar estudantes estrangeiros;</li> <li>• Organização de viagens, eventos, visitas a pontos estratégicos e eventos de diversas naturezas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda de oportunidades profissionais em razão da condição de imigrante.</li> </ul>
3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL	
3.1 Amadurecimento	
<p>Como constatado em Portugal e Espanha, as experiências em outro país permitem que o estudante desenvolva “mayor respeto, mayor tolerância”. O amadurecimento proporcionado pela mobilidade acadêmica está relacionado com o exercício da autonomia do estudante. Lidar com questões financeiras, alimentação, saudade da família, organização do tempo e responsabilidades da vida adulta, transforma e amadurece o estudante, pois a ausência dos pais exige uma nova postura e atitude em relação ao dia a dia e aos compromissos assumidos.</p> <p>Para um gestor da área de internacionalização, a percepção que os estudantes em mobilidade têm em relação aos Direitos Humanos é empírica e subjetiva e não pode ser mensurada, tampouco identificada por eles durante o período da mobilidade, mas após o retorno ao país de origem. Ou seja, eles vivem e compreendem novos contextos, entendem o que é o mundo fora do seu ambiente local, mas não têm consciência de que todas estas experiências estão relacionadas a uma nova compreensão de cidadania, pois isso ocorre com o tempo. Ademais, o estudante somente consegue compreender e entender a cultura do outro se ele compreende e entende a sua, quando se reconhece e se identifica no seu próprio contexto. Esclareceu, ainda, que a mudança é real também no contexto acadêmico, pois alguns estudantes, ao regressarem com novas ideias e percepções do mundo, tentam mudar de curso ou área de estudo.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Reflexão acerca dos planos futuros no contexto profissional.</li> </ul>	Não se aplica.
3.2 Visão de Mundo	
<p>Em que pese as declarações coletas em Bogotá, a cultura, a música e as pessoas tornam a vivência muito rica e satisfatória. A troca de informações e a</p>	

comunicação com pessoas de diversas partes do mundo é uma oportunidade para ampliar a visão de mundo e conhecer discursos legítimos acerca de realidade. Viver em outro país conduz o estudante a perceber que o mundo não é aquele apresentado pelos meios de comunicação social. A vivência no estrangeiro aguça a curiosidade do estudante de conhecer outros países, como foi relatado.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troca de saberes com pessoas de outros países;</li> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Desejo de conhecer outros países.</li> </ul>	Não se aplica.

### 3.4 Chile

A República de Chile, capital Santiago de Chile, tem 19,4 milhões de habitantes (INE Chile, 2020). Em 2019, o país teve 1,8 milhão de matrículas no ensino superior (CNED, 2020), que é organizado em níveis de formação técnica, profissionalizante e universitária (licenciatura, mestrado e doutoramento).

A Constitución Política de la República de Chile, de 1980, não contém dispositivo específico aos direitos de pessoas não nacionais em seu território, que é o caso de estudantes em mobilidade, mas assegura, em seu primeiro artigo, que “las personas nacen libres e iguales en dignidad y derechos” (Chile, 1980).

Com o objetivo de conhecer melhor o funcionamento e quais as características dos programas de mobilidade acadêmica na região latino-americana, parti em direção a Santiago de Chile, cujo sistema de ensino destaca-se positivamente no continente americano. Trata-se de uma cidade que demonstra conjugar sua tradição pré-colombiana com a cultura europeia, em razão da forte presença de descendentes espanhóis.

Além de conhecer IES, busquei dados em outros locais que pudessem revelar mais o contexto de estudantes estrangeiros na cidade. A primeira coleta de dados

(NC 20) ocorreu numa paróquia próxima ao local em que estava hospedado. Ocorria ali um festejo brasileiro, denominado de Festa Junina, de cunho religioso, repleto de significado cultural com músicas, indumentárias, culinária e danças típicas da região nordeste do Brasil. Despertou-me interesse pelo fato de ser um evento brasileiro em Santiago, revelando-se uma oportunidade para encontrar estudantes estrangeiros.

A paróquia tem como missão integrar estrangeiros na cidade. De acordo com informações coletadas, tratava-se de um evento anualmente realizado, em que pessoas celebravam ao modo brasileiro esse festejo. Porém, o clima descontraído e alegre não me permitiu estabelecer diálogos longos. De acordo com ID 04, a paróquia trabalha para a reunião de imigrantes de qualquer nacionalidade, independente de distinção; portanto, não há ação específica para estudantes. Contudo, afirmou que conhece muitos estudantes estrangeiros que frequentam a congregação, pois, como o Chile é reconhecido pela boa formação acadêmica, muitas pessoas de outras nacionalidades vão ao país com finalidade de estudo. ID 04 destacou a importância de acolher esse público que, distante de seus familiares e amigos, busca na instituição religiosa integração e conforto emocional.

Na primeira IES visitada, atendeu-me a pessoa responsável pelo gabinete de relações internacionais (IIE 12) de IES 11 (NC 21), instituição pública. Durante dez minutos de conversa, obtive dados importantes para inaugurar a coleta de dados em universidades chilenas. Em relação ao acolhimento de estudantes estrangeiros, IIE 12 afirmou que a universidade concentra em seu gabinete questões de natureza burocrática, pois algumas faculdades possuem gabinetes próprios para a recepção e acompanhamento de estudantes internacionais. São aproximadamente 800 estudantes em mobilidade *in* e 500 que vão a outros países a cada semestre, destacando-se, para ambos os fluxos, as faculdades da área de humanas e o gênero

masculino dos participantes. Segundo IIE 12, os estudantes escolhem, prioritariamente, Espanha e Alemanha como destinos acadêmicos. Por outra via, a universidade recebe mais estudantes provenientes de França, Alemanha e EUA, logo, nenhum país ibero-americano encabeça a lista de nações que enviam estudantes ao país. Ademais, sobre os países da região que mais participam dos programas de mobilidade na instituição, Colômbia e México destacam-se.

Em razão da quantidade de participantes, IES 11 optou por descentralizar o serviço administrativo que trata dos programas de mobilidade. Desse modo, a instituição atribuiu às faculdades o dever de acolher estudantes estrangeiros e manter contato com outras IES para a celebração de convênios e parcerias interinstitucionais de acordo com suas prioridades, intenções e projetos acadêmicos.

Sobre os contributos da mobilidade acadêmica para os participantes, destacou que percebe uma transformação de cariz humanista. A vivência no exterior proporciona uma formação cidadã ímpar, seja através do envolvimento cultural ou pela condição de ser estrangeiro, o que obriga o estudante a adotar uma postura de respeito a opiniões diversas. O desenvolvimento de uma postura tolerante faz parte da vivência em outro país.

Ainda, IIE 12 afirmou que os estudantes, quando retornam, trazem impressões positivas da realidade multicultural experienciada, para além de um crescimento pessoal que reflete diretamente em sua independência e autonomia. Por outro lado, os estudantes estrangeiros em IES 11 relatam que conhecer a realidade latino-americana através da vivência em Chile é uma excelente oportunidade, sempre avaliada positivamente. Trata-se de um depoimento relevante para a investigação, pois a quantidade de estudantes que participam de algum tipo de mobilidade acadêmica em IES 11 é elevada.



Em outra instituição (IES 12, NC 22), de natureza privada, funcionários se recusaram a prestar informações sob o pretexto de o atendimento ser realizado apenas com hora marcada.

Dirigi-me, portanto, a um bairro que sedia várias IES. Fui gentilmente recebido, sem agendamento prévio, por IIE 13 em seu gabinete de mobilidade estudantil (IES 13, NC 23), ainda que a instituição estivesse fechada por motivo de greve de estudantes, que manifestavam contra o assédio cometido por um professor a uma aluna. Trata-se de uma universidade privada com um vasto complexo de edifícios.

Sobre como funciona a mobilidade acadêmico em IES 13, IIE 13 afirmou que a instituição conta com cerca de 162 convênios interinstitucionais para a promoção de intercâmbio de estudantes. Trata-se, portanto, da modalidade mais presente na instituição, ou seja, IES 13 favorece os programas criados por acordos interinstitucionais. Cerca de 50 estudantes locais participam de algum programa de mobilidade a cada semestre, sendo a metade contemplada com algum tipo de auxílio financeiro; por outro lado, aproximadamente 120 estrangeiros são recebidos. Ainda, ressaltou que os cursos que mais recebem estrangeiros são os de humanidades e os que mais enviam são arquitetura e negócios. Há um equilíbrio quantitativo em relação ao gênero dos participantes.

A maioria dos estudantes em mobilidade *out* escolhem Espanha como destino, enquanto os países que mais enviam são EUA, Espanha, França e Colômbia. Perquirida acerca do motivo de ser Espanha o destino mais escolhido para a mobilidade, respondeu-me que os estudantes alegam que viajar para Europa, e não para algum outro país latino-americano, tem inúmeras vantagens, em especial a facilidade de falar o mesmo idioma vivendo em Europa e experimentar outra realidade

política, econômica, cultural e social. Viajar para Argentina ou Equador não proporcionaria as mesmas experiências, segundo relatou.

Sobre como ocorre o acolhimento dos estudantes, IIE 13 ressaltou que o gabinete se preocupa mais com questões burocráticas e acadêmicas pertinentes à mobilidade *out*. Isso, porque as faculdades, que estão mais próximas dos estudantes estrangeiros, têm autonomia para organizar e promover atividades contínuas através de tutores. Contudo, IES 13 promove uma semana de acolhimento antes das aulas iniciarem, além de ofertar um curso gratuito de espanhol para não falantes do idioma.

Sobre os comentários relatados a respeito da vivência em Chile, destacou que, em sua grande maioria, são pertinentes às questões acadêmicas. Para os estudantes estrangeiros, as aulas em IES 13 têm conteúdo mais denso e mais atividades avaliativas que suas IES de origem. Outro tema compartilhado por estudantes de outros países é o alto custo de vida na cidade, seja em razão dos preços de alojamento ou, até mesmo, dos transportes públicos. Ademais, afirmam que escolheram o Chile por causa da segurança, das paisagens naturais e da diversidade cultural do país.

Em relação aos comentários de estudantes em mobilidade *out*, afirmou que, ao contrário dos que chegam, os chilenos reconhecem que o conteúdo na IES de destino é menor e as avaliações mais fáceis, o que faz com que eles valorizem mais a educação em seu país. Ademais, destacou que a mobilidade proporciona experiências importantes e inéditas, como estar em outro país, utilizar o avião como meio de transporte e estar só, distante dos familiares e amigos. Tais situações iniciam o processo de transformação e amadurecimento dos estudantes de forma significativa, pois, quando retornam da mobilidade, sempre descrevem quão valioso foi esse período.

Com euforia, IIE 13 ressaltou que os estudantes voltam contentes, mais sociáveis e comunicativos. Afirmam que querem repetir a experiência de alguma forma, principalmente realizando um curso de pós-graduação em outro país. Essa transformação, para IIE 13, é tão real que ao compartilharem seus casos com os colegas outros estudantes são convencidos de que a mobilidade é algo positivo e benéfico. Apesar de muitos serem temerosos, pois o período fora acarreta atraso no cronograma do curso, os estudantes o planejam com entusiasmo, pois acreditam que o atraso de um semestre é insignificante, comparado com o valor e importância da mobilidade. Nesse sentido, esclareceu que são os alunos que participaram em semestres anteriores os que recebem os estudantes estrangeiros, pois compreendem a importância de serem bem acolhidos.

Por fim, indaguei IIE 13 sobre a importância da mobilidade para a percepção do que é a cidadania cosmopolita. Respondeu-me que os estudantes se dão conta de que a vida em seu país de origem tem grande valor. Além disso, conhecer novas leis, novas realidades culturais e políticas é uma experiência marcante que possibilita ao estudante se situar no mundo e conhecer a realidade como ela é. Conscientizar-se de quais são seus direitos em outro país é um exercício enriquecedor para compreender, também, quais são seus deveres. Destacou que, geralmente, os estudantes comparam realidades. Questionam e propõem mudanças positivas utilizando como exemplo o que vivenciaram fora. Mobilizam-se em favor de imigrantes e pelo respeito ao próximo, ao diferente, tornam-se mais tolerantes. Relatou, ainda, que a vivência fora é importante para a formação humana e acadêmica, além da profissional, e que socializar-se e reconhecer o valor do outro, aliado ao conhecimento de uma realidade diversa, transforma a pessoa.

Em visita a uma destacada universidade pública chilena (IES 14, NC 24), sem agendamento prévio atendeu-me, com simpatia, IIE 14, que coordena o setor de internacionalização. Durante 10 minutos, fiz os apontamentos pertinentes. Em relação às características dos programas de mobilidade e perfil dos estudantes em IES 14, IIE 14 afirmou que a mobilidade ocorre por meio de convênios interinstitucionais, mas, em algumas situações, também é realizada por meio de programas que concedem bolsas para o custeio da estada. É o caso das bolsas ofertadas pelo Grupo Montevideo - organização que reúne universidades de alguns países da região latino-americana para realização de convênios. Os estudantes estrangeiros que mais chegam à IES 14 são provenientes do México, sobretudo dos cursos de engenharia e arquitetura. Já os estudantes chilenos escolhem Espanha e Brasil como principais destinos. Portanto, evidenciou-se que IES 14 mantém programas dentro do território ibero-americano, contribuindo para a mobilidade na região.

Para os estudantes em mobilidade *in*, a universidade organiza uma semana de acolhimento com informações, apresentação de monitores e divulgação das aulas de espanhol, para quem necessite. IIE 14 ressaltou que os estudantes estrangeiros alegam escolher o Chile por causa de sua rica geografia e natureza, segurança e excelência acadêmica. Em relação aos estudantes em mobilidade *out*, ponderou que o retorno é marcado pelo efusivo compartilhamento de histórias positivas e conquistas pessoais, como o desenvolvimento de novas competências, ampliação da visão de mundo e novas expectativas quanto ao futuro profissional.

De modo esclarecedor, IIE 14 revelou que o perfil econômico dos estudantes de IES 14 é de baixa renda. Portanto, o deslocamento a outro país interfere significativamente nas finanças do estudante e de sua família. A isso se deve a

inserção da instituição em programas que concedem bolsas, favorecendo estudantes que, por conta própria, não poderiam realizar o intercâmbio. Frisou que, em grande parte dos casos, trata-se da primeira viagem internacional e de avião. Além de ser um momento de realização de sonhos considerados impossíveis.

Ao final, destacou que os estudantes têm a oportunidade de conhecer muitas culturas por meio do contato com colegas estrangeiros que também participam da mobilidade acadêmica, o que ajuda a desconstruir estereótipos, ter empatia e perceber que existem diferenças entre pessoas e sociedades, apesar de sermos todos iguais e parte da mesma natureza humana. Ademais, destacou que a mobilidade possibilita o desenvolvimento de liderança, capacidade de adaptação, faz com que os jovens se coloquem no lugar do outro e tenham mais respeito em relação às diferenças.

A respeito do Grupo Montevideo, mencionada por IIE 14, dados oficiais da organização informam que se trata da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), criada em 1991 pela Universidad de La República (Uruguai) como uma associação não governamental e sem finalidade lucrativa entre universidades públicas de Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. A associação conta com 29 IES (AUGM, 2016). Numa perspectiva regional, a AUGM, sediada em Montevideo, Uruguai, apresenta-se como uma das principais organizações que promovem a mobilidade acadêmica no território latino-americano, ainda que sua atuação ocorra apenas em América do Sul. O artigo primeiro de seu estatuto afirma que sua finalidade é “impulsar el proceso de integración a través de la creación de un espacio académico común ampliado, en base a la cooperación científica, tecnológica, educativa y cultural entre todos sus Miembros” (AUGM, 1991). Nesse sentido, teve importante papel para o estudo e compreensão acerca da

dinâmica educacional e institucional do ensino superior na região, tornando-se instrumento para enfrentar os desafios acadêmicos no cone sul do continente americano (AUGM, 2018).

Desde sua gênese, um dos principais projetos implementados pela associação foi o Programa ESCALA, denominado Espacio Académico Común Ampliado Latinoamericano. De acordo com seu regulamento (AUGM, 2016), o Programa é responsável pela internacionalização da educação superior e divide-se em duas modalidades: a primeira destinada a docentes e a segunda a estudantes. A mobilidade ofertada a estudantes teve início em 2000 e limita a participação àqueles que tenham completado 50% do curso e não tenham alcançado a idade de 30 anos.

Por meio da integração e cooperação entre as IES participantes, o Programa exige o reconhecimento da atividade acadêmica realizada pelo estudante na instituição de destino pela instituição de origem. Constitui-se tal acreditação um postulado básico e fundamental da mobilidade, pois garante o avanço do plano de estudo e a equivalência do conteúdo estudado.

A última coleta de dados em ambiente acadêmico ocorreu após contato antecipado com agendamento de horário (IES 15, NC 25). Após dirigir-me ao gabinete de internacionalização de IES 15, recebeu-me, atenciosamente, IIE 15, por aproximadamente 30 minutos. Perquirido acerca das características dos programas de mobilidade ofertados por IES 15, do perfil dos estudantes participantes e quais os cursos se destacam, esclareceu que a universidade recebe, anualmente, cerca de 1600 estudantes estrangeiros provenientes principalmente de EUA, França, Alemanha, Reino Unido e Espanha, nessa ordem de participação - o que torna fundamental a limitação de vagas em razão da alta demanda. Os cursos que mais recebem estudantes em mobilidade são das áreas de humanidades e ciências

sociais. Afirmou que os estudantes estrangeiros elegem o Chile como primeiro destino latino-americano, a fim de conhecerem a realidade da região, em especial o seu contexto sociopolítico.

A universidade organiza quatro eventos de acolhimento durante o ano e seleciona tutores (estudantes) que se responsabilizam pela integração dos estrangeiros. Explicou que IES 15 tem uma oficina intitulada “Autocuidado” destinada aos estudantes em mobilidade *in*, sobretudo norte-americanos, para ajudar no processo de integração e adoção de práticas que conduzam à independência e autonomia no novo ambiente.

Sobre o que dizem os estudantes estrangeiros acerca da experiência vivenciada em Santiago de Chile, destacou que sempre são bem recebidos e acolhidos em IES 15, que eles possuem uma atenção exclusiva de serviços de saúde, que a experiência acadêmica é muito rica e satisfatória e não se trata de um período sabático para descanso ou turismo. Frisou, ainda, que os estudantes afirmam querer voltar à IES 15 e ao país para atividades futuras.

Em relação à mobilidade *out*, IIE 15 apontou que anualmente aproximadamente 800 estudantes elegem EUA, Reino Unido, Espanha e Itália como destino. São estudantes, principalmente, das áreas de engenharia, economia e arquitetura. Ainda, esclareceu que o interesse acadêmico dos estudantes se dá por dois critérios: boas universidades e países com tradição acadêmica. Indaguei-o acerca da ausência de países latino-americanos na lista dos mais escolhidos e dos que mais enviam alunos. Para IIE 15, a qualidade das universidades, seu posicionamento em rankings internacionais, a possibilidade de uma experiência acadêmica mais completa, um maior impacto na vivência internacional e a vontade de praticar novos idiomas são fatores determinantes na escolha do destino. Por isso,

os países latino-americanos não são, em grande parte dos casos, escolhidos pelos estudantes.

IIE 15 ressaltou que a educação superior em América Latina é exclusiva da elite econômica. Portanto, a política exterior está direcionada a regiões com maior destaque internacional, como EUA e países da Europa, o que torna a América Latina não atrativa para os estudantes chilenos. Sobre isso, informou que uma pesquisa realizada por IES 15 concluiu que apenas 30% dos chilenos consideram a América Latina como principal parceiro do Chile em política externa, enquanto que entre os argentinos 60% consideram ser a América Latina importante para a política externa de seu país.

Mostrando-se interessado pelo assunto e pela oportunidade de falar a respeito de seu trabalho, IIE 15 declarou que os estudantes chilenos, quando regressam, compartilham impressões positivas. Voltam diferentes, boas pessoas, com um currículo melhorado e empolgados com a possibilidade de progresso na carreira acadêmica e profissional. Frisou que há gana econômica, laboral, acadêmica e de praticar um novo idioma. A capacidade de adaptação a novas situações, o desenvolvimento de uma postura flexível, o desejo de encontrar soluções diferentes para os problemas e de ter uma nova visão em relação ao mundo não são atributos exclusivos da área acadêmica, mas também se percebem nas relações sociais e culturais. Com ênfase, ressaltou que IES 15 tem sido procurada por empresas multinacionais que buscam estudantes que participaram de algum programa de mobilidade para integrarem seus quadros de colaboradores, algo muito valorizado no mercado de trabalho em Chile.

Considerando a disponibilidade de IIE 15 e seu engajamento durante a entrevista, indaguei-o sobre suas impressões acerca da mobilidade no território ibero-



americano. Respondeu-me que é preciso potencializar o intercâmbio estudantil com bolsas e programas específicos. Como exemplo, ressaltou que há um crescimento no número de mexicanos em mobilidade na universidade, mas não é expressivo. Ademais, assegurou que há forte influência dos professores na escolha do destino. Se um professor valoriza mais determinado país ou região, o aluno é influenciado a buscar uma experiência naquele local. Assim, é preciso criar programas próprios da América Latina, inclusive cursos específicos sobre a região, tanto para nacionais como estrangeiros. Portanto, a troca de saberes entre professores de distintas áreas pode contribuir para a formação de um conhecimento alargado sobre a realidade latino-americana, valorizando mais a região. Por fim, assegurou que os programas existentes para este espaço não são eficientes porque as “instituições são débeis”. Instituições fragilizadas criam programas fragilizados, complexos e não eficientes. Alguns programas que ofertam bolsas de estudo, por exemplo, são importantes, mas não alcançam muitos estudantes, o que merce atenção para análise de sua eficiência e relevância.

Diante dos expressivos dados coletados em diversas universidades, sobretudo em relação ao elevado número de estudantes estrangeiros em Santiago de Chile, busquei informações no alojamento em que eu estava, um hostel localizado próximo a algumas instituições de ensino na região central (NC 26). Esclareço que a escolha do local e o tipo de acomodação foi, como nas cidades anteriores, proposital para observar o possível contexto vivido por estudantes em mobilidade. Contudo, ao questionar um funcionário da recepção (ID 05) sobre a permanência de estudantes estrangeiros naquele estabelecimento, fui informado de que, apesar de ser comum a presença de estudantes no início de cada semestre letivo, não se encontrava ali nenhum para conversar.

- Tabela categorizada

Tabela 6

**Tabela Categorizada – Chile**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
<p>As IES visitas em Chile, como também contatado em Colômbia, mostraram-se preparadas e organizadas em relação aos trâmites necessários para a realização da mobilidade acadêmica <i>in</i> e <i>out</i>. Algumas IES concentram um gabinete específico para questões de natureza burocrática, permitindo que algumas faculdades tratem da mobilidade <i>in</i> com o dever de acolher estudantes estrangeiros e manter contato com outras instituições para a celebração de convênios interinstitucionais de acordo com suas prioridades, intenções e projetos acadêmicos. Em todas as IES, ficou nítido o engajamento e conhecimento dos funcionários em relação à mobilidade acadêmica.</p> <p>Ressalto que grande parte dos estudantes, mesmo sem bolsa de estudo, prefere viajar para Europa ou Estados Unidos da América, e não para outro país ibero-americano, excetuando-se Espanha. A qualidade das universidades, posicionamento em rankings internacionais, a possibilidade de uma experiência acadêmica mais completa, um maior impacto na vivência internacional e a vontade de praticarem novos idiomas são fatores determinantes na escolha do destino. Por isso, torna-se necessário potencializar o intercâmbio estudantil com bolsas e programas específicos para esta região, ofertando programas ibero-americanos.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de funcionários engajados com o tema;</li> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Celebração de convênios interinstitucionais pertinentes à realidade acadêmica;</li> <li>• Programas que concedem auxílio financeiro aos participantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de programas ibero-americanos que despertem o interesse dos estudantes.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
<p>As IES têm programas de acolhimento bem estruturados. Reuniões com estudantes estrangeiros ocorrem algumas vezes durante o ano com o objetivo de integrá-los ao ambiente universitário, repassar informações úteis aos estudantes. Podem ser, inclusive, realizados pelas faculdades, de modo descentralizado. Ademais, as IES disponibilizam tutores que acompanham os colegas estrangeiros durante o período de mobilidade.</p>	

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto;</li> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>1.3 Pós-mobilidade</b>	
<p>Geralmente, as IES selecionam estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade para receberem os colegas estrangeiros, pois compreendem a importância de serem bem acolhidos.</p> <p>Há IES que mantém os dados dos estudantes que participaram da mobilidade com o intuito de responder as demandas do mercado de trabalho, sobretudo de multinacionais que procuram profissionais com experiência internacional.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização do estudante que participou da mobilidade ao possibilitar que ele atue como tutor;</li> <li>• Indicação de estudantes para vagas de trabalho.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS</b>	
<b>2.1 Ambiente Acadêmico</b>	
<p>Muitos estudantes estrangeiros, como relatado, consideram os conteúdos acadêmicos mais densos e a quantidade de atividades avaliativas e de trabalhos é superior aos das universidades de origem.</p> <p>As IES ofertam cursos de espanhol para os estudantes estrangeiros, além de realizarem oficinas durante a mobilidade com o objetivo de auxiliar no processo de adaptação à nova realidade.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exigência de compromisso com as obrigações acadêmicas;</li> <li>• Curso do idioma local a estrangeiros;</li> <li>• Realização de oficinas durante o período de mobilidade.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
<p>Os dados coletados a respeito das experiências de estudantes fora do contexto acadêmico apontam para uma integração facilitada à sociedade. Inicia-se nos alojamentos onde muitos se hospedam quando chegam à cidade, como foi observado em todas as cidades visitas até este momento. É comum que</p>	

estudantes estrangeiros, a cada início de semestre letivo, procurem um hostel até que encontrem um local definitivo.

É também no ambiente religioso que alguns estudantes em mobilidade encontram auxílio e companhia. Reuniões destinadas ao público estrangeiro, por exemplo, são organizadas por uma paróquia na região central de Santiago, que busca congregar imigrantes facilitando sua integração. Assim, além das atividades institucionais promovidas pelas IES, Santiago também oferece a oportunidade de jovens se integrarem à sociedade por meio de organizações diversas que acolhem e confortam espiritual e emocionalmente os estrangeiros.

Contudo, há relatos de que o alto custo dos serviços prejudica o aproveitamento da experiência pelos estudantes, que ficam limitados a atividades não onerosas ou de baixo valor.

Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Integração por meio de grupos que acolhem imigrantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alto custo de produtos e serviços locais.</li> </ul>

### 3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL

#### 3.1 Amadurecimento

Assim como tem sido observado em relatos anteriores, o crescimento pessoal dos estudantes que vão para outros países é nítido. A vivência no exterior proporciona uma formação cidadã ímpar, seja através do envolvimento cultural ou pela condição de estrangeiro, que obriga a dotar uma postura de respeito a opiniões diversas. Relatos apontaram que é perceptível o desenvolvimento de uma postura tolerante, sendo essa experiência capaz de desenvolver liderança, adaptação a novas situações e desenvolvimento de postura mais flexível pelo estudante. Muitos estudantes chilenos em mobilidade *out* vão pela primeira ao exterior por meio dos programas oferecidos pelas IES. Ainda, deslocam-se de avião e experimentam a solidão causada pela distância de casa pela primeira vez, o que torna a mobilidade um instrumento de significativa transformação pessoal. Foi destacado que os estudantes regressam à casa diferentes, boas pessoas, com um currículo melhorado e empolgados com a possibilidade de progresso na carreira acadêmica e profissional. Inclusive, há “ganância econômica, laboral, acadêmica, de praticar um novo idioma”. Tais situações iniciam o processo de transformação e amadurecimento dos estudantes de forma significativa, pois, quando retornam do intercâmbio, sempre descrevem quão valioso foi este período.

Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo;</li> <li>• Reflexão acerca dos planos futuros no contexto profissional;</li> <li>• Superação de adversidades.</li> </ul>	Não se aplica.

3.2 Visão de Mundo	
<p>Conhecer novas leis, novas realidades culturais e políticas é uma experiência marcante que possibilita ao aluno se situar no mundo e conhecer a realidade como ela é. Conhecer os seus direitos em outro país é um exercício enriquecedor para compreender também quais são seus deveres. Geralmente, conforme relatado, os estudantes comparam realidades, questionam e propõem mudanças positivas utilizando como exemplo o que vivenciaram no estrangeiro. Mobilizam-se em favor de imigrantes e pelo respeito ao próximo, ao diferente, pela tolerância. Contudo, também podem perceber quais são os pontos positivos de seu país.</p> <p>Restou claro que, assim como verificado em IES de outros países, é possível conhecer muitas partes do mundo através do contato com colegas estrangeiros que também participam da mobilidade acadêmica, o que permite quebrar preconceitos, desenvolver empatia e perceber as diferenças.</p> <p>Para alguns estudantes em mobilidade <i>in</i>, conhecer a realidade latino-americana através da vivência em Chile é uma excelente oportunidade, sempre avaliada positivamente. Alguns manifestam aos gestores acadêmicos o desejo de regressar ao país.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento da qualidade da IES de origem;</li> <li>• Troca de saberes com pessoas de outros países;</li> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Constatação da existência de novos preceitos éticos e morais (direitos e deveres);</li> <li>• Comparação de realidades para a proposição de mudanças positivas.</li> </ul>	Não se aplica.

### 3.5 Argentina

Ainda em viagem, parti de Santiago de Chile rumo a Argentina. A República Argentina, capital Buenos Aires, segundo projeções oficiais para 2020 (INDEC, 2020), tem cerca de 45 milhões de habitantes. De acordo com o sistema de consulta de estatísticas universitárias do país, em 2016 (ME, 2020) havia 1,9 milhão de

estudantes de *pregrado*, *grado* e *posgrado* (especialização, mestrado e doutoramento).

Seu texto constitucional, Constitución de la Nación Argentina, garante, em seu artigo 20, que os estrangeiros gozam de todos os direitos civis de cidadania, podendo “ejercer su industria, comercio y profesión; poseer bienes raíces, comprarlos y enajenarlos; navegar los ríos y costas; ejercer libremente su culto; testar y casarse conforme a las leyes” (Argentina, 1994), não necessitando adquirir a naturalização argentina para tanto.

A primeira cidade visitada foi Córdoba, rememorada na história acadêmica de todo o continente, pois é sede da primeira universidade americana, inaugurada em 1613 pela Companhia de Jesus. Em visita ao campus de uma universidade pública (IES 16, NC 27), recebi-me, sem antecipado contato e de forma acolhedora, quem chefiava o gabinete de Relações Internacionais (IIE 16). Inicialmente, obtive informações relativas de como a internacionalização ocorre em IES 16, visto que este é um de seus programas institucionais mais proeminentes. IIE 16 relatou-me que os principais programas existentes na universidade são celebrados por meio de convênios interinstitucionais, mas também são ofertados pelo programa ESCALA, mantido pela AUGM, conforme apresentado na seção anterior.

Dentre os estudantes matriculados, cerca de 300 são alunos em mobilidade *in* e apenas 120 são enviados a outros países a cada ano. IES 16 recebe os estudantes antes de se iniciarem as aulas, momento em que são apresentados à instituição e a seus futuros tutores acadêmicos. Contudo, frisou que cada faculdade tem se responsabilizado pelo acolhimento, por entender que desse modo os estudantes são instigados a estreitar relações com suas faculdades, docentes e colegas de curso.

Ressaltou que é necessário ampliar e potencializar a rede de cooperação internacional por meio de acordos bilaterais, pois os convênios havidos não são suficientes para intensificar a mobilidade universitária no continente - o que também foi destacado em Chile. IIE 16 apontou que o número de estudantes matriculados é muito alto, mas a quantidade dos que participam de algum tipo de programa internacional é muito reduzida, pois não existem bolsas de estudo suficientes para todos os interessados.

Frisou que, considerando a realidade econômica do continente e que poucas pessoas podem viajar ao exterior, há uma real possibilidade de internacionalizar as IES por meio de uma rede virtual. Nesse sentido, novas tendências têm apontado para uma internacionalização que utiliza redes de comunicação em que a internet serve como instrumento para a organização de cursos cooperativos baseados no ensino à distância. Como exemplo, destacou a possibilidade de oferta de disciplinas ministradas por professores que estão em outro país sem a necessidade de deslocamento dos alunos, bastando, para tanto, a celebração de convênios interinstitucionais para esse fim. Contudo, ao ser indagada acerca de uma possível relativização da mobilidade acadêmica, se realizada a distância, IIE 16 afirmou que a modalidade virtual cruza todas as dimensões, pois podem ser trabalhadas tanto a parte curricular como de extensão e a administrativa. Para o estudante que vivencia uma nova realidade cultural, acadêmica e social em outro país os programas devem ser muito bem organizados e executados. IIE 16 indagou, para reflexão: - qual é a intenção da mobilidade? Sua resposta, imediata, foi que relativizar a mobilidade através de cursos internacionais virtuais é uma forma de democratizar o conhecimento e dar oportunidade a mais estudantes de ter contato, ainda que virtual, com docentes e IES de outros países.

Em continuação, frisou que os meios virtuais têm o poder de fomentar a interação solidária entre países e instituições por meio de uma relação horizontal que permite mais eficiente integração regional. Indaguei se há, em sua visão, necessidade de integração regional. Sua resposta foi afirmativa ao ressaltar que o continente está dividido em blocos regionais, como a Aliança Pacífico (TPA, 2019) e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) (MERCOSUL, 2019), dificultando a interação acadêmica e institucional entre países. Ademais, não existem critérios estabelecidos para os termos da cooperação e dos procedimentos burocráticos, como a revalidação de créditos e diplomas. Por isso, afirmou não existir um programa comum a todo o continente. O programa de mobilidade da OEI, segundo relatou, funciona com grupos pequenos que privilegiam as IES espanholas, já que a maioria dos programas e financiamentos são direcionados a instituições do sul de Espanha. Por isso, enfatizou que apesar de ser importante a manutenção deste programa de mobilidade não há integração e difusão continental.

Sobre a realidade da mobilidade local e dos relatos de estudantes, afirmou que os participantes apontam impressões positivas. Entretanto, um dos problemas mais frequentes está relacionado ao idioma, que afeta apenas os estudantes de origem não hispânica, excetuando-se os falantes da língua portuguesa, pois os brasileiros e portugueses que frequentam IES 16 não têm problemas de comunicação. Outra dificuldade relatada tem a ver com a integração dos estudantes em mobilidade *in*, pois a universidade tem 120 mil estudantes, o que dificulta a socialização e o conhecimento da estrutura física de todo o campus.

IIE 16 destacou que há um relato comum a quase todos os estudantes, tanto em mobilidade *in* quanto *out*: o desejo de permanecer no local de destino por mais tempo ou de voltar em outra oportunidade. Em relação aos estudantes em mobilidade



*in*, é comum citarem a falta de segurança em alguns países latino-americanos, o que exige mais atenção e cuidado por parte do estudante. Por fim, IIE 16 convidou-me para participar da cerimônia de encerramento de um encontro de reitores universitários, autoridades políticas da área da educação, representantes de organizações internacionais, docentes e estudantes da América Latina e Caribe que ocorria na cidade. O evento discutia gestão e práticas acadêmicas e naquele dia seria feita a leitura de um documento com propostas de ação para os próximos dez anos (NC 28). Ademais, ressaltou que o evento celebraria os 100 anos da Reforma Universitária de Córdoba, um marco para a transformação do ensino no país.

Durante o evento, além da divulgação de diretrizes pedagógicas e burocráticas, a internacionalização foi destacada como um eixo-temático importante na discussão. O texto asseverou que a internacionalização “demanda cambios en los sistemas educativos y en las instituciones”. Ademais, o documento considerou que a internacionalização deve “promover el diálogo intercultural, respetando la idiosincrasia e identidad de los países participantes, fomentar la organización de redes interuniversitarias y fortalecer las capacidades nacionales mediante la colaboración interinstitucional y la interacción con pares académicos a escala regional e internacional”.

Em relação aos estudantes, o texto declarou atenção à adequada formação cidadã e profissional, a fim de que se tornem “respetuosos de la diversidad cultural, comprometidos con el entendimiento intercultural, la cultura de paz y con capacidad para convivir y trabajar en una comunidad local y mundial”. Sua antítese, considerando esses parâmetros, é “una internacionalización mercantilista que favorezca los intereses hegemónicos y desnacionalizadores de la globalización”.

Aliada da inovação e melhoramento da qualidade e relevância da educação superior, a mobilidade deve ser capaz de desenvolver competências globais e interculturais dos estudantes. Destaco os dois últimos pontos do documento lido, que apontam para a necessidade de serem oferecidas bolsas de estudo e criadas regulamentações pertinentes aos planos de estudo e acreditação dos conteúdos.

11. Es imperativo incrementar la movilidad estudiantil intrarregional mediante iniciativas inclusivas y esquemas de financiamiento que alcancen a todos los países de la región, posibilitando la incorporación de aquellos estudiantes desfavorecidos.

12. La flexibilización de los programas y planes de estudio, su reconocimiento y la coordinación de los calendarios académicos, son condiciones básicas para el crecimiento de la movilidad de la educación superior regional.

Por fim, de acordo com a leitura do documento perante o público presente, considerou-se imperativo o debate que visa a adoção de estratégias sistêmicas, integrais, compreensivas e transversais que facilitem a integração regional, bem como a mobilidade de estudantes.

Em conversa ligeira e informal com um jovem argentino (EST 07, NC 29) obtive informações de sua experiência enquanto estudante de mobilidade, ocorrida em território brasileiro. Segundo relatos de EST 07, o programa de mobilidade durou cerca de três meses na modalidade de investigador visitante. Em breves palavras, afirmou ter vontade de regressar ao Brasil para realizar um curso de pós-doutoramento, pois considerou ser proveitosa a experiência na IES visitada. Ademais, relatou que nunca havia saído de seu país; portanto, a vivência no estrangeiro possibilitou que conhecesse uma nova cultura, um novo idioma e um novo modo de viver. Apesar de EST 07 ter viajado sem dominar o idioma português e sem obter informações precisas acerca da cidade ou da região, alcançou êxito. Contudo, relatou-me que sofreu, por alguns docentes da universidade de destino, discriminação em razão de sua nacionalidade.

Indagado acerca de quais situações ele mais se recorda do período da mobilidade, destacou situações que lhe causaram constrangimento, pois ouvia, no ambiente acadêmico, questionamento acerca do motivo de ele estar ali. Lembrou-se, ainda, de que alguns professores e investigadores sequer lhe cumprimentavam, sendo indiferentes à sua presença. Entretanto, compreendeu que o fluxo de turistas argentinos na cidade de Florianópolis, local onde permaneceu neste período, é constante e intenso, e que algumas situações desagradáveis são causadas por seus compatriotas, contribuindo para o estigma negativo de argentinos naquela região. Ciente de que há um conflito regional que atravessa temas como futebol e comportamentos sociais, confortou-se por entender que não se tratava de algo pessoal ou direcionado à sua investigação. Sobretudo, ponderou ter sido positiva e gratificante sua experiência de mobilidade.

Deixando Córdoba e partindo para a capital argentina, Buenos Aires, deparei-me ali com um efusivo cenário político. Manifestações em vias públicas ocorreram durante toda a minha estada, como protestos contra a gestão pública universitária, atos pró e contra o aborto, greves de profissionais do transporte aéreo, entre outros. Num cenário de perceptível efervescência social e econômica, indaguei-me sobre como os estudantes em mobilidade lidam com essas questões internas do país de destino enquanto estrangeiros. Atravessar um protesto em via pública pode ser parte do trajeto de vários estudantes, o que pode impactar sua experiência na percepção da realidade local e sua dinâmica.

Num desses atos públicos (NC 30), que aglomerou algumas dezenas de estudantes em frente à reitoria de uma IES, busquei, como fiz em Madrid, conversar com estudantes. Contudo, em face da presença de muitos policiais e jornalistas que dividiam a atenção dos manifestantes, não obtive êxito. Mostravam-se fechados em

seus grupos e alheios a possíveis diálogos externos. Por isso, dirigi-me a uma IES próxima ao local (IES 17, NC 31), de natureza privada, mas não fui recebido em razão de a pessoa responsável pelo gabinete de internacionalização não estar presente. Em seguida, fui até outra IES próxima, também de natureza privada, onde tampouco obtive êxito na coleta de dados (IES 18, NC 32).

Em outra instituição privada (IES 19, NC 33), sem agendamento prévio, recebeu-me atenciosamente, durante 15 minutos, IIE 17, responsável pelo gabinete de relações internacionais. Ao indagar acerca do funcionamento do gabinete, IIE 17 afirmou que os programas de mobilidade em IES 19 contam com aproximadamente 70 estudantes a cada semestre, número que corresponde a quase 10% dos estudantes da instituição. Apesar de IES 19 não ter um número elevado de estudantes, a percentagem dos que participam de algum programa de mobilidade é alta. IES 19 conta com atendimento personalizado e constante aos alunos participantes e aos interessados; isso porque, segundo IIE 17, o número reduzido de discentes permite manter contato intenso e eficiente entre estudantes e funcionários. Ressaltou que IES 19 tem estudantes de classe média alta, sendo tal informação relevante para compreender qual é o perfil dos participantes e dos programas ofertados.

Dentre os países que mais enviam estudantes e os mais escolhidos como destino, destacou Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Austrália e Estados Unidos da América. Sobre a ausência de países latino-americanos, IIE 17 esclareceu que os estudantes afirmam querer uma experiência que cause mais impacto nas áreas cultural e social, por isso escolhem, sobretudo, os países europeus. Ademais, ressaltou que os estudantes consideram que a experiência em outro continente enaltece o currículo profissional, além de terem a oportunidade de conhecer um

território relevante no contexto global. IIE 17 utilizou a expressão “eurocentrismo” para mensurar a importância que os estudantes dão ao continente europeu.

Por outro lado, em relação aos estudantes estrangeiros que buscam a Argentina como destino, salientou que ouve relatos, com frequência, de que há curiosidade de conhecer um país latino-americano para explorar sua cultura e compreender, *in loco*, seus problemas sociais. Compartilhou, espontaneamente, que tem boa impressão dos estudantes estrangeiros, principalmente europeus, pois, em grande parte, realizam trabalhos voluntários e de assistência social em organizações não governamentais. Com frequência, tem notícia de estudantes que voltaram a Buenos Aires após a conclusão dos estudos, seja para aproveitar o tempo enquanto turista ou realizar trabalhos voluntários ou profissionais.

Sobre os estudantes argentinos, disse que quando retornam ao país fica evidente a transformação sofrida. Demonstrem amadurecimento e crescimento, pois têm comportamentos mais adultos. Justificou que essa modificação ocorre porque os estudantes têm apoio familiar, o que contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades durante a experiência fora do país. Quando estão fora de casa, são eles que tomam decisões, que providenciam a alimentação, higienização da habitação, limpeza das roupas etc. Ressaltou que esse tipo de atividade não faz parte da rotina dos estudantes enquanto vivem em Buenos Aires e que a responsabilidade no exterior exige novos comportamentos.

Destacou ainda que a percepção da realidade social, política e econômica em outro país não é a mesma que a observada em Argentina e que o contato com outras nacionalidades - pois viver em outro país na qualidade de estudante estrangeiro favorece o contato com estudantes também em mobilidade - enriquece sua experiência. Como exemplo, citou a frequente narrativa dos estudantes quando

voltam de outros países: “estar em um bar com um grupo de amigos significa conversar com pessoas de várias nacionalidades ao mesmo tempo, o que não é comum em Buenos Aires”. Assim, viver em outro país significa conhecer vários países ao mesmo tempo por meio das amizades com outros estudantes em mobilidade.

Questionada sobre a estratégia e planos de IES 19 em relação ao processo de internacionalização, esclareceu que a instituição busca fomentar cada vez mais a participação de estudantes em programas de mobilidades. Uma forma de potencializar a experiência internacional é oferecer cursos de curta duração em outros países, inclusive latino-americanos, de duas semanas, por exemplo. Dessa forma, é possível alcançar um maior número de estudantes, principalmente aqueles que não têm condições de arcar com as despesas necessárias para viver por um semestre no exterior. Para tanto, entende que o mais importante é a experiência vivida fora e não o seu tempo de duração.

Sobre isso, comentou acerca de uma pesquisa com 200 universitários realizada por IES 19 que questionou se o entrevistado gostaria de estudar em outro país. Cerca de 98% dos respondentes afirmaram que sim, o que revela ser a mobilidade um programa de destaque e interesse, o que exige mais esforços da instituição para facilitar a sua realização. Por fim, ressaltou que os estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade sentem-se responsáveis pelo acolhimento dos estrangeiros, fato que mobilizou IES 19 a organizar pela primeira vez um grupo com esse fim para o semestre que se seguiria.

Com o objetivo de aproveitar o tempo e coletar mais dados visitei outra instituição de natureza privada (IES 20, NC 34), sem agendar previamente, e fui recebido com simpatia por IIE 18, responsável pela mobilidade *in* no gabinete de mobilidade internacional. De início, revelou-me que sabe como a mobilidade

acadêmica funciona, pois já participou enquanto era estudante. Assim que me apresentei, IIE 18 contou-me, com entusiasmo, que estivera em Lisboa, duas semanas antes, com o objetivo de celebrar acordos de cooperação interinstitucional. A conversa durou cerca de vinte minutos. IES 20 tem pouco mais de mil estudantes, maioria de classe média alta.

Cerca de 80 estudantes são estrangeiros em mobilidade *in*, maioria de Alemanha, Espanha, França e Reino Unido. Sobre a ausência de estudantes latino-americanos afirmou acreditar que os universitários dessa região não elegem o seu próprio continente como destino porque preferem conhecer uma realidade cultural, econômica e social diferente, principalmente em Europa.

Considerou que em seu contexto institucional, o privilegiado perfil econômico de seus estudantes não é empecilho para que elejam países mais distantes e que exijam maior custo de manutenção. Ademais, os estudantes consideram mais importante, independente das despesas, o melhoramento e a distinção de seus currículos profissionais. Já em relação ao número elevado de europeus na IES, indicou ser em razão das bolsas financiadas pelo programa Erasmus, o que estimula a escolha de um destino em outro continente, no caso o americano.

Sobre o processo de acolhimento dos estudantes, informou que a quantidade de participantes permite que a instituição dê mais atenção e acompanhe de perto a estada do estrangeiro em Buenos Aires, constituindo-se num ponto positivo para o sentimento de pertencimento do estudante em relação à instituição. Ademais, a instituição oferece algumas disciplinas em inglês, facilitando a adaptação acadêmica daqueles que não falam espanhol. Sobre a existência de atividades direcionadas aos estudantes em mobilidade *in*, IIE 18 informou que é realizado um evento semestral de acolhimento. Nele participam um psicólogo, para falar sobre a experiência

multicultural, e um representante do governo de Buenos Aires, que informa acerca de um projeto específico para estudantes estrangeiros na cidade. Em relação a esse programa governamental, esclareceu que são realizadas atividades culturais como aulas de tango, gastronomia, visitas a locais estratégicos e eventos diversos. Ainda, explicou que o governo tem um stand permanente no aeroporto internacional para a distribuição de um *kit* de boas vindas que contém uma tarjeta que permite a locomoção em todos os meios de transporte público e concede desconto em alguns alojamentos locais.

Em continuação, frisou que IES 20, além de oferecer um estudante tutor a cada estrangeiro, mantém constante contato com os estudantes em mobilidade *in*. Durante a primeira semana de aula é permitido que eles elejam qualquer disciplina para, somente depois, definir quais as classes que frequentarão. Isso, de acordo com IIE 18, possibilita mais integração e protagonismo dos estudantes, tornando a experiência personalizada. Sobre o perfil desses estudantes, a maioria tem entre 19 e 21 anos. Ressaltou que é perceptível a diferença entre os discentes argentinos e europeus, pois os europeus chegam ao país mais preparados para uma experiência no exterior e em outra cultura, enquanto os argentinos que saem do país são mais dependentes afetivamente dos seus familiares.

Ao final da conversa, IIE 18 afirmou que a instituição estuda aumentar a oferta de mobilidade em América Latina. Para isso, destacou a possibilidade de serem oferecidos cursos de curta duração, como os de verão ou inverno, a fim de que a prática da internacionalização seja realizada por mais alunos e com mais frequência, sobretudo para aqueles que não poderiam se manter em outro país por um tempo maior. Nesse sentido, frisou que os destinos mais próximos, como Brasil, Uruguai e Chile, seriam beneficiados com tais medidas.



Como de praxe, estive hospedado em alojamento frequentado por jovens na expectativa de poder conhecer estudantes estrangeiros. Conheci uma estudante mexicana (EST 08, NC 35) que, em breves palavras, contou que estava em Buenos Aires havia 5 meses e optara por se hospedar num hostel pela comodidade dos serviços oferecidos. Seu curso de engenharia e a cidade argentina lhe proporcionaram ótimas experiências, apesar de ter mantido mais contato com estudantes europeus também em mobilidade. Afirmou que se relaciona melhor com colegas de outras nacionalidades, mas isso não significa que não tenha se adaptado aos argentinos. Contudo, sente que há distanciamento por parte dos argentinos pelo fato de ser mexicana, o que não percebe com os demais colegas europeus ou de outros continentes.

- Tabela categorizada

Tabela 7  
**Tabela Categorizada – Argentina**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS
1.1 Preparativa
<p>Como nos outros países, os principais programas de mobilidade acadêmica internacional realizados nas IES visitadas são organizados por meio de convênios interinstitucionais. Restou evidente, contudo, a necessidade de ampliar e potencializar a rede de cooperação internacional, pois os convênios existentes não são suficientes para intensificar a mobilidade ibero-americana. Ficou claro que as IES visitadas se preocupam com a oferta de novas modalidades de internacionalização, como cursos curtos e, até mesmo, a utilização de recursos virtuais. Ademais, há dificuldade de serem estabelecidas práticas comuns pelas IES, como procedimentos burocráticos e revalidação de créditos e diplomas, porque não existem organizações supranacionais de relevância ou modelos destinados às práticas institucionais. Contudo, como observado num evento internacional que reuniu reitores universitários, autoridades políticas da área da educação, representantes de organizações internacionais, docentes e estudantes da América Latina e Caribe, há preocupação com o tema.</p>

<p>Evidenciou-se que os estudantes argentinos, assim como os chilenos e colombianos, não elegem o seu próprio continente como destino, pois preferem conhecer uma nova realidade cultural, econômica e social, principalmente em Europa. Por outro lado, o número crescente de estudantes europeus no continente justifica-se pelas bolsas financiadas pelo programa Erasmus, ao contrário de muitos estudantes argentinos que são impedidos em razão da falta de condição financeira e de bolsas de estudo. Foi identificada, ainda, a divisão administrativa para estudantes em mobilidade <i>in e out</i>.</p> <p>Destaco, por fim, que, nas IES em que fui recebido, senti apreço no atendimento e competência nas atividades desenvolvidas pelos responsáveis pela internacionalização; algumas IES não me atenderam, revelando não estarem disponíveis a prestar informações sem antes serem demandadas.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de funcionários engajados com o tema;</li> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Gabinetes separados em mobilidade <i>in e out</i>;</li> <li>• Adoção de metas comuns entre IES latino-americanas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade de atendimento presencial.</li> <li>• Ausência de auxílio financeiro para estudantes em mobilidade <i>out</i>;</li> <li>• Ausência de programas ibero-americanos que despertem o interesse dos estudantes.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
<p>Os relatos apontam para uma prática comum a todas as IES visitadas, a realização de eventos de acolhimento no início do semestre letivo com o objetivo de apresentar a estrutura física da instituição e os tutores, quando existentes. Pode ocorrer deste evento ser realizado de forma descentralizada, quando as faculdades têm se responsabilizam pela forma em que os estudantes serão recebidos, pois, desse modo, os estudantes podem criar relações mais próximas em suas faculdades e com os colegas de curso. Foi constatado, ainda, que em determinada IES, esse evento conta com a presença de um psicólogo, que palestra acerca da experiência multicultural, e de um representante do governo de Buenos Aires, para apresentação de um programa governamental específico para estudantes em mobilidade. O programa conta com um <i>stand</i> permanente no aeroporto internacional que atende estudantes recém desembarcados no país.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto;</li> </ul>	Não se aplica.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros;</li> <li>• Ações governamentais direcionadas ao estudante estrangeiro.</li> </ul>	
<b>1.3 Pós-mobilidade</b>	
<p>É interessante destacar que, como tem sido observado com frequência até este momento, os estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade sentem-se responsáveis pela colhida dos estrangeiros, fato que mobiliza algumas instituições a organizarem um grupo de acolhimento com tutores.</p>	
<b>Pontos Favoráveis</b>	<b>Pontos Desfavoráveis</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização do estudante que participou da mobilidade ao possibilitar que ele atue como tutor.</li> </ul>	<p>Não se aplica.</p>
<b>2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS</b>	
<b>2.1 Ambiente Acadêmico</b>	
<p>As experiências em sala têm um ponto positivo em relação à mobilidade ibero-americana: não haver problema com o idioma espanhol, pois, a maioria absoluta se adapta bem, seja por serem hispânicos ou oriundos de países de língua portuguesa.</p> <p>Há IES que permite, durante a primeira semana de aula, que os estrangeiros cursem qualquer disciplina para, somente depois, definirem as turmas que frequentarão. Isso possibilita maior integração e protagonismo dos estudantes, tornando a experiência personalizada. Sobre o atendimento e acompanhamento aos estudantes estrangeiros no período da mobilidade, as IES demonstram manterem contato contínuo com esse público, principalmente nas instituições com menos estudantes.</p> <p>De acordo com o depoimento de um estudante, durante a experiência internacional podem ocorrer situações constrangedoras. Alega ter sofrido, no ambiente acadêmico, discriminação por ser argentino, quando alguns professores e investigadores sequer o cumprimentavam, sendo indiferentes à sua presença no local. Mas, ciente de que existe um conflito regional que atravessa temas como futebol e comportamentos sociais, entende que não se tratava de algo pessoal ou direcionado à sua investigação. Outro depoimento de estudante revela que há maior interação entre estudantes estrangeiros, mas isso não significa que não tenha se adaptado aos argentinos. Contudo, sente haver distanciamento por parte dos argentinos por ser mexicana, o que não acontece com os colegas europeus ou de outros continentes. Restou evidente que, de acordo com essas duas narrativas de estudantes, houve um certo desconforto em razão da nacionalidade e origem latino-americana, o que não se observa com estudantes europeus ou norte-americanos.</p> <p>Por outro lado, um problema foi apontado em relação à dificuldade de integração entre estudantes quando a IES tem grandes dimensões, o que deve ser</p>	

contornado com ações mais contundentes que visem à socialização entre toda a comunidade acadêmica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil adaptação linguística;</li> <li>• Suporte de profissionais do gabinete de internacionalização;</li> <li>• Consideração da condição de precariedade do estudante em mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudantes estrangeiros (falta de integração com os locais).</li> <li>• Constrangimento em razão da nacionalidade.</li> </ul>
2.2 Fora do ambiente acadêmico	
<p>Não há muitos relatos acerca das experiências fora do ambiente acadêmico. Contatei, contudo, que os estudantes estrangeiros estavam expostos a protestos políticos, ocorridos em locais públicos com frequência, impactando sua experiência através da percepção da realidade local e sua dinâmica política, econômica e cultural. Há, relato que indica ser comum que estudantes estrangeiros cite a falta de segurança, exigindo maior atenção e cuidado; mas, por outro lado, muitos buscam essa experiência de imersão num contexto em que são nítidos os problemas sociais. Alguns estudantes, inclusive, realizam trabalhos voluntários e de assistência social em organizações não governamentais de forma voluntária.</p> <p>Sobre a integração do estudante na sociedade, há um programa mantido pela cidade de Buenos Aires específico para estudantes em mobilidade. São oferecidas aulas de tango, gastronomia, visitas a locais estratégicos e eventos diversos. Ainda, a opção de hospedagem em hostel durante o período da mobilidade é uma opção cômoda, como foi relatado, em razão dos serviços ali oferecidos.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oferta de serviços ou produtos específicos a estudantes em mobilidade;</li> <li>• Realização de trabalhos voluntários;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de segurança;</li> </ul>
3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL	
3.1 Amadurecimento	
<p>Nas IES visitadas, a experiência acadêmica também conduz a outras oportunidades de interação social. Os estudantes argentinos que vão a outros países em mobilidade, segundo dados coletados, voltam diferentes. Demonstram amadurecimento e crescimento notórios, pois apresentam comportamentos mais adultos. São eles os responsáveis pela tomada de decisões do dia a dia, de providenciar alimentação, higienização da habitação, limpeza das roupas etc.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo.</li> </ul>	Não se aplica.
3.2 Visão de Mundo	

Num cenário de perceptível fervor sociopolítico, a experiência, para aqueles atentos a essa questão, é promissora. De acordo com os relatos, os estudantes compartilham, quando regressam, que a experiência em outro continente impacta de forma positiva o currículo profissional, além de terem a oportunidade de conhecer novos locais e pessoas. Para um informante, a frequente narrativa desses estudantes tem sido que estar em um bar com um grupo de amigos significa conversar com pessoas de várias nacionalidades ao mesmo tempo, o que não é comum em Buenos Aires. Assim, viver em outro país significa conhecer vários países ao mesmo tempo através das amizades cultivadas. Esta constatação, inclusive, tem sido, para muitos gestores universitários latino-americanos, parâmetro para adoção de medidas que favoreçam a mobilidade na região, que deve primar pela formação de estudantes “respetuosos de la diversidad cultural, comprometidos con el entendimiento intercultural, la cultura de paz y con capacidad para convivir y trabajar en una comunidad local y mundial”. Por fim, estudantes em mobilidade *in* e *out* apontam o desejo de permanecerem no local de destino por mais tempo ou de voltar em outra oportunidade, demonstrando que a experiência multicultural foi positiva para a compreensão da cidadania cosmopolita.

Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Troca de saberes com pessoas de outros países;</li> <li>• Desenvolvimento de competências multiculturais.</li> </ul>	Não se aplica.

### 3.6 Uruguai

Com aproximadamente 3,5 milhões de habitantes em 2020 (INE UY, 2020), a República Oriental del Uruguay, capital Montevideo, foi o menor país visitado em termos populacionais. Teve em 2018 cerca de 210 mil estudantes matriculados no ensino superior (CDA, 2020). A educação terciária divide-se em carreiras não universitárias e educação universitária (licenciaturas, pós-graduação e doutoramento).

Sua normativa máxima, La Constitución de la República, considera iguais todos os habitantes de seu território, conforme artigos 7º e 8º, que devem “ser protegidos en el goce de su vida, honor, libertad, seguridad, trabajo y propiedad. Nadie puede ser privado de estos derechos sino conforme a las leyes que se establecen por razones de interés general. Todas las personas son iguales ante la ley, no reconociéndose otra distinción entre ellas sino la de los talentos o las virtudes” (Uruguay, 1967).

A viagem ao Uruguai ocorreu quando o primeiro semestre letivo de 2018 se encerrava. Havia manifestações de estudantes contra políticas públicas educacionais. Notei, ainda, que o ambiente acadêmico encontrava-se alterado pelos protestos e pelas condições físicas dos edifícios públicos destinados à educação terciária, que apresentavam intervenções, como pichações e cartazes de conteúdo político.

Em visita a uma IES pública (IES 21, NC 36) em Montevideu, atendeu-me, sem prévio agendamento, um integrante do gabinete de internacionalização (IIE 19). De acordo com IIE 19, a universidade participa do grupo AUGM, já citado anteriormente por outras IES, que oferta vaga para estudantes que pretendem participar de programas de mobilidade que oferta. Apontou, com cautela, que há uma série de questões políticas que enfraquecem o potencial de atuação dessa organização. Outra forma de os estudantes participarem desses programas é por meio de bolsas financiadas pelo banco Santander, mas apenas para estudantes que queiram ir a Espanha.

Perguntado sobre como ocorre a mobilidade ibero-americana em IES 21, esclareceu que os estudantes em mobilidade *in* têm liberdade para escolher as disciplinas que queiram estudar. O acolhimento dos estrangeiros é realizado de modo

descentralizado por cada faculdade, não havendo, portanto, uma organização centralizada, excetuando-se a realização de uma reunião semestral que permite aos estudantes conhecer a instituição e obter informações burocráticas. IIE 19 ressalta que o calendário das faculdades é flexível, portanto, torna-se inviável centralizar tais eventos.

Para IIE 19, os estudantes estrangeiros são bem recebidos, não relatam casos de discriminação e, geralmente, se integram com facilidade à comunidade acadêmica. Contudo, destacou que percebe que estudantes europeus se fecham em grupos de integrantes desse continente. É política de internacionalização de IES 21 a expansão de suas relações com outros países, sobretudo porque a mobilidade é uma experiência fundamental não apenas para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas também cultural, intelectual e social. Ademais, frisou ter ouvido dos estudantes em mobilidade *out* não ser importante o destino, mas a experiência de vida.

Busquei contato pessoal com representantes de uma associação internacional, sediada em Montevidéu que promove a mobilidade acadêmica em alguns países sul-americanos (NC 37). Por duas vezes, em dias seguidos e em horário comercial, desloquei-me ao estabelecimento, mas não fui recebido pessoalmente. Em breves palavras, alegaram que não havia atendimento presencial naquele horário. Desse modo, não logrei êxito.

Por fim, minha última coleta de dados em Uruguai (NC 38) ocorreu de modo inusitado. A poucos metros de IES 21 deparei-me com um escritório denominado “Punto de Atención y Asesoramiento a Migrantes en Temas Educativos”. Após adentrar ao local, conversei brevemente com um atendente (ID 06). Esse gabinete é vinculado ao Ministério da Educação e atende imigrantes de várias nacionalidades.

Contudo, o atendimento é destinado aos filhos de imigrantes em idade escolar do ensino básico, não servindo a estudantes de ensino superior. De todo modo, pareceu-me relevante a mobilização do Estado nas demandas educacionais do público estrangeiro.

Considerando a citação de IIE 19 acerca do programa de mobilidade ofertado pelo Banco Santander, instituição financeira privada de origem espanhola, busquei informações a respeito, para melhor compreendê-lo. Trata-se de um dos programas de mobilidade que atuam no território ibero-americano, desde 1997. Segundo dados disponibilizados pela entidade, o banco “encabeza la lista ‘Global Fortune 500’ como la empresa que más invierte en Responsabilidad Social Empresarial relativa a la educación, según el primer estudio global publicado por la Fundación Varkey en colaboración con la UNESCO” (Santander, 2018a). Promove, pois, a internacionalização do ensino universitário por meio de “programas de bolsas, ciência e inovação, empreendedorismo, transferência tecnológica e apoio a projetos universitários” (Santander, 2018b) com a cooperação de mais de mil instituições de ensino superior, maioria ibero-americanas, de natureza pública e privada. Em 2017 foram disponibilizados cerca de 128 milhões de euros para a atribuição de 39.106 bolsas de mobilidade, face a 36.684 no ano anterior, por meio de acordos celebrados entre 1.099 instituições de ensino superior em 22 países (Santander, 2018c). Aproximadamente um terço das instituições participantes são brasileiras.

Dentre os projetos globais do Santander Universidades tem destaque o Programa Ibero-Americanas, ou Becas Iberoamericanas, que concede uma bolsa de três mil euros a estudantes de graduação com o intuito de promover a mobilidade acadêmica por um semestre letivo entre dez países da região, a saber: Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, Peru, Porto Rico, Portugal, México e Uruguai



(Santander, 2018d). Este é, portanto, um dos programas de mobilidade de maior atuação no território ibero-americano, ainda que relatado somente após tantas visitas a outras IES.

Encerrei nesse país a primeira viagem para a Pesquisa de Campo, com duração de aproximadamente 45 dias, iniciada em Portugal. Outras se seguiram, conforme adiante apresentadas.

- Tabela categorizada

Tabela 8  
**Tabela Categorizada – Uruguai**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
<p>Os dados coletados em Uruguai, apesar de poucos, foram relevantes para a pesquisa. Sobretudo porque pude conhecer mais a respeito do funcionamento da mobilidade ofertada por meio de bolsas de estudo. Há programas privados, promovidos por entidade financeira, que incentiva “programas de bolsas, ciência e inovação, empreendedorismo, transferência tecnológica e apoio a projetos universitários” com a cooperação entre mais de mil instituições de ensino superior, maioria ibero-americanas, de natureza pública ou privada.</p> <p>Por outro lado, considerando a possibilidade de uma IES ser parte de uma organização regional que promove a mobilidade, é importante atentar-se para o tipo de gestão e o compromisso de seus gestores. Há uma série de questões capazes de enfraquecer o seu potencial de atuação.</p> <p>Em relação à preparação pelos estudantes, foi apontado que, geralmente, os estudantes em mobilidade <i>out</i> não se importam com o destino, mas com a experiência de vida.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Programas que concedem auxílio financeiro aos participantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade de atendimento presencial.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
<p>Em relação ao acolhimento, foi relatado que cada faculdade, de modo descentralizado, é responsável pelo contato com os estudantes estrangeiros,</p>	

<p>excetuando-se uma reunião semestral que permite aos estudantes conhecerem a instituição e obterem informações burocráticas.</p> <p>Ainda não sendo específico para estudantes em mobilidade, a não ser que tenham filhos em idade escolar, destaco a existência de um gabinete público que atende a população imigrante nas questões educacionais. De todo modo, pareceu-me relevante a mobilização do Estado nas demandas educacionais do público estrangeiro.</p>	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto;</li> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> <li>• Ações governamentais direcionadas ao estudante estrangeiro.</li> </ul>	Não se aplica.
1.3 Pós-mobilidade	
Não se aplica.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.
2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS	
2.1 Ambiente Acadêmico	
<p>Na IES visitada, os estudantes são livres para escolherem as matérias que querem estudar, o que favorece o protagonismo do estudante nas experiências acadêmicas.</p> <p>A prática de internacionalização se mostrou tímida em comparação às outras IES visitadas. Os registros apontam que não são realizadas muitas atividades a este público. Inclusive, há constatação de que estudantes europeus se agrupam com colegas do mesmo continente.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consideração da condição de precariedade do estudante em mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudantes estrangeiros (falta de integração com os locais).</li> </ul>
2.2 Fora do ambiente acadêmico	
Não se aplica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.

3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL	
3.1 Amadurecimento	
Como já percebido até o momento, a mobilidade internacional também foi apontada como uma experiência fundamental, não apenas para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas cultural, mental e social.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo.</li> </ul>	Não se aplica.
3.2 Visão de Mundo	
Não se aplica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.

### 3.7 Brasil

A República Federativa do Brasil, capital Brasília, com 211 milhões de habitantes (IBGE, 2020), foi o maior país investigado em extensão territorial, populacional e em número de estudantes universitários. Em 2018, cerca de 8,5 milhões de matrículas foram contabilizadas no ensino superior em nível de graduação (licenciatura, bacharelado, tecnólogo) e pós-graduação (INEP, 2019). Por ser um país com dimensão continental, a investigação em território brasileiro foi limitada. Objetivei, assim, apenas complementar os dados anteriormente coletados, a fim de não sobrelevar a quantidade de fontes em comparação aos outros países investigados.

A Constituição da República Federativa do Brasil garante, de acordo com o *caput* do artigo quinto, que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a

inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, 1988).

Ressalto de antemão que apesar de muitas IES brasileiras terem sido visitadas para a investigação, obtive êxito em poucas, pois fui atendido em poucas delas, sobretudo nas de natureza privada. A primeira IES visitada (NC 39, IES 22), sediada na capital do país, foi contatada previamente para agendamento de um encontro na reitoria da instituição. Contudo, entre marcações e demarcações, a pesquisa não se realizou. Em outras IES privadas brasilienses (NC 40, IES 23; NC 41, IES 24; e NC 42, IES 25), mesmo solicitando presencialmente algumas informações, também não foram disponibilizados dados, seja pela falta de pessoal que responda a temática da pesquisa ou pela inexistência de setor de internacionalização, muitas vezes absorvido pelos gabinetes de gestão pedagógica.

Pareceu-me nesse primeiro momento que apesar de as IES apresentarem-se como centros de ensino com grande quantidade de alunos matriculados, não havia políticas institucionais estruturadas de internacionalização ou fomento à mobilidade acadêmica. De todo modo, considero que a dimensão territorial do país, que pode favorecer a mobilidade interna (intranacional), e os altos custos para deslocamento internacional, seja para América Latina ou Europa, devem ser considerados fatores em razão dos quais a mobilidade acadêmica internacional não se torne uma prática comum, como foi percebido em outros países.

Ainda na capital do país procurei dados junto ao poder público federal. Após reunião previamente agendada, fui recebido com atenção pelo responsável por assuntos internacionais do Ministério da Educação (NC 43, ID 06). A respeito do panorama geral de estudantes brasileiros que participam de algum programa de mobilidade acadêmica, ID 06 afirmou que existe uma relação de aproximadamente

3x1 na entrada e saída de estudantes, ou seja, enquanto saem três estudantes brasileiros para o exterior, chega apenas um estrangeiro. Contudo, ressaltou que os dados se referem aos programas aos quais o Ministério da Educação tem acesso. Tal número, entretanto, não pode ser considerado para fins estatísticos gerais, pois existem programas de mobilidade próprios de IES públicas e privadas.

Em relação à mobilidade regional, latino e ibero-americana, há intenção de incentivar e facilitar a experiência internacional, principalmente de tornar o Brasil um destino atraente para estudantes estrangeiros. A dificuldade encontrada para facilitar, em larga escala, a acreditação curricular e a validação de atividades realizadas em outros países são obstáculos atuais para a ampliação dos programas. Destacou, sobre isso, que o programa Ciências Sem Fronteiras, extinto, foi criticado por não prever a validação e acreditação das disciplinas cursadas pelos estudantes em outro país, frustrando muitos acadêmicos. Outro ponto de destaque que dificulta a visibilidade do país no estrangeiro é a questão do idioma, pois a língua portuguesa não é uma língua difundida, apesar de ser mais acessível aos falantes de língua espanhola.

Indagado acerca dos programas de mobilidade acadêmica e organismos pertinentes ao tema que atuam no Brasil, em especial aqueles que atendem ao território ibero-americano, ID 06 elencou:

- a) MARCA<sup>6</sup>, vinculado ao Mercosul Educacional, que promove mobilidade entre os países do bloco regional;

---

<sup>6</sup> Programa **MARCA**, vinculado ao Mercosul Educacional e ao programa de acreditação ARCU-SUL. Segundo dados oficiais do Programa MARCA, “El MARCA es un Programa de movilidad académica regional para carreras de grado acreditadas por el Sistema de Acreditación Regional del MERCOSUR (ARCUSUR) que busca fortalecer las carreras acreditadas, fomentar la integración e internacionalización de la educación superior en la región y cumplir con el objetivo central de integración regional. Para alcanzar dichos objetivos, contempla la movilidad de estudiantes, docentes, investigadores y coordinadores (académicos e institucionales) enmarcadas en proyectos de asociación académico entre carreras acreditadas regionalmente” (MARCA, 2018).

- b) Sistema ARCU-SUL<sup>7</sup>, que estabelece critérios para validação de créditos por meio de acordos internacionais entre países do Mercosul;
- c) Programa Paulo Freire<sup>8</sup>, vinculado à OEI, que visa a formação de professores;
- d) Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras<sup>9</sup>, cuja missão é promover relações acadêmicas, científicas e culturais;
- e) Grupo de Trabalho sobre Mobilidade Acadêmica e Acolhimento de Estudantes, em fase de estruturação.

Além das organizações citadas, ID 06 ressaltou que existem associações autônomas criadas por conveniência, como o CRUB<sup>10</sup>, organizada por reitores de universidades brasileiras. Por fim ID 06 afirmou, após ser indagado a respeito da existência de diretrizes oficiais sobre como as IES devem acolher os estudantes, que

---

<sup>7</sup> O Sistema ARCU-SUL, é “o Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação é resultado de um Acordo entre os Ministros de Educação de Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Chile, homologado pelo Conselho do Mercado Comum do MERCOSUL através da Decisão CMC nº 17/08. O sistema executa a avaliação e acreditação de cursos universitários, e é gerenciado pela Rede de Agências Nacionais de Acreditação, no âmbito do Setor Educacional do MERCOSUL. O Sistema respeita as legislações de cada país e a autonomia das instituições universitárias, e considera em seus processos apenas cursos de graduação que tenham reconhecimento oficial em seu país e com graduados. O Sistema ARCU-SUL oferece garantia pública, entre os países da região, do nível acadêmico e científico dos cursos. O nível acadêmico será estabelecido conforme critérios e perfis tanto ou mais exigentes que os aplicados pelos países em seus âmbitos nacionais análogos” (ARCU-SUL, 2018).

<sup>8</sup> Segundo fontes oficiais, “El proyecto Paulo Freire de Movilidad Académica para Estudiantes de Programas Universitarios de Formación del Profesorado constituye una acción de movilidad académica de estudiantes de grado y de posgrado en escuelas, facultades, centros y programas de formación del profesorado. Su objetivo principal es promover la movilidad de alumnos universitarios que cursan estudios de grado y de posgrado en carreras que conducen al ejercicio de la profesión docente. Los destinatarios y la población objetivo son, por tanto, los futuros maestros y profesores de educación inicial, primaria, secundaria, especial, bachillerato y técnico-profesional” (OEI-PF, 2018).

<sup>9</sup> O GCUB “é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter acadêmico, científico e cultural, composta por 83 instituições brasileiras de Educação Superior, fundada em 29 de outubro de 2008, em Brasília, DF. A missão do GCUB é promover relações acadêmicas, científicas e culturais entre as instituições associadas e parceiros internacionais, por meio de programas, projetos e ações de cooperação internacional, bilaterais e multilaterais. As atividades do GCUB são desenvolvidas em parceria com Organizações Internacionais, Universidades, Redes Universitárias, Conselhos de Reitores e Órgãos Governamentais de mais de cem países, localizados nos cinco continentes” (GCUB, 2020).

<sup>10</sup> “Criado em 30 de abril de 1966, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) foi concebido para promover o intercâmbio e a cooperação entre as universidades brasileiras. A história das universidades brasileiras ainda é de uma tradição recente. As primeiras universidades do Brasil surgiram na década de 1930. Eram poucas universidades e elas enfrentavam um tempo histórico do país de incipiente desenvolvimento social, econômico e educacional” (CRUB, 2018).

não havia, até aquele momento, um manual que orientasse as universidades brasileiras a respeito dos trâmites de preparação, acolhimento e acompanhamento de estudantes em mobilidade. Esse ponto levou-me a uma reflexão acerca da necessidade de serem elaboradas políticas públicas no intuito de orientar as IES e sugerir práticas de acolhimento dos estudantes estrangeiros e preparação dos nacionais.

Em outro estado, Minas Gerais, fui a uma IES pública (NC 44, IES 26). Não procurei atendimento, pois o objetivo era conhecer as instalações e o ambiente acadêmico. Ficou evidente que alguns estudantes estão engajados nos debates políticos nacionais, como observado em todos os países latino-americanos visitados. Havia várias referências políticas inscritas, de modo informal, em paredes, painéis e muros da universidade. Vez ou outra, com ameaças e provocações às autoridades nacionais, regionais e locais. Como observado em outras IES latino-americanas, tais intervenções evidenciam-se apenas nas IES públicas. Por vezes, pareceu-me que o ambiente, em certa medida degradado e poluído visualmente (pinturas e pichações, por exemplo), pudesse não ser acolhedor a alguns estudantes estrangeiros. Entretanto, o incômodo também é de estudantes nacionais que discordam do comportamento rebelde e transgressor às boas regras de convivência por parte de alguns.

Já em outra localidade, cumprindo a missão de percorrer parte do território brasileiro, conheci outra universidade pública (NC 45, IES 27), localizada no Mato Grosso do Sul, um estado limítrofe à fronteira com o Paraguai. Em sua capital, Campo Grande, fui recebido no departamento de relações internacionais de IES 27. Contudo, não se encontrava presente o gestor do gabinete, fato não impeditivo para a coleta de alguns poucos dados junto aos funcionários presentes. Ao indagar IIE 20,

assistente de gabinete, a respeito de como a mobilidade internacional em IES 27 é organizada, fui informado que de os programas são constituídos por meio de acordos interinstitucionais. Pelo fato de a universidade não ter um número expressivo de estudantes que participam de programas de mobilidade, IES 27 busca celebrar novas parcerias para ofertar mais vagas para mobilidade *in* e *out*. É interesse da instituição, segundo IIE 20, aumentar a atuação internacional em vários aspectos, não apenas para mobilidade de discentes, mas também o fluxo de docentes para o estrangeiro.

Aproveitei a proximidade com o Paraguai e estendi a viagem até Assunção, sua capital, conforme exposto na próxima seção. Após partir de Assunção em direção ao Brasil, visitei outra universidade pública (NC 48, IES 29), localizada na cidade de Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, estado do Paraná. Nessa ocasião, constatei como uma cidade fronteiriça convive com a pluralidade de nacionalidades. A cidade conta com um dinâmico roteiro turístico, recebendo não apenas brasileiros, mas argentinos, paraguaios e pessoas de várias nacionalidades. Isso justifica-se pela natureza deslumbrante das Cataratas do Iguaçu. Destaco que no caminho para IES 29, em conversa com um taxista (ID 08) sobre o motivo da viagem, fui informado de que os estudantes estrangeiros são conhecidos na cidade pelas festas e pela indisciplina, o que incomoda muitos moradores da cidade.

O expressivo fluxo de estrangeiros em turismo e sua localização estratégica tornaram possível que a cidade tenha se tornado sede de uma universidade pública que, desde o seu surgimento, tem como objetivo ofertar vagas para estudantes internacionais. Em visita a essa instituição, segundo informações coletadas por IIE 23, funcionário do gabinete de relações internacionais de IES 29, a mobilidade é celebrada por meio de acordos, convênios e protocolos de intenção com outras



universidades, sendo esse gabinete o responsável pela assistência aos estudantes, pela seleção dos candidatos e oferta de cursos de idiomas, incluindo apoio, quando necessário, às questões burocráticas junto ao consulado.

Em razão dos poucos minutos disponibilizados para a conversa, logo indaguei a respeito de como IES 29 acolhe os estudantes e se havia alguma ação em destaque, sobretudo relativa a alguma prática que pudesse ser considerada útil à formação cosmopolita dos estudantes. Em breves palavras, IIE 23 informou que a universidade está localizada numa cidade que tem grande vocação turística, o que facilita a integração dos estudantes estrangeiros à nova residência pelo direcionamento da oferta de serviços e esse público estrangeiro. Ainda segundo ele, os estudantes que planejam vivenciar um período acadêmico em outro país, já possuem alguma ideia de como é a convivência com pessoas de outras culturas e nacionalidades.

De acordo com as informações coletadas, IES 29 sempre se empenhou para proporcionar o melhor e mais amplo acolhimento a estudantes estrangeiros e, ao mesmo tempo, preparar aqueles que partiam rumo a outro país. Destacou, com satisfação, um projeto institucional que permite ao estudante em mobilidade *out*, quando do seu regresso, manifestar-se a respeito da experiência internacional obtida. Os estudantes são convidados, assim, a refletir sobre esse período no estrangeiro e elaborar um relatório sobre a mobilidade. Devem ser respondidas algumas perguntas sobre o período vivenciado. Por exemplo, como foi o acolhimento, se os gastos foram como previstos, se o convívio foi satisfatório, relatos de experiências etc. Após a feitura do documento as informações são lançadas na página eletrônica de IES 29 para acesso irrestrito, servindo a todos os interessados, sobretudo aqueles que almejam participar de algum programa de mobilidade internacional.

Prosseguindo com a Pesquisa de Campo, fui até uma IES privada na cidade de Curitiba (NC 49, IES 30), capital do estado do Paraná. Sem agendamento prévio, dirigi-me à instituição com o intuito de conversar com a pessoa responsável pelo setor de internacionalização. Ao ser recebido pelo serviço de segurança, puseram-me em contato, via telefone, com um funcionário do gabinete (IIE 24) que recusou atendimento sem hora agendada. Fato antes experimentado em outras IES.

Em respeito à seção destinada ao Brasil, revisito parte da pesquisa de campo realizada em Madrid (NC 08), conforme apontado anteriormente. Lá, conheci um estudante português (EST 03) que em 2017 foi para a cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, Brasil, por meio do programa Erasmus, enquanto estudante de engenharia.

Segundo o entrevistado, que tinha 24 anos à época da mobilidade, a viagem ao Brasil foi a realização de um sonho, pois almejava um dia poder conhecer esse país sul-americano. EST 03 destacou que vivenciou durante sua estada, com duração de seis meses, experiências importantes para o seu crescimento pessoal e acadêmico. Afirmou que se sentiu muito bem acolhido e que apesar da crise política estabelecida no país pôde viajar para muitas cidades e regiões, conhecendo melhor a realidade brasileira.

De acordo com o depoimento de EST 03, o Brasil é noticiado de forma pejorativa nos meios de comunicação em Portugal. Vivendo a realidade de perto, foi possível compreender melhor como é o país e seus reais problemas. Ao ser indagado a respeito da expectativa da viagem, afirmou que antes dela tinha uma ideia negativa pré-concebida sobre o ensino brasileiro, mas a mobilidade possibilitou-lhe experimentar uma nova didática dentro de sala de aula. Percebeu que seus professores brasileiros possuíam técnicas diferentes de lecionar, em comparação aos

professores de sua IES de origem, transmitindo de forma mais clara e pedagógica o conteúdo. Afirmou também que seus colegas brasileiros gostavam da forma prática e organizada como ele resolvia os problemas propostos e realizava seus relatórios - algo extremamente positivo para a sua integração, pois, durante a realização de trabalhos em grupo, ele podia compartilhar suas habilidades com os demais colegas.

Ao ser questionado sobre como foi sua adaptação, considerou que “a partir do terceiro e do quarto mês, porque eu fiquei só seis meses, comecei a me adaptar mais e daí já não queria voltar a Portugal. Pronto, já tinha imensos amigos e já estava mais acostumado”. Destaco que EST 03 apontou algumas diferenças consideráveis entre os dois países, como: serviços burocráticos das IES brasileiras mais precários; transporte público brasileiro intra e intermunicipal escasso; sociedade brasileira mais alegre “e de bem com a vida”, pois “vivem-se com pouco, mas são felizes, enquanto em Portugal as pessoas têm um pouco mais, mas estão sempre a queixar e estão tristes”. Ademais, ressaltou que percebeu mais vaidade no brasileiro, que busca boa aparência em vestuário e corpo (são mais frequentes ao ginásio).

Perguntado acerca de sua integração e se passou por algum constrangimento por ser estrangeiro, destacou, pensativo, que os brasileiros são fechados em relação aos relacionamentos, pois não viu, por exemplo, famílias formadas por pessoas de nacionalidades distintas, o que é compreensível pelo tamanho do país. Contudo, não sofreu qualquer tipo de discriminação. Ademais, afirmou que a experiência “foi uma forma de repensar a vida” e de ganhar novos amigos. A distância, segundo relatou, foi fundamental para se tornar mais independente, pois teve que “tratar das diversas situações, dos diversos problemas que possam surgir, de uma forma mais fácil, não é?”

Destaco que EST 03 apontou, sobre as diferenças culturais, políticas e econômicas entre os dois países, que “o mais impactante talvez tenha sido a pobreza, ver muita gente na rua . . . vi que no Brasil o Estado não quer mesmo saber destas pessoas. Enquanto que em Portugal sempre há uma preocupação”. Por fim, indagado sobre os contributos da mobilidade para seu crescimento pessoal e profissional, assegurou que:

Ganhamos sempre mais conhecimento sobre a vida... e em relação a segurança também... damos mais valor depois que voltamos a Portugal, àquilo que nós temos, aos transportes, à segurança, à tranquilidade, que nós, de cá, não temos tanta noção que temos... que temos essa... essa vantagem... de ter muita segurança. Pronto! É de dar valor às coisas que nós temos também! Acho que contribui muito para isso. E contribuiu também para como corre o meu curso... lá está... é como eu disse, eu acho que os brasileiros explicam muito bem, então também eu consegui compreender muito melhor... a matéria daquelas disciplinas, porque eu já tinha tido em Portugal, mas não... era muito difícil e o professor também não explicava muito bem, então eu consegui compreender muito melhor a parte acadêmica.

A entrevista com EST 03 foi fundamental para compreender a visão de mundo de um estudante em mobilidade durante sua formação graduada.

- Tabela categorizada

Tabela 9  
**Tabela Categorizada – Brasil**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS
1.1 Preparativa
Muitas IES visitadas, sobretudo privadas, revelaram não ter gabinetes específicos para a mobilidade internacional, seja pela falta de pessoal ou absorção deste tema pela gestão pedagógica. Apesar de constituírem-se como IES renomadas e com grande quantidade de alunos, não foram identificadas, em grande parte da pesquisa, políticas institucionais sólidas de internacionalização ou fomento à mobilidade acadêmica. A respeito do panorama geral da mobilidade acadêmica, enquanto saem três estudantes brasileiros, chega apenas um estrangeiro - dados disponibilizados ao

Ministério da Educação. A dificuldade encontrada para facilitar, em larga escala, a acreditação curricular e a validação de atividades realizadas em outros países são obstáculos atuais para a ampliação dos programas no país, além de não haver um manual de boas práticas destinadas às IES a respeito do tema. Outro ponto de destaque que dificulta a visibilidade do país no estrangeiro é a questão linguística, pois o idioma português não é uma língua difundida, apesar de ser mais acessível aos falantes de língua espanhola.

De acordo com os apontamentos, a mobilidade, que não é expressiva numericamente, pode ocorrer por meio de várias modalidades ofertadas por organizações criadas para este fim e pela celebração de parcerias interinstitucionais, que têm sido intensificadas.

Quando existente, é o gabinete de internacionalização o responsável pela assistência aos estudantes, seleção dos candidatos e oferta de cursos de idiomas, além de apoio, quando necessário, às questões burocráticas junto ao consulado.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>Variados programas de mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Multiplicidade de modelos de gestão nas IES;</li> <li>Dificuldade de atendimento presencial;</li> <li>Ausência de gabinetes específicos para a mobilidade;</li> <li>Falta de engajamento de IES para promover a mobilidade;</li> <li>Falta de interesse de estudantes estrangeiros por causa do idioma;</li> <li>Inexistência de diretrizes sobre gestão dos programas de mobilidade.</li> </ul>

### 1.2 Acolhida

Sobre o acolhimento, apenas foi feito um registo que indica haver empenho institucional para proporcionar o melhor e mais amplo acolhimento aos estudantes estrangeiros.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica	Não se aplica.

### 1.3 Pós-mobilidade

Foi identificado um projeto institucional que permite ao estudante, quando regressa à IES de origem, manifestar-se a respeito da experiência. Os estudantes são convidados a refletirem sobre este período no estrangeiro e elaborarem um relatório sobre a experiência internacional. Devem ser respondidas algumas perguntas simples sobre o período da mobilidade. Por exemplo, como foi o acolhimento, se os gastos foram previsíveis, se o convívio foi satisfatório, relato de experiências etc.

Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de relatório sobre a experiência internacional.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS</b>	
<b>2.1 Ambiente Acadêmico</b>	
<p>Mostrou-se evidente que alguns acadêmicos de IES públicas estão engajados nos debates políticos nacionais. Há várias referências às pautas políticas inscritas em paredes, painéis e muros da universidade. Vez ou outra, com ameaças e provocações às autoridades nacionais, regionais e locais.</p> <p>Segundo um estudante, a ideia pré-concebida sobre o ensino brasileiro foi modificada quando pôde experimentar uma nova didática dentro de sala de aula, onde os professores possuem técnicas diferentes de lecionar, transmitindo de forma mais clara e pedagógica o conteúdo. Afirmou também que seus colegas brasileiros gostavam da sua forma prática e organizada de resolver os problemas propostos e realizar seus relatórios - algo extremamente positivo para a sua integração, pois, durante a realização de trabalhos em grupo, ele podia compartilhar suas habilidades com os demais colegas.</p>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Experimentação de nova didática;</li> <li>• Troca de experiências entre discentes;</li> <li>• Reconhecimento das habilidades e competências do estrangeiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ambiente universitário degradado.</li> </ul>
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
<p>Segundo um informante, estudantes estrangeiros são conhecidos, em determinada cidade, pelas festas e indisciplina, o que incomoda muitos moradores.</p> <p>Foi contatado por um estudante que a partir do terceiro e do quarto mês a integração tornou-se mais sólida, quando contava com imensos amigos e estava mais acostumado.</p>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil integração social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudantes estrangeiros estereotipados negativamente pela população.</li> </ul>
<b>3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL</b>	
<b>3.1 Amadurecimento</b>	
<p>A experiência pessoal é relevante para saber como o estudante se percebe, pois a experiência é “uma forma de repensar a vida”, de ganhar novos amigos. A distância, segundo relatado, foi fundamental para desenvolver mais independência, pois deve-se “tratar das diversas situações, dos diversos problemas que possam surgir, de uma forma mais fácil, não é?” Ganha-se “sempre mais conhecimento sobre a vida... e em relação a segurança também... damos mais valor depois que voltamos a Portugal, àquilo que nós temos, aos transportes, à segurança, à tranquilidade, que nós, de cá, não temos tanta noção que temos... que temos essa... essa vantagem... de ter muita segurança. Pronto!</p>	

É de dar valor às coisas que nós temos também! Acho que contribui muito para isso.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo.</li> <li>• Valorização e reconhecimento da trajetória pessoal e do local de origem.</li> </ul>	Não se aplica.
3.2 Visão de Mundo	
<p>A IES sediada numa região com vocação multicultural, em razão do turismo, facilita a integração dos estudantes estrangeiros à nova residência. Ademais, os estudantes que ali estudam e planejam vivenciar um período acadêmico em outro país, já possuem alguma ideia de convivência com pessoas de outras culturas e nacionalidades.</p> <p>De acordo com um estudante em mobilidade no Brasil, apesar da crise política estabelecida no país, foi possível viajar para muitas cidades e regiões, conhecendo melhor a realidade brasileira. Vivendo a realidade de perto, é possível compreender melhor como é o país e seus problemas. Sobre as diferenças culturais, políticas e econômicas entre os dois países, “o mais impactante talvez tenha sido a pobreza, ver muita gente na rua . . . vi que, no Brasil, o Estado não quer mesmo saber destas pessoas. Enquanto que em Portugal sempre há uma preocupação”. A percepção de que realidades são distintas levam a uma comparação entre o país de origem e o de destino. Ainda, de acordo este estudante, foi possível perceber que a sociedade brasileira é mais alegre “e de bem com a vida”, pois “vivem-se com pouco, mas são felizes, enquanto em Portugal as pessoas têm um pouco mais, mas estão sempre a queixar e estão tristes”.</p>	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Facilidade de adaptação em razão da vocação multicultural do local da IES;</li> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Possibilidade de viajar a outras cidades e países.</li> <li>• Constatação da existência de novos preceitos éticos e morais (direitos e deveres);</li> <li>• Comparação de realidades para a proposição de mudanças positivas.</li> </ul>	Não se aplica.

### 3.8 Paraguai

Com população de 7,2 milhões de habitantes (DGEEC, 2020), a República del Paraguay tem como capital a cidade Asunción. Em decorrência da ausência de números oficiais que informam a quantidade de matrículas no ensino superior no país, aponto que sua maior instituição de educação terciária, Universidad Nacional de Asunción, tem cerca de 50 mil estudantes, dados de 2018 (UNA, 2018).

A Constitución Nacional de la República del Paraguay considera, segundo artigo 46, que “todos los habitantes de la República son iguales en dignidad y derechos. No se admiten discriminaciones. El Estado removerá los obstáculos e impedirá los factores que las mantengan o las propicien” (Paraguay, 1992). Portanto, garante a nacionais e estrangeiros radicados no país igualdade e respeito aos Direitos Humanos.

Em visita a esse país sul-americano, hospedei-me em sua capital, onde pude visitar uma universidade pública (NC 46, IES 28). Após chegar ao campus, com vários edifícios e espaços abertos, dirigi-me a um gabinete que indicava ser o setor de internacionalização. Lá conversei brevemente acerca dos programas oferecidos pela instituição. Contudo, tratava-se do gabinete dos cursos de ciências exatas, já que IES 28 descentraliza os procedimentos reativos à mobilidade. Nesse primeiro momento, IIE 21 esclareceu que os estudantes podem optar pelas ofertas disponibilizadas por meio de convênios interinstitucionais, sendo a maioria das opções para países europeus e Estados Unidos da América. Isso porque a área de exatas mantém contato com universidades que possibilitam a oferta de bolsas, sobretudo Erasmus, tanto para estudantes entrantes quanto para os que saem do país. Em relação ao



acolhimento de estudantes, esse gabinete realiza reuniões semestrais de esclarecimento e orientação aos participantes estrangeiros. Indicaram-me, para mais informações, buscar dados junto ao gabinete geral de internacionalização.

O gabinete de internacionalização da IES (NC 47) é o escritório que administra os convênios e arquiva os documentos pertinentes à mobilidade; tem, portanto, competência mais burocrática. Para compreender quais as atribuições do gabinete, indaguei a IIE 22 acerca de como IES 28 celebra acordos de cooperação. Segundo informações prestadas, a universidade mantém contato com diversas instituições em todo o mundo, buscando, na medida do possível, firmar contratos interinstitucionais para o envio e recebimento de alunos.

Mesmo ciente de que muitos dados coletados durante a pesquisa de campo aparecem repetidos, revelando saturação, insisti ainda em indagar acerca de como a instituição recebe os estudantes e como eles são acompanhados, além de qual tem sido os contributos desses programas para a formação de cidadãos cosmopolitas. Assim, sobre o acolhimento dos estudantes, IIE 22 esclareceu que fica a critério de cada faculdade o modo de recebê-los e acompanhá-los. Dessa forma, adotaram o modelo descentralizado, favorecendo o contato entre os pares e fomentando a relação entre os gestores de cursos e seus discentes. O mesmo ocorre com o acompanhamento realizado ao longo do período da mobilidade, pois o estudante, quando necessário, busca auxílio diretamente com o gestor de seu curso. Sobre o envio de estudantes paraguaios ao exterior também há forte atuação das faculdades, que firmam convênios de cooperação de acordo com suas demandas e interesses acadêmicos, mas por meio da ação administrativa do gabinete central.

Segundo relatos de IIE 22, a mobilidade acadêmica é uma ferramenta indispensável à educação superior, tanto pela oportunidade de internacionalização

institucional quanto pela possibilidade de estudantes compartilharem suas experiências vividas em universidades estrangeiras. Acrescentou, por fim, que além da rica vivência multicultural, a mobilidade transforma os jovens, colabora para o amadurecimento pessoal e acadêmico e desenvolve o senso de responsabilidade diante de situações adversas.

- Tabela categorizada

Tabela 10

**Tabela Categorizada – Paraguai**

1. PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
1.1 Preparativa	
Há gabinetes específicos para o tema internacionalização nas faculdades. Mantém-se, contudo, um gabinete central, que mantém competência burocrática e administrativa dos convênios interinstitucionais. Entendeu-se pela descentralização a fim de serem estabelecidos contatos que interessem as faculdades, de acordo com suas conveniências e oportunidades, além de privilegiar a relação entre os gestores acadêmicos e seus estudantes.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Celebração de convênios interinstitucionais pertinentes à realidade acadêmica;</li> <li>• Programas que concedem auxílio financeiro aos participantes.</li> </ul>	Não se aplica.
1.2 Acolhida	
Sobre o colhimento dos estudantes na IES visitada, fica a critério de cada faculdade o modo de receber e acompanhar os estudantes em mobilidade <i>in</i> . Ocorrem, nesse modelo, reuniões semestrais de esclarecimento e orientação aos participantes estrangeiros.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início das aulas;</li> </ul>	Não se aplica.

<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto.</li> </ul>	
<b>1.3 Pós-mobilidade</b>	
Não se aplica.	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.
<b>2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS</b>	
<b>2.1 Ambiente Acadêmico</b>	
Não se aplica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>Suporte de profissionais do gabinete de internacionalização.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
Não se aplica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.
<b>3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL</b>	
<b>3.1 Amadurecimento</b>	
Além da rica vivência multicultural, a mobilidade transforma os jovens, colabora para o amadurecimento pessoal e acadêmico e desenvolve o senso de responsabilidade diante de situações adversas.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> <li>Necessidade de adaptação à nova realidade.</li> </ul>	Não se aplica.
<b>3.2 Visão de Mundo</b>	
Não se aplica.	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
Não se aplica.	Não se aplica.

## **O PANORAMA DA MOBILIDADE ACADÊMICA IBERO-AMERICANA**

A busca por outro lugar, como aponta o antropólogo Marc Augé (2004), tem relação com a esperança de o indivíduo encontrar a felicidade ou de fugir das intempéries da vida, seja por meio da permanência em determinado espaço ou pelo deslocamento a um logradouro, ambiente urbano ou rural, região ou país. O ato de viajar, para o geógrafo Paul Claval (2010), é resposta a uma pulsão em favor de modificações e surpresas, é “garantia de experiências inéditas, de novas possibilidades” (p. 46) mediante o encontro de novas heterotopias culturais.

Como exposto no capítulo anterior, os dados coletados foram previamente analisados de acordo com a origem territorial da fonte e separados em categorias gerais e específicas, considerando-se o eixo central da investigação, que é a contribuição da mobilidade acadêmica para a formação de cidadãos cosmopolitas. Neste capítulo, passo à discussão e teorização, destacando o conteúdo mais pertinente ao contexto geral ibero-americano, a fim de expor minha compreensão sobre a realidade desse território e propor reflexões acerca do que foi amplamente observado.

### **4.1 Os Procedimentos Burocráticos adotados por IES**

A primeira categoria geral, Procedimentos Burocráticos, ocupou-se dos procedimentos administrativos executados durante a preparação, vigência e término da mobilidade acadêmica. O processo de candidatura do interessado exige o cumprimento de várias etapas, seja pela IES ou pelo estudante. Devem ser observados parâmetros estabelecidos em convênios institucionais, editais e

normativas relativas ao tema que apontam critérios objetivos para a seleção de candidatos, infraestrutura da IES, planos de curso, validação de créditos, entre outros.

Durante toda a investigação, essa primeira categoria destacou-se pelo volume de dados coletados porque conservei a estratégia da Pesquisa de Campo direcionada ao contexto institucional. Dessa forma, informações acerca dos procedimentos adotados pelas IES, seus ambientes físicos, modos de condução na oferta e realização da mobilidade acadêmica internacional e as estratégias de acolhimento e integração de estudantes estrangeiros serviram para alcançar os objetivos propostos.

Constatei durante todo o percurso investigativo a inexistência de um guião de boas práticas destinado à execução de programas de mobilidade. Os programas, assim, organizam-se livremente, sem rigidez e com propósitos diversos, além de serem adaptados aos modelos administrativos locais. É comum que IES e sistemas educacionais estruturem-se de acordo com a tradição administrativa, normativa e pedagógica local ou nacional, analisando, inevitavelmente, a tendência do mercado e as demandas nele existentes.

Nesse aspeto, já considerou Solanas (2014) que o novo paradigma da internacionalização do estudo é consequência da mercantilização da educação. Segundo ele, são três os motivos, relevantes a esta análise. Em primeiro lugar, tem relação com o crescimento do intercâmbio económico por meio da adoção de normas internacionais, pois acordos comerciais de livre comércio favorecem o consumo e serviço educacional. Em segundo lugar, por causa das demandas diretas e indiretas do mercado, como o aumento significativo de MBA, a articulação entre universidade-empresa e o aparecimento de rankings universitários internacionais, por exemplo. Grandes empresas, de acordo com Solanas, especialmente multinacionais, buscam preencher seu corpo colaborativo com funcionários que já possuem experiência

internacional e multicultural. Em terceiro lugar, destaca-se o aumento de instituições de ensino descomprometidas com a qualidade, constituindo-se em verdadeiras fábricas de títulos.

Considero pujante a falta de investimento e interesse para fomentar a mobilidade acadêmica entre estudantes ibero-americanos, sobretudo latino-americanos, que carece de programas sólidos e amplos. Como relatado por um gestor durante a pesquisa, isso ocorre porque os projetos existentes não são eficientes e porque instituições fragilizadas criam programas fragilizados, complexos e falíveis. Há, portanto, a necessidade de ampliar e potencializar a rede de cooperação internacional por meio de acordos interinstitucionais e a participação em programas mantidos por organizações regionais.

Durante a pesquisa, sugestões foram apontadas para solucionar esse problema, como a oferta de cursos de curta duração e, até mesmo, virtuais, o que, em suposição, potencializaria o intercâmbio ibero-americano. Contudo, para assegurar a eficácia de acordos de cooperação interinstitucionais devem ser elaboradas diretrizes esclarecedoras por meio de acordos supranacionais, a fim de dar segurança jurídica quanto à validade e equivalência das atividades realizadas pelos estudantes em mobilidade.

Contudo, torna-se imprescindível considerar que a crescente abertura do número de matrículas, por exemplo, consequência da ampliação de medidas de acesso à educação (Bóia, 2003), leva ao aumento da demanda por programas de mobilidade (Santos, 2017). Esse incremento na busca por programas de mobilidade, todavia, também tem relação com a multiplicação de IES no setor privado, com a constante regulação normativa e com o crescente número de acordos de internacionalização (Solanas, 2014).

Desde o final do século XX, cresce o número de IES e estudantes que procuram participar de atividades internacionais. Organizações e IES observaram o movimento do mercado da educação e criaram, ou atualizaram, numa perspectiva inovadora, programas de mobilidade acadêmica. As atuais alterações pedagógicas e estruturais do ensino superior são influenciadas por novas estratégias que possibilitam ascensão e desenvolvimento institucional, sobretudo por meio da execução de projetos internacionais (Franklin, Zuin, & Emmendoerfer, 2017). Nesse sentido, Skilbeck e Connell (1996) consideram que a mobilidade acadêmica deve ser planejada considerando “ideas, información, oportunidades, instituciones y programas para aprender” (p. 7), além da mobilidade estrita, que visa a aquisição de conhecimento científico. É necessário, pois, haver compartilhamento de saberes e experiências entre IES em relação à forma e logística de acolhimento para a melhoria de ações institucionais.

O cariz mercantil da educação e a segurança financeira das IES, contudo, condicionam suas ações institucionais, limitando-as ou aprimorando-as. Muitas universidades, ao depararem-se com a falta de financiamento e de integração entre comunidades científicas nacionais, estruturam seus programas de mobilidade de forma autônoma, propondo a IES parceiras a formalização de convênios interinstitucionais frágeis e descomprometidos com a qualidade do ensino e vivência do estudante. Essa busca por inovação, conforme Christensen e Eyring (2014), pode ser “sustentadora”, na medida em que almeja melhorar a qualidade e o desempenho institucional, especialmente na área científica, ou “diruptiva” (destrutiva), quando “introduz no mercado um produto ou serviço que não é tão bom quanto as ofertas mais tradicionais e de melhor qualidade, mas que é de mais fácil aquisição e utilização” (p. 26).

Considerando tal proposição, avalio que a investigação demonstrou que a internacionalização das IES ibero-americanas apresenta essa dualidade – sustentadora ou disruptiva –, a depender do propósito e qualidade do ensino. Restou evidente, em algumas IES, que a oferta de programas de mobilidade ao corpo discente cumpre propósitos mercatórios. Isso ocorre quando a IES não tem controle de gestão em relação aos programas ofertados e não adota práticas para a promoção do bem-estar e do desenvolvimento acadêmico e pessoal do estudante.

Segundo Solanas (2014), o surgimento de classificadores mundiais, como o ranking de Shanghai Jiao Tong, deu início a uma disputa não apenas entre Estados, mas também entre IES. Exigiram-se, em razão disso, reformas de natureza normativa para adequação e posicionamento global do sistema educativo. Esses rankings globais tornaram-se “el indicador más poderoso que el mercado de valores há incorporado em el sector universitário” (p. 10). Por outro lado, a internacionalização intensifica as relações interinstitucionais, conferindo mais visibilidade e participação no contexto acadêmico global. Por vezes, aliados a protocolos de intercâmbio administrativo, tecnológico, cultural e à produção científica conjunta, os programas de mobilidade tornam-se um dos principais instrumentos de colaboração entre universidades em todo o mundo (Raupp & Seifriz, 2016; Oliveira & Freitas, 2016).

Embora as motivações mercantis sejam reais e necessárias à subsistência de muitas IES, o que é condizente com a contemporaneidade, os processos educativos devem estar alicerçados em práticas restauradoras e construtoras de valores, na liberdade dos indivíduos e ter como fim a promoção, com significado, de saberes. Por certo, esses processos estão intrinsecamente relacionados ao contexto social do educando, bem como aos domínios econômicos, históricos, geográficos, políticos, religiosos e culturais que determinam o seu conteúdo e valor. De forma sustentadora,



devem observar, assim, a dimensão particular do aprendente - nesse caso, o estudante estrangeiro que traz consigo significados próprios e pessoais que variam de acordo com suas vivências e aprendizados.

Partindo para as evidências constatadas durante a investigação em relação aos processos burocráticos, em primeiro lugar destaco a necessidade de haver uma real e indispensável interação entre estudante e IES no processo de candidatura. Portanto, o aluno, em ação personalíssima, relaciona-se diretamente com sua IES de origem para concretizar sua candidatura. Esta, por sua vez, trata, em atenção às formalidades necessárias, com a IES de destino ou com alguma organização que media a mobilidade. Diante do atual cenário tecnológico a comunicação interinstitucional é, invariavelmente, realizada por meios virtuais. Apesar de possível, não se verificou a concretização de candidatura mediante ação unilateral do estudante perante a IES de destino. Em suposição, se realizada de forma autônoma pelo estudante, caberia à IES de origem ratificar a candidatura para validá-la, estabelecendo-se, assim, um acordo de cooperação mediado pelo participante. De outro modo, não foi constatada, em toda a pesquisa, a possibilidade de terceiro, como, por exemplo, uma agência especializada em intercâmbio estudantil, mediar essa fase burocrática – o que poderia ocorrer se houvesse contrato firmado entre as partes envolvidas.

Destaco que diversas formas de organização administrativa para a gestão dos programas de mobilidade foram observadas. Em algumas IES o gabinete de internacionalização é único e centralizado junto à gestão geral, com excelente ou precária infraestrutura. Em outras, verifiquei a existência de um gabinete central, com competência arquivista e para negociação de convênios, acordos e protocolos internacionais, e também gabinetes descentralizados, organizados autonomamente

por escolas ou faculdades. Quando estão organizadas de forma descentralizada, mantêm as atividades mais próximas dos estudantes e permitem que cada faculdade ou escola estabeleça contato com outras instituições, de acordo com suas prioridades, intenções e projetos acadêmicos.

Cabe destacar que em algumas IES contratam funcionários exclusivos para a gestão dos programas de mobilidade, selecionando, em determinados casos, colaboradores diferentes para tratar com estudantes entrantes (mobilidade *in*) ou saíntes (mobilidade *out*). Também pode ser designado um funcionário para tratar especificamente da mobilidade em determinada região ou país. Por vezes, deparei-me com IES muito bem equipadas que apresentam planejamentos estratégicos, projetos institucionais, produção acadêmica específica à mobilidade, curso do idioma local e até mesmo alojamentos, restaurantes e área de estudo para o público internacional. Em contrapartida, noutras IES sequer há gabinetes específicos, restando qualquer tipo de procedimento relativo à mobilidade e internacionalização a cargo de gestores pedagógicos ou administrativos já ocupados com outros assuntos. Portanto, não foi possível constatar a ocorrência de procedimentos padronizados; sequer nacionalmente foi identificado um padrão seguido pelas IES de um mesmo país.

Também verifiquei inúmeras possibilidades de constituição dos programas de mobilidade. A modalidade mais frequente é aquela realizada através de convênios interinstitucionais, ou seja, celebrada diretamente entre IES. Tais convênios são celebrados entre instituições de natureza diversa, pública ou privada, indiscriminadamente. As parcerias interinstitucionais permitem mais flexibilização de procedimentos e a celebração de termos técnicos mais convenientes às partes, como os critérios para validação dos estudos, tempo de duração e classificação mínima do

estudante para aprovação. Como não há, no território ibero-americano, um sistema de classificação e de carga horária comum a todas as IES, os convênios interinstitucionais são capazes de sanar tais incongruências. Entretanto, os parâmetros para a adequada convalidação de estudos também podem ser estabelecidos por intermédio de organizações supranacionais que administram a mobilidade entre as IES dos países membros, como ocorre no programa Erasmus+.

Outro ponto crítico sobre os programas ibero-americanos é o oferecimento de bolsa de estudo ou ajuda de custo. Os convênios interinstitucionais ofertados, em geral, não preveem qualquer tipo de auxílio financeiro. Nas IES de natureza pública há, com maior frequência, a disponibilização de auxílio, condicionado - corretamente - ao preenchimento de alguns requisitos, como comprovação do enquadramento socioeconômico ou média geral de classificação no percurso acadêmico. Evidenciou-se que os estudantes europeus em América Latina são mais beneficiados com algum tipo de ajuda econômica, principalmente aqueles provenientes do programa Erasmus+, o que lhes proporciona melhores condições de vida no exterior. Entre IES privadas, mostrou-se possível a não exigência de pagamento à IES de destino, desde que mantidos os compromissos financeiros com a IES de origem.

No contexto do ensino privado a condição socioeconômica dos estudantes mostrou-se mais favorável ao custeio pessoal das despesas decorrentes da mobilidade. Pareceu-me que a conjuntura financeira de tais estudantes lhes favorece, sobretudo em relação aos latino-americanos, a eleição de países mais distantes, a fim de aproveitarem melhor a oportunidade de ter uma vivência mais diversa cultural, econômica e socialmente. Todavia, não se pode olvidar que muitos estudantes, mesmo inseridos no ambiente de ensino privado, sequer cogitam viver essa experiência internacional por não possuírem condição financeira, já que se obrigam

aos altos custos do ensino privado em razão de haver escassez de vagas nas IES públicas. Assim, a falta de auxílio financeiro é, de todo modo, fator impeditivo para o incremento dos programas de mobilidade e sua profusão.

Em relação à preparação dos estudantes *saintes*, mobilidade *out*, todas as IES apresentaram pelo menos uma atividade esclarecedora e minimamente informativa, seja através de reuniões individuais ou coletivas. Além dos trâmites virtuais protocolares, a presença pessoal do estudante sempre foi indispensável para a confirmação da realização da viagem. Algumas IES adotam procedimentos que proporcionam maior grau de informação e atenção ao estudante que outras. Foi possível, inclusive, constatar que são realizadas reuniões com pais de estudantes a fim de elucidar dúvidas relacionadas à mobilidade. Por vezes, IES têm realizado oficinas preliminares acerca da vivência intercultural apresentando o relato de estudantes internacionais que estão na IES e de estudantes locais que participaram dessa experiência em outro país, visando incentivar possíveis candidatos e tornar conhecida a realidade cultural, linguística, política, econômica no estrangeiro. Também notei a divulgação desse tipo de relato em canais oficiais de comunicação institucional, valorizando a experiência anterior de estudantes locais.

Todas as IES pesquisadas adotam procedimentos de acompanhamento aos estudantes, em níveis de atenção diferentes. Verifiquei, em grande parte, a existência de um tutor acadêmico - um colega local selecionado pela IES - que presta auxílio aos colegas estrangeiros durante o período da mobilidade, contribuindo para a interação e sentimento de pertencimento ao novo grupo. Ao chegar ao destino, os estudantes estrangeiros são recebidos de variadas formas. Ocorrem reuniões, coletivas ou individuais, onde são apresentadas a infraestrutura da IES, os gestores responsáveis pelos assuntos da mobilidade, colegas, psicólogos e até mesmo

funcionários da administração pública local. Inclusive, foi relatada a presença, em reunião de acolhimento, de um representante do governo local da municipalidade, que expôs aos estudantes estrangeiros um projeto de recepção, no qual são disponibilizados serviços específicos a estudantes, como tarjeta para transporte público e descontos em alojamento e eventos culturais.

Uma das evidências que comprovou a necessidade de haver mais diálogo entre comunidade local e IES para o fornecimento de serviços adequados aos estudantes estrangeiros, foi a ausência de alojamentos. Poucas IES visitadas oferecem residência universitária aos estudantes, que encontram dificuldades para locar um imóvel ou quarto. A solução encontrada por muitos estudantes é a permanência em hospedarias de baixo custo até que consigam um local definitivo. Destaco que essa situação pode gerar incômodo e estresse ao estudante, comprometendo o adequado aproveitamento da mobilidade.

Portanto, o planejamento institucional para oferta de vagas para estudantes estrangeiros requer a adoção de cuidados que vão além dos aspectos acadêmico e pedagógico. Muitos gestores entrevistados afirmaram que, em razão da ausência de residência universitária, divulgam anúncios de terceiros que disponibilizam quartos individuais ou compartilhados para esse público, minimizando os problemas de adaptação.

Em resumo, destaco os pontos favoráveis e desfavoráveis que influenciam na formação de cidadãos cosmopolitas, em relação aos procedimentos burocráticos observados nas IES ibero-americanas visitadas, por meio da tabela seguinte:

Tabela 11  
Pontos favoráveis e desfavoráveis - Procedimentos Burocráticos

PROCEDIMENTOS BUROCRÁTICOS	
Preparativa	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação presencial entre estudante e IES;</li> <li>• Variados programas de mobilidade;</li> <li>• Gabinetes descentralizados, o que favorece a proximidade com o estudante;</li> <li>• Seleção de funcionários engajados com o tema;</li> <li>• Comunicação prévia com estudantes em mobilidade <i>in</i> antes de chegarem ao destino;</li> <li>• Celebração de convênios interinstitucionais pertinentes à realidade acadêmica.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas que concedem auxílio financeiro aos participantes.</li> <li>• Gabinetes separados em mobilidade <i>in e out</i>;</li> <li>• Critérios para seleção de estudantes em razão da idade e percurso acadêmico;</li> <li>• Realização de eventos específicos aos interessados em mobilidade <i>out</i>.</li> <li>• Divulgação de serviços oferecidos por terceiros, como alojamento e transporte;</li> <li>• Criação de uma divisão específica para programas por região de destino.</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade de providenciar alojamento antes de chegar ao país;</li> <li>• Ausência de auxílio financeiro para estudantes em mobilidade;</li> <li>• Falta de engajamento de IES para promover a mobilidade ibero-americana;</li> <li>• Inexistência de diretrizes sobre gestão dos programas de mobilidade;</li> <li>• Ausência de programas ibero-americanos que despertem o interesse dos estudantes.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Insuficiência de informações acerca de como o estudante deve se planejar financeiramente;</li> <li>• Ausência de gabinetes específicos para a mobilidade;</li> <li>• Acordos interinstitucionais sem os necessários esclarecimentos acerca do método de classificação do estudante;</li> <li>• Falta de planejamento para melhorar as estratégias de acolhimento;</li> <li>• Dificuldade de atendimento presencial.</li> </ul>
1.2 Acolhida	
Pontos Favoráveis	Pontos Desfavoráveis

<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos de acolhimento com informações no início do semestre letivo;</li> <li>• Promoção, pelas escolas ou faculdades, de práticas de acolhimento, aproximando o estudante ao seu contexto;</li> <li>• Tutores que auxiliam os estudantes estrangeiros.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Divulgação de serviços oferecidos por terceiros, como alojamento;</li> <li>• Disponibilização de residência universitária;</li> <li>• Ações governamentais direcionadas ao estudante estrangeiro.</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de alojamento para estudantes estrangeiros.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de engajamento dos padrinhos de estudantes estrangeiros.</li> </ul>
<b>1.3 Pós-mobilidade</b>	
<b>Pontos Favoráveis</b>	<b>Pontos Desfavoráveis</b>
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atuação como tutor de estudantes estrangeiros.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Indicação de estudantes para vagas de trabalho;</li> <li>• Elaboração de relatório sobre a experiência internacional.</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de atividades pós-mobilidade que valorizem a experiência do estudante.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <p>Não se aplica.</p>

#### 4.2 Experiências Acadêmicas e a Integração do Estudante

A segunda categoria dispõe acerca de situações vivenciadas por estudantes, tanto dentro quanto fora de sala de aula. Conhecer o contexto do estudante e da IES

nesse quesito é fundamental para compreender a mobilidade e como o estudante é acolhido e integrado ao novo ambiente universitário. Contudo, também é preciso atentar-se para suas experiências socializantes fora desse ambiente. O tipo de local frequentado, a qualidade da moradia, o acesso a serviços públicos e a vivência comunitária interferem na experiência dos estudantes e na possibilidade de eles perceberem e exercerem a cidadania numa perspectiva cosmopolita.

Em relação ao processo educativo, é imprescindível que este promova ações inclusivas, culturais e sociais, e não apenas aquelas direcionadas ao desenvolvimento do saber científico. É preciso que o estudante estrangeiro se sinta parte da comunidade acadêmica. Dessa forma, os programas de mobilidade devem ser bem organizados e orientados, principalmente em razão do perfil da geração de universitários no século XXI (Ward, Siegel & Davenport, 2012). Os estudantes do ensino superior da atualidade, em sua maioria, além de romperem com o *establishment* de seus ascendentes, têm novas e múltiplas demandas, expectativas e capacidades (Coutinho & Lisbôa, 2011). As IES, logo, necessitam dar atenção às novas características do corpo discente, que revela notória habilidade no uso de instrumentos tecnológicos e de comunicação virtual, bem como na operacionalização de meios que permitem acesso fácil à informação.

Ademais, deve-se considerar que a faixa etária de estudantes de graduação está circunstanciada em momentos de transformações e desenvolvimento pessoal, já que se trata de uma fase de ambiguidades e busca por maturidade (Levi & Schmitt, 1996). Não bastasse esse período instável e de transformação, para Bauman (2006) a sociedade contemporânea passa por um período crítico de transição entre uma fase de estado sólido para outra de estado líquido. Essa rutura é observada pela superficialidade das relações e das sociedades que perdem robustez e fundamentos



tradicionais relacionados aos seus antigos projetos de vida. Nesse pensar, a multiplicidade de paradigmas e visões de mundo são decorrentes da própria diversidade cultural e da dinâmica da globalização, e influenciam de forma direta os processos educativos. A juventude que busca transformar a cultura através do conhecimento, da comunicação e da interação com o mundo representa o novo sentido do sujeito contemporâneo (Archanjo, 2016).

Por certo, a elaboração de diretrizes educacionais e medidas políticas no âmbito governamental adotadas nesse campo devem ser observadas de forma contextualizada em relação ao sistema educacional local e de sua pertinência. Em vista disso, Dreher e Poutvaara (2005) consideram que países podem obter benefícios econômicos e tecnológicos por meio da qualificação de seus cidadãos, enviando-os ao exterior. Há países, por outro lado, que incentivam a imigração com o objetivo de atrair capital humano qualificado profissional ou academicamente. Mesmo fora do contexto da investigação, é relevante destacar, que nos Estados Unidos da América, em 2015, estudantes estrangeiros injetaram cerca de 35 bilhões de dólares na economia local (OCDE, 2017).

Considerando, portanto, as conjunturas sociais e educacionais da atualidade que influenciam a prática da mobilidade acadêmica, a práxis institucional deve zelar por uma educação que reverencie direitos e liberdades humanas. Logo, reconhecer as diferenças e ao mesmo tempo a igualdade entre todos, torna os estudantes estrangeiros pessoas dignas de respeito, protegidos contra qualquer tipo de discriminação ou segregação. Como propõe a UNESCO (2016), em seu projeto intitulado “Educação para a Cidadania Global”, as instituições de ensino devem promover o desenvolvimento humano e novos estilos de vida sustentáveis. Esse projeto, que estabelece um novo paradigma educacional, se compromete com o

respeito à igualdade de gênero, à cultura da paz e não violência, cidadania mundial e valorização da diversidade cultural (UNESCO, 2015a), além de educar para a tolerância (UNESCO, 2015b). A propósito, tal abordagem preocupa-se com uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade, de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ONU, 2015).

Todavia, existem obstáculos que devem ser superados. As comunidades acadêmicas ibero-americanas oscilam entre a manutenção da tradição e a adoção de práticas inovadoras. A multiculturalidade nos contextos escolares é inerente ao século XXI, com afirma Anabela Pereira (2004), e deve ser tratada com a devida atenção que a atualidade exige. Não apenas medidas políticas precisam ser repensadas, mas os sistemas educativos também necessitam ser questionados, incluindo-se os processos de formação docente, para garantirem o direito à educação com significado, conforme exposto.

Para Pereira, o tema multiculturalidade foi incluído tardiamente no debate da educação contemporânea. Isso, em razão da forte tradição monocultural da sociedade. Pereira enfatiza a importância de se atentar para o fato de que a experiência multicultural na educação tem relação com aspectos antirracistas e anti discriminatórios. Sendo esses conteúdos abordados com a atenção necessária, beneficia-se da tolerância à diversidade cultural toda a comunidade.

Alguns países têm adotado diferentes orientações a respeito da diversidade cultural e étnica na sociedade e no sistema educativo. Ainda segundo Pereira são três as principais correntes de pensamento que tratam da diversidade, as quais julgo relevantes para esta análise: a) assimilacionismo; b) integracionismo; e c) pluralismo multicultural.

#### a) Assimilacionismo

Pereira entende que o assimilacionismo é um padrão que “traduz um processo social conducente à eliminação das barreiras culturais entre populações pertencentes a minorias e à própria maioria. Por este processo, os indivíduos pertencentes às minorias étnicas adquirem os traços culturais do grupo dominante” (idem, p. 21). Trata-se do primeiro conceito desenvolvido pela observação das relações entre culturas; portanto, segundo afirma, deve ser compreendido como um mecanismo ultrapassado, apesar de ainda estar presente no inconsciente coletivo de muitos educadores.

Nos processos educativos atuais o assimilacionismo é percebido nas ações de docentes e administradores escolares de forma espontânea e até mesmo irrefletida. Para a autora citada, tolera-se a minoria, desde que não haja qualquer afetação à cultura dominante; isto é, as minorias devem compreender e reconhecer que não são parte do grupo majoritário, pois apenas estão presentes num contexto social diverso do seu. Em diversas situações a minoria é conduzida a agir do modo como a maioria age, devendo se igualar aos outros para alcançar resultados satisfatórios - como ocorre, por exemplo, em programas de remediação capazes de compensar desvantagens de conteúdo no ambiente escolar. De acordo com Maria da Silva (2008), essa conduta leva à privação do ensino em razão da cultura, quando grupos étnicos minoritários não se socializam de forma adequada.

Observei, em várias situações, que estudantes estrangeiros são absorvidos pela cultura acadêmica da IES de forma a restringir suas particularidades e capacidades. Muitos isolam-se em grupos de estrangeiros porque não há medidas de acolhimento e integração à comunidade acadêmica. O tratamento dispensado a esses estudantes, por vezes, é deficitário para a promoção de bem-estar e

socialização. Há descaso e incompreensão, pelas IES, do que pode representar para esse público estar longe de familiares e amigos e viver, por vezes, em situações precárias de habitação, alimentação e transporte. Exigir, portanto, que um estudante em mobilidade tenha condutas, resultados e responsabilidades semelhantes aos demais discentes revela uma prática assimilacionista, no meu entender. Tampouco é aconselhável que o estudante seja obrigado a agir, falar, escrever, vestir-se ou alimentar-se como os demais, o que seria um acinte à sua dignidade e personalidade.

Professores que adotam uma postura de indiferença em relação ao estudante estrangeiro que está atrasado em relação ao conteúdo, ou que tem dificuldade comunicativa, ou mantém algum comportamento diferente em razão de sua cultura, comprometem, ainda que inconscientemente, o bom aproveitamento do período de mobilidade por parte do estudante estrangeiro. A exigência da participação em curso de idioma, por exemplo, não pode servir apenas para que o estudante evite o cometimento de erros em sua fala e escrita ou que sirva para ele adequar-se às expressões e pronúncias típicas do local. Mais importante que isso, tal exigência deve visar capacitar o estudante para melhorar sua habilidade comunicativa e de compreensão e aproveitamento dos estudos. Esclareço que não está em questão o abrandamento do necessário rigor científico e, muito menos, da inobservância de regras institucionais estabelecidas.

Ressalto, porém, que um dos pilares da mobilidade acadêmica internacional é a experiência multicultural. Alguns depoimentos apontaram que estudantes se sentem satisfeitos com a adoção de novos comportamentos, linguagens e visões de mundo, possíveis, apenas, quando estão introduzidos a um novo padrão dominante. O estudante, ao decidir deslocar-se a outro país, busca uma nova vivência, pois está

ciente de que passará por novas situações noutra contexto, o que não autoriza a adoção de práticas discriminatórias e abusivas por parte da comunidade acadêmica.

Trata-se de um paradoxo em que o cerne da questão está em equacionar duas variáveis: de um lado o desejo do estudante experimentar e deixar-se permear por outra realidade cultural, vivendo a diferença; de outro lado o desejo de ser respeitado em suas particularidades, preservá-las e não ser discriminado em razão delas, ou seja, por ser, justamente, diferente. Diante disso, evoco tão somente o bom-senso de professores e IES para a correta abordagem pedagógica nas situações que podem causar constrangimento ao estudante em mobilidade.

#### b) Integracionismo

O integracionismo permite que as minorias afirmem suas identidades perante o grupo dominante, desde que essa ação não afete a ordem da maioria (Pereira, 2004). Há maior liberdade de expressão e até mesmo reconhecimento, mas está também presente uma relação de subordinação à cultura local. Todavia, o integracionismo permite o envolvimento social entre díspares, quando ajustado aos moldes e regras da cultura dominante, formando um “caldo de culturas”, denominado *melting pot* (Silva, 2008). No contexto educacional, o integracionismo favorece a compreensão da realidade multiétnica, das diferenças, do respeito e da tolerância por meio da inserção de conteúdos culturais na agenda curricular, mas sem ultrapassar o conteúdo formal, sendo mais teórico que prático.

Caracterizado como um meio-termo entre assimilacionismo e pluralismo cultural, o integracionismo contém práticas comuns aos dois conceitos. Ocorre, muitas vezes, nas IES que reconhecem a diversidade cultural por meio da presença de estudantes estrangeiros. Há IES que aproveitam esse público internacional para

promover seus programas de mobilidade, convidando estudantes em mobilidade *in* para participar de eventos compartilhando suas experiências. Acredito ser uma boa medida para distingui-los e reconhecê-los perante outros estudantes, desde que acompanhada de práticas de respeito, acolhimento e integração ao longo de todo o percurso, não podendo servir apenas ao interesse publicitário institucional.

Entendo do modelo integracionista que é possível equilibrar o respeito à diferença e a afirmação da cultura da maioria. Pois, como afirmado, a mobilidade internacional, em sua própria essência, promove uma experiência de troca cultural, na qual o estudante submete-se a um novo padrão, seja científico, social, econômico ou político. Assim, o desenvolvimento de competências multiculturais e cosmopolitas passa pela compreensão de que é indispensável saber conviver num ambiente com outras regras e padrões de comportamento.

A cidadania cosmopolita tem estreita relação com a convivência multicultural. Nela está presente um relacionamento interpessoal dialético, com alteridade e partilha. Pensar na educação multicultural implica considerar e dialogar com a pluralidade, ao invés de menosprezar as diferenças. A mobilidade internacional, assim, contribui para a construção de um *ethos* social que fomenta o respeito à diversidade étnica e racial por meio de processos educativos que garantam o bem-estar de todos. Em relação à convivência social e interpessoal no ambiente acadêmico, passa-se de um domínio meramente intelectual-teórico para uma representação descritiva da realidade, participativa, com uma dimensão hermenêutica, próprias de uma educação social (Carvalho, 2004).

### c) Pluralismo Cultural

Já o pluralismo cultural, de acordo com Pereira (2004), considera a coexistência cultural de grupos étnicos distintos no contexto de uma sociedade. Segundo explica, uma sociedade pluralista deveria ser “aquela em que indivíduos manteriam as suas identidades culturais, isto é, a plena liberdade de participar de uma vida cultural social própria, em circunstâncias iguais às de outras culturas, mantendo, no entanto, a liberdade de escolha” (p. 23).

Nesse modelo, espera-se que todos tenham oportunidades iguais de interlocução e participação na vida cultural sem barreiras sociais, políticas, religiosas e econômicas, o que, no meu entender, considero algo programático e utópico. Isso porque a aplicação efetiva e inflexível desse modelo atentaria contra o seu verdadeiro sentido, vez que a realidade fática não dá lugar a que todos sejam tratados de modo igual sem qualquer tipo de restrição.

A propósito do modelo pluralista, foi curioso observar que muitas IES visitadas parecem pretender assumir esse modelo. Todavia, como afirmado anteriormente, a realidade fática trai o discurso multiculturalista quando estudantes estrangeiros não são integrados pela IES, professores ou colegas. A ausência de estratégias de acolhimento ou a falta de acompanhamento durante o período da mobilidade são os fatores mais comuns que desencadeiam o isolamento desses estudantes, mesmo quando a comunidade acadêmica se julga aberta à diversidade. A discriminação velada a estudantes estrangeiros foi, infelizmente, percebida durante a pesquisa. Atento, contudo, para o fato de que a própria sociedade não consegue aplicar esse modelo em sua integralidade, inviabilizando a eficiência de práticas adotadas pelas IES.

Para evitar equívocos na interpretação e aplicação desses três modelos, deve-se potencializar os mecanismos de ação e comunicação institucionais por meio de práticas pedagógicas condizentes à experimentação da multiculturalidade pacífica, respeitosa e solidária. Assim, a construção de um ambiente educacional saudável e democrático passa pela adoção de práticas capazes de promover o debate e o conhecimento (Branco, 2006). Logo, deve-se, independente da classificação teórica das práticas adotadas segundo um modelo ou outro, reconhecer cada cultura ao mesmo tempo em que permitir relações de troca.

Em algumas IES visitadas percebi algumas condutas institucionais facilitadoras da integração e ambientação acadêmica do estudante estrangeiro. Medidas que dão a eles autonomia e protagonismo em sua jornada e que providenciam padrinhos para acompanhá-los durante o período da mobilidade, por exemplo, são bons casos de práticas que, respetivamente, respeitam a diferença e buscam integração ao novo contexto. Um relato de estudante destacou-se por expor a sua experiência positiva em sala de aula, onde, mesmo vivenciando uma nova realidade didática, teve seus métodos de estudos e de feitura de trabalho reconhecidos positivamente por seus colegas. Em outras IES, contudo, o estudante estrangeiro não tem qualquer tratamento diferenciado em relação aos demais, sob a alegação de que ele deve ter a mesma responsabilidade que todos os outros.

Para compreender o significado dessas experiências acadêmicas também é necessário analisar qual é a sua relação com o meio, ou seja, a cidade, o bairro, sua residência, amigos e, inclusive, o comércio e as estruturas de lazer oferecidas. Muitas cidades visitadas estão preparadas para receber estudantes em mobilidade, sobretudo aquelas que têm profissionais com expertise no segmento turístico. Esses locais atendem melhor os estudantes em mobilidade *in* porque oferecem mais



possibilidades de alojamentos adequados, meios de transporte e serviços diversos, como alimentação e lazer. Em razão da presença de estudantes internacionais, foi constatada, numa das cidades visitadas, a oferta de seguro de saúde específico para esse público. Por outra via, algumas urbes não apresentam estrutura e serviços capazes de bem acolher esses estudantes. Entendo que o acadêmico estrangeiro deve ser informado antecipadamente, pela IES de destino, acerca da infraestrutura local e das condicionalidades da região.

Destacaram-se as cidades que oferecem melhores condições de vivência e permanência ao estudante. Foram percebidas, pela iniciativa pública e privada, algumas medidas relevantes. No âmbito público, identifiquei, por exemplo, projetos de apoio a estudantes em mobilidade, como: departamento de atendimento para apoio a estrangeiros; programas que dão desconto em meios de transporte, alojamentos, espaços culturais e estabelecimentos comerciais; e serviço de atenção no aeroporto. Já no âmbito privado, alheio às ações das IES e do governo local, constatei: oferta de alojamentos próximos às IES; estabelecimentos comerciais direcionados ao público estudantil, como bares e restaurantes; oferta de produtos e serviços específicos, como seguro de saúde e roteiros turísticos; descontos em bilhete aéreo, serviço de telecomunicação e estabelecimentos comerciais; e existência de associações de estudantes que visam acolher estrangeiros, sem vinculação direta com a IES.

Dentre as ações institucionais mais comuns observadas, destacam-se, ainda, aquelas que têm o objetivo de integrar os estudantes ao ambiente universitário. Essas ações de integração transitam entre procedimentos burocráticos e acadêmicos, sobretudo quando realizadas por meio de eventos de recepção e boas-vindas nos primeiros dias, conforme disposto no item anterior. Entretanto, poucas ações de

acompanhamento foram identificadas, ou seja, aquelas realizadas ao longo do período da mobilidade. Acrescento, por fim, a iniciativa de estudantes, e não de IES, que se organizam em associação sem finalidade lucrativa para integrar os colegas estrangeiros, medida observada tanto em cidades europeias quanto latino-americanas. Essa iniciativa visa contribuir para melhor adaptação e bem-estar de quem está em mobilidade internacional. As ações compreendem a organização de classes de apoio linguístico ou escolar, auxílio nas questões burocráticas, apoio psicológico e na promoção de eventos diversificados de integração.

Certamente, as experiências em sala e fora dela constroem a história do estudante em mobilidade. Amizades e atividades desenvolvidas nesse período de intensa vivência determinam parte do sucesso da mobilidade acadêmica. Assim, a adoção, pelas IES, de medidas de integração ao longo do período de mobilidade são indispensáveis, evitando-se o isolamento e segregação de estudantes estrangeiros.

Tabela 12

### **Experiências favoráveis e desfavoráveis – Experiências Pessoais**

2. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS	
2.1 Ambiente Acadêmico	
Experiências Favoráveis	Experiências Desfavoráveis
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil adaptação linguística;</li> <li>• Cultura acadêmica vívida;</li> <li>• Exigência de compromisso com as obrigações acadêmicas;</li> <li>• Ambiente multicultural;</li> <li>• Curso do idioma local a estrangeiros.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p>	<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudantes estrangeiros (falta de integração com os locais);</li> <li>• Desconsideração da condição de precariedade do estudante em mobilidade.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Suporte de profissionais do gabinete de internacionalização;</li> <li>• Consideração da condição de precariedade do estudante em mobilidade;</li> <li>• Troca de experiências entre discentes;</li> <li>• Reconhecimento das habilidades e competências do estudante em mobilidade;</li> <li>• Experimentação de nova didática;</li> <li>• Eventos com temática sobre interculturalidade;</li> <li>• Disponibilização de auxílio psicológico;</li> <li>• Realização de oficinas durante o período de mobilidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade nas aulas ministradas em outro idioma;</li> <li>• Falta de domínio da língua local;</li> <li>• Ambiente universitário degradado;</li> <li>• Constrangimento em razão da nacionalidade.</li> </ul>
<b>2.2 Fora do ambiente acadêmico</b>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de associação de estudantes com o fim de auxiliar estudantes estrangeiros;</li> <li>• Organização de viagens, visitas a pontos estratégicos e eventos de diversas naturezas;</li> <li>• Fácil integração social.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Oferta de serviços ou produtos específicos a estudantes em mobilidade;</li> <li>• Integração por meio de grupos que acolhem imigrantes;</li> <li>• Realização de trabalhos voluntários.</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de privacidade em alojamentos inadequados.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade financeira;</li> <li>• Perda de oportunidades profissionais em razão da condição de imigrante;</li> <li>• Alto custo de produtos e serviços locais;</li> <li>• Falta de segurança;</li> <li>• Estudantes estrangeiros estereotipados negativamente pela população.</li> </ul>

### 4.3 Vivências multiculturais e a formação de Cidadãos Cosmopolitas

A terceira categoria está relacionada com as vivências que influenciaram positiva ou negativamente o desenvolvimento pessoal de estudantes e seu sentimento de pertencimento ao novo contexto. Conhecer essas experiências é indispensável para avaliar o impacto da mobilidade acadêmica para a ampliação da visão de mundo, desenvolvimento de habilidades sociais e percepção da realidade multicultural. Essa última categoria evidencia a relevância da mobilidade e seus contributos para a formação de cidadãos cosmopolitas.

De início, esclareço que não se pode embarçar o conceito de cidadania com o de nacionalidade. No entender de Mazzuoli (2014), “pode-se considerar a nacionalidade como sendo o elo jurídico-político que liga o indivíduo a determinado Estado e a cidadania como a condição de exercício dos direitos constitucionalmente assegurados, que não mais se limita à mera atividade eleitoral ou ao voto” (pp. 728, 729). Apesar de interrelacionados, esses conceitos contribuíram para a ampliação dos processos reivindicatórios de proteção, de reconhecimento e integração dos indivíduos a uma determinada entidade política. Por certo, a relação entre indivíduo e Estado contribuiu para o significado da atual definição de cidadania, indicada como resposta a movimentos políticos e sociais que a relativizaram como instrumento de vinculação protonacionalista em razão linguística, étnica e religiosa. Ademais, segundo Mazzuoli, além de a cidadania permitir a participação dos indivíduos na vida coletiva, ela também garante “igualdade de direitos e dignidade . . . com base num sentimento ético comum, capaz de torná-los partícipes no processo do poder e garantir-lhes o acesso ao espaço público” (p. 729).

De acordo com Jerónimo e Vink (2013), o conceito atual de cidadania não contém apenas aspetos jurídicos e políticos, pois “a importância da cidadania não se resume, no entanto, a este feixe de direitos e deveres que o Estado reserva para os seus membros” (p.25). Empresta-se o conceito jurídico-político de cidadania nacional para alargá-lo a uma dimensão global onde não há pertencimento exclusivo a um Estado, mas o sentimento de pertencimento ao mundo pela consciência de que o sujeito é parte da humanidade, sem fronteiras. Logo, a ideia de uma cidadania que rompe fronteiras nacionais revela-se legítima e possível.

Nesse sentido, o segundo artigo do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1966), define que os Estados partes devem respeitar e garantir a todas as pessoas localizadas em seus territórios e sujeitas à jurisdição nacional a observância dos direitos ali dispostos, “sem discriminação alguma por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer condição”. A liberdade de ir e vir, igualmente, garante a todos os indivíduos o exercício da autonomia e da vontade, como salienta Jean Morange (2004), caso dos estudantes em mobilidade.

Durante a Pesquisa de Campo, algumas cidades visitadas apresentaram uma constituição urbana e social multicultural, como bairros, templos religiosos ou estabelecimentos comerciais típicos de outros países. Isso representa, de forma irrefutável, a diversidade cultural, religiosa e social das grandes cidades contemporâneas. O fluxo migratório transnacional é parte indissociável do século XXI. De acordo com a Organização Internacional para Migração (OIM), o migrante é definido como qualquer indivíduo que atravessa uma fronteira internacional ou que se mova dentro de um Estado, ausentando-se do seu local habitual de residência, independente da sua condição legal, se é um movimento voluntário ou involuntário,

motivo ou a duração da estadia (UN Migration, 2018). Assim, qualquer ideia acerca do exercício de uma cidadania perspectivada numa dimensão cosmopolita deve considerar os aspetos migratórios e suas consequências.

Para Gomes Canotilho (2003), um dos complexos problemas relacionados à cidadania do imigrante é entender qual máscara jurídica é posta em sua face pelas leis do país de acolhimento. Deve o imigrante ser tratado como minoria? Como mero estrangeiro, pois não é nacional? Ou como trabalhador, já que alguns possuem visto que lhes permitem labutar? Ou, ainda, como um suspeito, razão por que se encontra, por dedução, em determinado grupo de risco? Para Canotilho, o imigrante deve ser tratado, de acordo com os documentos legais, de todas essas formas, desde que seja reconhecida a sua cidadania imigrante a partir de uma perspectiva constitucionalista, em face das perspectivas comunitarista e utilitarista<sup>11</sup> - o que depende de decisão política.

Acrescento às indagações de Canotilho a seguinte questão: - Como o Estado deve tratar o estudante em mobilidade acadêmica? Não podem ser considerados trabalhadores, pois não lhes é permitido o labor concomitante ao estudo – em geral. Não são meros estrangeiros, pois vinculam-se formalmente a uma IES. Igualmente não podem ser considerados suspeitos, muito ao contrário, pois integram um grupo privilegiado. Resta compreender se podem ser classificados como minoria. Por certo,

---

<sup>11</sup> Segundo Canotilho, o critério comunitarista considera que “a inclusão é pautada pelo parentesco (os próximos, a família); rejeita-se a criação de grandes espaços atomizados; a solidariedade reconduz-se a uma organização fria de sistemas fiscais e financeiros de redistribuição (“não se sabe quem dá e quem recebe”); o princípio da livre circulação de pessoas e os fluxos de imigração reforçam o carácter abstracto e distante dos mecanismos de solidariedade; a dimensão comunitarista serve como princípio barreira à inclusão dos não comunitariamente próximos (porque são de raça diferente, seguem crenças diferentes, não partilham a mesma identidade histórica).” Já em relação ao critério utilitarista, aponta que “o tópico fundamental é o princípio de custos/benefícios com possível inclusão de imigrantes estrangeiros (mutual benefits societies); a sociedade concebe-se como um grande clube filiado no Estado de bem estar que deve reservar aos seus incluídos as vantagens da associação política na qual eles (e só eles) têm interesse; este interesse pode ser calculado individualmente em termos de comparação entre o que cada um dá e o que cada um recebe.” (Canotilho, 2003, p. 155)

em razão da condição de estrangeiro, são naturalmente minoria perante o grupo nacional. Dessa forma, a depender de como o Estado e a sociedade consideram as minorias, o estudante poderá vivenciar experiências positivas ou negativas em relação à sua integração e pertencimento à comunidade.

O critério constitucionalista de reconhecimento da cidadania imigrante, no dizer de Canotilho, considera que “a ideia de inclusão assenta na ideia de sujeitos de direito iguais e no reconhecimento comum de princípios constitucionais (dignidade da pessoa humana, direitos fundamentais, estado de direito, igualdade, solidariedade, justiça)” (idem, p. 156). Deve, assim, de acordo com esse autor, ser reconhecido e garantido um catálogo de direitos, tais como: direito à liberdade e segurança; direitos e garantias processuais; direito de não ser expulso arbitrariamente; de casar, formar família e poder reagrupá-la; liberdade religiosa e objeção de consciência; educação; liberdade de expressão, informação e comunicação; propriedade privada; direitos trabalhistas, sindicais, de assistência e segurança social, com as devidas prestações; e saúde e cuidados médicos.

O deslocamento do estudante e sua experiência enquanto imigrante são fundamentais para a construção de uma cidadania cosmopolita sólida. Essa vivência lhe permite, na prática, experimentar a multiculturalidade sendo o diferente. Assim, a cidadania na dimensão cosmopolita nada mais é que um status político-jurídico que define a condição do indivíduo perante toda a humanidade, independente da sua associação nacional. É uma cidadania global que respeita os Direitos Humanos estabelecidos no plano internacional e que exige tratamento digno e igualitário a todos os seres humanos, independente de critérios de diferenciação.

Um cidadão cosmopolita, portanto, é aquele que está imerso em outra cultura ou num ambiente multicultural. Conviver com o diferente em múltiplas situações

favorece a compreensão do que é ser cosmopolita; pois, é na relação com o outro que nossa identidade é esculpida, seja por meio de discórdias ou conciliações. É por meio da relação entre diferentes que regras de convivência são adequadamente forjadas. Somente quem participa dessa experiência social tem capacidade de compreendê-la em sua plenitude.

Durante a pesquisa, relatos apontaram que a vivência num novo contexto cultural, social, político e econômico foi considerada como uma oportunidade ímpar para o crescimento do estudante enquanto cidadão, pois possibilitou a compreensão do mundo em suas múltiplas visões. A comparação entre as diversas realidades, nesse sentido, permite que o estudante perceba e identifique a sua origem e o seu lugar no mundo, seja por meio de experiências positivas ou negativas no país de destino. Além disso, essa comparação permite ao estudante, como relatado, reconhecer o valor de sua realidade nacional e dos direitos que nela são garantidos. Isso é fundamental para a compreensão - e afirmação - da sua cidadania nacional e, a partir dessa conscientização, a descoberta da possibilidade de vivenciar a cidadania numa perspectiva cosmopolita.

Ademais, o conhecimento adquirido por meio de amizades estabelecidas com outros estudantes, sobretudo estrangeiros em mobilidade, possibilita, como apontado, ampliação da visão de mundo e o conhecimento de discursos legítimos acerca de temas geralmente sabidos apenas pelos meios de comunicação. O estudante, desse modo, conhece não apenas o país de destino, mas também a realidade de seus colegas de outras nacionalidades. Os relatos mais frequentes apontaram para os seguintes benefícios propiciados pela mobilidade: crescimento pessoal, amadurecimento, autonomia, ampliação da visão de mundo, percepção da realidade, sociabilidade, adaptabilidade, capacidade de administrar crises, gestão



financeira aprimorada, habilidades multiculturais, tolerância, aprendizado linguístico e superação de adversidades.

Diante dos dados apresentados, a mobilidade acadêmica internacional só pode ser considerada se ocorrer, de fato, a mudança de localidade e a vivência pessoal do estudante em outro país. Esse pressuposto deve ser ponderado a fim de evitar que estudos à distância sejam, equivocadamente, considerados como mobilidade acadêmica internacional. No mesmo sentido, não é crível afirmar que existe cidadania cosmopolita sem a vivência cosmopolita. A experiência virtual não proporciona as mesmas reflexões e transformações daquela realizada fisicamente. Romantizar a vivência multicultural através do ecrã é desconsiderar a inestimável força transformadora da interação presencial. Seria, com isso, revisitar McLuhan e Powers (1989), quando, ainda no século passado, apresentaram o conceito de “aldeia global”, onde todas as pessoas estariam conectadas e globalizadas por meio das novas formas de comunicação em massa, considerando ser a globalização virtual capaz de moldar a cidadania cosmopolita.

Para Norbert Bilbeny (2008), o atual pensamento cosmopolita é ocidental, estético, moral e cultural. Segundo ele, três características do cosmopolitismo não podem ser ignoradas: 1) consumista, percebida nos negócios turísticos e no consumo global; 2) executiva ou proativa, como ocorre, por exemplo, na relação entre agentes governamentais, na atuação da Organização das Nações Unidas, das organizações não governamentais e nos negócios supranacionais – denominados por Bilbeny de agentes “cosmocratas”; 3) e elitista, voltada para a mobilidade acadêmica, cultural, ideológica e humanitária, denominada de “cosmointeligência”.

Bilbeny (2011) aponta que ser cosmopolita é ter atitude, ter prazer na diversidade, saber se ajustar ao diverso, ter uma personalidade não provinciana, é

estar bem num espaço público heterogêneo estranho ao ambiente familiar e não se sentir um estrangeiro. O que merece concordância. Entretanto, Bilbeny (2008) entende que o cosmopolitismo serve à minoria elitista que faz negócios transnacionais, trabalha e viaja para o exterior. Tal realidade não atende, de acordo com sua convicção, pessoas desfavorecidas economicamente e minorias formadas por migrantes econômicos e apátridas. Aponta que isto é o reflexo do globalismo neoliberal que revitaliza o liberalismo, assentado no mercado e no imperialismo econômico, político e cultural.

Em contraponto, discordo.

Bilbeny deduz que a mobilidade acadêmica serve apenas à minoria abastada, o que não é concebível. Verifiquei, em várias situações, que alguns estudantes em mobilidade não podem ser considerados integrantes da elite econômica. Ao contrário, deparei-me com estudantes fragilizados financeiramente que encontraram na mobilidade a possibilidade de ascender socialmente, principalmente nos casos em que há aporte financeiro de IES - maioria de natureza pública. Ficou evidenciado que as condições de habitação, alimentação, acesso a cultura e possibilidade de realizar viagens durante o período da mobilidade demonstram que há disparidade de oportunidades entre estudantes estrangeiros.

Em razão disso, esforços de iniciativa pública e privada devem ser engendrados a fim de democratizar a mobilidade garantindo-se o financiamento de programas ibero-americanos. Dar-se-á, desse modo, oportunidade, por meio de critérios objetivos e meritórios, àqueles que porventura não poderiam realizá-la. Ademais, não apenas o auxílio financeiro é cabível, mas também a disponibilização de alojamento, alimentação, material de estudo, acesso à internet, transporte ou outros recursos indispensáveis à permanência do estudante em outro país.

Portanto, não é admissível deduzir que todos em mobilidade acadêmica internacional encontram-se em bonança econômica. Somente era possível generalizar esse fenômeno como um esmero elitista quando a mobilidade era destinada a jovens abastados que buscavam formação em outros países às custas de sua riqueza familiar, em especial até meados do século XX. É inegável, contudo, que essa prática favorece a participação de estudantes economicamente privilegiados, em razão da facilidade de manutenção em outro país.

É uma transformação radical de vida. Por vezes, um rito de passagem da fase dependente para o início da construção da autonomia. A pesquisa evidenciou que a mobilidade acadêmica ibero-americana observada, contribui para a formação de estudantes numa perspectiva de cidadania cosmopolita. Seja pela participação em ato político em prol da democracia ou presença em eventos culturais ou, ainda, pela necessidade de aprender a se comunicar para realizar compras no comércio local, os relatos revelam que os estudantes amadureceram durante a jornada. Estar em outro local, distante da família e dos amigos, como afirmado por um dos estudantes entrevistados, permitiu a compreensão de que é possível viver com pouco e ser feliz. Em outro relato, praticar a liberdade de expressão em local público foi uma experiência libertadora. Todavia, em algumas situações, os estudantes se dão conta do significado e importância das experiências depois de algum tempo, quando retornam à casa e reconhecem habilidades antes desconhecidas e competências adquiridas.

Conhecer novas leis, comparando-as com as de seu país, e ter conhecimento de seus novos deveres e direitos conduz o estudante, como relatado, à conscientização de que existem realidades diversas. Alguns, como afirmado em depoimento, propõem mudanças em seu local de origem utilizando como referência

boas medidas observadas no exterior. Outros, mobilizam-se em prol de imigrantes e pelo respeito ao outro, ao diferente, em razão de terem sido estrangeiros durante a mobilidade.

Devo, contudo, frisar que também foram relatadas experiências negativas (depressão, discriminação, encarceramento, isolamento). Por isso, é urgente a necessidade de as IES elaborarem estratégias de acompanhamento, pois alguns estudantes ocultam problemas pessoais graves e de depressão, prejudicando sua saúde física e mental. A mobilidade pode ser, para alguns estudantes, traumática, se não for bem planejada por eles e se a IES for omissa no cuidado e atenção ao seu bem-estar.

Por fim, destaco que enquanto alguns estudantes almejam a mobilidade acadêmica para desfrutar de uma nova experiência de vida, não importando o país e a IES, muitos consideram que a decisão deve ser criteriosa. O aproveitamento profissional decorrente dessa experiência é relevante e capaz de destacar o estudante no mercado de trabalho pela oportunidade de ter aprendido e praticado um novo idioma, pelos conhecimentos acadêmicos adquiridos ou pela ampliação de sua rede de contatos. Há IES, inclusive, que tem sido demandada por empresas multinacionais para indicar estudantes que participaram de programas internacionais, deduzindo haver aquisição de competências multiculturais. Para esse mesmo propósito de crescimento pessoal e profissional, alguns estudantes se voluntariam em organizações sociais que prestam serviços a pessoas em estado de vulnerabilidade ou cuidado com meio ambiente.

É, portanto, de forma prática que a cidadania cosmopolita é exercida pelo estudante. Não restam dúvidas de que todas as experiências vividas por ele são relevantes para seu processo de amadurecimento, enriquecendo sua história de vida.

Tabela 13  
**Experiências favoráveis e desfavoráveis – Desenvolvimento Pessoal**

<b>3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL</b>	
<b>3.1 Amadurecimento</b>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação à nova realidade;</li> <li>• Amadurecimento e autonomia na gestão de atividades domésticas, de suas finanças e do tempo;</li> <li>• Superação de adversidades;</li> <li>• Reflexão acerca dos planos futuros no contexto profissional.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preocupação sadia com familiares e amigos;</li> <li>• Valorização e reconhecimento da trajetória pessoal e do local de origem.</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <p>Não se aplica.</p> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de habilidade para lidar com novos problemas;</li> <li>• Isolamento social.</li> </ul>
<b>3.2 Visão de Mundo</b>	
<b>Experiências Favoráveis</b>	<b>Experiências Desfavoráveis</b>
<p>Mais frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Visão mais apurada e plural da realidade;</li> <li>• Possibilidade de viajar a outras cidades e países;</li> <li>• Troca de saberes com pessoas de outros países;</li> <li>• Desejo de conhecer outros países;</li> <li>• Desenvolvimento de competências multiculturais.</li> </ul> <p>Menos frequentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em eventos que discutem temas internacionais;</li> </ul>	<p>Mais frequentes:</p> <p>Não se aplica.</p> <p>Menos frequentes:</p> <p>Não se aplica.</p>

- |   |  |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Interesse com questões relativas ao local de origem;</li><li>• Reconhecimento da qualidade da IES de origem;</li><li>• Êxito profissional decorrente da mobilidade acadêmica;</li><li>• Constatação da existência de novos preceitos éticos e morais (direitos e deveres);</li><li>• Comparação de realidades para a proposição de mudanças positivas;</li><li>• Facilidade de adaptação em razão da vocação multicultural do local da IES.</li></ul> |  |
|---|--|

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude do século XXI está interconectada por diversas plataformas tecnológicas e meios de comunicação virtual. Tudo está ao alcance de quem detém acesso à informação: notícias, produções artísticas, trabalhos científicos e demais conteúdos. Por certo, as IES necessitam, cada vez mais, acompanhar a natural evolução tecnológica e comunicativa da atualidade.

Entretanto, mais que conectar estudantes ao mundo virtual - pela adequação curricular e metodológica ou atividades de extensão e pesquisa - é preciso que os processos educativos permitam ao estudante experimentar, na prática, novas vivências, visões de mundo e contextos. Afinal, é também dever da educação terciária, além da formação profissional, a cidadã. O papel das IES não é meramente conduzir os discentes ao desenvolvimento intelectual e profissional, mas também formar cidadãos para a sociedade, comprometidos com o progresso e o bem-estar de todos. Justamente por ter uma função social, as IES devem valorizar os estudantes que participam ou participaram de um programa de mobilidade para levar suas experiências à comunidade acadêmica, tratando-os como potenciais multiplicadores de saberes, visões de mundo e experiências.

Durante a pesquisa, ficou evidente que, apesar de carecer de apoio institucional e financeiro, a mobilidade acadêmica no território ibero-americano é responsável por conscientizar estudantes da existência de uma diversidade econômica, social e cultural, por vezes desconhecida. Apesar de serem identificadas sub-regiões, como a região ibérica, latino-americana, sul-americana, centro-americana, de países de língua portuguesa ou espanhola, entre outras, toda a região

conta com uma proximidade histórica e sanguínea, o que demonstra potencial para o surgimento e incremento dessa prática no ensino superior.

A mobilidade acadêmica internacional é um instrumento que serve tanto às IES quanto ao estudante. É uma prática construtiva de valores e significados imensuráveis. Contudo, deve ser bem direcionada e planejada, a fim de que seus participantes tenham condições de perceber, compreender e experimentar o mundo contemporâneo e sua pluralidade. A mobilidade contribui para o desenvolvimento humano, acadêmico e social de quem a realiza, pois proporciona experiências pessoais múltiplas. Nesse sentido, tal prática é um importante instrumento de formação de cidadãos cosmopolitas, capazes de conviver com as diferenças, sabendo ser diferentes, pois permite ao estudante viver e compreender a multiculturalidade global e, ao mesmo tempo, ter consciência de sua identidade e individualidade perante o outro. A cidadania na perspectiva cosmopolita está alicerçada nos postulados da paz, da igualdade, da tolerância e do reconhecimento da multiculturalidade.

Durante a investigação *in loco*, fundamental para este trabalho, constatei que alguns procedimentos institucionais praticados pelas IES ibero-americanas devem ser repensados. As práticas administrativas e pedagógicas, nesse sentido, devem ser estruturadas para promover conhecimento com significado e socialização, garantindo uma educação cidadã comprometida com o bem-estar de toda a comunidade. Para tanto, as IES e toda a sua comunidade acadêmica são responsáveis por isso. São os agentes administrativos que primeiro estabelecem comunicação e interação com o estudante estrangeiro, marcando o início de um período de novas experiências - positivas e negativas. São mais positivas quando esses funcionários se mostram engajados e bem preparados para lidar com o público juvenil internacional.



Torna-se evidente, portanto, que as IES contribuem para a formação de cidadãos cosmopolitas por meio de seus procedimentos institucionais de acolhimento e acompanhamento, que são potencialmente capazes de socializar os estudantes estrangeiros. Conseqüentemente, tais procedimentos promovem uma percepção da realidade plural da humanidade e ampliam sua visão de mundo. São as novas experiências, o encontro com o diferente e a busca por novos saberes que motivam os estudantes, mais que a formação acadêmica, que poderia ser aperfeiçoada sem o deslocamento internacional. Nesse pensar, as práticas de acolhimento e acompanhamento devem ser o eixo central desses programas, visto que apenas a vivência em outro local permite que o estudante experimente uma realidade diversa da sua, reflita sobre sua origem e identifique seu lugar no mundo.

Viver num mundo globalizado significa conviver com pessoas de diferentes religiões, hábitos e saberes, e não apenas com pessoas de diferentes nacionalidades. Por vezes, até com conterrâneos, que assimilam tais características em razão da troca constante por meio da comunicação social. Possivelmente, o principal benefício dessa experiência internacional seja a mudança de postura diante de situações cotidianas em seu lugar de origem, em seu dia a dia, com sua família, amigos e colegas.

Ser um cidadão cosmopolita não é apenas ser um indivíduo que viaja com regularidade ao exterior, mas aquele que entende o que é a multiculturalidade por tê-la experimentado. Um cidadão cosmopolita significa ter tolerância com as diferenças (em todas as perspectivas), ser compreensivo, empático, acolhedor e ter alteridade, pois a convivência com o diferente permite à pessoa reconhecer-se e identificar-se perante o outro.

Nesse sentido, as IES devem planejar e executar os programas de mobilidade, de forma satisfatória, a todos os envolvidos, sobretudo os estudantes participantes, os quais devem ser bem acolhidos e acompanhados durante essa jornada. Ciente de que o presente tema carece de produção literária, apresento algumas sugestões de boas práticas institucionais, de acordo com o que foi assimilado ao longo da pesquisa, que poderão ser discutidas em futuras investigações.

Primeiramente, destaco que os processos comunicativos devem ser objetivos, esclarecedores, de conteúdo amplo e, sempre que possível, pessoais. É importante para os estudantes em mobilidade e seus responsáveis a realização de eventos específicos; neles, devem ser apresentadas informações burocráticas, financeiras e acadêmicas. Sobre isso, aponto que algumas IES, valorizando experiências passadas, convidam estudantes que participaram de algum programa de mobilidade para compartilhar suas histórias com pessoas interessadas, a fim de incentivá-las e encorajá-las. A preparação do estudante inclui, além da organização documental, o planejamento de como será sua vivência nesse novo ambiente. Dessa forma, é imprescindível prestar informações acerca de trâmites consulares, da cultura local, custo de vida, bolsas de estudo, meios de transporte, alojamentos disponíveis (próprios ou de terceiros), restaurantes próximos, serviço de lavanderia e demais dados relevantes ao contexto da IES de destino. Trata-se de um cuidado útil e responsável, pois permite que o estudante e sua família se planejem de modo adequado e direcionado ao que realmente importa.

Em segundo lugar, indico ser necessário estruturar os programas de mobilidade de forma eficiente e objetiva. As IES, de acordo com suas estruturas e prioridades, devem informar como e por quem esses programas são gerenciados - se por um gabinete centralizado ou por escritórios descentralizados, quando mantidos

por faculdades. Nos casos em que há muitos estudantes em mobilidade *in*, convém descentralizar o atendimento, a fim de melhor integrá-los à comunidade acadêmica.

Ademais, os convênios interinstitucionais merecem atenção quanto à sua forma e conteúdo. Para que não lhes faltem pontos importantes, antes de serem celebrados, sugiro que um protocolo de intenção aborde os seguintes conteúdos: cursos participantes; tempo de validade do convênio; carga horária semestral ou anual; planos curriculares pertinentes; modo de classificação/pontuação adotado; calendário escolar; formas de aproveitamento de créditos; contato do gabinete responsável; seguro de saúde ou pagamento à IES de destino; tempo de duração da mobilidade; pré-requisitos para seleção do estudante; bolsa ou outro benefício; entre outras informações relevantes. Após reunir os dados de ambas as IES, passa-se à celebração do convênio interinstitucional, o que evita, assim, conflitos e transtornos administrativos, judiciais e acadêmicos, tanto entre as IES quanto estudantes e IES.

O terceiro ponto diz respeito às formas de acolhimento e acompanhamento dos participantes, que são indispensáveis para a adequada integração entre os estrangeiros e a comunidade acadêmica. Apesar de a realização de reuniões iniciais com estudantes em mobilidade *in* ser uma prática comum, é fundamental a manutenção de atividades ao longo do semestre letivo e a disponibilização de atendimento constante. Todos os eventos, seja de acolhimento ou de acompanhamento, devem ser pessoais e informativos. Podem ser realizados de forma centralizada ou descentralizada, a depender da quantidade do público. Servem para a apresentação institucional e seus aspectos administrativo, acadêmico e estrutural, bem como para dar a conhecer as pessoas responsáveis pela mobilidade. As medidas de acompanhamento incluem reuniões, quando necessárias, e comunicação frequente, a fim de que se estabeleça um canal direto entre IES e

estudante. Essas medidas servem, ainda, para o recebimento de queixas, resolução de problemas e disponibilização de auxílio psicológico, caso necessário.

Sobressai, contudo, em relação ao que foi pesquisado sobre acolhimento institucional, a seleção de algum estudante voluntário local para ser acompanhante - *buddy* - daquele que está em mobilidade *in*. Trata-se de um mentor, tutor ou padrinho, como definem algumas IES. Sua missão é estar próximo do estrangeiro durante toda sua jornada acadêmica, dando-lhe orientações pertinentes aos trâmites burocráticos e serviços oferecidos pela IES, bem como contribuir para a sua integração social. Em geral, são estudantes que participaram de algum programa de mobilidade e sentem-se aptos para essa missão, pois compreendem a importância da socialização desse público, por terem sido imigrantes outrora. Contudo, não basta selecioná-los; é preciso capacitá-los de acordo com a conjuntura institucional para que não lhes falte o necessário engajamento e dedicação.

Ainda sobre as práticas de acolhimento e acompanhamento, devo ressaltar que o contexto da sala de aula é relevante para a integração e bem-estar do estudante estrangeiro, que deve ser considerado parte do grupo. Em relação à mobilidade ibero-americana, a adaptação linguística não constitui um entrave, visto que a maioria dos estudantes fala espanhol ou português, ou ambos. Contudo, as diferenças gramaticais, de acentuação e sotaque não podem ser motivo de discriminação. Sobre isso, alerta para a ocorrência de práticas pedagógicas conduzidas com excessivo rigor.

Sem desautorizar normativas institucionais e critérios classificatórios impostos pela IES, convém considerar o estudante em mobilidade como um sujeito em situação precária, pois, além de temporário, está em estado de vulnerabilidade por ser imigrante. É preciso respeitar sua trajetória de vida e reconhecer suas habilidades e

competências, dando-lhe oportunidade para interagir no ambiente acadêmico, tanto em sala de aula como em eventos científicos. Assim, a orientação institucional deve considerar boas práticas integrativas, que favoreçam o desenvolvimento intelectual e pessoal de estudantes em mobilidade. Não pretendo com isso colocar o estudante estrangeiro numa situação de favorecimento e privilégio em relação aos demais. Ao contrário, reconhecer sua vulnerabilidade é importante para a garantia de oportunidades justas e equânimes.

O último ponto que considero uma boa prática institucional tem a ver com o período pós-mobilidade, amplamente ignorado pelas IES pesquisadas. Após o período de imersão em outra cultura, o estudante tem condições de avaliar sua trajetória e reconhecer seu progresso. É nesse momento que as IES mais falham, pois não usufruem cientificamente daquilo que deram causa, pois não coletam dados acerca da experiência do estudante, tampouco os divulgam. A literatura científica carece de conteúdo relativo a esse atual e relevante fenômeno. Dessa forma, cabe às IES possibilitar que estudantes compartilhem suas experiências por meio de artigos científicos, oficinas, palestras ou outros que reconheçam e valorizem a vivência do participante no exterior. Por certo, essa prática contribuirá tanto para o incremento do currículo acadêmico e profissional do estudante quanto para o reconhecimento da IES, pela sua produção científica, pela inovação e internacionalização e, até mesmo, pelo destaque publicitário alcançado.

Diante do exposto, não poderia findar este trabalho senão afirmando que há futuro para a mobilidade acadêmica ibero-americana. Tornam-se primordiais, para esse fim, a construção de uma rede acadêmica ibero-americana; a criação de programas que fomentem e privilegiem as relações entre esses países; a adoção de boas práticas institucionais que visem a melhoria do ensino e a promoção de

experiências impactantes e transformadoras. Contudo, especial atenção merece o momento pós-pandemia, visto que a mobilidade acadêmica nesse espaço geográfico pode sofrer impactos consideráveis em decorrência das restrições de locomoção internacional e do medo causado pela disseminação do coronavírus (SARS-CoV-2) a partir de 2020. Desse modo, cabe às investigações futuras observar o gradual retorno dos programas de mobilidade acadêmica internacional.

De acordo com tudo o que foi observado e analisado, o acolhimento oferecido pelas IES e as oportunidades de socialização são os principais requisitos para o exercício de uma vivência cosmopolita. Afirmando, portanto, que o principal contributo das IES à formação de cidadãos cosmopolitas está diretamente relacionado com as práticas de acolhimento e acompanhamento oferecidas. Para isso, não basta proporcionar ensino de qualidade, pois as relações interpessoais levam a uma compreensão holística da realidade, de novas representações de mundo e percepções sistêmica e hermenêutica da sociedade. No espaço ibero-americano, os estudantes têm uma vantagem significativa: transitam, na maioria absoluta dos casos, em países que asseguram a manutenção de seus direitos básicos, em especial, a igualdade e a liberdade, inerentes à condição humana. Cabe então às IES adotar medidas eficazes e significativas para o gozo de tais direitos no ambiente acadêmico.

É possível afirmar que, ao inverter poeticamente o objetivo proposto, a formação de cidadãos cosmopolitas é o principal contributo dado pela mobilidade acadêmica, já que a vivência internacional é o âmago dessa experiência. A mobilidade acadêmica é uma dentre várias estratégias de internacionalização de IES, mas a única que permite ao estudante uma experimentação multicultural de forma vívida e transformadora. É por ele e para ele que esses programas são constituídos.

## Referências

- Acadêmico. (2004). *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo (p. 11)*. São Paulo: UNESP.
- AFS. (s.d.). *A História do AFS*. Obtido em 25 de setembro de 2018, de AFS INTERCULTURA BRASIL: <https://www.afs.org.br/sobre-o-afs/historia/>
- Almeida, J. F. (2015). *Mobilidade Estudantil Europeia e Aprendizagem Intercultural numa Universidade Portuguesa*. Universidade de Aveiro.
- Anselm Strauss, J. C. (1994). Grounded Theory methodology. *Handbook of qualitative research, 17*, 273-285.
- Archanjo, R. (2016). Saberes sem Fronteiras: Políticas para as migrações Pós-modernas. *D.E.L.T.A.*, 515-541.
- ARCU-SUL. (2018). *Acreditação Regional de Cursos de Graduação*. Obtido em 15 de outubro de 2018, de ARCU-SUL: <http://edu.mercosur.int/arcusur/index.php/pt-br/descricao/122-sistema-arcu-sul>
- Argentina. (1994). *Constitución de la Nación Argentina*. Obtido em 30 de outubro de 2018, de Presidencia de la Nación: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/0-4999/804/norma.htm>
- Augé, M. (2014). *O antropólogo e o mundo global*. (F. Morás, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- AUGM. (1991). *Estatutos*. Obtido em 15 de agosto de 2018, de Grupo Montevideo: <http://grupomontevideo.org/sitio/estatutos/>
- AUGM. (2016). *Programa ESCALA de Estudiantes de Grado: Reglamento General del Programa*. Obtido em 15 de agosto de 2018, de Grupo Montevideo: <http://grupomontevideo.org/sitio/wp-content/uploads/2016/05/ESCALA-Estudiantes-de-Grado.-Reglamento-Gral-esp-aprobado-mayo-2016.pdf>

- AUGM. (2018). *Programa ESCALA de Estudiantes de Grado*. Obtido em 15 de agosto de 2018, de <http://grupomontevideo.org/escala/>
- Bauman, Z. (2006). Education in Liquid Modernity . *Review of Education, Pedagogy and Cultural Studies*, 303-317.
- Biklen, S., & Bogdan, R. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bilbeny, N. (2008). *La Identidad Cosmopolita: los limites del patriotismo en la era global*. Barcelona: Kairós.
- Bilbeny, N. (2011). *Una Defensa del Cosmopolitismo*. Obtido em 14 de agosto de 2019, de Cédra Alfonso Reyes: <https://www.youtube.com/watch?v=IUVpkupR-go>
- Bóia, J. M. (2003). *Educação e Sociedade: neoliberalismo e os desafios do futuro*. Lisboa: Sílabo.
- Branco, L. (2006). A Educação Democrática Face aos Desafios do Multiculturalismo. *Currículo e Multiculturalismo*, 39-49.
- Brasil. (2018). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Obtido de Presidência da República:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)
- Bustus, N. (2012). Cosmopolitismo estoico: una interpretación política a partir de las nociones de justicia y ley común. *Anacronismo e Irrupción*, I(1), 44-65.
- Calvelo, L. (2011). *Viejos e nuevos asuntos en las estimaciones de la migración internacional en América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: CEPAL.
- Canotilho, J. J. (2003). I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade-Cidadania-Integração. *Enquadramento jurídico da imigração* (pp. 151-164). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Carvalho, A. D. (2004). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.



- Castro, F. L. (2011). *História do Direito: geral e do Brasil* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- CDA. (2020). *Datos de Cantidad de alumnos matriculados*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Catálogo de Datos Abiertos: <https://catalogodatos.gub.uy/dataset/mides-indicador-11633/resource/11c3d422-564f-4e22-a44b-1c9293306300>
- Chile. (1980). *Constitución Política*. Obtido em 24 de abril de 2020, de Senado: <https://www.senado.cl/constitucion-politica-capitulo-i-bases-de-la-institucionalidad/senado/2012-01-16/093048.html>
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Christensen, C. M., & Eyring, H. J. (2014). *A Universidade Inovadora: Mudando o DNA do Ensino Superior de fora para dentro*. (A. C. Rocha, Trad.) Porto Alegre: Bookman.
- Claval, P. (2010). *Terra dos Homens: a geografia*. (D. Madureira, Trad.) São Paulo: Contexto.
- CNED. (2020). *Matrícula Sistema de Educación Superior*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Consejo Nacional de Educación: <https://www.cned.cl/indices/matricula-sistema-de-educacion-superior>
- Coggiola, O. (2010). Autodeterminação Nacional. Em J. Pinsky, & C. B. Pinsky, *História da Cidadania* (5ª ed., pp. 311-342). São Paulo: Conexto.
- Colombia. (1991). *Constitución Política de Colombia*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Corte Constitucional: <https://www.corteconstitucional.gov.co/inicio/Constitucion%20politica%20de%20Colombia.pdf>
- Comissão Europeia. (2020). *O que é o Erasmus+?* Obtido em 23 de abril de 2020, de Erasmus+: [https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about\\_pt](https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt)
- Consuelo Biskupovic, G. B. (2018). Etnografia frente aos desafios actuais das ciências sociais. *Revista Temas Sociológicos*, 55-77.

- Costa, B. S. (2014). *Viagem de (auto)descobrimto: experiências de mobilidade estudantil de graduação no programa ESCALA/AUGM/UFRGS (Tese de doutoramento não publicada)*. Porto Alegre: UFRGS.
- Costa, M., & Costa, F. (2019). *Metodologia da Pesquisa: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: Dos autores.
- Costa, R., Lopes, R., Batista, A., Patronilho, H., & Piegas, L. (2014). 20th APDR Congress - Renaissance of the regions oh Southern Europe. *Mobilidade Universitária Internacional e Desenvolvimento Territorial: pontes e desafios* (pp. 305-315). Évora: APDR.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C., & Lisbôa, E. (2011). Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. *Revista de Educação, XVIII*, 5-22.
- CRUB. (2018). *Sobre o CRUB*. Obtido em 15 de outubro de 2018, de Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras: <http://www.crub.org.br/home-example-5/>
- Cunha, C. M. (2017). Internacionalização acadêmica e/ou inclusão do estudante estrangeiro em Portugal: diversidade e diferença em questão. *Espaço Pedagógico, 24*, 110-127.
- DANE. (2020). *Proyecciones de población*. Obtido em 24 de abril de 2020, de Censo Nacional de Población y Vivienda: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/demografia-y-poblacion/proyecciones-de-poblacion>
- David, R. (1998). *Os Grandes Sistemas do Direito Contemporâneo*. (H. A. Carvalho, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- DGEEC. (2020). *La población de Paraguay*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Gobierno Nacional: <https://www.dgeec.gov.py/news/news-contenido.php?cod-news=402>

- DGES. (2020). *Sistema de Ensino Superior Português*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Direção-Geral do Ensino Superior: <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/sistema-de-ensino-superior-portugues?plid=371>
- Dreher, A., & Poutvaara, P. (Junho de 2005). CESifo Working Paper n°. 1490. *Student Flows and Migration: an empirical analysis*. Obtido em 10 de setembro de 2018, de [https://www.cesifo-group.de/DocDL/cesifo1\\_wp1490.pdf](https://www.cesifo-group.de/DocDL/cesifo1_wp1490.pdf)
- EIL. (2018). *About us*. Obtido em 25 de setembro de 2018, de Experiment in International Living: <https://federacioneil.org/about-us/>
- Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. *Handbook of research on teaching*, 119-161.
- Espana. (30 de out. de 2018). *Constitución Española*. Obtido de Congreso: <http://www.congreso.es/consti/constitucion/indice/index.htm>
- Eugênia M. Fernandes, Â. M. (2001). Grounded Theory. Em U. d. Minho, *Métodos e técnicas de avaliação - contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49-76). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa*. (M. Lopes, Trad.) Porto Alegre: Penso.
- Franklin, L. A., Zuin, D. C., & Emmendoerfer, M. (2017). Processo de Internacionalização do Ensino Superior e Mobilidade Acadêmica: Implicações para a gestão universitária no Brasil. *Revista Internacional de Educação Superior*, 4, 1-22.
- Gasque, K. C. (2007). Teoria Fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. Em S. P. Mueller, *Métodos para a pesquisa em ciências da informação* (pp. 83-118). Brasília: Thesaurus.

- GCUB. (2020). *Sobre o GCUB*. Obtido em 30 de outubro de 2020, de Grupo Coimbra: <https://www.grupocoimbra.org.br/sobre-o-grupo-coimbra-de-universidades-brasileiras/>
- Giaretta, M. J. (2003). *Turismo da Juventude*. Barueri: Manole.
- Goode, W. J., & Hatt, P. K. (1979). *Métodos em pesquisa social* (5ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gross, M. (5 de set de 2008). *Lessons From the Frugal Grand Tour*. Obtido em 25 de set de 2018, de The New York Times: <https://frugaltraveler.blogs.nytimes.com/2008/09/05/lesons-from-the-frugal-grand-tour/>
- Guarinello, N. L. (2013). *História Antiga*. São Paulo: Contexto.
- Hobsbawm, E. J. (1990). *Nações e Nacionalismos desde 1780*. (M. C. Paoli, & A. M. Quirino, Trads.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IBGE. (2020). *População do Brasil*. Obtido em 29 de abril de 2020, de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- INDEC. (2020). *Proyecciones nacionales*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-Tema-2-24-84>
- INE. (2019). *Cifras de Población*. Obtido em 24 de abril de 2020, de Instituto Nacional de Estadística: [https://www.ine.es/prensa/cp\\_j2019\\_p.pdf](https://www.ine.es/prensa/cp_j2019_p.pdf)
- INE Chile. (2020). *Estadísticas*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Censos de Población y Vivienda: <https://www.ine.cl/estadisticas/sociales/censos-de-poblacion-y-vivienda>
- INE UY. (2020). *Estimaciones y Proyecciones de Población*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Demografía y Estadísticas Sociales: <https://www.ine.gub.uy/web/guest/estimaciones-y-proyecciones>

- INEP. (2019). *Censo da Educação Superior 2018*. Obtido em 29 de abril de 2020, de Educação Superior:  
[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf)
- Intercâmbio. (2004). *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo* (p. 783). São Paulo: UNESP.
- Jélvez, J. A. (2012). *História da Educação*. Curitiba: InterSaberes.
- Jerónimo, P., & Vink, M. (2013). Os múltiplos de cidadania e os seus direitos. Em M. C. Lobo, *Portugal e a Europa: novas cidadanias* (pp. 21-50). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e União Europeia. Obtido de <http://hdl.handle.net/1822/25207>
- José Tavares, I. A. (2007). Paradigmas de formação e investigação no Ensino Superior para o terceiro milênio. Em I. Alarcão, *Escola reflexiva e nova racionalidade* (pp. 97-114). Porto Alegre: Artmed.
- Karnal, L. (2010). Estados Unidos, Liberdade e Cidadania. Em J. Pinsky, & C. B. Pinsky, *História da Cidadania* (5ª ed., pp. 135-158). São Paulo: Contexto.
- Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolution*. Chicago: University of Chicago.
- Kymlicka, W., & Norman, W. (1997). El retorno del ciudadano. Una revisión de la producción reciente en teoría de la ciudadanía. *Ágora*, 5-42.
- Levi, G., & Schmitt, J.-C. (1996). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lewis, C. (1890). *An Elementary Latin Dictionary*. New York: American Book Company.
- Liddell, H. G., & Scott, R. (1940). *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press.
- Lopes, J. R. (2014). *O Direito na História* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Marandino, M. (2017). Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciênc. Educ.*, 23, 811-816.

- MARCA. (2018). *Movilidad académica regional*. Obtido em 15 de outubro de 2018, de Programa MARCA: [http://programamarca.siu.edu.ar/programa\\_marca/index.html](http://programamarca.siu.edu.ar/programa_marca/index.html)
- Maria Virgínia Rosa, M. A. (2014). *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Marshall, T. H. (1950). *Citizenship and social class and other essays*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mazzuoli, V. d. (2014). *Curso de Direito Internacional Público* (8ª ed.). São Paulo: Revista dos Tribunais.
- MCIU. (2020). *Número de estudiantes en las Universidades Españolas*. Obtido em 24 de abril de 2020, de SIU: [https://public.tableau.com/views/Estudiantes\\_EEU/Infografia?%3AshowVizHome=no&%3Aembed=true#6](https://public.tableau.com/views/Estudiantes_EEU/Infografia?%3AshowVizHome=no&%3Aembed=true#6)
- McLuhan, M., & Powers, B. R. (1989). *The Global Village: Transformations in World Life and Media in the 21st Century*. New York: Oxford.
- ME. (2020). *Datos generales del sistema universitario*. Obtido em 23 de abril de 2020, de Estadísticas universitarias: <http://estadisticasuniversitarias.me.gov.ar/#/home/1>
- MERCOSUL. (2019). *Saiba mais sobre o MERCOSUL*. Obtido em 19 de março de 2019, de Mercado Comum do Sul: <http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercosul>
- Merriam, S. B. (1988). *Case study research in education: a qualitative approach*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2016). *Qualitative research: a guide to design and implementation* (4ª ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- México. (30 de out. de 2018). *Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos*. Obtido de Secretaría de Gobernación: <http://www.ordenjuridico.gob.mx/constitucion.php>

- Mineducación. (2020a). *Estadísticas históricas de la educación superior en Colombia*. Obtido em 23 de abril de 2020, de SNIES: <https://hecaa.mineducacion.gov.co/consultaspublicas/content/poblacional/index.jsf>
- Mineducación. (2020b). *Niveles de la Educación Superior*. Obtido em 24 de abril de 2020, de Educación Superior: <https://www.mineducacion.gov.co/portal/Educacion-superior/>
- Mobilidade. (2004). *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo* (p. 928). São Paulo: UNESP.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Educação*, 22, 7-32.
- Morange, J. (2004). *Direitos Humanos e Liberdades Públicas*. (E. Bouteiller, Trad.) Barueri: Manole.
- Morin, E. (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. (E. Lisboa, Trad.) Porto Alegre: Sulina.
- Moulin, C. (2011). Eppur si muovi: Mobilidade Humana, cidadania e Globalização. *Contexto Internacional*, 33, 9-17.
- OEI. (2020). *O que é a OEI?* Obtido em 23 de abril de 2020, de Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura: <https://oei.org.br/sobre-a-oei/oei>
- OEI-PF. (2018). *Descrição do projecto*. Obtido em 15 de outubro de 2018, de OEI - Paulo Freire: <https://paulofreire.oei.es/>
- Oliveira, A. L., & Freitas, M. E. (2016). Motivações para Mobilidade Acadêmica Internacional: A visão de alunos e professores universitários. *Educação em Revista*, 217-246.
- ONU. (1948). Declaração Univeral dos Direitos Humanos.
- ONU. (1966). Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos.
- Palma, R. F. (2015). *História do Direito* (5ª ed.). São Paulo: Saraiva.

- Paraguay. (1992). *Constitución Nacional de la República del Paraguay*. Obtido em 28 de abril de 2020, de BACN: <https://www.bacn.gov.py/constitucion-nacional-de-la-republica-del-paraguay>
- Pascual, C. G. (2019). *Ciudadania Cosmopolita*. Obtido em 3 de maio de 2019, de Universitat de València: <https://www.uv.es/cefd/8/garciac.pdf>
- Pereira, A. (2004). *Educação Multicultural: Teorias e Práticas*. Porto: Asa.
- Pinsky, J., & Pinsky, C. B. (2010). *História da Cidadania* (5ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Pizarro, J. M. (2000). *La Migración Internacional y el desarrollo en la era de la globalización y integración: temas para una agenda regional*. Santiago de Chile: CEPAL.
- PORDATA. (2020). *Alunos matriculados no ensino superior*. Obtido em 24 de abril de 2020, de Base de Dados Portugal Contemporâneo: <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>
- Portugal. (1976). *Constituição da República Portuguesa*. Obtido em 30 de outubro de 2018, de Assembleia da República: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art13>
- Portugal. (2020). *Sobre Portugal*. Obtido em 23 de abril de 2020, de República Portuguesa: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/portugal/sobre-portugal>
- Raupp, M., & Seifriz, M. A. (2016). Os desafios da Mobilidade Acadêmica para a gestão universitária: um survey com graduandos da Udesc. *Revista GUAL*, 9, 282-300.
- Rosenthal, G. (2014). *Pesquisa social interpretativa*. (T. d. Costa, Trad.) Porto Alegre: EdUPUCRS.
- ROTARY. (s.d.). *Nossa história*. Obtido em 2018 de setembro de 2018, de ROTARY: <https://www.rotary.org/pt/about-rotary/history>



- Santos, E. (2017). Internacionalização da educação superior nos marcos da integração regional da América Latina: o caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. *Eccos*, 42, 57-84.
- Serraglio, P. Z. (2017). *Entre local e global: a nova geografia da cidadania*. Erechim: Deviant.
- Silva, M. d. (2008). *Diversidade Cultural na Escola: encontros e desencontros*. Lisboa: Colibri.
- Simone Antoniaci Tuzzo, C. F. (2016). O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 4, 140-158.
- Smith, M. K. (2001). *What is non-formal education? The encyclopaedia of informal education*. Obtido em 26 de set. de 2018, de Infed - YMCA George Williams College: <http://infed.org/mobi/what-is-non-formal-education/>
- Sobrinho, J. D. (2010). *Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Solanas, F. (2014). Intercambio cooperativo versus mercantilización competitiva: las políticas de movilidad académica en el MERCOSUR y la Unión Europea. *Revista Iberoamericana de Educación Superior*, V, 3-22.
- Terra, M. d. (2014). *História da Educação*. São Paulo: Pearson.
- Tomazzoni, E. L., & Oliveira, C. C. (2013). Turismo de Intercâmbio: perfis dos intercambistas. motivações e contribuições da experiência internacional. *Revista Turismo Visão e Ação*, 15, 388-408.
- TPA. (2019). *What is the Pacific Alliance?* Obtido em 19 de março de 2019, de Alianza del Pacífico: <https://alianzapacifico.net/en/what-is-the-pacific-alliance/>
- UN Migration. (2018). *Key Migration Terms*. Obtido em 3 de outubro de 2018, de IOM: <https://www.iom.int/key-migration-terms>


- UNA. (2018). *Boletín Estadístico n° 24*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Universidad Nacional de Asunción: <https://www.una.py/wp-content/uploads/2019/03/Boletin-Datos-Anuales-2018.pdf>
- UNESCO. (2015). *Relatório de Ciência da UNESCO: Rumo a 2030*. Brasília: UNESCO.
- UNESCO. (2015a). *Educación 2030: Marco de Acción para la realización del Objetivo de Desarrollo Sostenible 4*. Obtido em 26 de março de 2018, de UNESDOC: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002456/245656s.pdf>
- UNESCO. (2015b). *Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. (R. Brossard, Trad.) Brasília: UNESCO.
- Uruguay. (1967). *Constitución de la República*. Obtido em 28 de abril de 2020, de Parlamento del Uruguay: <https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes/constitucion>
- Useem, J., Useem, R. H., & Donoghue, J. D. (1963). Men in the Middle of the Third Culture: The Roles of American and Non-Western People in Cross-Cultural Administration. *Human Organization*, 22, 169-179.
- Ward, L., Siegel, M. J., & Davenport, Z. (2012). *First-Generation College Students: Understanding and Improving the experience from recruitment to commencement*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Wieviorka, M. (2002). *A Diferença*. (M. S. Pereira, Trad.) Lisboa: Fenda.
- Zeron, C. (2010). A Cidadania em Florença e Salamanca. Em J. Pinsky, & C. B. Pinsky, *História da Cidadania* (5ª ed., pp. 97-114). São Paulo: Contexto.

## APÊNDICE

## Apêndice 1

### Esclarecimentos sobre as Notas de Campo

O cabeçalho padrão das Notas de Campo apresenta o número da Nota de Campo e o país da fonte, data, local, participante e o objetivo inicialmente pretendido:

	Nota de Campo (NC) xx – País Data:
Local: IES (Instituição de Ensino Superior) ou outra.	
Participante: IIE (Informante de Instituição de Ensino), EST (estudante) ou ID (Informante Diverso).	
Objetivo: a, b, c e\ou d	

Em cada Nota de Campo, fiz menção ao objetivo específico pretendido, seguindo, a classificação abaixo:

- a - Procedimentos burocráticos
- b - Contributos para a Cidadania Cosmopolita
- c - Experiência do Estudante
- d - Teorização

## Apêndice 2

### Guião para Entrevista com IIE e ID

As entrevistas semiestruturadas observaram, quando possível, o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) Quais são os programas de mobilidade internacional vigentes na instituição de ensino?
- 2) Em relação ao perfil dos estudantes *in* e *out*, quais são as características que mais se evidenciam (nacionalidade, gênero, financiamento, idade, curso)?
- 3) Qual é a narrativa dos estudantes em relação ao aspeto positivo e negativo da experiência internacional?
- 4) A instituição implementa medidas para acolherem os estudantes estrangeiros? Quais?
- 5) A instituição implementa medidas que preparam os estudantes que vão para outros países? Quais?
- 6) É possível afirmar que a instituição tem medidas que contribuem para uma experiência cosmopolita pelos estudantes em mobilidade?
- 7) Recordas de algum caso de estudante estrangeiro que queiras relatar?


### **Apêndice 3**

#### **Guião para Entrevista com EST**

As entrevistas semiestruturadas observaram, quando possível, o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) Como organizaste a viagem?
- 2) Qual a tua primeira impressão quando chegaste ao destino e a maior diferença percebida?
- 3) Ser estrangeiro ou evidenciar alguma diferença causou-te algum transtorno? Se sim, queres relatar?
- 4) Participaste de alguma atividade extracurricular, como grupo cultural, de estudo, desportivo ou outro? Se sim, como avalias essa experiência?
- 5) Quais foram as principais contribuições da mobilidade para a tua vida?
- 6) Baseado nesta experiência, discorra um pouco sobre os pontos positivos e negativos de ser um estudante estrangeiro?
- 7) Em suposição, se tivesses um colega de sala estrangeiro, de que modo agiria com ele?

**ANEXOS**  
**(NOTAS DE CAMPO)**

	Nota de Campo 01 – Portugal Data: 23 de março de 2018
Local: Évora	
Participante: Estudantes universitários	
Objetivo: c e d	

Através da iniciativa do grupo Erasmus Student Network – ESN, estudantes internacionais residentes em Évora, Portugal, sobretudo brasileiros, reuniram-se em local com notório histórico de atividade cultural para debater o tema violência no Brasil. Após duas horas de diálogo intenso, ideias políticas, experiências de vida e análises críticas da realidade foram compartilhadas. Após o encontro, foi realizado um ato público em homenagem às pessoas vítimas de violência urbana no Brasil.

O significativo número de estudantes que compareceu ao local para o encontro, aproximadamente 40 pessoas, revela a pertinência e relevância do debate acerca dos Direitos Humanos e o interesse dos estudantes em relação ao tema, sobretudo estrangeiros. Alguns participantes afirmaram que a presença de cidadãos brasileiros, residentes em Portugal, no evento, indica de que, ainda quando estão fora de seu país de origem, estudante em mobilidade se interessam por questões sociais e nacionais.

Antes de iniciar o debate, os presentes responderam a um questionário fechado elaborado e entregue pela organização do encontro. Os resultados divulgados ao final do encontro revelam que:

82% deixaram de fazer algo por causa da violência

65% deixaram de aceitar emprego ou curso por ser perigoso voltar de noite para casa

35% mudaram de endereço por causa da violência



Qual sua nacionalidade? // (Were are you from?country)

---

Deixou de fazer algo na vida em virtude da violência?// Did you stop doing something in your life because of violence?

Sim/yes  Não/No

Deixou de aceitar emprego ou curso por ser perigoso voltar de noite para casa?// Stop accepting a job or course because it is dangerous to come back home at night?

Sim/yes  Não/No

Mudou de endereço por causa de tiroteios frequentes? Conhece alguém que passou por isso?// changed address because of frequent shootings? Do you know anyone who went through that?

Sim/yes  Não/No

Já ouviu barulho de tiro (não sendo de caça)?// Have you heard shooting noise (not hunting)?

Sim/yes  Não/No

Já foi assaltado a mão armada? | Have you ever been assaulted with a firearm?

Sim/yes  Não/No

Já teve algum familiar (ou amigo próximo) que foi assassinado por arma de fogo?// Have you ever had a relative (or close friend) who was killed by a firearm?

Sim/yes  Não/No

Tem algo a dizer para o grupo? Do you have something to say to the group?

---

Deseja falar seu nome? Do you want to say your name?

---

Figura 1 - Questionário entregue aos presentes

e, ao mesmo tempo, mais nacionalista. Neste sentido, a atividade extracurricular, realizada fora dos regulamentos e territórios da academia, permitiu conduzir a todos a uma reflexão sobre o que é fazer política e como a juventude universitária deve posicionar-se sobre questões desta natureza: não é a política que deve influenciar a academia, mas, ao contrário, é a academia, de espírito livre e imparcial, que deve influenciar a política.

A reflexão desses estudantes sobre a realidade de seu país, ou cidade, de origem e a situação social, política e econômica de onde atualmente se encontram, em razão da participação num programa de mobilidade acadêmica internacional, foi determinante para o amadurecimento e construção dos objetivos desta investigação, que considera incalculável a importância da experiência internacional de jovens estudantes.

66% ouviram barulho de tiro em algum momento

37% foram assaltados por um sujeito armado

55% tiveram algum familiar (ou amigo próximo) assassinado por arma de fogo

Restou evidente que fora do ambiente de aconchego e segurança do local de residência, a percepção da realidade, da história pessoal e experiências obtidas ao longo da vida e, até mesmo, do próprio país pode ser outra, mais


holístico



Figura 2 - Participantes da reunião



Figura 3 - Evento em praça pública

	<p>Nota de Campo 02 – Portugal Data: 27 de março de 2018</p>
<p>Local: Erasmus Student Network, Évora</p>	
<p>Participante: ID 01</p>	
<p>Objetivo: a, c e d</p>	

Após presenciar a atividade com estudantes estrangeiros em Évora, organizada pela ESN, associação sem fins lucrativos, busquei informações em seu escritório, a fim de compreender como a organização atua. Em Évora, o escritório é um dos 14 presentes em outras cidades portuguesas e tem, segundo ID 01, a missão de integrar estudantes estrangeiros que estão em mobilidade acadêmica na Universidade de Évora. Todo início de semestre, são realizadas ações de acolhimento, oficinas, viagens e eventos de diversas naturezas, como culturais, gastronômico e musicais. Para os estudantes, a associação oferece um cartão que garante descontos em produtos e serviços prestados por estabelecimentos conveniados. Estas atividades são executadas por voluntários integrantes da comunidade acadêmica. ID 01 destacou que a associação não está submetida à IES, pois tem sua constituição própria. Por fim, afirmou que muitas informações estão disponíveis na página eletrônica da associação, facilitando o acesso a dados relevantes.

Dessa forma, pesquisei a respeito da ESN.


Segundo o site oficial, “a ESN é a principal organização de estudantes voluntários a nível do ensino superior internacional na Europa”<sup>12</sup>. Em síntese, de acordo com os dados disponibilizados, a ESN:

- trabalha pelos interesses dos estudantes internacionais;
- trabalha para melhorar a integração social e prática dos estudantes internacionais;
- representa as necessidades e direitos dos estudantes internacionais a nível local, nacional e internacional;
- disponibiliza informação relevante sobre programas de mobilidade;
- motiva os estudantes a estudar no estrangeiro;
- trata da reintegração dos estudantes que regressam a casa;
- contribui para a melhoria e acessibilidade dos estudantes de mobilidade;
- preocupa-se com os seus membros;

<sup>12</sup> <http://www.esnportugal.org/pt-pt/nosso-trabalho/o-que-fazemos>

valoriza o voluntariado e a cidadania ativa.

A ESN Portugal é uma das associações que participam da ESN, maior associação estudantil da Europa, criada em 1989, que está presente em mais de 40 países.

	<p>Nota de Campo 03 – Portugal</p> <p>Data: 22 de abril de 2018</p>
<p>Local: IES 01, Lisboa</p>	
<p>Participantes:</p> <p>IIE 01</p> <p>IIE 02</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

A primeira visita a uma Instituição de Ensino Superior – IES, ocorreu na cidade de Lisboa. Após contatos telefônico e eletrônico, que não resultaram em agendamento ou compromisso futuro, dirigi-me, espontaneamente, ao departamento de relações internacionais para obter informações diretamente com os encarregados pela gestão dos programas de mobilidade acadêmica a nível internacional, sobretudo relativos ao território ibero-americano. Primeiramente, fui recebido por IIE 01. Num segundo momento, fui atendido por IIE 02, responsável pelos programas latino-americanos.



Figura 4 - Gabinete de Internacionalização

A primeira entrevista (IIE 01), semiestruturada, com duração de aproximadamente 20 minutos, cuja finalidade foi obter informações gerais da atividade institucional, dados numéricos que permitem conhecer a dimensão da participação de estudantes foram apresentados. No ano em vigor, cerca de 55 alunos estrangeiros da América Latina foram recebidos e 30 portugueses foram enviados para essa região por meio de programas internacionais em que a IES participa, maioria através do programa Erasmus+. Já os estudantes participantes sob a tutela de acordos interinstitucionais bilaterais, 58 são brasileiros e 10 foram enviados ao Brasil. O total de universitários participantes, indiscriminadamente, é de 826 estudante no ano 2017/2018.

Diante dos dados numéricos, IIE 01 foi questionada a respeito dos problemas mais comuns relatados por estudantes e vivenciados pela IES. Os que mais sobressaem são: 1) alojamento para receber os estrangeiros, pois a IES não possui

edifício destinado ao acolhimento de estudantes não residentes na cidade – o que é parcialmente suprido por meio de um banco de dados disponibilizado aos estudantes interessados em alugar ou compartilhar um imóvel (“sem alojamento, mas tem banco de dados”); 2) problemas de natureza financeira, visto que muitos estudantes estrangeiros não recebem subsídios para sua manutenção, e muitos dos que recebem sofrem os efeitos cambiais; 3) o idioma, já que algumas disciplinas, em especial no 2º e 3º ciclos são ofertadas em inglês, além dos estudantes naturais de outras línguas que não são hábeis no idioma português.


Em razão de algumas dificuldades, IIE 01 apontou que estudantes que já participaram de programas de mobilidade internacional disponibilizam-se, de forma organizada e associada, a ajudar os estrangeiros. Isso ocorre através do Erasmus Student Network, que apoia e acolhe de modo frequente a comunidade internacional realizando eventos, viagens, visitas à cidade, encontros culturais, gastronômicos e educacionais. No âmbito institucional, o acolhimento ocorre no início do 1º semestre letivo, quando a IES promove, durante uma semana, ações de recepção e informativas.

Indagado a respeito da importância para a vida pessoal e relevância acadêmica que estes programas podem proporcionar aos estudantes, IIE 01 apontou que os universitários, após retornarem da experiência internacional, relatam e demonstram reconhecimento da qualidade da IES, amadurecimento nas relações com os colegas e família, percepção mais plural da realidade, “voltam mais abertos”, tem uma nova “maneira de olhar”, além do reconhecimento da importância no currículo profissional.

Num segundo momento, em entrevista ao IIE 02, também semiestruturada, com duração de aproximadamente 10 minutos, foram relatadas situações específicas dos programas no território latino-americano por quem atua apenas nessa área. Destaca-se, portanto, que a IES tem um funcionário para lidar somente com estudantes latino-americanos e português que buscam a experiência neste território. De forma breve, IIE 02 primeiro destacou sua satisfação em trabalhar neste setor, pois aprecia a cultura latina. Destacou, de imediato, algumas questões enfrentadas: 1) “boom de brasileiros” pelo aumento significativo da participação destes na IES; alojamento, o que já havia sido identificado pelo IIE 01; 3) problemas psicológicos enfrentados por estudantes estrangeiros, que buscam com frequência “ajuda psicológica” em razão da distância, afastamento familiar e cultural. Neste quesito,

apontou que, em muitas ocasiões, os estudantes não demonstram aos colegas e professores os transtornos causados pela nova rotina e vivência até procurarem o gabinete de mobilidade; 4) problemas de natureza financeira, corroborando, mais uma vez, com as informações já prestadas pelo IIE 01.


Em relação aos contributos da mobilidade, entende que, para o aluno, há um real “crescimento pessoal”, da sua rede de contatos, da forma como se adapta a outra realidade, como “gerir seu dinheiro”, pois “mamãe não está lá para cuidar”. Ainda, ressalta a questão cultural e social, a vivência com outras pessoas, “abre horizontes, pois cada país tem suas particularidades”, “voltam mais tolerantes”, crescimento profissional e académico, e, por fim, acredita que os estudantes “têm de sair para valorizar”.

	<p>Nota de Campo 04 – Portugal</p> <p>Data: 22 de abril de 2018</p>
<p>Local: IES 02, Lisboa</p>	
<p>Participante: IIE 03</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Em visita espontânea, a entrevista, semiestruturada, com duração de aproximadamente 10 minutos, ocorreu após aproximadamente 30 minutos de espera. Destaca-se que o ambiente formal da IES contrastou com a minha proposital caracterização informal e juvenil, pois eu buscava conhecer e vivenciar a realidade dos estudantes e sua rotina universitária. Dessa forma, após o início da entrevista, sentindo-me constrangido, justifiquei os trajés informais, o que foi recebido pelo IIE 03 com compreensão e respeito, em razão do objetivo da investigação.

Sobre a estrutura da IES, que possui mais de um campus e faculdades, IIE 03 esclareceu que não existe um modelo padrão de acolhimento aos estudantes estrangeiros, o que fica à cargo de cada faculdade o estabelecimento de regras e ações. Há, entretanto, diretrizes institucionais para a integração dos alunos, que visa adaptá-los ao ambiente acadêmico e às normativas vigentes, bem como promover o debate intercultural. Em que pese a IES ser parte de uma organização presente em vários países, não há, segundo IIE 03 medidas que facilitem a mobilidade de estudantes.

Sobre a experiência dos estudantes estrangeiros e portugueses, quando retornam de outros países, IIE 03 relatou que existem testemunhos de êxito profissional. Destaca que um dos professores da IES, estrangeiro, foi estudante de mobilidade na instituição e, após concluir os estudos, tornou-se docente da casa.

	Nota de Campo 05 – Portugal Data: 22 de abril de 2018
Local: IES 03, Lisboa	
Participantes: IIE 04 IIE 05	
Objetivo: a, b, c e d	

A visita iniciou-se no Gabinete de Relações Internacionais após comparecimento voluntário, sem prévio agendamento, e identificação na receção da IES, que me indicou o local do gabinete. Recebido pelo IIE 04, fui informado a respeito do setor, vinculado diretamente à reitoria, tem função burocrática e se relaciona apenas com os estudantes “out”, a saber, aqueles da própria instituição que participarão, em outro país, de algum programa de mobilidade. Neste sentido, em breves palavras, esclareceram que naquele escritório estão arquivados os documentos relativos aos programas e convênios interinstitucionais e são realizados os contatos formais de natureza administrativa. Assim, o acolhimento e as informações concernentes aos estudantes e a forma como eles são recebidos devem ser fornecidos pelas faculdades e escolas da IES, que adotam práticas autônomas e pertinentes à sua realidade acadêmica.


Direcionado a uma das escolas da IES, que se destaca no acolhimento e envio de estudantes em mobilidade, IIE 05, estrangeira, dispôs-se a esclarecer como funciona, na sua área de atuação, o acolhimento de estudantes. Durante aproximadamente 15 minutos de entrevista, ressaltou que a escola organiza semestralmente uma semana de acolhimento, que conta com a participação da associação de estudantes, que, em sua maioria, num universo de 49, são de nacionalidade espanhola.

Alguns pontos foram destacados em relação às características dos alunos estrangeiros: 1) alguns sentem dificuldade com o idioma inglês, visto que algumas disciplinas são ministradas nesse idioma; 2) a busca por auxílio psicológico levou a escola a observar os estudantes e encaminhá-los ao serviço de apoio aos estudantes, que pode conduzi-los a atendimento específico para essa finalidade. Isso, porque já



correu um caso de internação psiquiátrica de um estudante estrangeiro, o que foi acompanhado pela IES, e uma situação de encarceramento prisional.

Sobre os contributos dessa experiência, IIE 05 ressaltou que o significado de ter uma “outra representação do mundo” sempre é relatado pelos estudantes participantes como algo positivo. Ainda, ouviu relatos de estudantes que “se encantaram consigo mesmos” em razão da experiência “fora da origem” e pela necessidade de adaptação a uma nova cultura. O turismo em grupo, o apoio obtido pelos novos colegas e a interação social igualmente se destacam nas narrativas estudantis. Ressaltou a necessidade de se “trabalhar com os estudantes daqui” a importância de receber bem os estudantes provenientes de outros países, o que é frequentemente fomentado por aqueles que já participaram de uma experiência similar, pois “os que fizeram compreendem” essa realidade.

	Nota de Campo 06 – Portugal Data: 21 de maio de 2018
Local: Hostel, Lisboa	
Participante: ID 02, funcionário da recepção	
Objetivo: c e d	

Durante hospedagem em um alojamento local em Lisboa, um dos funcionários (um jovem português) relatou que trabalhou num hostel em Barcelona nos últimos quatro anos. Ao ser indagado sobre a frequência de estudantes estrangeiros que se hospedavam no hostel, afirmou que muitos latino-americanos ficavam alojados no hostel até conseguirem estabelecerem-se na cidade. Contudo, o hostel não recebia apenas estudantes recém-chegados na cidade, mas também durante o período da mobilidade e no seu término, quando se preparavam para retornar ao país de origem. Informou que, geralmente, os estudantes conseguiam “desenrascarem-se” de forma satisfatória.

Ainda, afirmou que não percebia qualquer problema significativo no processo de adaptação à nova cultura e rotina dos estudantes, ainda que fosse, em sua maioria, a primeira experiência internacional. Na percepção do funcionário, existia um número majoritário de argentinos e brasileiros, encontrando-se, estes últimos, em desvantagem por causa da língua – o que não lhe pareceu, como afirmado, um problema de primeira ordem, pois a euforia e a alegria dos recém-chegados sobrepujavam as dúvidas e os medos no processo de adaptação. O maior obstáculo à integração, segundo o informante, era encontrar um alojamento definitivo, pois, como a cidade também recebe muitos turistas, os valores para arrendamento sofrem muita variação durante o ano. Por esta razão, muitos estudantes, durante o período de mobilidade, voltavam ao hostel até conseguirem um novo local para residirem.

De igual modo, também se hospedavam no hostel durante os últimos dias antes da partida para o país de origem. Nestes casos, o informante relatou que percebia, com frequência, um sentimento misto que manifesta uma vontade saudável de retornar à casa, mas, igualmente, um antecipado saudosismo em relação à cidade e à vivência cultural catalã. Por fim, tem a impressão de que a experiência dos estudantes ibero-americanos em Barcelona é sempre muito positiva e satisfatória.

	<p>Nota de Campo 06 – Espanha Data: 25 de maio de 2018</p>
<p>Local: Plaza de Jacinto Benavente, Madrid</p>	
<p>Participantes: EST 01 e EST 02</p>	
<p>Objetivo: c e d</p>	

Num domingo de primavera na capital espanhola, presenciei algumas manifestações culturais (vários grupos de dança folclórica) e políticas (uma pelo fim das touradas e outra para o aumento das pensões dos aposentados) no Paseo del Prado, uma importante via da cidade. O objetivo da caminhada foi aproveitar o domingo para conhecer alguns locais importantes e observar



Figura 6 - Protestos em via pública

como pode ser a rotina de estudantes estrangeiros em Madrid. Deparei-me, durante o passeio, com um grupo formado por aproximadamente 30 pessoas de Nicarágua, que protestavam contra o atual regime político estabelecido no país. Curioso foi perceber que a manifestação ocorria a poucas dezenas de metros de onde era celebrada oficialmente a vitória do Real Madrid na Liga dos Campeões da UEFA. Após presenciar os protestos dos nicaraguenses, procurei por estudantes universitários presentes e fui apresentado a dois nicaraguenses, um rapaz (EST 01) e uma moça (EST 02), que, acanhados, responderam algumas perguntas sobre o evento. Primeiro, disseram-me que aquele ato público foi organizado para demonstrar apoio e solidariedade aos seus compatriotas, já que o direito de manifestação sobre



Figura 5 - Protestos de nicaraguenses

temas políticos, segundo relataram, não é permitido em seu país. Ambos informaram que não pretendem voltar para o país de origem, pois estão estabelecidos em Madrid. Contudo, a preocupação com os familiares e amigos que se encontram em Nicarágua influencia a vida e a rotina em solo espanhol,

visto que sempre acompanham os noticiários e a atual vida política do país de origem. Ademais, destacaram que o sentimento de liberdade vivenciado em Madrid foi significativo para a compreensão do que é, na prática, o exercício da democracia. EST 01 afirmou que a manifestação, que será comunicada aos familiares e amigos em seu país, é uma forma de mostrar aos seus conterrâneos que é possível viver num regime político que garante a liberdade de expressão e de manifestação. Entretanto, enquanto estas garantias não são realidade em Nicarágua, os que se encontram fora do país têm o dever de posicionarem-se sobre o governo e os atentados contra os direitos humanos e a democracia. Por fim, demonstrando vontade de voltar para a dispersão do ato para encontrarem seus companheiros, os dois estudantes afirmaram que a experiência em Espanha contribuiu de forma significativa para a compreensão do que é cidadania e política.

	<p>Nota de Campo 08 – Espanha Data: 27 de maio de 2018</p>
Local: Hostel, Madrid	
Participante: EST 03	
Objetivo: b, c e d	

De forma inusitada, conheci um estudante português, hospedado no mesmo alojamento local em que eu estava, que, em 2017, foi para a cidade de Belo Horizonte, Brasil, através do programa Erasmus. Segundo o relato de EST 03, a viagem para o Brasil foi a realização de um sonho, pois tinha vontade de conhecer o país. Vivenciou,



*Figura 7 - Região central da cidade, onde fica localizado o hostel*

durante sua estadia, que durou 6 meses, experiências importantes para o seu crescimento pessoal e acadêmico. Afirmou que, independente de ter residido num bairro de padrão econômico elevado, se sentiu muito bem acolhido, pois, apesar da crise política estabelecida no país, pôde viajar para muitas cidades e estados conhecendo melhor a realidade brasileira. De acordo com seu depoimento, o Brasil sempre é noticiado de forma tendenciosa nos meios de comunicação em Portugal e vivendo a realidade de perto, foi possível compreender melhor como é o Brasil e os problemas existentes no país.

Ainda, disse que antes de viajar tinha uma ideia formada sobre o ensino brasileiro, sobretudo em relação à forma como os professores explicam o conteúdo, e que confirmou sua teoria. Para ele, os professores no Brasil têm técnicas didáticas diferentes e transmitem de forma mais clara a matéria. Afirmou também que os colegas estudantes brasileiros gostavam da forma prática e organizada que o depoente resolvia os problemas e realizava seus relatórios, o que, a seu ver, foi algo muito positivo para a sua integração, pois, durante a realização de trabalhos em grupo, ele podia compartilhar suas habilidades com os demais,

	<p>Nota de Campo 09 – Espanha Data: 28 de maio de 2018</p>
<p>Local: IES 04, Madrid</p>	
<p>Participante: IIE 06</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Em conversa espontânea e não agendada com assistente de um gabinete de mobilidade internacional de uma universidade pública de Madrid, obtive informações relevantes sobre o perfil dos estudantes internacionais que estudam na universidade, em conversa de aproximadamente 15 minutos nas dependências da IES.

IIE 06 afirmou que, dentre os estudantes de origem ibero-americana, os mexicanos encontram-se em vantagem numérica frente aos demais. A IES organiza duas jornadas anuais de boas-vindas aos estrangeiros. Neste evento, além da demonstração física do campus, os alunos são apresentados aos seus mentores – estudantes espanhóis responsáveis pelo acolhimento dos estrangeiros. Segundo seu relato, de modo geral, os alunos ibero-americanos não encontram dificuldade de adaptação porque o idioma espanhol facilita a integração e a adaptação ao novo contexto.



Figura 8 - IES visitada

Ademais, como a maioria dos estudantes ibero-americanos, em especial os mexicanos, comunicam-se em inglês, há uma nítida integração com os estudantes provenientes de outros países da Europa. Relatou, ainda, que é frequente o ajuntamento de mexicanos e alemães, por exemplo, que se apoiam e convivem de forma harmoniosa ajudando uns aos outros nas atividades acadêmicas e na integração local. Apesar de a IES não possuir um local de alojamento, o que, de fato, traduz-se num entrave à adequada adaptação dos estrangeiros, resta claro que os

estudantes ibero-americanos se sentem bem acolhidos e integrados ao contexto madrileno.

De forma espontânea, IIE 06 afirmou que a mobilidade acadêmica é uma ótima oportunidade para reunir as famílias dos estudantes. Relembrou alguns casos de alunos estrangeiros que vieram acompanhados dos pais ou que, durante a estadia, encontrou-os para que pudessem viajar juntos pelo continente europeu. Apontou, sobre isso, que muitos estudantes são privilegiados economicamente, mas que, mesmo assim, demonstram que querem permanecer em Espanha porque vivenciam, de modo positivo, novas experiências em relação à cultura, economia e política. Decerto, sendo o país uma referência geopolítica para os ibero-americanos, a mobilidade acadêmica é um instrumento para a realização de sonhos e construção de novos caminhos.


	Nota de Campo 10 – Espanha Data: 28 de maio de 2018
Local: IES 05, Madrid	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

Após visita ao campus da IES, busquei atendimento no gabinete responsável pelos programas de mobilidade acadêmica, mas não fui atendido pessoalmente. Os responsáveis solicitaram o envio de uma mensagem eletrônica. Mesmo após o envio, não obtive resposta.



	Nota de Campo 11 – Espanha Data: 28 de maio de 2018
Local: IES 06, Madrid	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

Após visita ao campus da IES, busquei atendimento no gabinete responsável pelos programas de mobilidade acadêmica, mas não fui atendido pessoalmente. Os responsáveis por outro setor informaram-se que os programas são destinados principalmente aos cursos de mestrado e doutoramento.

	<p>Nota de Campo 12 – Colômbia Data: 30 de maio de 2018</p>
<p>Local: Hostel, Bogotá</p>	
<p>Participante: EST 04</p>	
<p>Objetivo: b, c e d</p>	


Meu primeiro contato em Bogotá foi com o atendente do alojamento onde fiquei hospedado. Trata-se de um estudante brasileiro radicado na cidade e complementa sua renda trabalhando no alojamento. Logo que soube do meu propósito na cidade, prontificou-se a responder algumas perguntas sobre sua experiência em Colômbia. Perguntado sobre o motivo da mudança de país, disse que seu objetivo era realizar um curso de pós-graduação (especialização) em negócios internacionais fora do Brasil. Afirmou que está há um ano em Colômbia. Primeiro, chegou a Medellín, onde permaneceu por cerca de um mês, mas, por questões pessoais, retornou ao Brasil. Regressou após um ano e meio, estabelecendo-se em Bogotá. Sobre a realidade da sala de aula e como foi recebido, afirmou que tem colegas de alguns países, como Noruega e China. O contato com pessoas de todo o mundo, algo não esperado, tornou a experiência internacional ainda mais rica. Disse que se sente bem acolhido pelos colombianos, um povo alegre e aberto. Contudo, afirmou que “quando algum estrangeiro busca uma colocação profissional, ainda que tenha um bom currículo e seja proveniente de uma boa universidade, sempre os colombianos terão preferência”. Dessa forma, empregou-se num hostel, o que lhe proporciona maior contato com estrangeiros que viajam à Colômbia, ainda que sua jornada seja exaustiva. Sobre como avalia a experiência em outro país, confessou que gosta muito da Colômbia e da sua gente. A cultura, a música e as pessoas tornam a vivência muito rica e satisfatória. Neste sentido, prefere a Colômbia ao Brasil.



Figura 9 - Região central da cidade

De fato, durante sete dias de hospedagem nesse alojamento, tive contato com pessoas dos seguintes países: Espanha, Itália, França, Alemanha, Israel, China, Estados Unidos, Brasil, além de alguns colombianos também alojados e dos que não mantive qualquer comunicação, portanto desconheci a origem nacional.

EST 04 ressaltou que a vivência multicultural é muito presente na rotina do alojamento. Assuntos diversos, da política italiana ao café colombiano, a troca de informações e a comunicação com pessoas de diversas partes do mundo é uma oportunidade para ampliar a visão de mundo e conhecer discursos legítimos acerca de temas geralmente conhecidos através dos meios de comunicação.

	<p>Nota de Campo 13 – Colômbia Data: 31 de maio de 2018</p>
<p>Local: IES 07, Bogotá</p>	
<p>Participante: EST 05</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Em visita a um campus universitário, deparei-me com uma arquitetura urbanística interessante e pertinente ao contexto acadêmico latino-americano. Fui até a biblioteca central e constatei que, às 8h20min da manhã, todas as mesas estavam



Figura 10 - Intervenções de alunos nas paredes da IES

ocupadas por estudantes, concentrados em seus estudos. A estrutura física do campus conta com vários edifícios, praças, restaurantes e barracas improvisadas que vendem alimentos de modo informal. Contudo, chamou-me atenção a poluição visual presente nos edifícios. Muitos cartazes e pichações de cunho político compõem o ambiente e integram o horizonte da universidade. Perguntei a um estudante que transitava, em grupo, no local, se aquelas mensagens eram apoiadas pela maioria dos estudantes, respondeu-me que, apesar de muitas intervenções, apenas uma minoria de alunos é responsável pelos ideais revolucionários, sobretudo “comunistas e anti-imperialistas”. Ainda, afirmou que esses grupos de manifestantes, geralmente uma vez por semestre, realizam protestos que paralisam as atividades acadêmicas



Figura 11 - Intervenções de alunos nas paredes da IES (2)

do campus, suspendendo as aulas. Destaco que o edifício do auditório principal, com capacidade de 1500 pessoas, tem em sua fachada uma grande pintura não autorizada de Che Guevara.


Tal observação é relevante para conhecer o ambiente frequentado pelos estudantes estrangeiros, que desconhecem a cultura universitária local de uma universidade pública.



Figura 102 - Intervenções de alunos nas paredes da IES (3)



Figura 13 - Intervenções de alunos nas paredes da IES (4)

	Nota de Campo 14 – Colômbia Data: 31 de maio de 2018
Local: IES 07, Bogotá	
Participante: IIE 07	
Objetivo: a, b, c e d	

Com disposição e empatia, IIE 07 recebeu-me no gabinete de Relaciones Interinstitucionales da IES, às 9h20min, para conversar a respeito dos programas de mobilidade, conforme propus há algumas semanas por meio de correspondência eletrônica. Dirigimo-nos a um espaço próprio para reunião, mas uma funcionária da secretaria da universidade procurou-o para resolver um problema relativo à forma como uma IES brasileira classificara a pontuação de um estudante que lá estava. Diferente do método colombiano, que indica nota entre 1 e 5, a IES brasileira classificou o rendimento acadêmico por meio de conceito de aproveitamento alfabético. Após ajudá-los a compreender o conceito da IES brasileira, IIE 07 ofereceu-se para apresentar-me todo o campus universitário, que tem aproximadamente 30 mil alunos e conta com 11 faculdades.


A visita durou cerca de uma hora de caminhada. IIE 07 explicou-me como funciona o sistema de ensino colombiano, visto que apresenta diferenças significativas em relação ao modelo europeu. O ensino superior, portanto, é composto por cursos de *pregrado* e *posgrado*. Os primeiros, com duração entre quatro e cinco anos, correspondem às licenciaturas em Europa, enquanto os segundos referem-se aos cursos de especialização, mestrado e doutoramento. Disse-me, explicando sobre a duração dos cursos, que em Colômbia os estudantes podem terminar o ensino médio com 16 anos, pois o ensino obrigatório tem dois anos a menos que o sistema europeu.



Figura 11 - Uma das bibliotecas da IES

Ainda, ao relacionar a conversa com o tema da investigação, frisou que apenas os que cursam mais de dois anos do *pregrado* são elegíveis aos programas de mobilidade acadêmica, em razão da possibilidade de ainda serem incapazes perante a lei e por não possuírem maturidade suficiente para

um programa internacional. O campus sede, localizado em Bogotá, concentra todos os cursos e apresenta um contexto universitário muito propício à vida acadêmica. Sobre a poluição visual, percebida por mim logo quando cheguei, IIE 07 afirmou que todos os semestres os edifícios recebem pintura, mas são imediatamente pichados, ou seja, o ato político faz parte da cultura universitária local. Ao despedir-se, salientou que está à disposição para demais esclarecimentos e informações necessárias.

	Nota de Campo 15 – Colômbia Data: 31 de maio de 2018
Local: IES 07, Bogotá	
Participante: EST 06	
Objetivo: a, b, c e d	


Com o objetivo de conhecer melhor a infraestrutura da universidade e como os estudantes internacionais são acolhidos, busquei informações na faculdade de Letras. A faculdade tem um programa de ensino de espanhol para estudantes internacionais e para a comunidade externa. Em razão do horário, os professores estavam em classe, então fui apresentado a um estudante que atualmente organiza um grupo de acolhimento a “intercambistas”.

EST afirmou que mantém um clube de estudantes que é renovado semestralmente, acolhendo alguns estudantes internacionais e a qualquer interessado, desde que estrangeiro. Realiza, para tanto, reuniões informais, visitas a pontos turísticos da cidade, apoio com a língua espanhola (principalmente em relação à formalidade e expressões típicas do país) encontros culturais, entre outras atividades que facilitem a integração à vida em Bogotá. Relatou que, em 2017, participou de um programa de mobilidade em França e que presenciou muitos eventos de integração destinados aos estudantes Erasmus naquele país. Como a experiência foi exitosa, afirmou, com grande entusiasmo, que pretende fazer o mesmo nesta IES, pois reconhece que a universidade não tem condições de acolher de forma integral estes estudantes. Ainda, assentou que, no presente semestre, cerca de nove estudantes estrangeiros participaram dos encontros, ainda que existam centenas de outros que poderiam aproveitar melhor a sua disposição e voluntariado.

Saliento que a conversa transcorreu num clima de muita informalidade, portanto tive liberdade para sugerir algumas ações que pudessem melhorar a dinâmica do grupo, como, a exemplo da ESN em Europa, formar um grupo de estudantes que apoiam outros estudantes e criar mecanismos eficientes de comunicação e divulgação através da utilização de redes sociais, o que dá visibilidade e conecta estudantes que ainda não chegaram ao país. Corroborando a necessidade



de melhorar e repensar a forma de atuação, EST revelou que irá apresentar à IES um projeto de acolhimento aperfeiçoado.

	<p>Nota de Campo 16 – Colômbia Data: 1 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 08, Bogotá</p>	
<p>Participantes: IIE 08 ■ IIE 09</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

A busca de informação acerca das principais IES localizadas em Bogotá levou-me à uma grande universidade privada. Trata-se de uma instituição com um número elevado de estudantes e que possui uma ótima infraestrutura. Em visita à IES, o serviço de segurança, orientou-me a procurar a Dirección de Asuntos Internacionales. Uma funcionária do gabinete não se dispôs a dar informações, pois a coordenadora encontrava-se em viagem para o exterior para reuniões sobre convênios interinstitucionais. Contudo, informou-me o endereço eletrônico para que eu pudesse contactá-la.

Avistei, no painel de informações, um panfleto com dados sobre cursos de espanhol oferecidos para os estudantes estrangeiros e dirigi-me até o local indicado. No gabinete de linguística, fui recebido por uma funcionária, IIE 08, que se propôs a



Figura 125 - Painel informativo acerca dos programas de mobilidade

responder algumas questões sobre o curso para estrangeiros. Indaguei a respeito da estrutura e proposta do curso de espanhol e fui informado que o curso também é dirigido a toda a comunidade, como estudantes-estagiários em alguma multinacional, pessoas externas, e estudantes da IES em mobilidade acadêmica. IIE 08 afirmou, ainda, que o curso oferece uma integração cultural através de visitas a pontos estratégicos e culturais da cidade. No decorrer da conversa, uma professora, que ouvia com atenção os poucos minutos da entrevista, interrompeu e afirmou que acreditada que, para demais informações, era necessário contactar a coordenação.

Conforme orientação inicial, enviei um e-mail para a Dirección de Asuntos Internacionales, IIE 09. Prontamente, dois dias após o envio, recebi a seguinte resposta:

“Por favor encuentra a continuación las respuestas a tus preguntas:

1-¿Cuáles son los programas de movilidad internacional vigentes en la institución de enseñanza? ¿Cuál es el más utilizado?

En este link encuentras los programas ofrecidos en . Todos se encuentran disponibles para los estudiantes internacionales, exceptuando las ciencias de la salud que tienen restricciones. El programa al que más vienen y del que más se van es Comunicación Social

2-En general, ¿cuál es el perfil de los estudiantes extranjeros? (nacionalidad, género, facultad)

- Vienen siempre más mujeres que hombres
- La nacionalidad de la que más recibimos estudiantes es México
- La facultad a la que más vienen es comunicación y Lenguaje

3-¿Cuáles son las medidas institucionales para la acogida de los estudiantes extranjeros? ¿Hay instrucciones para los alumnos de esta universidad que son seleccionados para estudiar en el extranjero?

-Se envían varios correos en el proceso de postulación e inscripción de asignaturas, de igual forma, estamos abiertos a responder cualquier correo con dudas y preguntas acerca de cualquier tema con referencia al intercambio

-Se envía un correo con opciones de alojamiento para los estudiantes  
-Se envía un correo con instrucciones adicionales antes de la llegada de los estudiantes

-Al llegar, los estudiantes se presentan en la universidad y uno a uno pasan a hablar conmigo para que les explique cómo hacer su formalización

-Hay dos jornadas de orientación el jueves y viernes antes de que inicien las clases del semestre

4-¿Qué dicen los estudiantes como un aspecto positivo y negativo de la experiencia internacional?

-Los estudiantes destacan el nivel académico de la universidad y la atención recibida por el personal administrativo de ■■■.

-Quisieran tener más actividades por parte del grupo estudiantil de “buddies” de aquí, pero en general siempre recibimos excelentes comentarios

5-¿Es posible afirmar que la universidad está preparada para recibir estudiantes extranjeros? ¿Cuáles son los planes para la internacionalización de la universidad?


-■■■ es una universidad muy tradicional y con mucha historia, tiene excelentes instalaciones y lleva mucho tiempo funcionando. ■■■ está totalmente preparada para recibir a estudiantes internacionales. Tiene una oficina destinada para ello y que funciona exclusivamente en el envío y recepción de estudiantes.

-■■■ además de recibir y enviar estudiantes (movilidad) quiere fortalecer la internacionalización en casa

6-¿La movilidad ha contribuido a la comprensión de los derechos humanos y para la construcción de una ciudadanía cosmopolita? ¿Cómo?

-Sin duda alguna. Sea ■■■ o cualquier otra universidad en el mundo, el abrir las puertas a estudiantes de todas partes del globo genera mayor respeto, mayor tolerancia y un conocimiento de primera mano de distintas culturas, cosmovisiones y formas de ver la vida. Los estudiantes de ■■■ comparten las aulas de clase con personas de distintas partes y esto es muy enriquecedor.

A pesar de no conocer los impactos en la ciudadanía fuera de la universidad, estoy convencida de que el trabajo de recibir a estudiantes internacionales impacta muy positivamente innumerables esferas de la sociedad y no solo eso, también hace que los extranjeros perciban distinto la realidad colombiana que siempre ha tenido imaginarios negativos.”

	<p>Nota de Campo 17 – Colômbia Data: 1 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 09, Bogotá</p>	
<p>Participantes: IIE 10</p>	
<p>Objetivo a, b, c e d</p>	

Em visita a uma outra importante universidade privada de Bogotá, dirigi-me à coordenação do setor de internacionalização e fui recebido sem horário previamente agendado. A entrevista durou cerca de 20 minutos, iniciando-se às 11h30min. De acordo com IIE 10 os programas de mobilidade acadêmica da universidade são executados, em sua maioria, através de convênios institucionais com outras universidades. Cerca de 220 alunos são recebidos pela IES, enquanto, aproximadamente, 210 são enviados; existe, portanto, um equilíbrio quantitativo entre os participantes.



Figura 16 - Gabinete de internacionalização

Em relação ao destino escolhido pelos estudantes da universidade, França e Espanha destacam-se como os países mais visados. Por outra via, Alemanha e França são os que mais enviam alunos para a IES. Segundo IIE 10, os cursos de engenharia e administração estão entre os que mais têm alunos interessados em vivenciar uma experiência internacional e são também os cursos que mais recebem estudantes estrangeiros.

A IES organiza, semestralmente, um evento, que tem duração de três dias, destinado exclusivamente aos alunos estrangeiros e tem como propósito orientar os estudantes sobre procedimentos administrativos, mostrar a estrutura da universidade e apresentar o grupo denominado *Hermanos sin Fronteras*, responsável pelo processo de acolhimento e acompanhamento dos estrangeiros durante a estadia na universidade. Solicitei mais informações sobre este grupo e fui informado de que este é um projeto organizado por alunos colombianos que prestam auxílio aos estudantes em mobilidade atuando como mentores acadêmicos.

Entretanto, de acordo com IIE 10, a universidade não conta com uma política de diferenciação entre alunos nacionais e estrangeiros. Destacou, de forma efusiva, que os alunos em mobilidade são responsáveis pela sua trajetória acadêmica. Assim, não existem procedimentos especiais em relação às disciplinas e às atividades escolares para estes alunos. Devem, todos, cumprirem as normas institucionais, inclusive em relação aos requisitos exigidos para inscreverem-se em cursos e matérias.

Ademais, a IES conta com uma residência universitária que, havendo capacidade, acolhe estes estudantes, e possui um curso de espanhol para estrangeiros, facilitando a adaptação daqueles que não falam o idioma. Até mesmo a indicação de profissionais confiáveis que realizam o transporte do aeroporto à universidade ou alojamento é disponibilizado aos estudantes, caso necessitem. Para



*Figura 17 - Edifício central*


os alunos que estão em processo de mudança para outros países, a IES realiza oficinas sobre competências interculturais e outros temas correlatos. Contudo, estas oficinas não são exclusivas aos estudantes que participarão de algum programa de mobilidade, pois são destinadas a toda a comunidade acadêmica.

Sobre a vivência num novo contexto, experiências culturais, linguísticas e acadêmicas dos estudantes em mobilidade, IIE 10 afirmou que ouve, com frequência, que o período vivido no exterior foi o melhor já experimentado em toda a vida. Em sua opinião, o amadurecimento proporcionado pela mobilidade acadêmica está relacionado com o exercício da autonomia do estudante. Lidar com questões financeiras, alimentação, saudade da família, organização do tempo e responsabilidades de uma vida adulta, transforma e amadurece o estudante, pois a ausência dos pais exige uma nova postura e atitude em relação ao dia-a-dia e aos compromissos assumidos.

Nota-se que esse comentário tem um importante significado no contexto da IES, que tem natureza privada e possui discentes com melhores condições sociais que média da população. Em continuação, afirmou, em tom reflexivo, que a percepção que os estudantes em mobilidade têm em relação aos Direitos Humanos é empírica

e subjetiva e não pode ser mensurada, tampouco nomeada por eles. Isto, porque os estudantes, muitas vezes, sequer se apercebem do significado das experiências vivenciadas - alargamento da visão de mundo, da noção de política, cidadania, cultura e conhecimento do mundo. Ou seja, eles vivem e compreendem novos contextos, entendem o que é o mundo fora do seu ambiente local, mas não têm consciência de que todas estas experiências estão relacionadas aos Direitos Humanos.


IIE 10 salientou, também, que o estudante apenas consegue compreender e entender a cultura do outro se ele compreende e entende a sua, se ele se reconhece e se identifica no seu próprio contexto. Por fim, entende que apenas após o retorno ao país de origem é possível perceber uma mudança de comportamento em relação a estes temas. Inclusive, esclareceu que a mudança é real também no contexto acadêmico, pois alguns estudantes, ao regressarem com novas ideias e percepções do mundo, tentam mudar de curso ou área de estudo.

	<p>Nota de Campo 18 – Colômbia Data: 3 de junho de 2018</p>
Local: Hostel, Bogotá	
Participante: ID 03	
Objetivo: c e d	

No alojamento onde hospedei-me, encontrava-se uma brasileira, acompanhada de uma amiga, que viajou para a Colômbia para visitar sua irmã, estudante de graduação em mobilidade numa IES pública de Bogotá. Indagada sobre o motivo da viagem, afirmou que era uma oportunidade imperdível para realizar sua primeira viagem internacional. Disse que também foi a primeira viagem internacional de sua irmã, que lhe confessou que quer, a partir de agora, conhecer o mundo! Com emoção, afirmou que “ela é uma pessoa muito inteligente” e que, após realizar um projeto de investigação em sua universidade (pública), localizada no estado de São Paulo, foi selecionada para participar da mobilidade com apoio financeiro suficiente para custear as despesas.

ID 03 relatou que está feliz pela conquista de sua irmã e que sua mãe, apesar de demonstrar preocupação com a viagem da filha, vê a mudança como uma oportunidade para a melhoria do seu currículo e futuro profissional. Afirmou, ainda, que sua família está inserida num contexto econômico que não permite a vivência no estrangeiro sem apoio financeiro, portanto, constitui-se numa situação conveniente para o progresso acadêmico, econômico e profissional da estudante. Além de Bogotá, as irmãs conhecerão cidades caribenhas para desfrutarem ao máximo da experiência multicultural, social e linguística.



	<p>Nota de Campo 19 – Colômbia Data: 5 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 10, Bogotá</p>	
<p>Participante: IIE 11</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Por indicação de um colombiano hospedado no mesmo alojamento em que estava, visitei uma importante e tradicional universidade privada da Colômbia, localizada no centro de Bogotá, com o intuito de conhecer as instalações e contactar o gabinete responsável pela mobilidade acadêmica. Estudam aproximadamente 13 mil alunos nos cursos de graduação.

Fui recebido, sem agendamento prévio, pelo Profesional de Movilidad Saliente y Convenios, IIE 11, que, gentilmente atendeu-me em seu gabinete. Salienta-se que a IES possui profissionais distintos para alunos entrantes e saíntes. A entrevista durou cerca de 15 minutos.

Inquirido acerca dos programas de mobilidade presentes na IES, afirmou que os estudantes, em sua grande maioria, participam dos programas de mobilidade ofertados por convênios interinstitucionais, ou seja, acordos entre universidades. Todos os convênios, segundo ressaltou, são realizados através de um acordo de reciprocidade em relação às propinas e taxas, não havendo, portanto, pagamento pelo estudante na instituição de ensino de destino. Estes acordos apenas não se aplicam à Espanha, sem justificar o motivo.



*Figura 138 - Fachada do edifício central*

Semestralmente, cerca de 200 estudantes são enviados a outros países, destacando-se Espanha, França, México e Argentina, por ordem de participação. Aproximadamente, o mesmo número de estudantes é recebido pela IES, configurando estes mesmos países como os maiores emissores de estudantes. Ao ser indagado acerca de apoio financeiro, respondeu que os estudantes entrantes, geralmente, vêm com bolsas oferecidas nas instituições de origem - se europeus, a maioria recebe ajuda financeira pelo programa Erasmus. Entretanto, os estudantes


da IES visitada, em sua maioria absoluta, arcam com os custos do intercâmbio, visto que não há apoio financeiro institucional.

Perguntado acerca do processo de candidatura e preparação dos estudantes da IES que participarão de um programa de mobilidade, IIE 11, antes de responder, frisou que o gabinete está sempre aberto e pronto para receber os estudantes em caso de haver dúvida em relação ao processo de candidatura. Respondendo o questionamento, afirmou que quando os alunos são selecionados, o gabinete organiza duas reuniões de preparação. Uma é realizada com os pais dos estudantes, visto que, com grande frequência, existem dúvidas inquietantes sobre a mobilidade e se de facto o período será bem aproveitado, já que os pais despenderão uma quantia relativamente alta e favor do filho ou filha. IIE 11 ressaltou, com sorriso nos lábios, que a reunião tem duração prevista de uma hora, mas que tem durado cerca de três horas, que alguns pais aproveitam o intercâmbio dos filhos para também viajarem ao exterior. Outra reunião é realizada com os estudantes e tem o objetivo de explicar como é a mobilidade, os compromissos acadêmicos e burocráticos.

Afirmou que os estudantes provenientes de países que receberão alunos da IES compartilham, quando possível, informações acerca do destino, contribuindo para a preparação e conhecimento prévio da realidade cultural, linguística, política, econômica etc. do país. Ademais, por iniciativa da IES, existe um grupo formado por estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade que auxilia tanto os alunos que estão em preparação para a viagem quanto os estrangeiros que estão na IES. Como exemplo das atividades realizadas por este grupo, IIE 11 citou: encontro para compartilhar experiências, recepção no aeroporto aos que chegam, visita de reconhecimento da cidade e da universidade, informações gerais acerca da realidade local, da cultura, apoio linguístico (ainda que exista um curso de espanhol para estrangeiros) e o que for necessário.

Questionado sobre o contributo da mobilidade para a compreensão dos Direitos Humanos e vivência cosmopolita, IIE 11 respondeu que os estudantes sempre compartilham experiências positivas, apesar de também existirem situações constrangedoras. Entre as positivas, relatou que a experiência multicultural, linguística, a vivência e amizade com estudantes de outras nacionalidades - as universidades, geralmente, formam um grupo com todos os estrangeiros em mobilidade -, a percepção de que o mundo não é aquele revelado através dos meios

de comunicação social e que a realidade é diferente da vivida em seu país, são acontecimentos que contribuem para o amadurecimento e crescimento pessoal do estudante.

	<p>Nota de Campo 20 – Chile Data: 9 de junho de 20s18</p>
<p>Local: Parroquia Latinamericana, Santiago</p>	
<p>Participante: ID 04</p>	
<p>Objetivo: c e d</p>	

Soube de uma festa brasileira realizada por uma paróquia chilena que tem como missão integrar estrangeiros na cidade de Santiago de Chile. A festa intitulada “Festa Junina Beneficente” é um evento realizado há 12 anos pela paróquia e reúne, todos os meses de junho, todas as pessoas que queiram participar, ao modo brasileiro, de uma festa típica do mês de junho que ocorre em todo o Brasil, especialmente na região nordeste do país. Interessei-me, não apenas por ser brasileiro, porque o local reuniria imigrantes e, por certo, estudantes. Contudo, o clima descontraído e alegre, típico de uma festa junina, não me permitiu estabelecer diálogos longos, a não ser para sondar e fazer apontamentos superficiais em relação ao propósito da visita.



*Figura 1914 - Festa Junina*

Tive oportunidade de me apresentar a ID 04, que gentilmente disponibilizou-se a dar uma entrevista ao longo da semana. O evento teve com a presença da Cônsul-Geral do Brasil e Santiago e de personalidades brasileiras radicadas em Santiago. Obtive informações interessantes acerca do trabalho realizado pela paróquia. Em 1955, foi criado o Instituto Católico Chileno de Migración – INCAMI, uma instituição da Conferencia Episcopal de Chile, “encargado de promover, animar y coordinar los programas y actividades tendientes a la inserción e integración socio-cultural y religiosa de las personas en movilidad humana”<sup>13</sup>.

De acordo com ID 04, a paróquia trabalha para a reunião de imigrantes de qualquer nacionalidade, independente de qualquer distinção; portanto, não há ação específica para estudantes. Contudo, afirmou que conhece muitos estudantes

<sup>13</sup> Disponível em <http://incami.cl/incami/quienes-somos/> Acesso em 10 de maio de 2018.

estrangeiros que frequentam a congregação, pois, como o Chile é reconhecido pela boa formação acadêmica, muitas pessoas de outras nacionalidades vêm ao país com finalidade de estudo. ID 04 destacou a importância de acolher este público, que, distante de seus familiares e amigos, busca, na instituição religiosa, integração e conforto emocional.



*Figura 150 - Região central da cidade*

	Nota de Campo 21 – Chile Data: 11 de junho de 2018
Local: IES 11, Santiago	
Participante: IIE 12	
Objetivo: a, b, c e d	


Às 10 horas da manhã, fui à uma grande universidade pública do país buscar informações sobre a mobilidade acadêmica de estudantes. Procurei a Direção de Relações Internacionais e fui recebido pelo coordenador, IIE 12. Apesar da falta de horário e de alguns compromissos, respondeu-me algumas questões durante 10 minutos. Em relação à acolhida de estudantes estrangeiros, disse que a IES concentra em seu gabinete algumas questões burocráticas, pois algumas faculdades possuem gabinetes específicos que tratam da mobilidade e acolhida dos estudantes internacionais. São aproximadamente 800 estudantes entrantes e 500 saíntes a cada semestre, destacando-se para ambas as áreas os cursos de humanidades e o sexo masculino.

Segundo IIE 12, os estudantes da IES escolhem prioritariamente Espanha e Alemanha como destinos acadêmicos. Por outra via, a IES recebe mais estudantes provenientes da França, Alemanha e EUA. Entre os países latino-americanos, Colômbia e México possuem maior participação. Indagado sobre os contributos da mobilidade acadêmica, destacou que percebe uma transformação de cariz humanista nos estudantes que participam de experiências internacionais. A vivência no exterior proporciona uma formação cidadã ímpar, seja através do envolvimento cultural ou pela condição de estrangeiro, que obriga a dotar uma postura de respeito a opiniões diversas. O desenvolvimento de uma postura tolerante é intrínseco à vida de um estudante em mobilidade.



*Figura 21 - Edifício onde está localizado o gabinete de internacionalização*

Ainda, afirmou que os estudantes que voltam de um período no exterior trazem consigo impressões positivas da realidade multicultural experienciada, para além de um crescimento pessoal que reflete diretamente na independência e autonomia do estudante. Por outro lado, os estudantes estrangeiros relatam que conhecer a realidade latino-americana através da vivência em Chile é uma excelente oportunidade, sempre avaliada positivamente. Após troca de contatos, IIE 12 disponibilizou-se para demais informações através de meios virtuais.

	Nota de Campo 22 – Chile Data: 11 de junho de 2018
Local: IES 12, Santiago	
Participante: IIE 12	
Objetivo: a, b, c e d	

Após me apresentar ao gabinete de Relações Internacionais, a coordenadora, sem empatia e qualquer vontade de colaborar com a pesquisa, não me atendeu e agendou um encontro para dois dias seguintes. Não compareci.



	<p>Nota de Campo 23 – Chile Data: 11 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 13, Santiago</p>	
<p>Participante: IIE 13</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Conhecendo uma zona universitária na cidade de Santiago de Chile, deparei-me com um grande complexo de faculdades espalhadas por um bairro próximo ao centro. Trata-se de uma grande universidade privada que ocupa alguns edifícios do bairro, tornando a região um polo estudantil.

Após receber algumas informações, localizei o prédio central e dirigi-me ao



*Figura 162 - Um dos portões da IES. Bloqueio realizado por estudantes.*

gabinete de mobilidade estudantil. Fui gentilmente recebido pela coordenadora, IIE 13, que prontamente disponibilizou-se para atender-me, mesmo se aproximando o horário do almoço e as atividades estarem encerradas em razão de um protesto de estudantes contra um suposto assédio cometido por um docente da instituição.

Perguntada sobre a organização da IES em relação à mobilidade acadêmica, respondeu que a universidade conta com cerca de 162 convênios interinstitucionais para a promoção de intercâmbio de estudantes. Trata-se, portanto, da modalidade de intercâmbio mais presente na instituição. Cerca de 50 estudantes da IES participam de algum programa de mobilidade a cada semestre, sendo a metade contemplada com algum tipo de ajuda financeira, enquanto aproximadamente 120 chegam de outros países.

A maioria dos estudantes que vão para o estrangeiro escolhem Espanha como destino e os países que mais enviam alunos são EUA, Espanha, França e Colômbia. Indagada acerca do motivo de ser a Espanha um destino tão escolhido pelos estudantes chilenos, IIE 13 respondeu que os alunos afirmam que viajar para a Europa, e não para algum outro país latino-americano, tem inúmeras vantagens, em especial a facilidade em falar o mesmo idioma vivendo num país europeu com outra

realidade política, econômica, cultural e social. Ainda, ressaltou que os cursos que mais recebem estrangeiros são os de humanidades e os que mais enviam são arquitetura e business. Há um equilíbrio quantitativo em relação ao gênero dos participantes.

Ao ser indagada acerca de como ocorre o acolhimento dos estudantes, afirmou que o gabinete IES concentra mais atenção burocrática e acadêmica aos alunos que vão participar de um programa de mobilidade do que aqueles que chegam, pois as faculdades, que estão mais próximas destes alunos, organizam e proporcionam atividades contínuas através de tutores chilenos. Contudo, é realizada uma semana de acolhimento antes das aulas iniciarem-se e um curso gratuito de espanhol para não falantes do idioma.

Sobre os comentários que lhe chegam, de estudantes estrangeiros, geralmente são relativos às questões acadêmicas, pois, geralmente, os conteúdos acadêmicos são mais densos e a quantidade de atividades avaliativas e de trabalhos é superior. Outro tema compartilhado por estudantes estrangeiros é o alto custo para manter-se na cidade, seja em razão dos preços cobrados em alojamentos ou, até mesmo, dos transportes públicos. Ademais, afirmam que escolheram o Chile por causa da segurança, das paisagens naturais e pela diversidade cultural do país.

Em relação aos estudantes que vão em mobilidade, relatou que, ao contrário dos que chegam, os chilenos acham o ensino do estrangeiro mais fácil, o que faz com que eles valorizem mais a educação em seu país. Muitos estudantes que participam de um programa de mobilidade viajam para o exterior pela primeira vez, às vezes é sua primeira viagem de avião, vivem e cozinham sozinhos pela primeira vez. Tal experiência modifica de forma significativa estes estudantes.

Segundo relatou, quando retornam do intercâmbio, descrevem quão valiosa foi a experiência. Com euforia, IIE 13 destacou que os estudantes voltam contentes, mais sociáveis e comunicativos. Afirmam, ainda, que querem repetir a experiência de alguma forma, principalmente realizando um curso de pós-graduação do exterior. Essa transformação, para IIE 13, é tão real que, ao compartilharem as experiências com os colegas, muitos são convencidos de que o intercâmbio é algo positivo e benéfico. Destacou que muitos estudantes têm receio de participar porque o período da mobilidade acarreta um atraso no cronograma do curso, o que desanima alguns. Contudo, os estudantes que participam, quando voltam, consideram o atraso de um

semestre algo totalmente insignificante comparando com o quão valioso e importante foi a vivência em outro país. Neste sentido, frisou que são estes alunos que recebem os estudantes provenientes de outros países, pois compreendem a importância de receber bem.

Perguntei sobre a importância da mobilidade para a compreensão dos Direitos Humanos e percepção de uma cidadania cosmopolita. IIE 13 respondeu que os estudantes que participam de algum programa de mobilidade se dão conta de que o seu país tem um grande valor. Conhecer novas leis, novas realidades culturais e políticas é uma experiência marcante que possibilita ao aluno se situar no mundo e conhecer a realidade como ela é. Conscientizar-se dos seus direitos em outro país é um exercício enriquecedor para compreender também quais são seus deveres. Destacou que, geralmente, os estudantes comparam realidades. Questionam e propõem mudanças positivas utilizando como exemplo o que vivenciaram no estrangeiro. Mobilizam-se em favor de imigrantes e pelo respeito ao próximo, ao diferente, pela tolerância.

Por fim, ressaltou que os estudantes relatam como a vivência fora de seu país é importante para a formação humana e acadêmica, além da profissional, e que os contributos para a socialização, o reconhecimento do outro e o conhecimento de outra realidade são transformadoras.

	<p>Nota de Campo 24 – Chile Data: 11 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 14, Santiago</p>	
<p>Participante: IIE 14</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Em visita a uma importante IES pública do país, fui recebido, às 11h50min, pela coordenadora da área de internacionalização. Apesar de não ter marcado o encontro, prontificou-se a, brevemente, responder algumas questões. O encontro durou pouco menos de 10 minutos.

Em relação às características dos programas de mobilidade e perfil dos alunos, IIE 14 afirmou que o intercâmbio ocorre principal através de convênios interinstitucionais, mas também através de algumas bolsas Santander e convênios do Grupo Montevideo. Os estudantes estrangeiros que mais chegam à cidade são provenientes do México, de áreas como engenharia e arquitetura. Os estudantes chilenos escolhem a Espanha e o Brasil como principais destinos.

Para os estudantes estrangeiros, há uma semana de acolhimento com informações, apresentação de monitores e divulgação das aulas de espanhol. Afirmou que os estudantes internacionais elegem o Chile por causa da sua rica geografia e natureza, segurança, excelência acadêmica. Sobre os alunos que vão para outros países, ressaltou que o retorno é sempre marcado por compartilhamento de histórias positivas e conquistas de natureza pessoal, como desenvolvimento de novas competências, outra visão do mundo e novas expectativas quanto ao futuro profissional. Ressaltou que o perfil dos estudantes da IES é de alunos com baixa renda econômica.



Figura 173 - Campus da IES

Portanto, participar de um programa de mobilidade, causa um impacto muito forte na família e na própria vida do estudante. Isso, porque, em grande maioria, trata-se de uma primeira viagem internacional, às vezes de avião, além de ser um momento de realização de sonhos distantes que se realizam. Frisou que estes estudantes acabam por conhecer muitas

partes do mundo através do contato com colegas estrangeiros que também participam da mobilidade acadêmica, o que ajuda a “quebrar estereótipos”, ter mais empatia, perceber que existem diferenças, mas que, na realidade, somos todos iguais, parte da natureza humana. Ademais, destacou que a mobilidade possibilita o desenvolvimento de liderança, capacidade de adaptação, faz com que os jovens se coloquem no lugar do outro e tenham mais respeito em relação às diferenças.

	<p>Nota de Campo 25 – Chile Data: 11 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 15, Santiago</p>	
<p>Participante: IIE 15</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Após envio de e-mail solicitando uma entrevista, com dois meses de antecedência, e obter uma resposta positiva, dirigi-me ao gabinete de Relações Internacionais de uma tradicional e importante universidade do Chile, com as melhores posições em rankings acadêmicos da América Latina. Fui recebido, às 10h pelo coordenador, IIE 15. A reunião durou cerca de 45 minutos. Ressalto que a estrutura da universidade me chamou atenção. Trata-se de um complexo físico histórico muito bem conservado e modernizado na região central da cidade.



*Figura 184 - Pátio interno do edifício central*

Inicialmente, após compartilhar minha impressão acerca da universidade, IIE 15 explicou-me, em breves palavras, como funciona o ensino superior no país. Primeiramente, frisou que o Estado apoia financeiramente algumas IES históricas não-estatais, como é o caso da universidade. As instituições mais recentes mantêm-se através de seus próprios recursos.

Perguntado sobre as características dos programas de mobilidade, perfil dos alunos e cursos, esclareceu que a IES recebe, anualmente, cerca de 1600 estudantes estrangeiros, provenientes principalmente de EUA, França, Alemanha, Reino Unido e Espanha, nesta ordem de participação e que a IES limita as vagas em razão da alta procura. Os cursos que mais recebem estudantes em mobilidade estão relacionados às áreas de humanidades e ciências sociais.

Afirmou que os estudantes estrangeiros escolhem o Chile para conhecerem a realidade latino-americana, em especial o contexto político e social. Ademais, a instituição tem um programa de acolhimento realizado quatro vezes ao ano e conta com tutores estudantes que se responsabilizam pela integração dos estrangeiros.

Explicou que a IES tem uma oficina intitulada “Autocuidado” para os alunos internacionais, sobretudo norte-americanos, visto que muitos não têm uma educação que incentiva a independência e autonomia. Ressaltou que a realidade dos estudantes estadunidenses é diferente dos estudantes europeus, “que já viajam sozinhos pela Europa com 17 anos”.

Sobre o que dizem os estudantes estrangeiros da experiência vivenciada em Santiago de Chile, afirmou que são bem recebidos e acolhidos pela IES, possuem uma atenção exclusiva de serviços de saúde, a experiência acadêmica é muito rica e satisfatória e não se trata de um período sabático para descanso ou turismo. Frisou, ainda, que os estudantes afirmam querer voltar à IES e ao país para outras atividades.

Em relação aos alunos que vão para outros países, apontou que aproximadamente 800 estudantes elegem EUA, Reino Unido, Espanha e Itália como destino. São estudantes, maioritariamente, das áreas de engenharia, economia e arquitetura. Justificando as áreas de ensino que mais enviam estudantes, afirmou que o interesse acadêmico dos estudantes por boas universidades e países com tradição acadêmica são os mais requisitados.

Não satisfeito, indaguei sobre a ausência de países latino-americanos na lista dos mais escolhidos e dos que mais enviam alunos. Disse-me que a qualidade das universidades, seu posicionamento em rankings internacionais, a possibilidade de uma “experiência acadêmica mais completa”, um maior impacto na vivência no estrangeiro e a vontade de praticarem novos idiomas são fatores presentes na escolha do destino. Por esta razão, os países latino-americanos não são, em grande parte dos casos, eleitos como países de destino.

Ainda, ressaltou, na qualidade de docente da área de ciências sociais e políticas, que a educação superior na América Latina é exclusiva da elite econômica. Portanto, a política exterior volta-se para locais com maior destaque internacional, como EUA e países da Europa, o que torna a América Latina não atrativa. Destacou uma pesquisa realizada pela universidade que conclui que apenas 30% dos Chilenos consideram a América Latina como principal parceiro em política externa, metade dos respondentes argentinos sobre a mesma pergunta. Os alunos chilenos, quando regressam, compartilham impressões positivas. Afirmou que voltam diferentes, boas pessoas, com um currículo melhorado e empolgados com a possibilidade de

progresso na carreira acadêmica e profissional. Frisou que há “ganância econômica, laboral, acadêmica, de praticar um novo idioma” nos alunos chilenos.

A capacidade de adaptação a novas situações, desenvolvimento de postura flexível, encontrar soluções diferentes para os problemas e ter uma nova visão em relação ao mundo não são atributos exclusivos da área acadêmica, mas também se percebem nas relações sociais e culturais. Com ênfase, ressaltou que a universidade tem sido procurada por empresas multinacionais que buscam estudantes que participaram de algum programa de mobilidade para integrarem seus quadros de colaboradores, excluindo os demais, algo que tem sido muito valorizado no mercado de trabalho em Chile.

Indaguei sobre quais são as suas impressões acerca da mobilidade no território ibero-americano. Respondeu-me que é preciso potencializar o intercâmbio estudantil com becas e programas específicos. Como exemplo, ressaltou que há um crescimento do número de mexicanos em mobilidade na universidade, mas não é expressivo. Relembrando a condição econômica dos estudantes, anteriormente falado, afirmou que os estudantes sempre buscam boas universidades, limitando, portanto, a escolha massiva para os países da região.


Chamou-me atenção quando referiu que a influência dos professores é, muitas vezes, determinante para a escolha do destino. Se um professor valoriza mais determinado país ou região, o aluno será influenciado a almejar tal destino. Assim, é preciso criar programas próprios da América Latina, inclusive cursos específicos sobre a região, tanto para nacionais como estrangeiros. A troca de saberes entre professores de distintas áreas para a formação de um conhecimento alargado sobre a realidade latino-americana é indispensável para a valorização da região.

Ademais, ressaltou que os programas existentes não são eficientes porque as “instituições são débeis”. Assim, instituições fragilizadas criam programas fragilizados, complexos e não eficientes. Alguns programas, como as becas Santander para a América Latina e as provenientes da Aliança Pacífico são importantes, mas não alcançam muitos estudantes



	Nota de Campo 26 – Chile Data: 11 de junho de 2018
Local: Hostel, Santiago	
Participante: ID 05	
Objetivo: c e d	

Busquei informações no alojamento em que eu me encontrava hospedado, na região central da cidade, um hostel localizado próximo a algumas instituições de ensino. Como em outras cidades, a escolha do local e o tipo de acomodação foi proposital para vivenciar, ao máximo, o possível contexto vivido por estudantes internacionais. Ao questionar um funcionário da recepção sobre a permanência de estudantes estrangeiros naquele estabelecimento, fui informado de que é comum a presença de estudantes no início de cada semestre letivo, quando chegam à cidade em busca de moradia. Contudo, o grande fluxo de hóspedes não permite saber a proporção de estudantes.

	<p>Nota de Campo 27 – Argentina Data: 14 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 16, Córdoba</p>	
<p>Participante: IIE 16</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

A cidade de Córdoba está inserida na história acadêmica do continente americano. É sede da primeira universidade do continente, criada em 1613. Em visita ao campus universitário, fui recebido pela diretora de Relações Internacionais, sem horário agendado, de forma muito acolhedora e empática.

Inicialmente, recebi informações relativas à universidade e à forma como a internacionalização da instituição ocorre, visto que este é um dos programas mais importantes da IES. IIE 16 relatou-me que os principais programas existentes na



Figura 195 - Campus da IES

instituição são os convênios interinstitucionais e os provenientes do Espaço Comum Acadêmico Latino-americano Ampliado – ESCALA da Associação de Universidades Grupo Montevideo – AUGM. Dentre os 120 estudantes matriculados, cerca de 300 são alunos em mobilidade entrante e apenas 120 são enviados a outros países a cada ano.

A IES recebe os estudantes com atividades antes de cada semestre letivo, apresentando a instituição e seus tutores acadêmicos. Contudo, frisou que cada faculdade tem se responsabilizado pelo decurso do acolhimento, em razão de haver mais contato direto com os estudantes. Ressaltou que é necessário ampliar e potencializar a rede de cooperação internacional através de acordos bilaterais, pois os existentes não são suficientes para intensificar a mobilidade universitária no continente.

Refletindo sobre a realidade local e regional, alertou para o fato de que o número de estudantes matriculados é muito alto e o número de estudantes que podem participar de algum tipo de intercâmbio internacional é muito reduzido, já que não existem bolsas suficientes para os estudantes interessados. IIE 16 frisou que,

considerando a realidade econômica do continente e que poucos podem participar de um programa assim, existe uma real possibilidade de internacionalizar as instituições através de uma rede virtual. Neste sentido, as novas tendências que tem encontrado encaminham para a utilização da internet para proporcionar cursos cooperativos através da educação à distância.


Como exemplo, destacou a possibilidade de ocorrerem disciplinas com professores estrangeiros sem a necessidade de os alunos deslocarem-se para outro país. Isso dar-se-ia através de acordos de cooperação entre instituições. Sobre este tema, denominado “internacionalização em casa”, indicou dois autores, o Hans de Wit (administrador educacional) e John Bale (geógrafo). Contudo, ao ser indagada sobre a relativização da mobilidade acadêmica, afirmou que a mobilidade cruza todas as dimensões, não apenas para a IES, que pode trabalhar com a parte curricular, de extensão e administrativa, mas também para o estudante, que vivencia uma nova realidade cultural, acadêmica e social em outro país. Respondeu com uma pergunta: “Qual a intenção da mobilidade?” Relativizar a mobilidade através de cursos internacionais virtuais é uma forma de democratizar o conhecimento, dando oportunidade para um número maior de alunos a possibilidade de ter contato, ainda que virtual, com outros docentes e outras universidades. Ademais, fomenta a interação solidária entre países e instituições por meio de uma relação horizontal que permite uma mais eficiente integração regional.

Indagada acerca da necessidade de integração regional, respondeu que o continente está dividido em blocos regionais, como a Aliança Pacífico e o Mercosul, o que dificulta maior interação acadêmica e institucional porque há dificuldade de estabelecer critérios comuns de cooperação e procedimentos burocráticos, como a revalidação de créditos e diplomas. Por isso, não existe um programa comum a todo o continente. O programa de mobilidade da OEI, por exemplo, funciona através de grupos pequenos que privilegiam a Espanha, visto que a maioria dos programas e financiamentos são para instituições do sul de Espanha.

Enfatizou que, apesar de sempre ser importante um programa de mobilidade, não há integração e difusão do programa. Existem outros programas, como a Associação Universitária Ibero-americana de Pós-graduação – AUIP, que mantém programas para as IES conveniadas.

Indagada sobre a realidade da mobilidade local e dos relatos dos estudantes, afirmou que os estudantes relatam sempre impressões positivas em relação à experiência acadêmica e social. Um dos problemas mais frequentes está relacionado ao idioma, o que afeta apenas os de origem não hispânica e lusitana, visto que os brasileiros e portugueses que frequentam a instituição não encontram problemas neste quesito. Outra dificuldade relatada é o tamanho da IES, que possui 120 mil estudantes, o que apenas gera uma atenção maior por parte do estudante para situar-se. Sobretudo, tanto os estudantes que chegam à Córdoba quanto os que saem, há um relato comum: os estudantes querem permanecer no local de destino ou voltar em uma nova oportunidade.

Em relação aos estudantes que frequentam instituições latino-americanas, há um relato comum, mas não generalizado, que se relaciona à falta de segurança em alguns países, o que exige uma maior atenção do estudante.

	<p>Nota de Campo 28 – Argentina Data: 14 de junho de 2018</p>
<p>Local: Conferência Regional de Ensino Superior da América Latina e Caribe - CRES 2018, Córdoba</p>	
<p>Participante:</p>	
<p>Objetivo: a, b e d</p>	

Durante minha estadia em Córdoba, ocorria um encontro de reitores universitários, ministros de educação, políticos, representantes de organizações



Figura 26 - Evento de encerramento

internacionais, docentes e estudantes da América Latina e Caribe. Em visita à Universidade de Córdoba, fui convidado para participar da cerimônia de encerramento, quando seria lido o documento final com propostas de ação para os próximos dez anos. Trata-se do terceiro encontro regional desta natureza, que celebra, em conjunto, 100 anos da Reforma

Universitária de Córdoba, um marco para a transformação do ensino no país. Ressalte-se que a cidade de Córdoba é sede da primeira universidade do continente americano, fundada em 1613 pela Companhia de Jesus, organização jesuítas. A declaração final considera ser necessária a:

cooperación interinstitucional basada en una relación solidaria entre iguales, con énfasis en la cooperación Sur-Sur y la integración regional. Debe promover el diálogo intercultural, respetando la idiosincrasia e identidad de los países participantes, fomentar la organización de redes interuniversitarias y fortalecer las capacidades nacionales mediante la colaboración interinstitucional y la interacción con pares académicos a escala regional e internacional. Esto propiciará la circulación y la apropiación del conocimiento como bien social estratégico, en favor del desarrollo sostenible de la región y el de sus países.

En este contexto, la internacionalización se constituye en una herramienta clave para transformar la educación superior, fortalecer sus comunidades y promover la calidad y pertinencia de la docencia, la investigación y la extensión. Favorece la formación de ciudadanos y profesionales, respetuosos de la diversidad cultural, comprometidos con el entendimiento intercultural, la cultura de paz y con capacidad para convivir y trabajar en una comunidad local y mundial. Su antítesis sería la concepción de una internacionalización mercantilista que favorezca los intereses hegemónicos y desnacionalizadores de la globalización.

El cumplimiento de todos estos objetivos requiere estrategias sistémicas, integrales, comprehensivas y transversales a todas las políticas de desarrollo institucional.

Asimismo, se precisan políticas públicas que apoyen el proceso de internacionalización mediante el establecimiento de marcos organizacionales que faciliten la integración académica regional, la movilidad de estudiantes y académicos, el reconocimiento de trayectos formativos internacionales, la dimensión internacional de los programas académicos y la colaboración internacional en investigación, entre otros.

1. Reconocemos una internacionalización humanista y solidaria que contribuya a un mayor y mejor entendimiento y cooperación entre las culturas y las naciones, a partir de una colaboración interinstitucional fundamentada en la solidaridad y respeto mutuo.

2. Los hermanamientos entre las universidades y otras instituciones de educación superior nutren la creación, fortalecimiento y consolidación de las capacidades

3. Las instituciones de educación superior contribuyen al diseño consensuado de proyectos de nación desde sus propios proyectos educativos, comprometiendo todo su quehacer docente, de investigación y de servicios.

4. La internacionalización se convertirá en una palanca para transformar el sector educativo terciario con estrategias sistémicas, integrales, comprehensivas y transversales permeando todas las políticas de desarrollo institucional en torno a los contenidos y estructuras curriculares.

5. La internacionalización es un medio estratégico para la producción de conocimiento con una perspectiva basada en la colaboración internacional. Es un proceso para innovar y mejorar la calidad y pertinencia de la educación terciaria con el desarrollo de competencias globales e interculturales en los estudiantes.

6. Las políticas públicas e institucionales son determinantes para consolidar la institucionalización de la dimensión internacional en el quehacer universitario y en los tres niveles del proceso educativo: el micro (proceso de enseñanza-aprendizaje en el aula), el mediano (estructura y contenido curriculares), y el macro (diseño de políticas institucionales sobre docencia, investigación y difusión).

7. La dimensión internacional es un componente intrínseco de las políticas científicas nacionales y de los instrumentos de desarrollo científico e investigativo bajo esquemas colaborativos hacia la integración regional, mediante:

a) el fomento y financiamiento de la internacionalización de la investigación,

b) el aumento y consolidación del capital de relación internacional de los investigadores,

c) la introducción de la dimensión internacional en los programas de posgrado para la formación de investigadores,

d) el mejoramiento de la calidad, la pertinencia, la productividad y la visibilidad de la investigación.

8. La internacionalización de la educación superior se consolidará a partir de una política y estrategia regional de desarrollo científico, que permita coordinar esfuerzos, potenciar los recursos y multiplicar los programas.

9. Los gobiernos de la región requieren impulsar, profundizar y consolidar la voluntad política hacia la integración regional. En relación con la educación superior es imperativo una articulación permanente entre las políticas públicas y las institucionales para construir una comunidad académica regional que respete la diversidad y simultáneamente reconozca la validez de los otros sistemas e instituciones.

10. En la educación superior regional es imprescindible establecer políticas, estructuras coordinadoras, programas de alcance regional y la correspondiente estructura financiera para fortalecer y extender los esfuerzos integracionistas, el trabajo cooperativo y los programas de los distintos consejos y asociaciones de




*Figura 27 - Área de convivència durante o evento*

universidades nacionales, regionales e internacionales, organismos internacionales e IES.

11. Es imperativo incrementar la movilidad estudiantil intrarregional mediante iniciativas inclusivas y esquemas de financiamiento que alcancen a todos los países de la región, posibilitando la incorporación de aquellos estudiantes desfavorecidos.

12. La flexibilización de los programas y planes de estudio, su reconocimiento y la coordinación de los calendarios académicos, son condiciones básicas para el crecimiento de la movilidad de la educación superior regional.

	<p>Nota de Campo 29 – Argentina Data: 14 de junho de 2018</p>
<p>Local: Hostel, Córdoba</p>	
<p>Participante: EST 07</p>	
<p>Objetivo: b, c e d</p>	

Em conversa informal com um argentino, no alojamento local onde hospedei-me, foi-me relatado que EST 07 participou de um intercâmbio estudantil em uma universidade brasileira. Trata-se de um programa de investigador visitante. Permaneceu na instituição brasileira por 3 meses e avaliou positivamente a estadia acadêmica. Afirmou que tem vontade de voltar para o Brasil e para a universidade na qualidade de investigador pós-doc, já que sua vivência foi muito bem aproveitada. Ademais, relatou que nunca havia saído do seu país, constituindo-se, o período de




Figura 28 - Praça na região central de Córdoba

mobilidade, como uma oportunidade para conhecer uma nova cultura, um novo idioma e um novo estilo de vida. Apesar de ter ido para o Brasil sem saber o idioma e sem ter informações precisas acerca da cidade e da região, conseguiu comunicar-se bem e fazer amizades.

Contudo, relatou-me que sofreu, por alguns docentes da universidade, discriminação por ser argentino. Indagado sobre as ocorrências que marcaram essa experiência, afirmou que já ouviu de alguns brasileiros, dentro do contexto universitário, “o que você está fazendo aqui?”. Lembrou-se, ainda, que alguns professores e investigadores sequer cumprimentavam-no, sendo indiferentes à sua presença no local. Entretanto, compreende que o fluxo de turistas argentinos na cidade de Florianópolis é constante e que sabe de algumas ocorrências desagradáveis causadas por seus compatriotas nesta região, o que lhe confortava por entender que não se tratava de algo pessoal ou direcionado à sua investigação.



	<p>Nota de Campo 30 – Argentina Data: 20, 27 e 29 de junho de 2018</p>
<p>Local: Protestos, Buenos Aires</p>	
<p>Participante:</p>	
<p>Objetivo: c e d</p>	

Na capital argentina, Buenos Aires, o cenário político encontrava-se conturbado. Muitas manifestações de rua ocorreram durante minha estadia, como protestos contra a gestão de uma universidade pública, atos pró e contra o aborto, greves de profissionais do transporte aéreo, entre outros. Num cenário de perceptível efervescência política, indaguei-me de como os estudantes estrangeiros lidam com essa instabilidade em outro país. Passar por um protesto em via pública pode fazer parte do trajeto de vários estudantes estrangeiros, impactando a percepção da realidade local e sua dinâmica política, econômica e cultural.

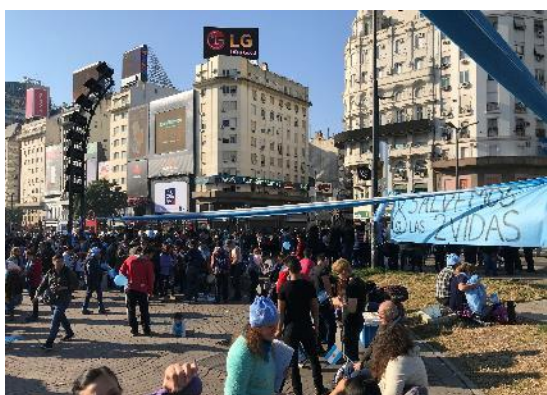


Figura 29 - Manifestação pró-aborto


Num destes atos públicos que aglomerou algumas dezenas de estudantes em frente à reitoria de uma IES pública, busquei, em Madrid, conversar com estudantes estrangeiros. Contudo, em face à forte presença de policiais e de equipes jornalísticas, não obtive êxito. Mostravam-se muito fechados em seus grupos e alheios a possíveis interferências externas.




Figura 200 - Manifestação de estudantes




*Figura 211 - Manifestação de trabalhadores*

	Nota de Campo 31 – Argentina Data: 27 de junho de 2018
Local: IES 17, Buenos Aires	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

Em busca de informações numa IES privada, não pude ser atendido porque a pessoa responsável pelo gabinete de internacionalização encontrava-se em outro campus.

	Nota de Campo 32 – Argentina Data: 27 de junho de 2018
Local: IES 18, Buenos Aires	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

No mesmo dia, fui até outra IES, com expectativa de conversar acerca dos programas de mobilidade, visto que a universidade é reconhecida pelo ensino de referência no país. Contudo, mesmo recebido no gabinete de internacionalização, não obtive quaisquer informações, pois a responsável, identificada na página virtual da instituição, não se encontrava.

	<p>Nota de Campo 33 – Argentina Data: 27 de junho de 2018</p>
<p>Local: IES 19, Buenos Aires</p>	
<p>Participante: IIE 17</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Em visita não programada a esta IES, dirigi-me ao gabinete de relações internacionais em busca de informações sobre os programas de mobilidade internacional. Fui atendido pela coordenadora da área, que me recebeu com muita atenção e disponibilidade. A entrevista iniciou-se às 11h20min e durou aproximadamente vinte minutos. Perguntada sobre como funcionam os programas de mobilidade na IES, afirmou que a cada ano um total de aproximadamente setenta estudantes participam de intercâmbio. Esse número corresponde a quase 10% dos



Figura 222 - Vista da zona moderna da cidade

estudantes da IES, que tem aproximadamente mil matriculados.

A universidade conta com um atendimento personalizado e constante aos alunos em mobilidade, isso porque, segundo IIE 17, o número reduzido de alunos permite um contato intenso e eficiente. Ressaltou que a IES tem alunos de classe média alta e que essa informação deve ser considerada para tirar conclusões acerca do perfil dos estudantes. Em relação aos países que mais enviam estudantes

e que mais os estudantes escolhem como destino são Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Austrália e Estados Unidos.

Indagada acerca da ausência de estudantes provenientes da América Latina, respondeu que os estudantes afirmam que querem uma experiência mais impactante a nível cultural e social, por isso escolhem o continente Europeu, visto que a experiência em outro continente tem maior relevância no currículo profissional, além da vivência em um território que tem uma história rica e relevante no contexto global. IIE 17 utilizou a expressão “eurocentrismo” para referir-se a importância que os

estudantes dão a esse continente. Em relação aos estudantes que procuram a América Latina como destino, referiu-se a uma constante justificativa dada pelos estrangeiros, que é conhecer a realidade desta região e seus problemas. Compartilhou a boa impressão que tem em relação aos estudantes estrangeiros, principalmente europeus, que, em quase sua totalidade, buscam trabalhos voluntários ou desenvolver atividades em ONG's, ainda enquanto estudantes. Com certa frequência, tem notícia de estudantes que voltaram à Buenos Aires após a conclusão dos estudos, seja para aproveitar o tempo enquanto turista, realizar trabalhos voluntários ou, até mesmo, como trabalhadores.


Afirmou que os estudantes argentinos que vão para outros países voltam diferentes. Demonstram um amadurecimento e crescimento perceptíveis, pois têm atitudes mais adultas. Justificou essa transformação no fato de que são estudantes que possuem um apoio familiar muito grande. Quando vão para outros países são eles os responsáveis pela tomada de decisões do dia a dia, de providenciar alimentação, higienização da habitação, limpeza das roupas etc. Ressaltou que esse tipo de atividade não faz parte da rotina dos estudantes enquanto estão vivendo com suas famílias em Buenos Aires e que a responsabilidade no exterior exige novos comportamentos.

Frisou que a percepção dos alunos de que a realidade social, política e econômica não é a mesma que a vivida em seu país e que o contato com outras nacionalidades, pois viver em outro país na qualidade de estudante estrangeiro favorece o contato com outros estudantes estrangeiros, enriquece a experiência enquanto intercambista. Deu um exemplo típico narrado por vários estudantes: sentar em bar com um grupo de amigos significa conversar com pessoas de várias nacionalidades ao mesmo tempo, o que não é comum em Buenos Aires. Assim, viver em outro país significa conhecer vários países ao mesmo tempo através das amizades cultivadas.

Questionada sobre a postura da IES em relação ao processo de internacionalização, afirmou que a universidade busca fomentar cada vez mais a participação de estudantes em programas de mobilidades. Uma forma de potencializar a experiência internacional é oferecer cursos de curta duração em outros países, inclusive latino-americanos, de duas semanas, por exemplo. Dessa forma, é possível alcançar um maior número de alunos, principalmente aqueles que não têm

condições de arcar com as despesas para viver por um semestre no exterior. Para tanto, entende que o mais importante é a experiência vivida fora e não o seu tempo de duração.

Comentou sobre uma pesquisa realizada pela instituição que ouviu cerca de 200 alunos de graduação sobre o desejo de realizar um intercâmbio. Destes, 98% dos estudantes afirmaram que gostariam de estudar em outro país, o que é um número significativo que impulsiona a IES a adotar medidas facilitadoras para internacionalizar-se mais. Por fim, ressaltou que os estudantes que já participaram de algum programa de mobilidade sentem-se responsáveis pela colhida dos estrangeiros, fato que mobilizou a instituição a organizar um grupo de acolhimento para o próximo semestre.

	Nota de Campo 34 – Argentina Data: 28 de junho de 2018
Local: IES 20, Buenos Aires	
Participante: IIE 18	
Objetivo: a, b, c e d	

Sem agendamento prévio, dirigi-me a uma IES privada, sediada num edifício histórico na região central de Buenos Aires, para conhecer a secretaria de relações internacionais. Após esperar a disponibilidade da coordenadora, que ressaltou já ter realizado um intercâmbio enquanto estudante, fui atendido de forma atenciosa e empática. Quando me apresentei como estudantes de uma universidade portuguesa, IIE 18 contou, com entusiasmo, que esteve em Lisboa há duas semanas visitando uma IES para firmar acordos de cooperação interinstitucional. A entrevista durou cerca de vinte minutos, iniciando-se às 11h30min.

A universidade tem pouco mais de mil estudantes, sendo o perfil econômico majoritário de classe média alta. Deste total, cerca de 80 são estrangeiros em intercâmbio provenientes principalmente da Alemanha, Espanha, França e Reino Unido. Indagada sobre a ausência de estudantes latino-americanos, respondeu que acredita que, assim como os argentinos, os estudantes latino-americanos não elegem o seu continente como destino porque preferem conhecer uma nova realidade cultural, econômica e social, principalmente na Europa, e que o número elevado de europeus se dá em razão de serem contemplados por bolsas do programa Erasmus, facilitando e permitindo a escolha de um destino em outro continente.

Em relação ao processo de acolhimento dos estudantes, afirmou que a quantidade de alunos que participam do intercâmbio permite uma melhor atenção e acompanhamento ao longo da sua estadia, o que é um ponto positivo para o sentimento de pertencimento do estudante em relação à IES. Ademais, a universidade oferece algumas disciplinas em inglês, facilitando a adaptação acadêmica para os não que não falam o idioma espanhol, que também é ensinado para os estrangeiros.




Afirmou que a IES tem um evento semestral de acolhimento aos estudantes em mobilidade que conta com a presença de um psicólogo para falar sobre o choque cultural e de um representante do governo de Buenos Aires, que possui um programa específico para estudantes em mobilidade. Em relação a este programa, ressaltou que o governo local realiza atividades culturais – como aulas de tango, gastronômicas, visitas a locais estratégicos e eventos. Ainda, o governo tem um stand permanente no aeroporto internacional distribuindo um kit de boas vindas com um cartão de transporte público que, além de permitir a locomoção em todos os meios de transporte público, garante desconto em alguns alojamentos locais.

Frisou que a IES oferece um estudante tutor a cada estrangeiro e que está em constante contato com os estudantes e que na primeira semana de aulas os estrangeiros podem cursar qualquer disciplina para que, então, possam definir quais as turmas frequentarão durante a mobilidade.


Afirmou que a maioria dos estudantes que participam de programas de mobilidade têm entre 19 e 21 anos e que é perceptível a diferença entre os alunos argentinos e europeus, pois os estudantes europeus chegam ao país mais preparados para uma experiência no exterior e em outra cultura, enquanto os argentinos que saem do país são mais dependentes afetivamente dos seus familiares. Em relação à América Latina, enquanto destino, ressaltou que a distância e os custos para permanecer por alguns meses não compensa quando analisada a possibilidade de ir para outro continente.

Ademais, o perfil econômico dos estudantes da IES não só permite uma vivência em países mais distantes e com um custo mais elevado, como exige um melhoramento no currículo profissional mais impactante e distinto. Contudo, afirmou que a IES estuda aumentar a oferta de intercambio entre universidades no continente. Para isso, destacou que existe a possibilidade de oferecer cursos de curta duração, como os de verão ou inverno, para que a prática da mobilidade seja realizada por mais alunos e com mais frequência, inclusive para aqueles que não poderia manter-se em outro país por alguns meses. Neste contexto, frisou que os destinos mais próximos, como Brasil, Uruguai e Chile, seriam beneficiados com estas medidas, intensificando a mobilidade regional.

Outro destaque deu em relação à necessidade de aproveitar a presença dos estudantes estrangeiros que estão na universidade para que os estudantes argentinos tenham contato com outras realidades e culturas.

	Nota de Campo 35 – Argentina Data: 28 de junho de 2018
Local: Hostel, Buenos Aires	
Participante: EST 08	
Objetivo: c e d	

Apesar de estar em Buenos Aires em meio ao campeonato mundial de futebol, com um fluxo turístico mais elevado, segunda quinzena de junho, pude conversar rapidamente com uma estudante mexicana que cursa engenharia na Universidade de Buenos Aires. Na sala de televisão, disse-me que estava em Buenos Aires desde o início do ano e optou por hospedar-se no hostel pela comodidade. Seu curso de engenharia e a cidade tem rendido ótimas experiências, apesar de estar mais próxima de estudantes europeus em mobilidade. EST 08 afirmou que se relaciona melhor com colegas de outras nacionalidades, mas isso não significa que não tenha se adaptado aos argentinos. Contudo, sente um certo distanciamento dos argentinos por ser mexicana, o que não acontece com os colegas europeus ou de outros continentes.

	<p>Nota de Campo 36 – Uruguai Data: 02 de julho de 2018</p>
<p>Local: IES 21, Montevideu</p>	
<p>Participante: IIE 19</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

A visita ao Uruguai ocorreu em julho de 2018, quando as aulas já se encontravam nos últimos dias do semestre letivo. A instituição aparentava passar por momentos de instabilidade, devido ao grande número de pichações e cartazes em seus edifícios. Recordei-me do ambiente presenciado em Colômbia, Chile e Argentina, que também se encontravam agitados. Mesmo assim pude conhecer uma universidade referência no país, com mais de 100 mil estudantes, e coletar dados relevantes.



Figura 33 - Fachada do edifício sede da IES

Em visita a esta relevante universidade do país, atendeu-me, sem prévio contato, uma pessoa que integra o gabinete de internacionalização. De acordo com IIE 19, a universidade participa do grupo AUGM, que mantém convênios interinstitucionais com universidades argentinas, paraguaias, chilenas e brasileiras. Sobre essa organização, aponta, com atenção, que há uma série de questões políticas que enfraquecem seu potencial de atuação e que sobram bolsas de financiamento ofertadas por ela. Outra forma de ofertar a mobilidade a seus estudantes é através das bolsas financiadas pelo Santander, mas apenas para estudantes que queiram ir para Espanha.

Perguntada sobre como ocorre a mobilidade, esclareceu que, academicamente, os estudantes são livres para escolherem as matérias que querem estudar. O acolhimento dos estrangeiros é realizado por cada faculdade, não havendo uma organização centralizada pela universidade, excetuando-se uma reunião semestral que permite aos estudantes conhecerem a instituição e obterem

informações burocráticas. IIE 19 ressalta que o calendário das faculdades é flexível, portanto, torna-se inviável centralizar os eventos.

Para IIE 19, os estudantes estrangeiros são bem recebidos, não sofrem

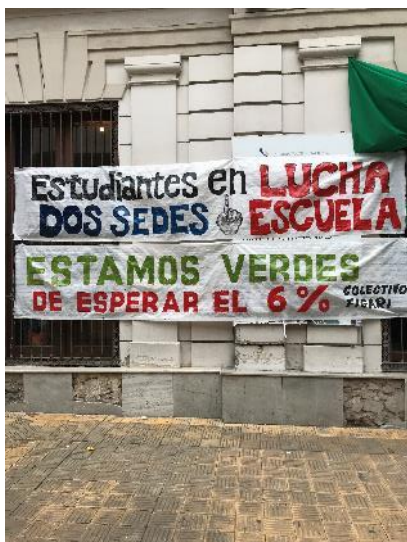




Figura 3423 - Manifestação organizada por estudantes

discriminação e, geralmente, se integram com facilidade. Contudo, destacou que percebe que os estudantes europeus se fecham em grupos de integrantes deste continente. Há, como política de internacionalização de IES 21, a necessidade de expandir suas relações com outros países. Sobretudo, porque a mobilidade acadêmica é uma experiência fundamental para não apenas o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas cultural, mental e social. Ademais, frisou, tem ouvido dos estudantes que participam que não importa para qual universidade ele vá, o que vale é a experiência de vida.

	Nota de Campo 37 – Uruguai Data: 02 de julho de 2018
Local: AUGM, Montevideú	
Participante:	
Objetivo: a e d	

Ainda, busquei contato pessoal com representantes de uma associação internacional que promove a mobilidade acadêmica em alguns países sul-americanos. Por duas vezes, em dias seguidos e em horário comercial, desloquei-me ao estabelecimento, mas em nenhum desses momentos fui recebido pessoalmente, apenas por interfone. Nas breves palavras, alegaram que não havia atendimento presencial naquele horário – que era horário comercial.


	<p>Nota de Campo 38 – Uruguai Data: 02 de julho de 2018</p>
<p>Local: Punto de Atención y Asesoramiento a Migrantes en Temas Educativos Montevideu</p>	
<p>Participante: ID 06</p>	
<p>Objetivo: d</p>	

Por fim, minha última coleta de dados ocorreu de modo inusitado. Caminhando pelas ruas do centro de Montevideo, deparei-me com um escritório denominado “Punto de Atención y Asesoramiento a Migrantes en Temas Educativos”. Após entrar no local, conversei brevemente com uma atendente, que me explicou do que se




*Figura 35 - Região central de Montevideo*

tratava. Observo, com ênfase, que em momento algum informaram-me a respeito deste gabinete quando estive na universidade pública. O gabinete é vinculado ao Ministério da Educação do Uruguai e atende imigrantes de várias nacionalidades que se encontram no país. Contudo, seu acolhimento é destinado aos filhos de imigrantes em idade escolar do ensino básico, não servindo a estudantes de ensino superior. De todo modo, pareceu-me relevante a mobilização do Estado nas questões educacionais de pessoas migrantes.


	Nota de Campo 39 – Brasil Data: 03 de setembro de 2018
Local: IES 22, Brasília, Distrito Federal	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

A primeira IES brasileira visitada está sediada na capital do país. Foi contatada previamente para agendamento de horário com a Reitora da instituição. A instituição divulga, com frequência, os programas de mobilidade em que participa. Contudo, após algumas marcações, e posteriores remarcações, a entrevista não se realizou por falta de disponibilidade de horário da IES.




	Nota de Campo 40 – Brasil Data: 03 de setembro de 2018
Local: IES 23, Brasília, Distrito Federal	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	


Em busca de dados na capital brasileira, dirigi-me até uma IES privada, referência acadêmica na cidade. Entretanto, presencialmente, não obtive informações acerca dos programas de mobilidade. Disponibilizaram o nome do responsável, para posterior contato. Mas, diante da percepção de que não seria produtivo, não dei continuidade ao contato.

	Nota de Campo 41 – Brasil Data: 03 de setembro de 2018
Local: IES 24, Brasília, Distrito Federal	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

Em outra instituição privada de Brasília, procurei o gabinete de internacionalização, mas fui informado de que essa área está inserida nas atividades da gestão pedagógica. Deveria, assim, agendar horário com o responsável, que não em horários específicos. Dessa forma, optei por não dar continuidade à pesquisa nesta IES.

	Nota de Campo 42 – Brasil Data: 12 de setembro de 2018
Local: IES 25, Brasília, Distrito Federal	
Participante:	
Objetivo: a, b, c e d	

Mais uma vez, procurei dados em IES privada, mas, como ocorrido nas instituições brasilienses, também não obtive êxito, pois não há gabinete específico para este tema.

	<p>Nota de Campo 43 – Brasil Data: 15 de outubro de 2018</p>
<p>Local: Ministério da Educação, Brasília, Distrito Federal</p>	
<p>Participantes: ID 07</p>	
<p>Objetivo: a, b e d</p>	

Após reunião previamente agendada na coordenação de assuntos internacionais, ID 07 recebeu-me com disposição e empatia. Acerca do panorama geral de estudantes brasileiros que participam de algum programa de mobilidade acadêmica, afirmou que existe, aproximadamente, uma relação 3x1 na entrada e saída de estudantes, ou seja, saem três alunos brasileiros para o exterior enquanto chega apenas 1 estrangeiro. Contudo, frisou que esses dados se referem às mobilidades oficiais promovidas por programas em que há acesso de dados pelo MEC. Tal número, entretanto, não pode ser considerado para fins estatísticos gerais,

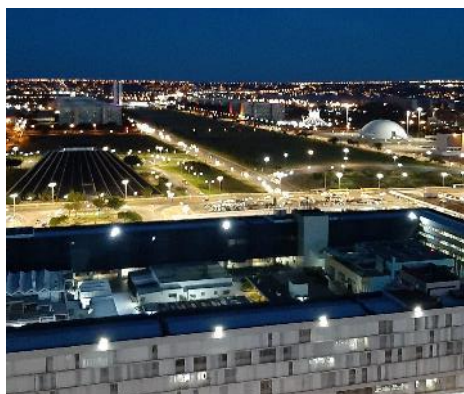


Figura 36 - Região central de Brasília

pois existem programas de mobilidade próprios, tanto de IES públicas quanto privadas.

Em relação à mobilidade regional, latino e ibero-americana, há intenção, por parte do Ministério, de incentivar mais e facilitar a experiência internacional, principalmente de tornar o Brasil um destino atraente para estudantes estrangeiros. Para ID 07, a dificuldade para facilitar em larga escala a acreditação curricular e a validação de atividades realizadas em outros países é um dos entraves atuais para o alargamento dos programas. Destacou, sobre isso, que o programa Ciências Sem Fronteiras, extinto, sofreu várias críticas justamente por não prever a validação e acreditação dos estudos, frustrando muitos estudantes que participaram.

Outro ponto de destaque é a questão linguística, visto que o português não é uma língua difundida, apesar de ser mais acessível aos hispânicos. Indagado acerca dos programas de mobilidade acadêmica e organismos pertinentes ao tema que vigoram no Brasil, em especial aqueles que atendem ao território ibero-americano, elencou:

1) Programa **MARCA**, vinculado ao Mercosul Educacional e ao programa de acreditação ARCU-SUL. Segundo pesquisa em sítio oficial do Programa MARCA, “El MARCA es un Programa de movilidad académica regional para carreras de grado acreditadas por el Sistema de Acreditación Regional del MERCOSUR (ARCUSUR) que busca fortalecer las carreras acreditadas, fomentar la integración e internacionalización de la educación superior en la región y cumplir con el objetivo central de integración regional. Para alcanzar dichos objetivos, contempla la movilidad de estudiantes, docentes, investigadores y coordinadores (académicos e institucionales) enmarcadas en proyectos de asociación académica entre carreras acreditadas regionalmente”<sup>14</sup>.

2) O Sistema **ARCU-SUL**, que é “o Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação é resultado de um Acordo entre os Ministros de Educação de Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Chile, homologado pelo Conselho do Mercado Comum do MERCOSUL através da Decisão CMC nº 17/08. O sistema executa a avaliação e acreditação de cursos universitários, e é gerenciado pela Rede de Agências Nacionais de Acreditação, no âmbito do Setor Educacional do MERCOSUL. O Sistema respeita as legislações de cada país e a autonomia das instituições universitárias, e considera em seus processos apenas cursos de graduação que tenham reconhecimento oficial em seu país e com graduados. O Sistema ARCU-SUL oferece garantia pública, entre os países da região, do nível acadêmico e científico dos cursos. O nível acadêmico será estabelecido conforme critérios e perfis tanto ou mais exigentes que os aplicados pelos países em seus âmbitos nacionais análogos”<sup>15</sup>.

3) Programa **Paulo Freire**, vinculado à OEI. De acordo com o sítio oficial do programa, “El proyecto Paulo Freire de Movilidad Académica para Estudiantes de Programas Universitarios de Formación del Profesorado constituye una acción de movilidad académica de estudiantes de grado y de posgrado en escuelas, facultades,

---

<sup>14</sup> Disponível em <[http://programamarca.siu.edu.ar/programa\\_marca/index.html](http://programamarca.siu.edu.ar/programa_marca/index.html)> Acesso em 15 out. 2018.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://edu.mercosur.int/arcusur/index.php/pt-br/descricao/122-sistema-arcu-sul>> Acesso em 15 out. 2018.

centros y programas de formación del profesorado. Su objetivo principal es promover la movilidad de alumnos universitarios que cursan estudios de grado y de posgrado en carreras que conducen al ejercicio de la profesión docente. Los destinatarios y la población objetivo son, por tanto, los futuros maestros y profesores de educación inicial, primaria, secundaria, especial, bachillerato y técnico-profesional”<sup>16</sup>.

4) **Grupo Coimbra** de Universidades Brasileiras, vinculado à OEA, que “é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter acadêmico, científico e cultural, composta por 83 instituições brasileiras de Educação Superior, fundada em 29 de outubro de 2008, em Brasília, DF. A missão do GCUB é promover relações acadêmicas, científicas e culturais entre as instituições associadas e parceiros internacionais, por meio de programas, projetos e ações de cooperação internacional, bilaterais e multilaterais. As atividades do GCUB são desenvolvidas em parceria com Organizações Internacionais, Universidades, Redes Universitárias, Conselhos de Reitores e Órgãos Governamentais de mais de cem países, localizados nos cinco continentes”<sup>17</sup>.

5) **Idiomas sem Fronteiras**, complementar ao Programa Ciências sem Fronteiras. De acordo com a Portaria 1.466/2012 que o institui, “o Programa Inglês sem Fronteiras, com o objetivo de propiciar a formação e capacitação de alunos de graduação das instituições de educação superior para os exames linguísticos exigidos para o ingresso nas universidades anglófonas. As ações empreendidas no âmbito do Programa Inglês sem Fronteiras serão complementares às atividades do Programa Ciência sem Fronteiras, sem prejuízo do aproveitamento dos alunos capacitados em programas de concessão de bolsas de estudo no exterior desenvolvidos por órgãos governamentais”<sup>18</sup>.

6) **Assessoria de Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais**, uma associação de dirigentes universitários sobre o tema.

---

<sup>16</sup> Disponível em <<https://paulofreire.oei.es/>> Acesso em 15 out. 2018.

<sup>17</sup> Disponível em <[http://www.grupocoimbra.org.br/Sobre\\_o\\_Grupo.aspx](http://www.grupocoimbra.org.br/Sobre_o_Grupo.aspx)> Acesso em 15 out. 2018.


<sup>18</sup> Disponível em <[http://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria\\_normativa\\_1466\\_2012.pdf](http://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf)> Acesso em 15 out. 2018.

7) **FAUBAI** - Associação Brasileira de Educação Internacional, criada em 1988 e que “reúne mais de 180 gestores ou responsáveis por assuntos internacionais e promove a integração e a capacitação dos gestores da área – por meio de seminários, workshops e reuniões regionais e nacionais -, além de divulgar a diversidade e as potencialidades das IES brasileiras junto às agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais. A FAUBAI tem a finalidade de promover o aperfeiçoamento do intercâmbio e da cooperação internacionais como instrumentos para a melhoria do ensino, da pesquisa, da extensão e da administração das instituições filiadas, procurando estimular o constante aperfeiçoamento da gestão do intercâmbio e da cooperação internacionais”<sup>19</sup>.

8) Grupo de Trabalho sobre mobilidade acadêmica e acolhimento de estudantes, que está em fase de estruturação.

---

<sup>19</sup> Disponível em <<http://faubai.org.br/pt-br/sobre-a-faubai/>> Acesso em 15 out. 2018.

	<p>Nota de Campo 44 – Brasil Data: 19 de novembro de 2018</p>
<p>Local: IES 26, Belo Horizonte, Minas Gerais</p>	
<p>Participante:</p>	
<p>Objetivo: c e d</p>	

Em visita espontânea à uma IES pública, em seu campus do curso de Direito, constatei que o ambiente acadêmico está engajado nos debates políticos nacionais. Há várias referências às pautas políticas inscritas em paredes, painéis e muros da universidade. Vez ou outra, com ameaças e provocações às autoridades nacionais, regionais e locais, como feitas ao reitor da instituição em um dos registros. Trata-se de um dos cursos, nesta área, com uma das melhores classificações em todo o país, com destaque para renomados juristas que já estudaram ou são professores da faculdade.




Figura 37 - Pichações no edifício

Em breves palavras, o local não é acolhedor; tampouco recetivo. O edifício apresenta bastante desgaste em sua estrutura física e as intervenções em paredes e murais contribuem para a sensação de ambiente degradado e descuidado.



Figura 38 - Degradação interna



	<p>Nota de Campo 45 – Brasil Data: 28 de março de 2019</p>
<p>Local: IES 27, Campo Grande, Mato Grosso do Sul</p>	
<p>Participante: IIE 20</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Pude conhecer uma universidade pública localizada num estado limítrofe à fronteira com o Paraguai, o estado do Mato Grosso do Sul. Em sua capital, Campo Grande, fui recebido no departamento de relações internacionais da IES. Contudo,




*Figura 39 - Via de entrada do campus*

não se encontrava presente a pessoa que chefia o gabinete, fato não impeditivo para a coleta de alguns poucos dados. A IES conta com uma repartição administrativa própria para lidar com o tema. Ao indagar a respeito de como funciona a mobilidade internacional da IES, IIE 20 informou que a mobilidade ocorre principalmente por meio de acordos interinstitucionais.

Por não ter um número expressivo de estudantes que participam de programas de mobilidade, a universidade busca a celebração de novas parcerias, ofertando vagas para estudantes estrangeiros e divulgando os programas para estudantes nacionais. É interesse da instituição aumentar a sua atuação internacional em vários aspectos, não apenas na mobilidade para discentes, mas também no fluxo de docentes para o estrangeiro.

Não havendo mais dados, devido a ausência da chefia, colocaram-se à disposição numa oportunidade futura para maiores esclarecimentos.

	<p>Nota de Campo 46 – Paraguai Data: 01 de abril de 2019</p>
<p>Local: IES 28, Asunción</p>	
<p>Participante: IIE 21</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

Pela relativa proximidade com Campo Grande (poucas centenas de quilômetros), estendi a viagem, por poucos dias, até Assunção, capital do Paraguai, a fim de buscar dados a respeito dos programas naquele país.

Num dia chuvoso, desloquei-me até uma universidade pública de referência em Paraguay. Após adentrar ao campus, com vários edifícios e espaços abertos,




*Figura 40 - Região central da cidade - parte histórica*

dirigi-me a um gabinete que indicava ser o setor de internacionalização da IES. Lá, pude conversar sobre alguns programas de mobilidade internacional. Contudo, tratava-se do gabinete exclusivo dos cursos de exatas, pois havia um outro gabinete, centralizado, que poderia fornecer dados mais gerais - a IES descentraliza os escritórios por faculdades.

Neste primeiro momento, indaguei IIE 21 a respeito de como funciona, para os cursos de exatas, os programas de intercâmbio. Esclareceu-me que os estudantes participantes podem optar pelas ofertas oriundas de convênios interinstitucionais, sendo a maioria das opções para países europeus e Estados Unidos. Essa oferta justifica-se porque a área de exatas mantém contato com IES bem-conceituadas e que possibilitam a oferta de bolsas, sobretudo Erasmus, tanto para estudantes entrantes quanto para os que saem do país.

Em relação ao acolhimento dos estudantes, este gabinete realiza reuniões semestrais de esclarecimento e orientação aos participantes estrangeiros. Indicou-me, para mais informações, buscar dados junto ao gabinete geral de internacionalização.

	Nota de Campo 47 – Paraguai Data: 01 de abril de 2019
Local: IES 28, Assunção	
Participante: IIE 22	
Objetivo: a, b, c e d	

Após orientação do gabinete de relações internacionais da área de exatas, dirigi-me ao gabinete de internacionalização da IES. Trata-se do escritório que administra os convênios e documentos dos estudantes, portanto, tem competência mais burocrática.

Para compreender quais as atribuições do gabinete, questionei IIE 22 acerca de como IES celebra acordos de cooperação. Segundo informações coletadas, a IES mantém contato com diversas IES em todo o mundo, buscando, na medida do possível, firmar contratos interinstitucionais para o envio e recebimento de alunos.


Certo de que algumas informações se repetem a cada visita, sobretudo acerca dos convênios e programas de mobilidade, decidi indagar como a instituição recebe os estudantes e como eles são acompanhados, além de qual tem sido, na visão da IES, os contributos destes programas para a formação de cidadãos cosmopolitas.

Sobre o colhimento dos estudantes, fica a critério de cada faculdade receber os estudantes estrangeiros. Segundo IIE 22, entendeu-se pela descentralização de ações pessoais, favorecendo o contato entre os pares e fomentando a relação entre os gestores de cursos e seus estudantes. O mesmo ocorre com o acompanhamento realizado ao longo do período da mobilidade: o estudante busca ajuda perante a gestão de seu próprio curso. Sobre o envio de estudantes paraguaios ao exterior, também há forte atuação das faculdades, que firmam convênios de acordo com suas demandas e interesses acadêmicos, mas através da ação do gabinete central, que tem competência burocrática.



Figura 41 - Gabinete de Relações Internacionais

Segundo relatos da gestora, a mobilidade acadêmica mostra-se como uma ferramenta indispensável à educação superior. Tanto pela oportunidade de internacionalização institucional, quanto pela possibilidade de estudantes compartilharem suas experiências em universidades estrangeiras. Além da rica vivência multicultural, a mobilidade transforma os jovens, colabora para o amadurecimento pessoal e acadêmico e desenvolve o senso de responsabilidade diante de situações adversas.

	<p>Nota de Campo 48 – Brasil Data: 03 de abril de 2019</p>
<p>Local: IES 29, Foz do Iguaçu, Paraná</p>	
<p>Participantes: ID 08 IIE 23</p>	
<p>Objetivo: a, b, c e d</p>	

De Assunção, fui até Foz do Iguaçu, cidade fronteiriça (Brasil, Argentina e Paraguai) no estado do Paraná. Pude constatar como uma cidade fronteiriça convive



Figura 42 - Foz do Iguaçu

com a pluralidade de nacionalidades e culturas. A cidade conta com um dinâmico roteiro turístico, recebendo não apenas brasileiros, mas argentinos, paraguaios e turistas de várias nacionalidades de todo o mundo. Justifica-se pela bela natureza, nomeadamente, as Cataratas do Iguaçu.

Não obstante o expressivo fluxo de estrangeiros em turismo, a cidade sedia uma universidade pública que, desde o seu surgimento, teve como objetivo ofertar vagas para estudantes internacionais.


Destaco que, no caminho para a universidade, em conversa com um taxista (ID 08), fui, de forma espontânea, informado de que os estudantes estrangeiros são conhecidos na cidade pelas festas e pela indisciplina, o que incomoda muitos moradores da cidade.

Na instituição, segundo informações coletadas no gabinete de relações internacionais, por meio de IIE 23, fui esclarecido de que a mobilidade é celebrada por meio de acordos, convênios e protocolos de intenção com outras IES, sendo o gabinete responsável pela assistência aos estudantes, seleção dos candidatos e oferta de cursos de idiomas, incluindo apoio, quando necessário, para questões burocráticas junto ao consulado.

Em razão dos poucos minutos disponibilizados para atender-me, logo indaguei a respeito de como a IES acolhe os estudantes e se há alguma ação em destaque, sobretudo para o bom aproveitamento dos estudantes para a sua formação cidadã. Em breves palavras, informou-me que a IES esta localizada numa cidade que tem grande vocação turística, o que facilita a integração dos estudantes estrangeiros à nova residência. Ademais, os estudantes que ali estudam e planejam vivenciar um período de estudo em outro país, já possui alguma ideia de convivência com pessoas de outras culturas e nacionalidades.

De acordo com as informações coletadas, a IES sempre se empenhou para proporcionar o melhor e mais amplo acolhimento aos estudantes estrangeiros e, ao mesmo tempo, preparar aqueles que desejam partir para esta experiência em outro país. Destacou, com satisfação, um projeto da IES que permite ao estudante, que participou em algum programa de mobilidade em outro país, manifestar-se a respeito da experiência internacional. Os estudantes são convidados a elaborarem um relatório de mobilidade. Neste relatório, devem ser respondidas algumas perguntas simples sobre o período da mobilidade. Por exemplo: como foi o acolhimento, se os gastos foram previsíveis, se o convívio foi satisfatório, relato de experiências etc. Após a feitura do documento, as informações ficam disponíveis na página eletrônica da instituição para acesso irrestrito, servindo a todos os interessados, sobretudo aqueles que almejam participar de algum programa de mobilidade internacional.

Sem mais, a entrevista encerrou-se.

	Nota de Campo 49 – Brasil Data: 08 de abril de 2019
Local: IES 30, Curitiba, Paraná	
Participante: IIE 24	
Objetivo: a, b, c e d	

Prosseguindo com a pesquisa de campo em território brasileiro, conheci uma renomada instituição privada de ensino superior na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Sem agendamento prévio, dirigi-me à faculdade com o intuito de conversar com a pessoa responsável pelo setor de internacionalização. Ao ser recebido pelo serviço de segurança da instituição, puseram-se em contato, via telefone, com o gabinete, que recusou atendimento sem hora agendada.



*Figura 24 - Região central de Curitiba*